ANNIE BESANT

O CRISTIANISMO ESOTÉRICO

PENSAMENTO

Outras obras de Annie Besant:

O APERFEIÇOAMENTO DO HOMEM

AUTOBIOGRAFIA

O PODER DO PENSAMENTO

DHARMA

O HOMEM E SEUS CORPOS

INTRODUÇÃO AO IOGA

KARMA

OS MESTRES

REENCARNAÇÃO

A SABEDORIA DOS UPANIXADES

A VIDA DO HOMEM EM TRÊS MUNDOS

YOGA: CIÊNCIA DA VIDA ESPIRITUAL

Obras de C. W. Leadbeater:

AUXILIARES INVISÍVEIS

OS CHAKRAS

A CLARIVIDÊNCIA

COMPÊNDIO DE TEOSOFIA

CAPA: Detalhe do quadro *O Bom Pastor*, de Frederick James Shields.

O Cristianismo Esotérico

ANNIE BESANT

O CRISTIANISMO ESOTÉRICO

OU

OS MISTÉRIOS MENORES

Tradução de

E. NICOLL

EDITORA PENSAMENTO
SÃO PAULO

ÍNDICE

PREFÁCIO 7
Capítulo I — *O Lado Oculto das Religiões* 11
Capítulo II — *O Lado Oculto do Cristianismo — O Testemunho das Escrituras* 29
Capítulo III — *O Lado Oculto do Cristianismo* (fim) — *O Testemunho da Igreja* 47
Capítulo IV — *O Cristo Histórico* 74
Capítulo V — *O Cristo Mítico* 87
Capítulo VI — *O Cristo Místico* 100
Capítulo VII — *A Redenção* 112
Capítulo VIII — *Ressurreição e Ascensão* 131
Capítulo IX — *A Trindade* 142
Capítulo X — *A Prece* 154
Capítulo XI — *O Perdão dos Pecados* 165
Capítulo XII — *Os Sacramentos* 177
Capítulo XIII — *Os Sacramentos* (Continuação) 188
Capítulo XIV — *Revelação* 200
Conclusão 208

PREFÁCIO

Êste livro tem por objeto chamar a atenção sôbre as verdades profundas que formam a base do Cristianismo — verdades geralmente desconhecidas, e quase sempre negadas. O desejo generoso de partilhar com todos o que é precioso, espalhando a mãos cheias verdades inestimáveis, e de não privar ninguém das luzes do conhecimento verdadeiro, trouxe, como resultado, um zêlo inconsiderado que vulgarizou o Cristianismo e apresentou seus ensinamentos sob forma quase sempre desagradável, inaceitável para a inteligência e incompatível com o coração.

É ponto admitido que o preceito: "Pregai o Evangelho a tôda criatura" (São Marcos, XVI, 15) é *de autenticidade duvidosa; e, no entanto, procurou-se aí ver a interdição de ensinar a "Gnose" a privilegiados. Êste preceito parece, portanto, ter feito esquecer êste outro mandamento, menos popular, do mesmo Mestre: "Não deis aos cães as coisas santas"* (S. Mateus, VII, 6). *Esta sentimentalidade de qualidade inferior — que recusa admitir as desigualdades evidentes no domínio intelectual e moral, e, assim, fixa o ensinamento dado às pessoas altamente desenvolvidas, sacrificando o superior ao inferior de maneira prejudicial aos dois — esta sentimentalidade, o bom senso viril dos primeiros cristãos não a conhecia absolutamente. S. Clemente de Alexandria escreveu nestes têrmos, depois de ter feito alusão aos Mistérios: "Ainda hoje temos, como se diz,* de lançar pérolas aos porcos, *com receio que as pisem com os pés, e, voltando-se, nos despedacem." Porque é difícil falar da verdadeira luz, em têrmos demasiado claros e límpidos, a ouvintes mal preparados e de natureza porcina"* [1].

---

(1) Clemente de Alexandria, *Stromata,* I, cap. XII.

Se a verdadeira sabedoria — a "Gnose" — deve fazer parte novamente dos ensinamentos cristãos, não pode ser senão com as restrições antigas e sob a condição de abandonar definitivamente a idéia de tudo nivelar ao grau das inteligências menos desenvolvidas.

Sòmente o ensino fora do alcance dos menos evoluídos pode preparar a volta dos conhecimentos ocultos, e o estudo dos Mistérios Menores deve preceder os Mistérios Maiores. Êstes jamais serão divulgados pela imprensa: só podem ser transmitidos do Mestre ao discípulo, "da bôca ao ouvido". Quanto aos Mistérios Menores, que levantam parcialmente o véu de verdades profundas, podem ainda hoje ser restabelecidos; e esta obra se destina a dar um esbôço dêles e indicar "a natureza" dos ensinamentos, cujo estudo se impõe. Quando o autor se exprime por meio de palavras de sentido incompreensível, as palavras que apresenta podem ser compreendidas, em suas grandes linhas, por uma calma meditação: meditação prolongada, cuja luz porá em relêvo a verdade. A meditação tranqüiliza o mental inferior, incessantemente ocupado por objetos exteriores, e só o mental tranqüilo pode ser iluminado pelo Espírito. É assim que se obtém o conhecimento das verdades espirituais; êle deve vir de dentro e não de fora, do Espírito divino, do qual nós somos o templo [2] *e não de um Mestre externo. Estas verdades são discernidas espiritualmente pelo Espírito Divino que está em nós, por êste Pensamento de Cristo de que fala o Apóstolo, por essa luz que se verte sôbre o mental inferior.*

Assim procede a Sabedoria divina, a verdadeira Teosofia. *Ela não é, como se pensa algumas vêzes, uma adaptação diluída do Hinduísmo, do Budismo, do Taoísmo ou qualquer outra religião particular; ela é tanto o Cristianismo Esotérico como o Budismo Esotérico. Ela pertence igualmente a tôdas as religiões, sem exceção alguma. Tal é a fonte onde foram bebidas as verdades expostas neste volume,* a verdadeira Luz que ilumina todos os homens que vêm ao mundo (S. João, I, 9), *embora a maioria, ainda cega, não esteja em condições de ver.*

---

(2) S. Paulo, I, Cor. III, 16.

Êste livro não traz a Luz: êle diz simplesmente: "Eis a Luz!", porque ela não vem de nós. Êle não faz apêlo senão à minoria a quem os ensinamentos exotéricos já não satisfazem; êste livro não se destina às pessoas que se sentem plenamente satisfeitas com os ensinamentos exotéricos. Para que serve forçar os que não sentem fome de receberem o pão?

Possa êste livro ser, para os esfaimados, pão e não pedra.

CAPÍTULO I

O LADO OCULTO DAS RELIGIÕES

A maioria das pessoas que lerem o título dêste livro o acusará imediatamente de envolver uma idéia falsa, e negará que exista alguma coisa de precioso por nome "Cristianismo Esotérico". Segundo uma opinião muito espalhada e, por conseqüência, popular, o Cristianismo nada apresenta que possa ser chamado "ensinamento oculto"; quanto aos Mistérios, tanto Maiores como Menores, foi uma instituição puramente pagã. O próprio nome "Mistérios de Jesus", tão familiar aos cristãos dos primeiros séculos, surpreenderia seus sucessores modernos, e a opinião que viu nestes Mistérios uma instituição especial e definida provocaria, hoje, risos de incredulidade. Que digo? Tem-se afirmado com orgulho que o Cristianismo não tem segredos — que o que êle tinha a dizer e a ensinar, o dizia e o ensinava a todos. Suas verdades passam por ser de tal simplicidade que o "primeiro que chega, mesmo ignorante — as compreenderá sem dificuldade", e que "a simplicidade do Evangelho" se tornou uma expressão banal.

Ê, pois, necessário provar claramente que — pelo menos quanto à Igreja Primitiva — o Cristianismo em nada cedia às outras grandes religiões que possuíam um "lado oculto", e que guardava, como inestimável tesouro, os segredos, revelados aos escolhidos, em seus mistérios. Mas, antes de empreender esta tarefa, devemos considerar em seu conjunto a questão dêste lado oculto das religiões e examinar porque o lado oculto é para uma religião a condição primordial de sua fôrça e estabilidade. A presença dêste elemento no Cristianismo aí ficará provada ao mesmo

tempo, e as passagens em que os Doutôres da Igreja fazem alusão a êle parecerão naturais e fáceis de interpretar, em vez de serem chocantes e ininteligíveis.

A existência dêste esoterismo é um fato histórico — podemos prová-lo — mas é possível também demonstrar que êle é uma necessidade de ordem intelectual.

Qual é o fim das religiões?

É a primeira pergunta que se apresenta. As religiões são dadas ao mundo por homens mais sábios que as massas que as recebem. São destinadas a apressar a evolução humana, e sua ação, para ser efetiva, deve atingir e influenciar individualmente os homens. Ora, nem todos os homens alcançaram o mesmo grau de evolução. A evolução pode, ao contrário, ser representada como uma rampa ascendente em que cada ponto é ocupado por um homem. Os mais evoluídos estão, intelectual e moralmente, muito acima dos menos adiantados. A cada degrau, a faculdade de compreender e de agir se modifica. É, portanto, inútil querer dar a todos o mesmo ensinamento religioso. O que seria auxílio para o homem intelectual, ficaria completamente incompreensível para o homem boçal; o que despertaria o êxtase no santo, não despertaria nenhuma impressão no criminoso. Se, por outro lado, o ensinamento se destina a auxiliar os inteligentes, é para o filósofo insuficiente e vazio; se serve para o criminoso, permanece inútil para o santo. E, não obstante, tôdas as categorias humanas têm necessidade de religião, a fim de alcançar uma vida superior à sua existência atual. Mas, ao mesmo tempo, uma categoria ou classe não deve ser sacrificada a qualquer outra. A religião deve ser graduada como a própria evolução, senão jamais atingiria seu fim.

Como, pois, as religiões devem procurar apressar a evolução humana? As religiões devem formar as naturezas moral e intelectual e secundar o desenvolvimento da natureza espiritual. Considerando o homem como um ser complexo, elas procuram atingir cada um dos elementos que o compõem, dirigindo-se, por conseqüência, a cada homem por meio de ensinamentos apropriados às suas mais variadas necessidades.

Estas lições devem, portanto, adaptar-se a cada uma das inteligências, a cada coração, aos quais elas se destinam.

Se uma religião não atinge nem esclarece a inteligência, se não purifica e eleva as emoções, não alcançará seu fim quanto à pessoa a quem ela se destina.

A religião não se dirige sòmente às inteligências e às emoções; procura ainda, como dissemos, estimular o desenvolvimento da natureza espiritual. Ela responde a êste impulso interior que existe no homem e que não cessa de impelir a humanidade para a frente. Porque, no fundo do coração de cada um de nós — entravada, muitas vêzes, por condições transitórias, ou por preocupações e interêsses absorventes — existe uma aspiração contínua por Deus.

Como o cervo que anseia longe das águas correntes [1], assim suspira a humanidade por Deus. Esta aspiração apresenta momentos de suspensão, em que o ardor espiritual parece desaparecer. A civilização e o pensamento apresentam fases em que êste clamor pela divindade, do espírito humano em busca da sua fonte —tal como a água procura retomar o seu nível, conforme a expressão de Giordano Bruno — em que esta aspiração apaixonada do espírito humano por aquilo que é da mesma natureza, no universo — da parte para o todo — parece desaparecer, desvanecer-se.

Mas, em breve ela desperta, e o mesmo grito lançado pelo espírito se faz ouvir.

Êste instinto pode ser momentâneamente sufocado e aparentemente perecer, mas incessantemente se levanta — apesar da oposição que a reduz ao silêncio — e assim prova que êle é uma tendência inevitável, inerente à natureza humana, e dela inseparável.

Os que gritam, triunfantes: "Vêde! êle morreu!", o encontram diante dêles, sempre redivivo. Os que edificam, sem o levar em conta, vêem suas construções, bem acabadas, fenderem-se como vítimas de um tremor de terra. Os que proclamam que já passou seu tempo, descobrem que as superstições mais extravagantes nascem do seu desprêzo. E tanto isto é verdade, que êle é parte integrante da humanidade, e que o ho-

(1) Salmo XLI.

mem exige uma resposta às suas interrogações, e ao silêncio prefere uma resposta, embora falsa.

Quando não se consegue descobrir a verdade religiosa, escolhe-se o êrro, de preferência a permanecer sem religião; aceita-se o ideal, embora vazio e falso, mas recusa-se a negar a sua existência.

Dêste modo, a religião dirige-se a esta impetuosa necessidade, apoderando-se, na natureza humana, dêste princípio que lhe dá vida, ela o purifica e o guia para o fim que o espera — a união do espírito humano com o Espírito Divino — a fim de que êste Deus esteja em todos.

Uma terceira pergunta se apresenta: "Qual é a origem das religiões?" Esta questão recebeu, nos tempos modernos, duas respostas: a das Mitologias comparadas e a das Religiões comparadas. Estas duas ciências dão como base comum para sua resposta os fatos estabelecidos. As investigações demonstraram, de maneira indiscutível, que as diferentes religiões se assemelham por seus grandes ensinamentos; por seus Fundadores, que manifestam faculdades sôbre-humanas e uma elevação moral extraordinárias; por seus preceitos éticos; pelos métodos que elas empregam para entrar em relação com os mundos invisíveis, e finalmente, pelos símbolos que exprimem as suas crenças religiosas. Estas semelhanças, que chegam, às vêzes, até a identidade, provam — segundo as escolas que nomeamos — uma origem comum.

Os dois partidos diferem, entretanto, na maneira de definir a natureza desta origem. A mitologia comparada afirma que a origem comum é uma ignorância comum e que as religiões mais transcendentes são apenas a expressão aperfeiçoada de ingênuas e bárbaras concepções de selvagens — homens primitivos — referentes à sua própria existência e ao mundo que os rodeia. O animismo, o fetichismo, o culto da natureza, o culto do sol: tal é a vaga donde emerge o lírio esplêndido das religiões.

Um Crisna, um Buda, um Jesus são os descendentes diretos, embòra altamente civilizados, dos curandeiros — que se contorcionam diante dos selvagens boquiabertos.

Deus é uma fotografia composta dos inumeráveis deuses que personificam as fôrças da natureza.

Tudo se resume nesta frase: as religiões são ramos de um tronco comum — a ignorância humana.

Em compensação — segundo a ciência das Religiões comparadas — tôdas as religiões têm sua origem nos ensinamentos de homens divinos, que revelam de tempos em tempos, às diferentes nações, os fragmentos de verdades religiosas fundamentais que elas estão em condições de compreender; a moral ensinada é sempre a mesma, os meios adotados são semelhantes, os símbolos são idênticos em sua significação. As religiões selvagens — o animismo e tôdas as outras — são degenerescências que resultam de uma longa decadência, modalidades desfiguradas de crenças religiosas verdadeiras.

O culto do sol e as formas puras do culto da natureza foram, para sua época, religiões elevadas, extremamente alegóricas, mas sempre apresentando verdades e conhecimentos profundos. Os seus grandes Fundadores — é a opinião dos hindus, budistas e de certo número de pessoas que se ocupam das religiões comparadas, tais como os teósofos — formam uma Fraternidade permanente de homens que já ultrapassaram o nível da humanidade. Êles se apresentam, em certos momentos, para esclarecer e guiar o mundo, e sãos os protetores espirituais da raça humana. Esta tese pode ser assim resumida: "As religiões são ramos de um tronco comum — a Sabedoria divina."

Esta Sabedoria divina é chamada a Gnose, a Teosofia; e muitos espíritos, em diferentes épocas da história do mundo, no desejo de melhor proclamar sua crença na unidade das religiões, preferiram o nome eclético de Teósofos a qualquer outra designação de sentido mais restrito.

O valor relativo das afirmações das duas escolas opostas deve ser julgado pelo valor das provas invocadas. A forma degenerada de uma grande idéia pode apresentar estreita semelhança com o produto aperfeiçoado de uma idéia grosseira.

O único meio de reconhecer se há degenerescência ou evolução séria —se fôsse possível — é examinar os que foram nossos antepassados mais ou menos afastados e os das épocas primitivas. Os argumentos apresentados por aquêles que acreditam na existência da Sabedoria são desta natureza. Segundo suas alegações, os Fundadores das religiões, tais como nos mostram seus

ensinamentos, excedem infinitamente o nível da humanidade ordinária: as Escrituras sagradas contêm preceitos morais, um ideal sublime, alta poesia, afirmações profundamente filosóficas, cuja grandeza e beleza não se comparam com os trabalhos modernos oferecidos por estas mesmas religiões. Em outros têrmos, o antigo excede ao recente, e não o recente ao antigo. É impossível citar um só exemplo de aperfeiçoamento gradual nas religiões, em geral. Ao contrário, citam-se casos numerosos de ensinamentos puros que degeneraram.

Mesmo entre os selvagens, pode-se descobrir, estudando com cuidado suas religiões, numerosos traços de idéias elevadas que êles seriam incapazes de conceber por si mesmos.

Êste último argumento foi desenvolvido por Andrew Lang. A julgar por seu livro, *The Making of Religion,* êste autor parece pertencer antes ao campo das Religiões comparadas. Êle mostra a existência de uma tradição comum que os selvagens não poderiam desenvolver por si mesmos, suas crenças habituais sendo das mais primitivas e sua inteligência fraca. Sob essas crenças grosseiras e idéias deturpadas, Lang descobre tradições de caráter sublime, referente à natureza do Ser divino e a suas relações com a humanidade.

Se as divindades são, na maior parte, verdadeiros demônios, por detrás e acima delas se levanta uma vaga e gloriosa Presença, que nem sempre é designada; dela se fala sempre baixo, como de um poder cheio de amor e bondade, demasiado terno para inspirar o terror, demasiado bom para quem lhe dirige súplicas.

Noções semelhantes encontram-se entre os selvagens que, evidentemente, não as poderiam ter concebido; elas permanecem como testemunhas eloqüentes das revelações de algum grande Instrutor, cuja tradição nebulosa pode também descobrir-se — de um Filho da Sabedoria, pelo qual certos ensinamentos foram dados numa época infinitamente longínqua.

É fácil compreender a razão e, até certo ponto, justificar a opinião sustentada pela ciência das Mitologias comparadas. Por tôda a parte, entre as tribos selvagens, ela vê as crenças religiosas revestirem-se de formas abjetas e coincidirem com a falta absoluta de civilização. Ora, os homens civilizados, descendendo, por evolução, de homens não civilizados, não é natural admitir-

se que as religiões civilizadas resultem da evolução das não civilizadas?

É a primeira idéia que acode ao espírito.

Um estudo posterior e mais cuidadoso pode ùnicamente mostrar que os selvagens de hoje representam não os nossos antepassados, mas são os descendentes degenerados de grandes raças civilizadas de outrora; que, no seu desenvolvimento, o homem primitivo não foi abandonado sem direção, mas guiado e formado pelos seus *irmãos maiores*, de quem receberam as primeiras lições de religião e de civilização.

Esta maneira de ver se acha corroborada pelos fatos de que fala Lang, mas surge êste problema: "Que foram êsses irmãos, cuja tradição subsiste por tôda a parte?"

Dentro em pouco responderemos.

Continuando a nossa investigação, chegamos agora a esta pergunta: "A que povos foram dadas as religiões?" Aqui se apresenta uma dificuldade que todo o Fundador de religião é chamado a resolver; ela é inerente, como já vimos, ao fim essencial da religião — a aceleração da evolução — e a seu corolário, a necessidade de levar em conta todos os graus da evolução individual.

Os homens pertencem aos estágios mais diversos; alguns apresentam uma extrema inteligência, mas outros uma nascente mentalidade; aqui uma civilização de um desenvolvimento e complexidade notáveis, lá uma organização rudimentar e ingênua.

Mesmo nos limites de uma dada civilização, encontramos os mais variados tipos, os mais ignorantes como os mais instruídos, os mais ponderados como os mais descuidados, e dotados de grande espiritualidade e os excessivamente brutais.

É necessário, pois, satisfazer a cada uma destas categorias de sêres, ajudando-os no que êles mais necessitam.

Se a evolução existe, esta dificudade é inevitável; o Instrutor divino deve abordá-la e vencê-la; de outro modo, sua obra perecerá. Se o homem, como tudo o que o rodeia, está submetido à evolução, estas diferenças de desenvolvimento, êstes graus de inteligência tão variados, devem, por tôda a parte, caracterizar

a humanidade e, por tôda a parte, devem as religiões dêste mundo levá-los em conta.

Isto nos obriga a reconhecer que um único e mesmo ensinamento religioso não poderia satisfazer a uma mesma nação, e muito menos ao mundo inteiro. Se não existisse senão um ensinamento, muitos daqueles a quem se dirigisse escapariam totalmente à sua influência. O ensinamento apropriado aos homens de inteligência limitada, de moralidade rudimentar, de sentidos obtusos, os ajudaria e os favoreceria em sua evolução, porém não ajudaria esta mesma religião aos homens pertencentes à mesma nação, fazendo parte da mesma civilização, mas que apresentassem uma natureza moral viva e impressionável, uma inteligência brilhante e sutil, uma espiritualidade crescente. Mas, por outro lado, esta última classe precisa ser auxiliada; se a inteligência deve receber uma filosofia que possa admirar; se a delicadeza das percepções morais deve ser mais trabalhada ainda; se a natureza espiritual nascente deve poder, um dia, atingir sua plenitude luminosa, a religião deverá reunir uma espiritualidade, uma intelectualidade e moralidade tais que a sua predicação não possa afetar nem a razão, nem o coração dos homens a quem primeiro nos referimos; ela não apresentará para êles senão uma série de frases sem significação, incapazes de despertar sua inteligência adormecida ou de lhes apresentar um motivo elevado que permita noções morais mais puras.

Ao examinar êstes fatos e considerando o fim da religião, seu modo de ação, sua origem, a natureza e as necessidades variadas dos homens a quem se dirige; reconhecendo a evolução no homem, suas faculdades espirituais, intelectuais e morais e a necessidade, para cada um, de uma educação apropriada a seu grau de evolução, nós somos levados a reconhecer a necessidade absoluta de ensinamentos religiosos variados e graduados que satisfaçam a estas necessidades diferentes e possam ajudar cada homem individualmente.

Ainda outra razão nos diz que o ensino deve permanecer esotérico no que se refere a certas verdades, às quais se aplica essencialmente a máxima: "Saber é poder". A promulgação de uma filosofia profundamente intelectual, capaz de desenvolver espíritos já acima do comum e receber a adesão de altas individualidades, não pode prejudicar a ninguém. Esta filosofia pode

ser difundida sem receio, porque não interessa aos ignorantes que dela se desviam por achá-la árida, difícil e sem interêsse.

Mas há ensinamentos relativos à organização, que explicam leis ocultas e esclarecem operações secretas, cujo conhecimento dá a chave de certas energias naturais e que permitem utilizar essas energias para fins determinados, como o químico faz com o produto de suas combinações.

Semelhantes conhecimentos podem ser de grande utilidade para homens muito adiantados, permitindo-lhes servir com mais eficácia à humanidade. Mas se estas condições fôssem vulgarizadas, poderiam ser, e seriam, mal empregadas, tal como se deu com o segrêdo dos venenos sutis na Idade Média, utilizados pelos Bórgias; passariam a homens de inteligência possante, mas de desejos imoderados, homens animados de instintos de separatividade, procurando seu bem pessoal e indiferentes ao bem comum; êstes homens, seduzidos pela idéia de obter um poder cuja posse os elevaria acima do nível geral, pondo a humanidade à sua discrição, procurariam aumentar seus conhecimentos, de forma a se elevarem a uma altura sôbre-humana; e, possuindo-os, tornar-se-iam mais egoístas e firmes em seus sentimentos de separatividade, mais orgulhosos do que nunca, e se achariam assim encaminhados pela estrada que conduz ao diabolismo, o caminho da Mão Esquerda, cujo término é o isolamento e não a união; não sòmente sofreriam em sua natureza interior, mas ainda se tornariam um perigo para a sociedade, que tem já bastante sofrido da parte dos homens cuja inteligência é mais desenvolvida que a consciência. Daí a necessidade de pôr certos ensinamentos fora do alcance dos que, moralmente, são ainda inaptos para os receber, medida que se impõe a todo o Instrutor que difunde êsses conhecimentos. O Instrutor deseja transmiti-los aos que possam servir ao bem geral e acelerar a evolução humana com os podêres que êles conferem; mas, ao mesmo tempo, recusa-os aos homens que, em detrimento de seus semelhantes, os aplicaria aos seus interêsses pessoais.

Não são simples teorias o que acabamos de dizer, e o afirmam os *Anais Ocultos,* ao detalhar os fatos mencionados na *Gênese,* cap. IV e seguintes. O ensinamento era dado, naqueles tempos afastados e no continente da Atlântida, sem a segurança da elevação moral, da pureza e do altruísmo necessário ao pos-

tulante. A instrução era dada àqueles cuja inteligência era suficiente, exatamente como em nossos dias se ensina a ciência ordinária.

A publicidade, que tanto se reclama hoje, existia então; ela trouxe seus frutos e os homens tornaram-se não sòmente gigantes intelectuais, mas também gigantes de iniquidades, até o momento em que a terra gemeu sob sua opressão e o grito da humanidade tiranizada repercutiu através dos mundos.

Foi então que se deu a destruição da Atlântida, a submersão dêste imenso continente nas águas do oceano. A narração do dilúvio de Noé, nas escrituras hebraicas, a história de Vaisvata Manu, contada, nas escrituras hindus, no Extremo Oriente, dão alguns detalhes dêste acontecimento.

Havia, portanto, perigo em deixar mãos impuras apossar-se de um saber que dá o poder, e, desde então, os grandes Instrutores impuseram condições rigorosas, exigindo a pureza, o altruísmo e o domínio de si mesmo a tôda a pessoa que pedisse ser instruída nestas matérias. Êles se recusam claramente a comunicar conhecimentos dêste gênero a quem não se submete a uma disciplina rígida, destinada a eliminar sentimentos e interêsses com tendências separatistas; êles ligam mais importância à fôrça do candidato do que a seu desenvolvimento intelectual, porque o próprio ensinamento lhe desenvolverá o intelecto, desde que ponha em prova a sua natureza moral.

É infinitamente preferível, para os Grandes Sêres, que sejam acusados de egoísmo pelos ignorantes, por não divulgarem seus conhecimentos, do que precipitar o mundo numa nova catástrofe atlante.

Tais são os argumentos teóricos nos quais baseamos a necessidade da existência, em tôda religião, de um lado oculto. Se da teoria passamos aos fatos, somos naturalmente levados a perguntar: "Êste lado oculto existiu no passado, e fêz parte das religiões dêste mundo?" A resposta deve ser imediata e francamente afirmativa. Tôdas as grandes religiões declaram que dispõem de um ensinamento oculto e que conservam o depósito, não sòmente de conhecimentos místicos teóricos, mas ainda de conhecimentos místicos práticos ou ciências ocultas. A interpretação mística dos ensinamentos populares era dada abertamente; ela mostrava o caráter alegórico das religiões, dando às afirma-

ções e às narrações estranhas e pouco racionais um sentido intelectualmente aceitável.

Por detrás do ensino popular, o misticismo teórico; e, do misticismo teórico, o misticismo prático, o ensinamento espiritual oculto, que não era dado senão sob condições expressas, claramente comunicadas e obrigatórias para todo candidato.

Clemente de Alexandria menciona esta divisão dos mistérios. "À purificação — diz êle — sucedem os Mistérios Menores; êles constituem uma base de instrução e de preparação para o grau seguinte; em seguida, os Mistérios Maiores, nos quais nada mais resta a aprender no universo: mas sòmente em contemplar e compreender a natureza e as coisas" [2].

No que concerne às religiões da antiguidade, esta afirmação não poderia ser acusada de inexatidão. Os Mistérios do Egito foram a glória desta terra venerável, e os maiores filhos da Grécia, tal como Platão, se transportaram a Sais e a Tebas para serem aí iniciados por egípcios, Instrutores da Sabedoria. Na Pérsia, os mistérios de Mitra; na Grécia, os mistérios de Orfeu e Baco e, mais tarde, os de Elêusis, da Samotrácia, da Cítia e da Caldéia, de todos conhecidos, pelo menos de nome. Embora, sob uma forma extremamente degenerada, os mistérios de Elêusis mereceram o respeito dos homens mais eminentes da Grécia, tais como Píndaro, Sófocles, Isócrates, Plutarco, Platão. Ligava-se aos mistérios especial importância sob o ponto de vista da existência do além-túmulo — o iniciado adquiria os conhecimentos que lhe asseguravam a felicidade futura.

Sópatro afirma, ainda mais, que a iniciação estabelecia uma aliança entre a alma e a Natureza divina e, no hino exotérico a Deméter, encontramos alusões veladas à crença sagrada, Íaco, à sua morte, à sua ressurreição, ensinadas nos Mistérios [3].

De Jâmblico, o grande teurgo do terceiro e quarto séculos depois de Cristo, muito há a aprender com relação ao fim dos mistérios. A teurgia era a magia, "a parte mais adiantada da ciência sacerdotal; [4]; ela era praticada nos Mistérios Maiores, para

(2) Clemente de Alexandria, *Stromata,* V, cap. XI.

(3) Ver o artigo sôbre os mistérios, na Enciclopédia Britânica.

(4) Pesello, citado em *Jâmblico sôbre os Mistérios,* por Taylor, pág. 393.

evocar a aparição dos Sêres superiores. Resumida em algumas palavras, a teoria que serve de base aos mistérios é a seguinte: Primeiramente, o *Único,* anterior a todos os sêres, imóvel, concentrado na solidão de sua própria unidade. Dêle emana o Deus supremo, gerador de si mesmo, o Bem, a Fonte de tôdas as coisas, a Raiz, o Deus dos Deuses, a Causa Primária, cuja manifestação é a luz [5]. Dêste surge o Mundo Inteligível ou Universo Ideal, a Mente Universal, o *Nous,* do qual dependem os deuses incorpóreos e intelectuais. Do *Nous* procede a Alma do Mundo, à qual pertencem as "formas divinas intelectuais, que acompanham os corpos visíveis dos deuses." Em seguida, vêm as diferentes hierarquias de sêres super-humanos, os Arcanjos, os Arcontes (governadores) os Cosmocradores, os Anjos, os *Daimones,* etc. O homem constitui uma ordem menos elevada, mas de natureza análoga à dêles; pode chegar a conhecê-los; a experiência mostrou isto nos Mistérios e conduz à união com Deus [6].

Conforme as doutrinas professadas nos mistérios, "tôdas as coisas procedem do Único e para êle voltam"; "O Único é su-

---

(5) Jâmblico, pág. 301.

(6) O artigo "Mysticism", na Enciclopédia Britânica, dá os detalhes seguintes sôbre o ensino de Plotino: "O Único (o Deus Supremo) é exaltado acima do *nous* e das *idéias;* Êle está absolutamente acima da existência; escapa à razão. Permanecendo sempre em repouso, Êle faz jorrar, de Sua própria plenitude — como um raio — uma imagem de Si mesmo, chamada *nous* e que forma o conjunto das idéias do mundo inteligível. A alma, por sua vez, é a imagem ou produto do *nous* e, ao mover-se, gera a matéria física. A alma tem, portanto, duas faces: uma virada para o *nous,* donde ela emana, e a outra virada para a vida material que faz nascer de si mesma. O esfôrço moral consiste em separar-se do elemento sensível; a existência material é, por si mesma, a separação de Deus. Para atingir o fim supremo, o próprio pensamento deve ser abandonado, porque o pensamento é uma forma de movimento, e a alma aspira ao *repouso imóvel,* que é próprio do Único. A união com a divindade transcendente não é tanto o conhecimento ou a visão, como o êxtase, a fusão e o contato." O Neoplatonismo é, portanto, "antes de tudo, um sistema racionalista; em outros têrmos, êle pretende que a razão é capaz de conceber o Sistema Cósmico em sua totalidade. Por outra parte, afirmando um Deus superior à razão, o misticismo torna-se, em certo sentido, o complemento necessário do racionalismo que tudo quer abraçar. O sistema culmina num ato místico".

perior a tudo"[7]. Demais, êstes diferentes Sêres eram invocados e apareciam ora para instruir, ora para elevar e purificar apenas com a sua presença.

"Os deuses benevolentes e misericordiosos — diz Jâmblico — difundem liberalmente a luz aos teurgos; atraem para êles as almas dêstes, unindo-as a êles e habitando-as, embora ligadas aos corpos, a se separarem dêstes e a evoluírem para a única causa eterna e inteligível." Porque, como a alma tem uma dupla vida, uma com o corpo, outra distinta do corpo, é indispensável aprender a separar a alma do corpo, a fim de que ela possa unir-se aos deuses por sua parte intelectual e divina, e aprender, com os verdadeiros princípios do conhecimento, as verdades do mundo inteligível. A presença dos deuses nos dá a saúde do corpo, a virtude da alma, a pureza da inteligência, numa palavra, a volta de tudo o que está em nós às causas próprias... O que não é corpo, ela o representa como corpo aos olhos da alma, por intermédio dos olhos do corpo. Nas epifanias dos deuses, as almas recebem a perfeição extraordinária e extrema, e participam do amor divino e da alegria indivisível. "É assim que nós obtemos uma vida divina e nos tornamos, na realidade, divinos"[8]

O ponto culminante dos Mistérios era a transformação do Iniciado em Deus, seja pela união com um Ser divino exterior, seja abrindo os olhos à existência divina dentro dêle.

Êste estado toma o nome de êxtase; um iogue hindu chamá-lo-ia o *Samadi* superior — o corpo grosseiro caindo em letargia e a alma liberada efetuando sua própria união com o Grande Ser. Êste "êxtase não é, pròpriamente, uma faculdade; é um estado da alma que a transforma de tal maneira que percebe o que estava, até então, oculto para ela. Enquanto a nossa união com Deus não fôr irrevogável, êste estado não será permanente; aqui, em nossa vida terrestre, o êxtase é apenas um relâmpago. O Homem pode cessar de ser homem e tornar-se um Deus, mas não pode ser, ao mesmo tempo, Deus e homem"[9].

---

(7) Livro de Jâmblico sôbre os Mistérios, pág. 29.

(8) O Livro de Jâmblico sôbre os Mistérios, págs. 29, 58, 62, 75, 206.

(9) G. R. S. Mead, *Plotinus,* pág. 42.

Plotino disse que não tinha conseguido atingir êste estado "senão três vêzes".

Proclo também ensinava que o único meio de salvação para a alma era a volta à sua forma intelectual; a alma se furtava, assim, ao "círculo da geração e a tôdas as suas peregrinações" e atingia a verdadeira existência — "a volta à energia sempre a mesma e simples do período caracterizado pelas diferenças". Tal é a vida à qual aspiram os candidatos, iniciados por Orfeu nos Mistérios de Baco e de Prosérpina; tal é o resultado obtido pela prática das virtudes purificadoras ou catárticas [10].

Estas virtudes eram exigidas para os Grandes Mistérios, porque exerciam uma ação sôbre a purificação do corpo sutil, no qual funcionava a alma quando deixava o corpo grosseiro. As virtudes políticas ou práticas pertenciam à vida diária; elas eram exigidas até um certo ponto, antes que o homem pudesse se apresentar à admissão numa escola como aquelas a que nos temos referido.

Em seguida, vinham as virtudes catárticas, purificando o corpo sutil, o das emoções e o mental inferior; depois as virtudes intelectuais, próprias ao *Augoeides,* ou lado luminoso da inteligência; finalmente, as virtudes contemplativas ou paradigmáticas, pelas quais se obtém a união com Deus. Segundo Porfírio: "Aquêle que exerce as virtudes práticas é um homem de bem; o que exerce as virtudes purificadoras é um homem angélico ou, ainda, um bom *daimon*. Quem exerce as virtudes intelectuais já é um Deus — mas aquêle que exerce as virtudes paradigmáticas é o Pai dos Deuses" [11].

Nos Mistérios, muitos ensinamentos vinham ainda das hierarquias angélicas e de outras. Pitágoras, o grande Instrutor, que recebera a instrução na Índia e que comunicava a seus discípulos "o conhecimento das coisas que existem", passa por ter sido versado na ciência musical a ponto de conseguir domar as paixões mais selvagens e iluminar as inteligências.

Jâmblico cita dêle exemplos em sua *Vida de Pitágoras.*

---

(10) Taylor. *Iamblicus on the Mysteries,* pág. 364.

(11) Mead, *Orpheus,* págs. 28, 285.

Parece provável que o nome de Teodidato dado a Amônio Saccas, mestre de Plotino, se referisse menos à sublimidade dêstes ensinamentos do que à instrução divina que lhe era dada nos Mistérios.

Alguns dos símbolos usados são explicados por Jâmblico [12], que exorta Porfírio a esquecer a imagem da coisa simbolizada e atingir o seu sentido intelectual. Assim, "a lama" representava tudo o que era corpóreo e material; o "Deus sentado diante do lótus" significava que Deus é superior à matéria e ao intelecto, simbolizados pelo lótus. Sendo apresentado "num navio em marcha", o símbolo indicava que Êle reinava sôbre o mundo. E assim sucessivamente [13]. Proclo diz — a propósito do costume de empregar símbolos — que "o método órfico tinha por fim a revelação das coisas divinas por meio de símbolos: fato comum a todos os autores que tratam da ciência divina" [14]

A Escola Pitagórica da Grande Grécia foi fechada no fim do sexto século antes de Cristo, em conseqüência das perseguições do poder civil, mas existiam outras comunidades que guardavam a tradição sagrada [15]. Segundo Mead, Platão a apresentou sob uma forma intelectual, a fim de que não fôsse profanada; os ritos de Elêusis dela guardaram algumas formàs, sem conservar o espírito. Os neoplatônicos foram os herdeiros de Pitágoras e de Platão; é preciso estudar seus escritos para se fazer uma idéia da majestade e da beleza conservadas, nos Mistérios, para a humanidade.

Podemos tomar a própria Escola Pitagórica como o tipo da disciplina imposta aos discípulos. Mead dá, sôbre êste assunto, numerosos e interessantes detalhes [16]: "Os autores antigos estão acordes em declarar que esta disciplina conseguiu formar modelos incomparáveis, não só pela pureza perfeita de seus costumes e sentimentos, mas ainda por sua simplicidade, delicadeza e extraordinário gôsto por ocupações sérias. Isto é admitido pelos

---

(12) Taylor, *Jamblicus*, pág. 364.
(13) Taylor, *Jamblicus*, pág. 285.
(14) Mead, *Orpheus*, pág. 59.
(15) Mead, *Orpheus*, pág. 30.
(16) Mead, *Orpheus*, págs. 263 e 271.

próprios autores cristãos." A Escola tinha discípulos externos que levavam vida de famílias e social; a citação que acabamos de dar se refere a êles. A Escola interna compreendia três graus sucessivos: os *Ouvintes*, que trabalhavam sem falar durante dois anos, assimilando da melhor maneira os ensinamentos; os *Matemáticos*, que estudavam, com a geometria e a música, a natureza dos números, das formas, das côres e dos sons; finalmente, os *Físicos*, que aprendiam a cosmogonia e a metafísica.

Isto conduzia aos Mistérios os pròpriamente ditos. As pessoas que desejavam ser admitidas na Escola deviam gozar "uma reputação irrepreensível e ter um caráter firme".

A estreita semelhança existente entre os métodos empregados e o fim colimado nos diferentes Mistérios e a Ioga indiana, torna-se evidente ao mais superficial observador. Mas isto não significa que os povos da antiguidade os tenham ido beber na Índia; todos os receberam na Grande Loja da Ásia Central, que, a tôdas as partes, enviou seus Iniciados. Êstes ensinavam a todos as mesmas doutrinas e empregavam o mesmo método conducentes ao mesmo fim. Os Iniciados das diferentes nações estavam sempre em relação constante; empregavam linguagem e simbolismo comuns. Assim foi que Pitágoras, ao fazer uma viagem à Índia, recebeu ali uma alta Iniciação, e Apolônio de Tiana ali estêve, mais tarde. Plotino, moribundo, pronunciou estas palavras, puramente indianas pelos têrmos como pelo pensamento: "Procuro agora identificar o Eu que está em mim com o Eu Universal" [17].

Entre os hindus, o dever de não ensinar os conhecimentos supremos aos que não fôssem dignos era rigorosamente observado.

"O mistério mais profundo do conhecimento final não deve ser desvendado àquele que não fôr nem filho, nem discípulo e cujo mental não estiver calmo" [18]. Alhures, lemos, segundo uma definição da Ioga: "Levanta-te! Tu encontraste os Grandes Sêres; escuta-Os ! O caminho é tão difícil de seguir como a lâmina de uma navalha. Assim falam os sábios" [19].

---

(17) Mead, *Plotinus*, pág. 20.

(18) Shvetasvataropanishad, VI, 22.

(19) Kathopanishad, III, 14.

O Instrutor é necessário, porque não basta apenas o ensino escrito. O conhecimento final consiste em conhecer Deus e não sòmente em Adorá-Lo de longe. O homem deve saber que a Existência Divina é real; em seguida, que fé e esperança vagas não bastam, que no íntimo do seu próprio Ser é êle idêntico a Deus e que o objetivo da vida é realizar esta unidade.

Mas, se não pode guiar o homem para esta realização, a religião se torna como o *bronze que soa ou como címbalo que retine* [20].

O homem — ensinava-se igualmente — devia aprender a abandonar seu corpo grosseiro: "Como o homem dotado de resolução e constância, êle separa a sua alma do próprio corpo, como um fio de erva da sua vagem" [21]. Também: "No seu invólucro de ouro — o mais alto — permanece imaculado, o invariável Brama. É a Luz das Luzes, irradiante e branca: os que conhecem o Ego A conhecem" [22]. "Quando o vidente contempla, na Sua luz dourada, o Criador, o Senhor, o Espírito de que Brama é a matriz — então, tendo abandonado tanto o mérito como o demérito, inteiramente puro, o sábio atinge a união suprema" [23].

Os hebreus possuíam, também, sua ciência secreta e suas Escolas de Iniciação. A assembléia de profetas presidida por Samuel, em Naiote [24], formava uma Escola iniciática cujo ensinamento oral foi transmitido a seus sucessores. Escolas análogas existiam em Betel e Jericó [25], e encontramos na *Concordância*, de Cruden [26], esta nota interessante: "As Escolas, ou colégios, dos profetas são as primeiras de que encontramos referências nas Escrituras. Os filhos dos profetas — isto é, seus discípulos — aí consagravam seu tempo aos exercícios de uma vida retirada e austera, ao estudo, à meditação e à leitura das lei de Deus...

---

(20) I Coríntios, XIII, 1.
(21) Kathopanishad, VI, 17.
(22) Mândakopanishad, II, 9.
(23) Mandakopanishad, III, 1, 3.
(24) I Sam, XIX, 20.
(25) II Reis, II, 2, 5.
(26) Artigo "School".

Estas Escolas ou Sociedades dos Profetas foram substituídas mais tarde pelas Sinagogas." A Cabala, que encerra os ensinamentos semipúblicos, é, no seu estado atual, uma compilação moderna, devida, em parte, ao rabino Moisés de Leon, morto em 1305 depois de Cristo. Ela compõe-se de 5 livros — *Bahur, Zohar, Sepher, Sephirots, Sepher Yetsirah* e *Asch Metzareph* — e passa por ter-se transmitido oralmente desde os tempos mais remotos — històricamente falando.

O doutor Wynn Westcott diz que "a tradição hebraica faz remontar as partes mais antigas do *Zohar* a uma época anterior à construção do segundo Templo"; de outra parte, rabi Simeão ben Jochai passa por ter escrito uma parte dêle no primeiro século da era cristã.

Segundo Saadjah Gaon, morto em 940 depois de Cristo, o *Sepher Yetziras* é um livro "muito antigo" [27]. Alguns fragmentos do antigo ensinamento oral foram introduzidos na *Cabala,* tal como está hoje, mas a verdadeira sabedoria arcaica dos hebreus continua sob a salvaguarda de alguns verdadeiros filhos de Israel.

Êste rápido esbôço bastará para mostrar, nas religiões diferentes do Cristianismo, a existência de um lado oculto. Examinemos, agora, se o Cristianismo faz exceção a esta regra geral.

---

(27) Doutor Wynn Wescott, *Sepher Yetzirah,* pág. 91.

CAPÍTULO II

O LADO OCULTO DO CRISTIANISMO — O TESTEMUNHO DAS ESCRITURAS

As religiões do passado — acabamos de verificar — foram unânimes em declarar que apresentavam um lado oculto e que possuíam "Mistérios"; os mais eminentes homens provaram o valor desta afirmação, procurando por si mesmos a iniciação. Resta-nos provar se o Cristianismo está excluído dêste círculo das religiões; se êle é o único privado da Gnose, se não oferece ao mundo senão uma fé elementar e não uma ciência profunda. Se assim fôsse, o fato seria triste e lamentável, porque indicaria que o Cristianismo não foi feito senão para uma única classe e não para tôdas as categorias humanas. Mas isto não é verdade: podemos provar de maneira a tornar impossível tôda a dúvida racional. E desta prova o Cristianismo contemporâneo sente a mais extrema necessidade, porque a flor do Cristianismo perece por falta de luz.

Se o ensino esotérico puder ser restabelecido e atrair estudantes pacientes e sérios, o ensino oculto também será, em breve, restaurado.

Os Discípulos dos Mistérios Menores tornar-se-ão os candidatos aos Mistérios Maiores e, com a volta do conhecimento, voltará a autoridade do ensino.

Sim, a necessidade é grande. Contemplemos o mundo que nos rodeia e veremos que, no Ocidente, a religião sofre precisamente as dificuldades que, teòricamente, seríamos levados a prever. O Cristianismo, tendo perdido seu ensinamento místico e esotérico, vê escapar-lhe grande número dos seus membros mais inteligentes, e o despertar dêstes últimos anos tem coincidido

com o aparecimento de certos ensinamentos místicos. É evidente, para todo aquêle que estudou a história dos quarenta últimos anos do século dezenove, que uma multidão de pessoas de caráter refletido e moralidade tem abandonado as igrejas, porque os ensinos que aí recebem lhes ultrajam a inteligência e lhe ofendem a moral.

É ocioso pretender que o agnosticismo, hoje tão geral, tenha por causa, seja um defeito de senso moral, seja uma fria perversidade intelectual.

Basta ter estudado estas questões com cuidado para reconhecer que homens poderosamente inteligentes foram expulsos do Cristianismo pelas idéias rudimentares que lhes foram apresentadas, pelas contradições entre doutrinas, enfim, pela noção de Deus, o homem e o universo, noções impossíveis de admissão para qualquer espírito cultivado.

Não se pode, de resto, ver na revolta contra os dogmas da Igreja o índice de uma decadência moral. Os revoltados não foram de todo maus para a sua religião; a religião, ao contrário, foi sempre muito má para êles. A revolta contra o Cristianismo popular foi motivada pelo despertar da consciência e seu conseqüente desenvolvimento: esta levantou-se, como inteligência, contra as doutrinas que desonram não só a Deus como ao homem, doutrinas que representam a Deus como um tirano e o homem como essencialmente perverso e obrigado a merecer sua salvação por uma submissão de escravo.

Esta revolta teve por causa o abaixamento gradual dos ensinos cristãos ao nível de uma pretendida simplicidade, permitindo aos mais ignorantes compreendê-los. "Não devemos pregar senão aquilo que todos possam compreender" — declaram altivamente os doutôres protestantes — "a glória do Evangelho está em sua simplicidade; as crianças e os iletrados devem poder compreender e seguir os preceitos." Isto é verdade se admitirmos que certas verdades religiosas podem ser compreendidas por todos e que uma religião não atinge sua finalidade se os mais humildes, os mais ignorantes, mais curtos de inteligência escaparem à sua influência edificante. Mas isto é falso, absolutamente falso, se daí concluirmos que uma religião não encerra verdades inabordáveis para os ignorantes e que ela seja tão pobre e limitada

com o aparecimento de certos ensinamentos místicos. É evidente, para todo aquêle que estudou a história dos quarenta últimos anos do século dezenove, que uma multidão de pessoas de caráter refletido e moralidade tem abandonado as igrejas, porque os ensinos que aí recebem lhes ultrajam a inteligência e lhe ofendem a moral.

É ocioso pretender que o agnosticismo, hoje tão geral, tenha por causa, seja um defeito de senso moral, seja uma fria perversidade intelectual.

Basta ter estudado estas questões com cuidado para reconhecer que homens poderosamente inteligentes foram expulsos do Cristianismo pelas idéias rudimentares que lhes foram apresentadas, pelas contradições entre doutrinas, enfim, pela noção de Deus, o homem e o universo, noções impossíveis de admissão para qualquer espírito cultivado.

Não se pode, de resto, ver na revolta contra os dogmas da Igreja o índice de uma decadência moral. Os revoltados não foram de todo maus para a sua religião; a religião, ao contrário, foi sempre muito má para êles. A revolta contra o Cristianismo popular foi motivada pelo despertar da consciência e seu conseqüente desenvolvimento: esta levantou-se, como inteligência, contra as doutrinas que desonram não só a Deus como ao homem, doutrinas que representam a Deus como um tirano e o homem como essencialmente perverso e obrigado a merecer sua salvação por uma submissão de escravo.

Esta revolta teve por causa o abaixamento gradual dos ensinos cristãos ao nível de uma pretendida simplicidade, permitindo aos mais ignorantes compreendê-los. "Não devemos pregar senão aquilo que todos possam compreender" — declaram altivamente os doutôres protestantes — "a glória do Evangelho está em sua simplicidade; as crianças e os iletrados devem poder compreender e seguir os preceitos." Isto é verdade se admitirmos que certas verdades religiosas podem ser compreendidas por todos e que uma religião não atinge sua finalidade se os mais humildes, os mais ignorantes, mais curtos de inteligência escaparem à sua influência edificante. Mas isto é falso, absolutamente falso, se daí concluirmos que uma religião não encerra verdades inabordáveis para os ignorantes e que ela seja tão pobre e limitada

que nada mais tenha a ensinar que seja demasiadamente elevado para o pensamento dos inteligentes ou para o estado moral dos sêres degradados. Sim, se tal é o sentido da afirmação protestante, ela é falsa e fatalmente falsa. Como conseqüência da divulgação desta idéia, espalhada pela pregação e repetida nos templos, muitíssimas pessoas de caráter elevado — embora no desespêro de renunciarem à sua primeira fé — abandonam as igrejas e deixam seus lugares aos hipócritas e aos ignorantes. Tornam-se passivamente agnósticas ou — se são jovens e entusiastas — ativamente agressivas; recusam ver a verdade suprema em uma religião que ultraja não só a inteligência como a consciência, e preferem a franqueza de uma incredulidade aberta à influência desonesta exercida sôbre a inteligência por uma autoridade que nada tem, para elas, de divino.

Êste exame do pensamento contemporâneo nos mostra que a questão de um ensinamento oculto, ligando-se ao Cristianismo, toma uma importância capital. O Cristianismo deve permanecer na religião do Ocidente? Deve atravessar os séculos e contribuir ainda para formar o pensamento das raças ocidentais, no decorrer da sua evolução? Para poder viver, é indispensável que êle volte a encontrar sua ciência perdida e reentrar na posse dêstes ensinamentos místicos e ocultos, retomando seu lugar como senhor incontestável de verdades espirituais, revestido da única autoridade efetiva, a do saber.

Se o Cristianismo entrar na posse dêstes ensinamentos, sua influência se manifestará em breve por uma forma mais larga e profunda de encarar a verdade. Em certos dogmas, nos quais hoje vemos apenas idéias vazias e atrasadas e nada mais, ver-se-á novamente uma afirmação parcial de verdades fundamentais. Imediatamente o Cristianismo Esotérico retomará sua posição no "Lugar sagrado", no Templo, permitindo a todos os que estiverem em condições, receber seus ensinamentos públicos.

Ao mesmo tempo, o Cristianismo Oculto descerá novamente ao *Adytum* e permanecerá por trás do véu que encara o "Lugar Santíssimo", onde só o Iniciado pode penetrar.

Finalmente, o ensino oculto será pôsto ao alcance dos que se tornarem dignos de recebê-lo conforme as regras de outrora, e que consintam em preencher, hoje, as condições impostas, no

passado, a todos os que desejavam certificar-se da existência e realidade do domínio espiritual.

Interroguemos de nôvo a história.

O Cristianismo teria sido a única religião privada de um ensinamento reservado ou estaria, como tôdas as outras, de posse dêsse tesouro secreto?

Não se trata aqui de teoria, mas de testemunhos. A questão será resolvida pelos documentos chegados até nós; o simples *ipse dixit* do Cristianismo moderno não é bastante.

O "Nôvo Testamento" e os escritos da Igreja primitiva estão positivamente de acôrdo em declarar que a Igreja possui semelhantes ensinamentos; êles nos evidenciam a existência dos Mistérios — chamados os Mistérios de Jesus ou os Mistérios do Reino — as condições impostas aos candidatos, um esbôço de natureza geral dos ensinos dados e outros detalhes ainda. Certas passagens do "Nôvo Testamento" ficariam completamente obscuras sem a luz com que as iluminam os Padres e Bispos da Igreja; graças a ela, estas passagens tornaram-se claras e inteligíveis.

Certamente que o contrário seria estranho, admitindo-se a variedade de influências religiosas às quais o Cristianismo primitivo foi submetido. Aliado dos hebreus, dos persas, dos gregos, colorido pelas crenças mais antigas da Índia, trazendo a impressão profunda do pensamento da Síria e do Egito, êste jovem ramo do grande tronco religioso não podia senão afirmar de nôvo as antigas tradições e oferecer às raças ocidentais, na sua integridade, o tesouro dos ensinamentos antigos. "A fé que foi confiada aos santos" teria sido despojada de seu valor principal, se não fôsse transmitida ao Ocidente na pérola da doutrina esotérica.

O primeiro testemunho a examinar é o do "Nôvo Testamento". Não é necessário abordar as controvérsias relativas às diferentes interpretações e diferentes autores. Êstes problemas pertencem ùnicamente aos eruditos resolvê-los.

A crítica tem muito a dizer sôbre a autenticidade dos documentos, etc. Mas nós nada temos com isto. Podemos aceitar os livros canônicos; êles representam, para nós, o modo como a Igreja primitiva compreendia os ensinos de Cristo e seus suces-

sores imediatos. Que dizem êstes livros de um ensino secreto comunicado a pequeno número de pessoas? Antes do mais, notemos as palavras atribuídas a Jesus e consideradas pela Igreja como autoridade suprema; estudaremos, em seguida, os escritos do grande apóstolo S. Paulo; finalmente, estudaremos as declarações feitas pelos herdeiros da tradição apostólica que dirigiram a Igreja durante os primeiros séculos da nossa era. Esta série contínua de tradições e testemunhos escritos nos permitirá comprovar que o Cristianismo possuía um lado oculto. Veremos, ainda mais, que é possível seguir através dos séculos, até o comêço do décimo nono, o traço dos Mistérios Menores ou interpretação mística.

Apesar da ausência, depois da desaparição dos Mistérios, das Escolas Místicas que preparavam abertamente para a Iniciação, grandes místicos, entretanto, conseguiram, de quando em quando, atingir os graus inferiores do êxtase, graças à perseverança de seus próprios esforços e ao auxílio provável de Instrutores invisíveis.

As próprias palavras do Mestre são claras e explícitas. Orígenes, como veremos mais longe, citou-as como fazendo alusão ao ensino secreto guardado pela Igreja.

"*E quando se achou só, os que estavam junto dêle com os doze apóstolos o interrogaram acêrca do sentido desta parábola.* Êle disse-lhes: *A vós é dado conhecer os mistérios do reino de Deus, mas, para os que estão de fora, tôdas estas coisas se dizem por parábolas.* E mais adiante: *Assim, lhes anunciava a palavra por muitas parábolas semelhantes, conforme os que eram capazes de o ouvir. Êle não lhes falava senão por parábolas, mas quando estava em particular, explicava tudo a seus discípulos*" [1].

Notai estas palavras: *Quando estava em particular,* e a expressão: *Os que estão de fora.* Lemos igualmente em S. Mateus: *Então Jesus, tendo despedido o povo, dirigiu-se à casa, onde seus discípulos o encontraram.*

---

(1) S. Marc. IV, 10, 11, 33, 34; S. Mat. XIV, 11, 34, 36; S. Luc. VIII, 10.

Estas lições dadas *na casa,* expondo o sentido profundo de Sua doutrina, passam por ter sido transmitidas de Instrutor para Instrutor. O Evangelho dá, como se vê, explicações alegóricas e místicas, representando o que nós chamamos os Mistérios Menores; quanto ao sentido profundo, não era revelado senão aos Iniciados.

Certa vez, Jesus disse aos discípulos: "*Muitas* coisas tinha ainda que vos dizer, mas estão muito acima do vosso alcance" [2].

Jesus transmitiu, sem dúvida, algumas delas, depois de Sua morte, fêz ver aos discípulos, *falando-lhes do que se refere do reino de Deus* [3]. Nenhuma destas palavras foi divulgada; mas como supor que tenham sido esquecidas ou desprezadas ou que não foram transmitidas, como um tesouro incomparável?

Segundo uma tradição conservada na Igreja, Jesus ficou em contacto com Seus discípulos muito tempo após Sua morte, a fim de os instruir — teremos ocasião de mencionar ainda êste fato — e, na famosa obra gnóstica intitulada *Pistis Sophia,* lemos estas palavras: "Aconteceu que, depois da Sua ressurreição dentre os mortos, Jesus conversou com Seus discípulos e assim os instruiu durante onze anos" [4].

Citemos ainda êste versículo, do qual muitos tentaram atenuar a energia e modificar o sentido por explicações variadas: *Não deis aos cães as coisas santas, nem deiteis aos porcos as vossas pérolas, não seja caso que as pisem com os pés e, voltando-se, vos despedacem* [5], preceito geralmente aplicado, mas onde a Primitiva Igreja via uma alusão aos ensinamentos secretos. Não devemos esquecer que estas palavras não tinham, outrora, o caráter de dureza que hoje têm. As pessoas que faziam parte de um mesmo grupo chamavam "cães", isto é, o "vulgo", o "profano", a todos os que não pertenciam ao seu grupo, quer se tratasse de

---

(2) S. João, XVI, 12.

(3) Atos I, 3.

(4) *Loc. cit.* Trad. de G .R. S. Mead., I, 1. Ver também Amelineau, *Pistis Sophia,* obra gnóstica de VALENTINO, traduzida do copta em francês.

(5) S. Mat. VII, 6.

uma sociedade ou associação ou de um povo. Os judeus, por exemplo, falavam assim de todos os gentios [6]. Aplicavam-se, por vêzes, estas expressões às pessoas estranhas ao círculo dos Iniciados e as encontramos empregadas, no mesmo sentido, pela Igreja Primitiva. As pessoas não iniciadas nos Mistérios e consideradas como estranhas ao "reino de Deus" ou "Israel espiritual" eram assim designadas .

Havia, além da expressão "Mistério" ou "Mistérios", vários nomes dados ao círculo sagrado dos Iniciados ou a tudo o que se referia à Iniciação; assim, "o Reino", "o Reino de Deus", "o caminho estreito", "a Porta estreita", "os Perfeitos", "os Salvos", "a vida eterna", "a Vida", "o nôvo nascimento", "uma criancinha". O emprêgo destas expressões pelos primeiros autores estranhos à Igreja esclarece-lhes o sentido. É assim que a expressão "os perfeitos" pertencia à linguagem dos essênios, cuja comunidade apresentava três ordens: os Neófitos, os Irmãos e os Perfeitos, sendo êstes os Iniciados; de um modo geral, essa expressão é empregada neste sentido nas obras antigas. "A Criancinha" era o nome habitualmente dado ao candidato que acabava de ser iniciado, ou, em outros têrmos, de "nascer de nôvo".

Assim prevenidos, conseguiremos compreender melhor as passagens obscuras e de caráter severo. *E alguém lhe disse: Senhor, são poucos os que se salvam? E êle respondeu: Esforçai-vos por entrar pela porta estreita; porque eu vos digo que muitos procurarão entrar e não poderão* . Aplicai estas palavras à salvação, como o fazem constantemente os protestantes e a declaração de Jesus torna-se chocante e impossível de acreditar. Que muitos procurarão evitar o inferno e entrar no céu, mas que não conseguirão, eis uma asserção que não se poderia emprestar a um salvador do mundo. Aplicai-a, ao contrário, à porta estreita da Iniciação e ao final dos renascimentos, e ela tornar-se-á perfeitamente verdadeira e natural.

Entrai pela porta estreita, porque larga é a porta, e espaçoso o caminho que conduz à perdição, e muitos são os que entram

---

(6) Daí a resposta dada à mulher grega: "Não é justo tomar o pão aos filhos e lançá-lo aos cachorrinhos." S. Marcos VII, 27.

(7) S. Luc. XIII, 23. 24.

por êle; mas a porta estreita e o caminho estreito levam à vida, e poucos há que os encontram [8].

A advertência que segue imediatamente êste trecho, relativo aos falsos profetas e aos que ensinam os "Mistérios negros", está bem aplicada. É impossível para o estudante não reconhecer estas expressões, que lhe são familiares, porque as viu empregadas em outras partes com o mesmo sentido. O "caminho antigo e estreito" é de todos conhecido; a senda "difícil de seguir como o fio de uma navalha" [9] foi acima citada. As mortes ocorrem sucessivamente para os que seguem o caminho florido dos desejos e que ignoram Deus, êles se tornando imortais e escapando à voragem da morte e a uma destruição incessantemente renovada sòmente quando abandonam todo o desejo [10]

Esta alusão à morte aplica-se naturalmente aos nascimentos repetidos da alma em uma vida material grosseira, considerada sempre como "a morte" em relação "à vida" dos mundos mais elevados e sutis.

A "Porta estreita" era a porta da Iniciação; o candidato transpunha-a para entrar no "Reino". Sempre se soube que só um pequeno número pode entrar por esta porta, embora *uma grande multidão que ninguém podia contar* [11], e não a minoria, entre na felicidade celeste. Há três mil anos antes, um grande Instrutor dizia: "Em milhares de homens, apenas um luta para conseguir a perfeição; entre os vencedores, apenas haverá um que Me conheça em essência" [12]. De fato, os Iniciados são raros em cada geração; êles são a flor da humanidade.

Vemos, assim, que o trecho que precede não implica, para a grande maioria da raça humana, nenhuma horrível condenação a penas eternas. Os homens que se salvam, segundo Proclo [13], são os que escapam ao círculo das gerações que envolve a humanidade. Podemos sôbre êste assunto recordar a história do rapaz

---

(8) S. Mat. VII, 13, 14.
(9) Kathopanishad II, IV, 11.
(10) Briadaranyakopanishad V, 7.
(11) Apoc. VII, 9.
(12) Bagavata-Gita VII, 3.
(13) Ante., pág. 26.

que se dirigiu a Jesus, e, chamando-o *Bom Mestre,* lhe perguntou como poderia alcançar a vida eterna, a libertação dos renascimentos pelo conhecimento de Deus, libertação cuja possibilidade era reconhecida [14].

A primeira resposta de Jesus é o preceito exotérico ordinário: *Guarda os mandamentos.*

Porém tendo o rapaz respondido: *Tenho observado tôdas estas coisas desde a minha mocidade,* esta consciência que se julgava pura de tôda a transgressão recebeu a resposta do Mestre incomparável: *Se tu queres ser perfeito, vende o que tens e dá aos pobres; e terás um tesouro no céu; depois disto, vem e segue-me. Se queres ser perfeito e te tornares uma pessoa do reino, é necessário abraçar a pobreza e a obediência.*

Jesus explica, em seguida, a seus próprios discípulos que um rico dificilmente pode entrar no reino dos céus, mais dificilmente que um camelo possa passar no buraco de uma agulha. Para os homens, isso é impossível, mas para Deus tôdas as coisas são possíveis [15]. O Deus que está no homem é quem pode transpor essa barreira.

Êste texto recebeu diferentes interpretações, porque, evidentemente, não se podia aceitar seu sentido literal — a impossibilidade de um rico ser feliz após a morte. Êste estado de beatitude tanto pode o rico alcançar como o pobre; demais, os cristãos de todos os países mostram que não temem um só instante ver suas riquezas comprometer sua felicidade póstuma. Mas se nós interpretamos o texto no seu verdadeiro sentido, explicando-o segundo o Reino dos Céus, aí encontramos a expressão de um fato natural e real. Ninguém poderá alcançar o conhecimento de Deus, que é a Vida Eterna [16], antes de abandonar tudo o que é terrestre, nem adquiri-la antes de ter sacrificado tudo. Não sòmente o homem deve renunciar às riquezas dêste mundo, que, daqui em diante, passam por suas mãos como pelas de um intendente, mas também deve abandonar suas riquezas

---

(14) Não esqueçamos que os judeus admitiam a volta à terra das almas imperfeitas.

(15) S. Mat. XIX, 16-26.

(16) S. João, XVII, 3.

interiores, as que guarda para sua defesa perante o resto do mundo. Sem se ter despojado inteiramente de tudo, não poderá transpor a porta estreita. Tal foi sempre a condição principal da Iniciação: o candidato sempre deve fazer voto de "pobreza, obediência e castidade".

O "nôvo nascimento" é outro têrmo bem conhecido, sinônimo de Iniciação. Na Índia, ainda hoje, os homens pertencentes às castas superiores são chamados "os duas vêzes natos", e a cerimônia que lhes dá esta nova vida é uma cerimônia de Iniciação, hoje pura formalidade exterior, mas *representando as coisas que estão no céu*[17]. Na sua conversa com Nicodemos, Jesus declara que *se um homem não nascer de nôvo, não pode ver o reino de Deus.* Êste nascimento, diz êle, é da água e do Espírito[18]; é a primeira Iniciação; mais tarde vem a do *Espírito Santo e do fogo*[19], batismo da Iniciação, em que alcança a idade de homem, como a primeira é o batismo dado ao nascimento, que recebe o Iniciado como uma *criancinha* em sua entrada no Reino[20].

A admiração manifestada por Jesus, quando Nicodemos se mostra incapaz de perceber sua linguagem, evidencia a que ponto estas imagens eram familiares aos judeus místicos: Tu és um doutor em Israel e não conheces estas coisas![21].

Outro preceito de Jesus, que continua uma "palavra obscura" para seus fiéis, é o seguinte: *Sêde, portanto, perfeitos como vosso Pai celestial é perfeito*[22]. O cristão ordinário sente-se incapaz de observar êste mandamento: com tôda a fragilidade, tôda a fraqueza própria à alma humana, como poderá êle tornar-se perfeito como o próprio Deus? Julgando impossível a tarefa que lhe é imposta, despreocupa-se e abandona-a. Considerando-a, ao contrário, como seu esfôrço supremo, fruto de numerosas existências sempre crescentes em progresso, tendo

---

(17) Hebr. XI, 23.
(18) S. João III, 3, 5.
(19) S. Mat. III, 11.
(20) S. Mat. III, 11.
(21) S. João III, 10.
(22) S. Mat. V, 48.

como meta o triunfo do Deus que está em nós sôbre a natureza inferior, o preceito de Jesus apresenta-se-nos em suas verdadeiras proporções e assim podemos nos recordar que, segundo Porfírio, o homem, atingindo "as virtudes paradigmáticas, é o Pai dos Deuses" [23], lembrando que estas virtudes são adquiridas nos Mistérios.

S. Paulo segue os passos de seu Mestre, do qual reproduz exatamente as idéias, mas — como a sua obra organizadora no seio da Igreja nos leva a admitir — de uma forma mais explícita e clara. Leiam-se atentamente os capítulos II e III e o versículo 1 do capítulo IV da Primeira Epístola aos Coríntios, recordando, durante a leitura, que estas palavras se dirigem aos membros batizados da Igreja e admitidos à Santa Ceia, membros efetivos no ponto de vista moderno, mas que o Apóstolo trata como filhos e sêres carnais. Não eram catecúmenos ou neófitos, mas homens e mulheres em plena posse de todos os seus privilégios e responsabilidades nas qualidades de membros da Igreja, considerados pelos Apóstolos como separados do mundo e moralmente obrigados a não viverem como homens pertencentes ao mundo. Êles tinham recebido, em suma, tudo o que a Igreja moderna concede aos seus membros.

Vamos resumir as palavras do Apóstolo.

"Eu venho ter convosco, anunciando o testemunho de Deus; não vos seduzi por uma sabedoria humana, mas pelo poder do Espírito. Todavia nós falamos de *sabedoria entre os perfeitos;* não, porém, a sabedoria dêste mundo. Nós pregamos a *sabedoria misteriosa de Deus, os planos ocultos que Deus ordenou por tôda a eternidade para nossa glória e que nenhum príncipe dêste mundo conhece.* Estas coisas são demasiado altas para o entendimento humano, mas Deus no-las revelou pelo Espírito: porque o Espírito penetra tôdas as coisas, ainda as mais profundas de Deus [24]. Estas coisas espirituais só o homem espiritual, em quem

(23) Ante, pág. 32.

(24) Notai como estas palavras combinam com a promessa de Jesus, em S. João XVI, 12-14: "Tenho ainda muitas coisas a vos dizer, mas estão presentemente acima do vosso alcance. Quando vier o Espírito de Verdade, êle vos guiará em tôda a verdade, anunciando o que deve acontecer"...

reside o pensamento do Cristo, as pode discernir. *Eu mesmo, meus irmãos, não vos posso falar como a homens espirituais, mas devo vos falar como a homens carnais, como a criancinhas, em Cristo... Não sois bastante fortes; não o sois ainda agora, porque sois carnais... Eu lancei os fundamentos, como prudente arquiteto*[25]. *Vós sois o templo de Deus e o espírito de Deus em vós habita. Que os homens nos considerem como ministros de Cristo e dispensadores dos Mistérios de Deus."*

Como ler esta passagem — e eu não fiz, neste resumo, senão destacar os pontos importantes — sem admitir que o Apóstolo possuía uma sabedoria divina dada nos Mistérios, sabedoria que seus sectários coríntios não podiam receber ainda? Notai a repetição constante dos têrmos técnicos: a *sabedoria*, a *sabedoria misteriosa de Deus*, a *sabedoria oculta* apenas conhecida ao homem espiritual, da qual não se fala senão entre os *perfeitos*, *sabedoria* que exclui os *não-espirituais*, as *crianças em Cristo*, os *carnais*, sabedoria conhecida do *sábio arquiteto dispensador dos Mistérios de Deus.*

S. Paulo não se cansa de mencionar êstes Mistérios. Escrevendo aos cristãos de Éfeso: *Foi por uma revelação,* rasgando o véu que me cobria, *que fui iniciado nos Mistérios.* Daí *a inteligência que eu tenho* dos Mistérios de Cristo; todos os homens poderão conhecer *a economia do Mistério*[26]. Aos colossenses repete que se tornou ministro dêste Mistério — *Mistério de tôda a eternidade e anterior às idades, mas revelado hoje aos santos* (não ao mundo, nem mesmo aos cristãos, mas ùnicamente aos santos). Diante dêles, foi revelado *êste glorioso Mistério.* Ora, que glória era esta? — *Cristo em nós* — expressão significativa, referindo-se, como em breve veremos, à vida do Iniciado. É assim que todos os homens devem terminar por aprender a sabedoria e tornar-se *perfeitos em Jesus Cristo.*

S. Paulo exorta os colossenses a orar, *a fim de que Deus nos abra uma porta para falar, para anunciar o Mistério de*

---

(25) Outra expresão técnica empregada nos Mistérios.

(26) Efésios III, 3, 4, 9.

(27) Coloss. I, 23, 25, 28. Mas S. Clemente, em sua *Stromata,* traduziu "todos os homens" por "homem inteiro."

Cristo [28], passagem em que, segundo S. Clemente, o Apóstolo indica claramente "que o conhecimento" não pertence a todos [29]. S. Paulo escreve igualmente a seu discípulo Timóteo, recomendando-lhe escolher seus diáconos entre os que conservam o *mistério da fé como uma consciência pura, êste grande mistério da piedade que êle tinha aprendido* [30] e cujo conhecimento era necessário aos instrutores da Igreja. Ora, S. Timóteo era uma personagem importante, representando a geração seguinte de Instrutores cristãos. Discípulo de S. Paulo, tinha sido designado por êle para guiar e governar uma parte da Igreja. Sabemos que êle foi, pelo próprio S. Paulo, iniciado nos Mistérios.

O fato é mencionado, como mostraremos, nas expressões técnicas — *o que te recomendo, Timóteo, meu filho, é que, conforme as predições feitas outrora a teu respeito...* [31], isto é, a bênção solene do Iniciador, recebida pelo candidato. Mas o Iniciador não era o único presente: *Não desprezes o dom que há em ti, o qual te foi dado por palavras proféticas, quando o colégio dos antigos te deu por imposição das mãos* [32].

S. Paulo recorda, em seguida, a Timóteo que deve apossar-se *da vida eterna "para a qual fôste chamado e para a qual fizeste tão bela profissão em presença de grande número de testemunhas"* [33]. Esta profissão são os votos do nôvo Iniciado, recebidos em presença dos Irmãos mais antigos e da assembléia dos Iniciados. Os conhecimentos então comunicados são o depósito sagrado ao qual S. Paulo faz alusão quando, com tanta energia, exclama: *Ó Timóteo, conserva o depósito que te confiei* — não os conhecimentos familiares a todos os cristãos — êles

---

(28) Coloss. IV, 3.

(29) Ante-Nicene Library, vol. XII. Clemente de Alexandria, *Stromata*, Liv. V, cap. X. O leitor encontrará outras palavras pronunciadas pelos apóstolos, entre as citações de Clemente, mostrando o sentido ligado a estas palavras pelos homens que, tendo sucedido aos apóstolos, viviam na mesma atmosfera intelectual.

(30) I Timót. III, 9, 16.

(31) Timót. I, 18.

(32) I Timót. IV,14.

(33) I Timót. VI, 12.

não prendem S. Timóteo — mas o depósito sagrado que lhe foi confiado na qualidade de Iniciado — e que é essencial à Igreja. Mais adiante, S. Paulo volta a êste ponto, insistindo na sua importância suprema, o que seria exagêro se tais conhecimentos fôssem propriedade comum de todos os cristãos.

Conserva o modêlo das sãs lições que de mim recebeste... Guarda êste precioso depósito pelo Espírito Santo que habita em nós [34].

A palavra humana não poderia formular uma adjuração mais solene. O Iniciado devia ainda garantir a transmissão dêste depósito a fim de que o futuro o herdasse e que a Igreja tivesse sempre instrutores.

Os ensinos que de mim recebeste, na presença de grande número de testemunhas, o ensino sagrado comunicado oralmente no seio da assembléia dos Iniciados, fiadores da exatidão dos preceitos transmitidos, *confia-os a homens seguros, que sejam capazes, por sua vez, de instruírem a outros* [35].

A certeza ou, se assim preferem, a hipótese de que a Igreja possuía êstes ensinos reservados, lança um jacto de luz sôbre o que S. Paulo diz de si mesmo. Comparai as citações seguintes e elas vos darão as grandes linhas da evolução de um Iniciado.

S. Paulo declara que já pertence ao número dos perfeitos, dos Iniciados, quando diz: "*Todos nós, que somos perfeitos, temos êste mesmo sentimento,* mas que, entretanto, ainda não *alcançou* a inteira perfeição, não atingiu ao *prêmio ao qual Deus me enviou do alto, em Jesus Cristo, pelo poder da sua ressurreição e a comunhão dos seus sofrimentos ao reproduzir sua morte em minha pessoa...*" [36]; êle esforça-se ainda para chegar à ressurreição dos mortos.

Esta iniciação, com efeito, libertava o Iniciado, transformando-o em Mestre Perfeito, em Cristo ressuscitado, levando-o a escapar-se dentre os "mortos" — da humanidade aprisionada

(34) II Timót. I, 13, 14.
(35) II Timót. II, 2.
(36) Fil. III, 8, 10 12, 14, 15.

no círculo das gerações — dos laços que prendem a alma à matéria grosseira. Aqui ainda se apresentam muitas expressões técnicas. O leitor superficial deve compreender que a *ressurreição dos mortos,* de que aqui se fala, não pode ser a ressurreição ordinária, tal como a entende o cristão em nossa época, ressurreição suposta inevitável para todos e, por conseqüência, não exigindo de ninguém, para ser obtida, o menor esfôrço especial. A própria palavra *alcançar* não estaria aí se não se referisse a uma experiência universal e inevitável. E esta ressurreição, S. Paulo não podia evitá-la de acôrdo com as idéias cristãs modernas. Que era, pois, esta ressurreição que êle procurava com tanta diligência? Mais uma vez, a única resposta nos vem dos Mistérios. O Iniciado, ao atingir à Iniciação que o libertava do círculo das gerações e renascimentos era chamado "o Cristo no tormento" ou no martírio; partilhava os sofrimentos do Salvador do mundo, sofrendo a crucificação mística, *reproduzindo a morte dêle em sua pessoa,* e assim passava pela ressurreição, a união com o Cristo glorificado, e, depois disto, a morte não tinha mais poder sôbre êle [37]. Tal era o prêmio pelo qual ansiava o grande Apóstolo, exortando a *todos os que são perfeitos* (e não os crentes ordinários) a fazerem o mesmo, não se contentando com o que já tivessem obtido, mas a perseverarem sempre.

Esta semelhança entre o Iniciado e o Cristo é, na verdade, a própria base dos Mistérios Maiores; nós o verificaremos, com mais detalhes, ao estudar "o Cristo Místico". O Iniciado devia cessar de considerar o Cristo como exterior a si mesmo: Se conhecêramos o Cristo segundo a carne, todavia agora já não o conhecemos dêste modo [38]. O crente ordinário tinha-se *revestido do Cristo. Porque todos quantos fôstes batizados em Cristo já vos revestistes de Cristo* [39]. Eram os filhos em Cristo de que já falamos acima; Cristo era o Salvador do qual esperavam o socorro, o conhecimento *segundo a carne.* Mas, depois de ter

---

(37) Apoc. I, 18 — Sou eu quem vivo estou: estava morto, e eis aqui, estou vivo para todo o sempre.

(38) II Corínt. V, 16.

(39) Gálat. III, 27.

domado a natureza inferior e perdido seu caráter *carnal,* êles deviam abordar um caminho mais elevado e tornar-se êles próprios o Cristo. E o que o Apóstolo obtivera para si mesmo, êle o deseja ardentemente para todos que o seguem: Meus queridos filhos, por quem de nôvo sinto as dores do parto,até que o Cristo seja formado em vós [40]. Assim êle era seu pai espiritual, tendo-os gerado pelo Evangelho [41]. Mas agora êle lhes dá *de nôvo* a vida, como uma mãe, e os conduz a seu segundo nascimento. O Cristo-Criança, o Santo-Menino, nascia na alma, *o ser oculto no coração* [42]; o Iniciado torna-se assim a *Criancinha*: devia, de ora em diante, viver em si mesmo a vida do Cristo, até o momento de tornar-se *homem feito* e atingir a *altura da perfeição do Cristo* [43]. Então o Iniciado, como S. Paulo, *cumpre em sua carne* o resto das aflições do Cristo sofridas pelo seu corpo [44] e traz sem cessar, em seu corpo, a morte de Jesus [45]. Êle pode, então, dizer, sinceramente: *Fui crucificado com Cristo e vivo... mas não sou eu mais quem vive; é o Cristo que vive em mim* [46]. Eis o que sofria o Apóstolo, eis o que dizia de si mesmo.

E quando a luta terminou, que contraste, como se depreende de suas palavras, entre a calma triunfante e a tensão penosa dos primeiros anos! *Porque a mim agora me ofereço ao sacrifício e o tempo da minha partida está próximo. Eu combati o bom combate, acabei a carreira, guardei a fé. Nada mais me resta senão receber a coroa de justiça que me está reservada.*[47].

Esta coroa era a que recebia o vencedor, aquêle do qual dizia o Cristo na sua glória: *Eu farei dêle uma coluna no templo de meu Deus e não sairá jamais* [48]. Porque, após a *Ressurreição,* o

---

(40) Gálat. IV, 19.
(41) I Coríint. IV, 15.
(42) S. Pedro III, 4.
(43) Efés. IV, 13.
(44) Coloss. I, 24.
(45) I Coríint. IV, 10
(46) Gál. II, 20.
(47) II Timót. IV, 6, 8.
(48) Apocal. III, 12.

Iniciado tornava-se o homem perfeito, o Mestre; não saía do Templo, mas de lá servia e guiava os mundos.

Devemos notar, antes de terminar êste capítulo, que o próprio S. Paulo sancionava a prática do ensino místico teórico, no seu modo de explicar os acontecimentos históricos referidos nos Evangelhos. Êle não considerava a história narrada na Bíblia como uma simples sucessão de fatos que se teriam produzido no plano físico; como um verdadeiro místico via, nos acontecimentos físicos, as sombras das verdades universais que se desenvolvem incessantemente nos mundos mais elevados e profundos; êle sabia que os acontecimentos escolhidos para serem registrados nas obras ocultas eram os mais típicos, cuja interpretação era de natureza a servir de instrução aos homens. S. Paulo, por exemplo, citando a história de Abraão, Sara, Agar, Ismael e Isaque, diz que tudo isto tem um sentido alegórico e dá, em seguida, a interpretação mística [49].

A propósito da fuga dos israelitas do Egito, êle fala do Mar Vermelho como de um batismo; do maná e da água como de uma carne e beberagem espirituais; do rochedo de onde jorrava a fonte como o Cristo [50]. Êle vê no casamento humano o grande mistério da união entre Cristo e sua Igreja; fala dos cristãos como sendo a carne e os ossos do corpo de Cristo [51].

O autor da *Epístola aos Hebreus* dá um caráter alegórico ao conjunto do culto hebraico. No Templo, êle vê um modêlo do Templo celeste; no Soberano Sacrificador, vê o Cristo; nos sacrifícios, a oferenda do Filho imaculado; os sacrificadores não são senão uma imagem e uma sombra do santuário celeste, sacerdotes celestes, ministros do verdadeiro tabernáculo. A alegoria, levada ao último extremo, enche, assim, os capítulos de III a X, em que o autor declara que, por Espírito Santo, devemos entender o sentido profundo. Tudo isto era uma *figura simbólica* relativa aos tempos presentes [52].

---

(49) Gálat. IV, 22-31.
(50) I Corínt. X, 1 ,4.
(51) Efés.. V, 23-32.
(52) Hebr. IX, 9.

Nesta interpretação das Santas Escrituras, não se diz que os acontecimentos relatados não tiveram lugar (não se deram), mas sòmente que sua realização física teve pouca importância.

Semelhante explicação constitui o soerguimento do véu que oculta os Mistérios Menores ou ensinamentos místicos que são permitidos divulgar; ela não é, como muitas vêzes se julga, um simples jôgo de imaginação, mas, na verdade, o resultado de uma intuição real e verdadeira, em que vemos os modelos no céu, sem nos limitarmos a considerar as sombras lançadas por êles sôbre o reflexo do tempo terrestre.

CAPÍTULO III

O LADO OCULTO DO CRISTIANISMO (FIM) —

O TESTEMUNHO DA IGREJA

* É possível que certas pessoas estejam dispostas a reconhecer nos Apóstolos e seus sucessores mediatos um conhecimento sôbre questões espirituais mais profundo que as noções espalhadas no público cristão desta época; mas muito poucas, sem dúvida, consentirão em dar mais um passo e, deixando o círculo encantado, em admitir, nos Mistérios da Igreja Primitiva, o receptáculo da ciência sagrada.

Entretanto, sabemos que S. Paulo se preocupa com a transmissão do ensinamento oral; êle próprio inicia S. Timóteo, recomendando-lhe que iniciasse, por sua vez, outras pessoas que deviam, mais tarde, transmitir seu depósito a outras. As Escrituras fazem, portanto, menção desta medida de previdência que se estende a quatro gerações sucessivas; ora, estas enchem de brilho o período que precede aos primeiros autores que, ao falarem da Igreja Primitiva, prestaram testemunho da existência dos Mistérios.

Entre êstes autores, com efeito, há discípulos diretos dos Apóstolos, embora as mais explícitas declarações sejam feitas pelos autores separados do Apóstolos por um instrutor intermediário.

Ao abordar o estudo da literatura cristã dos primeiros séculos, nos achamos imediatamente em presença de alusões que só a existência dos Mistérios pode explicar, e mesmo de passagens que afirmam que os Mistérios existiam. Evidentemente,

podíamos nos satisfazer com o exposto, admitindo a explicação em que o Nôvo Testamento deixou a questão, mas é agradável ver as previsões corroboradas pelos fatos.

As primeiras testemunhas são os chamados Padres Apostólicos, discípulos dos Apóstolos; mas dêles restam poucos documentos; e mesmo êstes fragmentos são discutidos. As declarações dêstes autores, não tendo caráter de controvérsia, não são, contudo, tão categóricas como as dos escritores mais recentes. Suas cartas têm por finalidade encorajar os crentes. Policarpo, bispo de Esmirna e discípulo, ao mesmo tempo que Inácio, de S. João [1], exprime a esperança que seus correspondentes sejam "versados nas Escrituras Santas e que nada fique oculto para êles. Quanto a si mesmo, êste privilégio não lhe tinha sido ainda concedido [2]. Barnabas fala em comunicar "uma certa parte do que êle próprio recebeu" [3], e declara, após uma exposição mística da Lei: "Nós, compreendendo o verdadeiro sentido dos Seus mandamentos, os explicamos como o entendia o Senhor" [4].

Inácio, bispo de Antioquia e discípulo de S. João [5], diz de si mesmo: "Eu não sou ainda perfeito em Jesus Cristo, pois começo agora a ser discípulo e vos falo como a meus condiscípulos" [6]. E êle fala dos seus correspondentes como tendo sido "iniciados nos mistérios do Evangelho com Paulo, o santo e mártir" [7].

Adiante, diz ainda: "Sinto não poder vos escrever das coisas que tratam dos mistérios; mas temo de o fazer, com mêdo de vos causar mal, a vós que sois crianças de pouca idade. Incapazes de receber comunicações desta importância, elas poderiam vos esmagar. Porque eu mesmo que sou ligado ao Cristo,

(1) Vol. I, Martírio de Inácio, cap. III. — As traduções empregadas são as da Ante-Nicene Library de Clarke, excelente compêndio de Antigüidade Cristã. O número do volume indicado é o primeiro desta coleção.

(2) Ibid. Epístola de Policarpo, cap. XII.

(3) Ibid. Epístola de Barnabas, cap. I.

(4) Vol. I Martírio de Inácio, cap. X.

(5) Ibid. cap. I.

(6) Ibid Epístola de Inácio aos Efésios, cap. III.

(7) Epístola de Inácio aos Efésios, cap. XII.

que sou capaz de compreender as coisas do céu, as hierarquias angélicas, as diferentes espécies de anjos e exércitos celestes, a diferença entre as potências e dominações, as distinções entre os tronos e as autoridades, a fôrça imensa dos íons, a preeminência dos querubins e serafins, a sublimidade do Espírito, o Reino do Senhor e, acima de tudo, a incomparável majestade do Deus Todo-Poderoso, eu, que conheço tôdas estas coisas, não sou, apesar disto, perfeito. Não sou um discípulo como Paulo ou como Pedro" [8].

Esta passagem é interessante, porque mostra que a organização das ordens celestes era um dos pontos comunicados nos Mistérios.

Inácio fala ainda do Grande Sacerdote, do Hierofante "que tem a guarda do Lugar Santíssimo e a quem sòmente foram confiados os segredos de Deus" [9].

Chegamos, em seguida, a S. Clemente de Alexandria e seu discípulo Orígenes, os dois autores dos 2.º e 3.º séculos que mais informes nos dão sôbre os Mistérios da Igreja Primitiva. O ambiente da época está cheio de alusões místicas, mas êstes dois Padres nos declaram, de maneira clara e categórica, que os Mistérios eram uma instituição reconhecida. Ora, S. Clemente, discípulo de Panteno, diz de seu mestre e de dois outros — talvez Taciano e Teódoto — que êles conservam a tradição da bem-aventurada doutrina diretamente recebida dos santos Apóstolos Pedro, Tiago, João e Paulo [10].

S. Clemente não estava, portanto, separado dos Apóstolos senão por um só intermediário. Êle dirigia a Escola de catequese, em Alexandria, em 189 depois de Cristo, e morreu em 220.

Orígenes, nascido em 185 depois de Cristo, discípulo de S. Clemente, era, talvez, o mais sábio dos Padres da Igreja, dotado da mais rara beleza moral. Tais são as testemunhas mais importantes que afirmam a existência, na Igreja Primitiva, dos verdadeiros Mistérios.

---

(8) Epístola de Inácio aos Tralianos, cap. V.

(9) Epístolas ao Filadélficos, cap. IX.

(10) Vol. IV, Clemente de Alexandria. *Stromata I,* cap. I.

As *Stromatas,* ou fragmentos, de S. Clemente, são nossa fonte de informação em sua época, no que concerne aos Mistérios. Êle próprio definiu esta obra como a "reunião de notas gnósticas, conforme à verdadeira filosofia" [11]; êle fala dela como de sumários de lições que recebera de Panteno. Êste trecho é instrutivo: "O Senhor permitiu comunicarmos êstes Mistérios divinos e esta santa luz aos capazes de os receber. Certamente Êle não revelou à massa o que não pertence à massa. Mas revelou os Mistérios a uma minoria capaz de os receber e concordar com êles. As coisas secretas confiam-se oralmente e nunca por escrito, e o mesmo se faz com Deus. E se me vierem dizer [12]: *Não há nada de secreto que não deva ser revelado, nem nada oculto que não deva ser desvendado,* eu responderei que àquele que escuta em segrêdo as coisas secretas, estas mesmas lhe serão manifestadas. Eis o que predizia êste oráculo. Ao homem capaz de observar secretamente o que lhe é confiado, o que está velado lhe será mostrado como verdade; o que é oculto à multidão, será manifesto à minoria. Os Mistérios são divulgados sob uma forma mística, a fim de que a transmissão oral seja possível; mas esta transmissão será feita menos por palavras do que pelo seu sentido oculto. As notas aqui dadas são bem fracas, eu o sei, comparadas a êste espírito cheio de graça que eu tive o privilégio de receber. Pelo menos, servirão de imagem para lembrarem, ao homem tocado pelo Tirso, o arquétipo divino [13]. O Tirso, diga-se de passagem, era a varinha trazida pelos Iniciados e com a qual tocavam os candidatos durante a cerimônia da Iniciação. Ela oferecia um sentido místico e simbólico, nos Mistérios Menores, da medula espinal e da glândula pineal e, nos Grandes Mistérios, de uma *Vara* conhecida dos Ocultistas. "Aquêle a quem Tirso tocou" significa o homem iniciado nos Mistérios.

"Não temos a pretensão, continua Clemente, de explicar suficientemente as coisas secretas, mas ùnicamente recordá-las para que algumas não nos escapem, ou para não perdê-las de

---

(11) Vol. IV, *Stromata* I, cap. XXVIII.

(12) Parece que nesta época já havia pessoas que achavam mau ensinar secretamente alguma verdade!

(13) *Stromata* I, 13.

todo. Muitas delas, eu o sei muito bem, desapareceram há muito tempo, sem terem sido referidas por escrito. Há, portanto, coisas das quais não conservamos a lembrança, pois o poder dos bem-aventurados era grande."

Os discípulos dos Grandes Sêres passam quase sempre por esta experiência, em que a presença do Mestre estimula e chama à atividade faculdades normalmente ainda latentes, as quais, sòzinho, o discípulo não poderia despertar.

"Certos pontos que ficaram muito tempo sem serem notados por escrito foram esquecidos por completo; outros desapareceram, porque a inteligência lhes perdeu os traços, pois as pessoas sem experiência não os podem fàcilmente reter; êstes pontos eu os ponho em foco nos meus comentários. Eu omito certas coisas propositalmente, exercendo assim uma prudente seleção, temendo confiar à escritura o que receio exprimir de viva voz. Não faço isto por ciúme, pois seria um sentimento mau, mas por temer ver meus leitores interpretá-los de uma forma inexata e claudicar; segundo o provérbio, seria dar uma espada a uma criança. Porque seria impossível que as matérias tratadas por escrito não se divulgassem. Mas embora caíssem no domínio público (a escritura sendo sempre o modo de transmissão) elas dão ao investigador respostas mais profundas que as palavras escritas. Elas exigem, com efeito, o auxílio de alguém, seja o autor, seja uma pessoa que tenha seguido seus passos. Mostrarei certos pontos de uma maneira velada; insistirei sôbre outros, e muitos não serão mencionados. Eu me esforçarei por falar imperceptìvelmente, mostrando secretamente e procedendo por demonstração silenciosa" [14].

Êste trecho bastaria, só êle, para provar a existência, na Igreja Primitiva, de um ensinamento secreto. Mas ainda há outros. No capítulo XII do mesmo livro, intitulado "Os Mistérios da Fé que não devem ser comunicados a todos", Clemente declara que "é necessário lançar o véu do Mistério sôbre os ensinos orais dados pelo Filho de Deus", porque seu trabalho poderia cair sob os olhos de pessoas destituídas de sabedoria.

(14) *Stromata,* I. Cap. I.

Quem fala deve ter os lábios puros, e quem escuta, um coração atento e puro. "Eis porque me seria difícil escrever. Ainda hoje, eu receio, como foi dito, *lançar pérolas aos porcos, com mêdo que êles pisem com os pés e que, voltando-se, nos despedacem.* Porque é difícil falar da verdadeira luz, em têrmos absolutamente claros, a ouvintes de natureza suína e indisciplinada. Nada, no mundo, pareceria mais ridículo à multidão, mas, ao mesmo tempo, nada mais admirável nem mais inspirado para as almas nobres. Os sábios não abrem absolutamente a bôca sôbre o que se diz na sua assembléia. Mas o Senhor ordenou *proclamar de cima das casas o que foi dito nos ouvidos,* prescrevendo a seus discípulos receberem as tradições secretas da verdadeira sabedoria, para depois as interpretar elevada e abertamente. Nós devemos, portanto, transmitir às pessoas que são dignas o que nos foi dito no ouvido, sem, entretanto, comunicar a quantos apareçam o sentido das parábolas. Nestas notas, apenas se encontrará um esbôço; as verdades aí estão semeadas, mas de forma que escapam aos que amontoam as sementes como as gralhas; as sementes, encontrando um bom cultivador, germinarão, produzindo o trigo."

Clemente poderia ter acrescentado que, *proclamar de cima das casas* significa interpretar na assembléia dos Perfeitos ou Iniciados, e nunca gritar a verdade aos transeuntes. Êle diz adiante: "As pessoas ainda cegas e surdas, que não possuem o entendimento nem a visão penetrante, faculdades da alma contemplativa... não poderiam fazer parte do coração divino. Eis porque, fiéis ao método secreto, os egípcios chamavam *adyta* e os hebreus o *lugar velado* à Palavra verdadeiramente sagrada e divina e muito necessária aos homens, depositada no santuário da verdade. Sòmente as pessoas consagradas... aí tinham acesso. O próprio Platão achava não ser legítimo que os impuros tocassem os puros. As profecias e os oráculos eram, pois, pronunciados sob uma forma enigmática. Quanto aos Mistérios, não eram desvendados a qualquer pessoa, mas sòmente depois de certas purificações e um ensino preparatório."

Clemente estende-se, em seguida, longamente sôbre os símbolos pitagóricos, hebreus e egípcios, e faz observar que as pessoas ignorantes e sem instrução são incapazes de lhes alcançar o sentido.

"Mas o gnóstico compreende. Não convém, portanto, que tudo seja indistintamente mostrado a todos, nem que os benefícios da sabedoria sejam concedidos a homens cuja alma jamais, mesmo em sonho, foi purificada (porque não é permitido entregar ao primeiro que aparece o que foi adquirido ao preço de tão laboriosos esforços); os Mistérios da palavra não devem ser explicados aos profanos."

Os pitagóricos possuíam, como Platão, Zenão, Aristóteles, ensinamentos exotéricos e ensinamentos esotéricos. Os filósofos instituíram os Mistérios porque "não era preferível, para a santa e bem-aventurada contemplação das coisas reais, que ela fôsse oculta?" [15]. Os Apóstolos também aprovaram que os "mistérios da Fé fôssem velados", porque existiam "ensinos para os perfeitos".

Encontramos alusões a isto na epístola aos colossenses, cap. I, 9-11 e 25-27.

"Há, portanto, de uma parte, os Mistérios que ficaram ocultos até os tempos dos Apóstolos e lhes foram confiados tais como o senhor lhes deu e que, dissimulados no Antigo Testamento, foram manifestados aos santos; e, de outra parte, *a riqueza dêste glorioso mistério entre os pagãos,* isto é, a fé e a esperança em Cristo, denominadas o *fundamento*."

Clemente cita S. Paulo para mostrar que êste "conhecimento não pertence a todos", e diz, referindo-se à epístola aos hebreus, capítulos V e VI, que "existiam certamente, entre os judeus, ensinamentos orais"; cita, em seguida, estas palavras de S. Barnabé: *Deus pôs em nossos corações a sabedoria e a faculdade de compreender Seus segredos;* e acrescenta: "Poucos homens são capazes de perceber estas coisas, onde subsistem traços da tradição gnóstica." — "Eis por que à instrução, que revela as coisas ocultas, se chama iluminação, pois só o instrutor levanta a tampa da arca" [16].

Mais longe, Clemente, voltando a S. Paulo, comenta estas palavras dirigidas aos romanos: *Eu sei que me transportando*

---

(15) *Stromata,* cap. IX.

(16) *Stromata* I, V, cap. X.

para junto de vós, aí chegarei levado pela bênção de Cristo [17], e diz que o Apóstolo entende, por isto, "o dom espiritual e a interpretação gnóstica" e que êle queria ,estando presente, comunicar aos romanos *a plenitude de Cristo, em conformidade com a revelação do Mistério que permaneceu selado através das idades da Eternidade, mas hoje manifestado nos escritos proféticos* [18]. Mas a alguns sòmente são mostradas, tais como são, as coisas passadas no Mistério.

É pois com razão que Platão, falando de Deus, diz: "É necessário falar por enigmas; porque, se algumas fôlhas das nossas *tablettes* viessem a se perder, em terra ou no mar, sua leitura nada adiantaria" [19].

Depois de se ter estendido consideràvelmente sôbre certos escritores gregos e ter passado em revista a filosofia, S. Clemente declara que a gnose "comunicada e revelada pelo Filho de Deus é a Sabedoria... Ora, a gnose é um depósito que chegou a alguns homens por transmissão: ela tinha sido comunicada oralmente pelos Apóstolos" [20].

S. Clemente descreve longamente a vida do gnóstico, do Iniciado, e diz, ao terminar: "Que o exemplo aqui dado baste a quem sabe ouvir. Porque não é desejável velar o mistério, mas ùnicamente dar, aos que sabem, indicações suficientes que lhos possam recordar" [21].

Considerando a Escritura como composta de alegorias e símbolos onde se dissimula o sentido, a fim de encorajar o espírito de exame, e preservar os ignorantes de certos perigos [22], S. Clemente reserva naturalmente às pessoas instruídas as lições superiores.

---

(17) Roman. XV, 20.
(18) Roman. XVI, 25, 26.
(19) *Stromata* V, cap. X.
(20) *Stromata* I, VI, cap. VII.
(21) *Stromata* VII, cap. XIV.
(22) *Stromata* I, VI, cap. XV.

"Nosso gnóstico, diz êle, será profundamente instruído" [23]; e adiante; "Ora, o gnóstico deve ser erudito" [24].

"As disposições adquiridas por um treinamento preparatório permitem assimilar os conhecimentos mais adiantados". "Um homem pode, certamente, possuir a fé, sem ter nada aprendido; mas, nós o afirmamos, é impossível para um homem sem instrução compreender as coisas declaradas na fé" [25].

"Certas pessoas, julgando-se dotadas das condições especiais, não querem se ocupar nem de filosofia, nem de lógica. Que digo? Elas não querem aprender as ciências naturais. Apenas pedem fé e nada mais... Eu chamo verdadeiramente instruído ao homem que descobre em tôdas as coisas a verdade, e tão bem que pedindo à geometria, à música, à gramática e à filosofia os elementos que lhe convêm, sabe proteger a fé contra os ataques... Quanto é necessário ao homem que deve participar do poder divino e tratar assuntos intelectuais pelo método filosófico!" [26]. "O gnóstico emprega os diferentes ramos da ciência como exercícios preparatórios auxiliares"[27].

Vemos quanto S. Clemente estava afastado de pensar que a ignorância dos iletrados devia dar a medida dos ensinamentos cristãos!

"O homem familiarizado com todos os gêneros de sabedoria será o gnóstico por excelência" [28].

Assim, acolhendo os ignorantes e os pecadores, e procuranro, no Evangelho, para êles o que convém às suas necessidades, Clemente não considerava como candidatos dignos dos Mistérios senão as pessoas instruídas e puras.

"O Apóstolo, distinguindo a fé ordinária da perfeição gnóstica, chama a primeira *a fundação* e, às vêzes, o *leite*" [29]; mas

(23) *Stromata* I, VI cap. X.
(24) *Stromata* I, VI, cap. VII.
(25) *Stromata* I, VI, cap. IX.
(26) *Stromata,* cap. IX.
(27) *Stromata* I, VI, cap. X.
(28) *Stromata,* Cap. XIII.
(29) Vol. XII, cap. IV.

sôbre esta fundação devia elevar-se o edifício da gnose e o alimento do homem devia substituir o da criança. Nenhuma rudeza, nada de pouco caso na distinção estabelecida por Clemente, mas ùnicamente uma verificação feita com calma, por um espírito esclarecido.

Apesar de tôda a preparação do candidato; apesar da instrução e treinamento do discípulo, não é possível avançar senão passo a passo nas verdades transcendentes reveladas nos Mistérios; Clemente o dá claramente a entender no seu comentário da visão de *Hermas;* aqui ainda êle indica, com palavras veladas, certos métodos a seguir para a leitura das obras ocultas.

"O Poder que aparece na visão, a Hermas, sob a forma da Igreja, não lhe deu para transcrever o livro que Êle desejava fazer conhecer dos eleitos? Ora, êste livro, Hermas nos diz que o transcreveu literalmente, sem conseguir completar as sílabas. Devemos entender com isto que a Escritura não apresenta obscuridade para ninguém, quando é tomada no seu sentido mais simples e que esta fé representa a instrução rudimentar. Daí o emprêgo desta expressão figurada: *ler conforme a lêtra.* Enfim, nós compreendemos que a elucidação gnóstica das Escrituras, quando o desenvolvimento da fé já é considerável, é aqui comparada a uma leitura *conforme as sílabas*... Graças ao ensino dado pelo Salvador dos Apóstolos, a interpretação oral dos textos sagrados foi transmitida até nós e gravada, pelo poder de Deus, nos corações novos, de acôrdo com a renovação do livro. Eis porque os mais eminentes gregos consagravam a romã a Hermes, que, diziam êles, representa a palavra (os vocábulos têm necessidade de interpretação). Porque a palavra dissimula as coisas muito bem. A história de Moisés nos ensina que esta dificuldade de alcançar a verdade não existe apenas para os que lêem superficialmente, mas que a graça de contemplar esta verdade não é concedida de improviso, mesmo aos homens cuja prerrogativa está em conhecê-la. No dia em que pudermos contemplar, como os hebreus, a glória de Moisés, e como os profetas de Israel, as visões angélicas, nos tornaremos também capazes de encarar de frente os esplendores da verdade" [30].

---

(30) *Stromata* I, VI, cap. XV.

Poderíamos citar outros textos, mas o que precede basta para provar que S. Clemente conhecia a existência dos Mistérios na Igreja, aos quais foi admitido; enfim, que êle escrevia para os que tinham sido iniciados como êle.

Seu discípulo Orígenes vem, por sua vez, nos trazer seu testemunho — Orígenes, cuja erudição, coragem, santidade, devoção, humildade e ardor, iluminam o século e cujas obras subsistem como minas de ouro onde o investigador pode descobrir os tesouros da sabedoria.

Na sua famosa disputa contra Celso, o Cristianismo sofreu ataques que provocaram, da parte de Orígenes, uma defesa dos princípios cristãos; faz aí, muitas vêzes, menção dos ensinos secretos [31].

Celso, tendo atacado o Cristianismo, alegando que era um sistema secreto, Orígenes levanta-se contra essa opinião e declara que, se certas doutrinas eram secretas, muito outras eram públicas; e que êste sistema de ensinos exotéricos e esotéricos, adotado pelos cristãos, era usado igualmente pelos filósofos.

Nota-se, na passagem que se segue, a distinção estabelecida entre a ressurreição de Jesus, encarada sob o ponto de vista histórico e o "mistério da ressurreição".

"Ainda mais Celso, chamando, muitas vêzes, a doutrina cristã um sistema secreto, nos obriga a refutá-lo; porque, enfim, o mundo inteiro, ou quase todo, está mais ao corrente das doutrinas pregadas pelos cristãos do que das opiniões favoritas dos filósofos! Quem não sabe que Jesus nasceu de uma virgem; que foi crucificado; que sua ressurreição é um artigo de fé para muitas pessoas e que um juízo geral e final está anunciado, no qual serão punidos os maus como merecem ser recompensados os justos? E, entretanto, o Mistério da ressurreição, sendo mal compreendido, é levado ao ridículo pelos que não acreditam em nada. Nestas condições, é completamente absurdo chamar a doutrina cristã um sistema *secreto*. Se, por outro lado, certas doutrinas ocultas à massa são reveladas após o ensino

---

(31) O livro *Contra Celso* encontra-se no vol. X da Ante-Nicene Library. Os outros no vol. XXIII.

das doutrinas exotéricas, não devemos considerar êste fato como peculiar ao Cristianismo, porque o encontramos em todos os sistemas filosóficos, nos quais certas verdades são exotéricas e outras esotéricas. Entre os ouvintes de Pitágoras, uns contentavam-se com suas afirmações, enquanto outros eram secretamente instruídos nas doutrinas que não deviam ser comunicadas aos profanos e insuficientemente preparados. Demais, se os numerosos Mistérios, celebrados por tôda a parte, na Grécia e nos países bárbaros, são conservados secretos, daí se conclui o seu descrédito. Celso esforça-se, portanto, inùtilmente em caluniar as doutrinas secretas do Cristianismo, por não fazer êle uma idéia exata de sua natureza" [32].

Nesta passagem, é impossível negá-lo, Orígenes coloca nìtidamente os mistérios cristãos na mesma categoria que os do mundo pagão e suplica que não se torne em motivo de agressões uma tal maneira de agir, não condenada em outras religiões, pelo fato de existir o mesmo no Cristianismo.

Orígenes declara, opondo-se sempre às idéias de Celso, que a Igreja conserva os ensinamentos secretos de Jesus; invoca em têrmos precisos as explicações dadas por Jesus a Seus discípulos, em Suas parábolas, para responder à comparação estabelecida por Celso entre os Mistérios interiores da Igreja de Deus e o culto dos animais praticado no Egito. "Eu ainda não falei da observância de tudo o que está escrito nos Evangelhos, porque cada um dêles contém numerosas doutrinas de compreensão difícil, não só para a massa, mas também para certos espíritos mais inteligentes, *verbi gratia,* uma explicação mais profunda das parábolas dirigidas por Jesus aos *de fora,* parábolas das quais reservava a interpretação completa aos homens que tinham transposto o estágio do ensino exotérico e que vinham para êle em *particular, em casa.* Quando o leitor tiver compreendido isto, admitirá a razão que faz chamar a uns *de fora* e outros que estão *dentro de casa".*

Orígenes faz, em seguida, com palavras veladas, uma alusão à "montanha" galgada por Jesus, montanha da qual desceu

(32) Vol. X. *Origenes contra Celso,* cap. VII.

para ajudar "os que não O podiam seguir lá onde O acompanhavam Seus discípulos" [33].

Esta alusão refere-se à "Montanha da iniciação", expressão mística bastante conhecida. Moisés igualmente fêz o tabernáculo de acôrdo com a forma que lhe foi mostrada na montanha [34].

Mais adiante, Orígenes volta de nôvo, dizendo que Jesus apareceu "na Montanha muito diferente do que parecia ser aos que não O podiam seguir tão alto" [35]

No seu comentário do cap. XV do Evangelho segundo S. Mateus, Orígenes diz ainda, a propósito do episódio da mulher siro-fenícia: "Talvez certas palavras de Jesus sejam como pães que podemos dar exclusivamente, como as crianças, às pessoas mais desenvolvidas; outras são, de alguma forma, migalhas que vêm do palácio e da mesa dos grandes, migalhas que certas almas virão, como cães, levantar do chão."

Celso tendo achado mau que a Igreja recebesse pecadores, Orígenes responde-lhe: que a Igreja tem remédios para todos os doentes, como também para as almas cheias de saúde, tem o estudo e o conhecimento das coisas divinas. Ensina-se aos pecadores a não mais pecar; e quando êles fizeram progressos e foram "purificados pela Palavra, só então nós os convidamos a participar dos nossos Mistérios. Porque nós falamos da sabedoria entre os que são perfeitos" [36].

Os pecadores vêm implorar sua cura: "Porque há, na divindade da Palavra, recursos para os que são doentes... Outros ainda mostram aos homens puros de corpo e alma *a revelação do mistério que estava oculto desde o comêço do mundo, mas que hoje se manifesta pelos escritos dos profetas e pela aparição de Nosso Senhor Jesus Cristo.* Esta aparição manifesta-se a todo homem perfeito, iluminando-lhe a razão com o conhecimento verdadeiro das coisas" [37].

---

(33) *Origenes contra Celso I,* cap. XXI.
(34) Êxod. XXV, 40.
(35) *Origenes contra Celso* IV, cap. XVI.
(36) *Origenes contra Celso,* cap. LIX.
(37) *Origenes contra Celso,* cap. LXI.

Aparições semelhantes se produziam, como já observamos, nos Mistérios pagãos. Os Mistérios da Igreja eram igualmente visitados por Presenças gloriosas. "Deus, o Verbo, diz Orígenes, foi enviado aos pecadores como um médico, mas aos que já são puros e não pecam mais como um Mestre dos divinos Mistérios. A sabedoria não entrará na alma de um homem vil e absolutamente não habitará um corpo escravo do pecado."

Eis por que êstes ensinos superiores são exclusivamente dados aos que são "Atletas na piedade como em tôdas as virtudes".

Os cristãos não falavam dos seus conhecimentos aos impuros, mas diziam: "Um homem, tendo as mãos puras, eleva para Deus as mãos santas; por conseqüência, pode vir a nós... Um homem, sendo puro, não sòmente de qualquer mácula, mas ainda de transgressões consideradas como menos graves, pode fazer-se iniciar nos Mistérios de Jesus, os quais sòmente os santos e os puros deviam conhecer." É ainda por isso que, antes de começar a cerimônia da Iniciação, o personagem incumbido das funções de Iniciador, conforme os preceitos de Jesus, o Hierofante dirigia estas significativas palavras aos de coração purificado: "Aquêle cuja alma não tem, há muito tempo, consciência da prática do mal, e em particular se tem submetido à ação curativa da Palavra, que êste homem receba as doutrinas comunicadas, em segrêdo, por Jesus aos Seus verdadeiros discípulos."

Assim começava "a Iniciação aos Mistérios sagrados, dos homens já purificados" [38]. Só êstes podiam conhecer as realidades dos mundos invisíveis, só êles podiam penetrar no recinto sagrado, onde, como outrora, os anjos vinham ensinar e onde as lições eram dadas pela visão direta e não apenas pela palavra.

É impossível deixar de notar a diferença entre o tom dêstes cristãos antigos e os seus sucessores modernos. Para os primeiros, uma vida perfeitamente pura, a prática das virtudes, o cumprimento da Lei Divina em todos os detalhes da conduta exterior, a justiça irrepreensível não eram, como para os pagãos de então, senão o comêço do caminho, em vez de assinalar o seu têrmo.

---

(38) *Origenes contra Celso,* cap. LX.

Hoje, a religião é considerada como tendo atingido gloriosamente a sua finalidade, quando faz um Santo; outrora ela submetia os Santos a esforços supremos, e tomando pela mão os homens de coração puro, conduzia-os até à visão beatífica.

Orígenes faz menção ainda do ensino secreto quando discute os argumentos de Celso, referentes à oportunidade de conservar os costumes dos antepassados baseados na crença que "as diferentes regiões terrestres foram, desde o comêço, confiadas a Espíritos diretores e, assim, distribuídas entre certos Podêres governantes, modo pelo qual se procede a administração do mundo" [39].

Orígenes critica as deduções de Celso, e acrescenta: "Mas, sendo provável que certas pessoas, habituadas a levar mais longe suas investigações, aceitam as idéias dêste tratado, ousamos dar alguns bosquejos de caráter mais profundo, encerrando noções místicas e secretas referentes à partilha primitiva das diferentes regiões terrestres, das quais algumas são mencionadas na própria história grega." Orígenes cita, em seguida, o *Deuteronômio*, XXXII, 8-9: *Quando o Soberano dividiu as nações, e dispersou os filhos de Adão, firmou os limites do povo conforme o número dos filhos de Israel, mas a parte do Senhor foi seu povo, sendo Jacó e Israel o laço da herança.*

Êstes têrmos são da versão dos setenta e não da versão anglicana, mas parecem indicar que o nome de "Senhor" era dado ao Anjo Soberano dos judeus e não ao "Altíssimo", isto é, a Deus. A ignorância fêz perder de vista esta distinção; daí a inexatidão de muitas passagens referentes ao "Senhor", quando se fala do *Altíssimo*. Citaremos, como exemplo, *Juízes*, I, 19.

Orígenes conta, então, a história da Tôrre de Babel e continua nestes têrmos:

"Ainda havia, sob o ponto de vista místico, muito a dizer sôbre estas questões. Citamos, a propósito, a seguinte passagem de *Tobias*, XII, 7: *É bom guardar o segrêdo de um rei*, a fim de que a doutrina da descida das almas nos corpos (não falo da passagem de um corpo a outro) não seja dada aos espíritos vul-

---

(39) *Origenes contra Celso*, cap. XXV.

gares, nem as coisas santas aos cães, nem as pérolas lançadas aos porcos. Proceder assim seria ímpio e seria trair as misteriosas revelações da sabedoria Divina. Basta, entretanto, representar, no estilo de uma narração histórica, o que é destinado a oferecer, sob o véu da história, um sentido secreto, para que os que se mostrarem capazes consigam assimilar por si mesmos tudo o que se prende à questão" [40].

Orígenes interpreta, em seguida, de uma forma mais completa, a história da Tôrre de Babel: "Em segundo lugar, diz êle, todos os que podem compreender que as narrações feitas sob a forma histórica e que contêm certas coisas literalmente verdadeiras, apresentam um sentido mais profundo. . ." [41].

Depois de ter-se esforçado para mostrar que o "Senhor" era mais poderoso que os outros Espíritos diretores das diferentes regiões terrestres e que Êle havia expulsado Seu povo para expiar suas faltas sob o domínio de outras potências, fazendo-o voltar, em seguida, com tôdas as nações menos favorecidas, que se sujeitaram, Orígenes termina com estas palavras: "Como fizemos notar, é necessário perceber que temos falado com palavras veladas, a fim de pôr em foco os erros dos que afirmam. . ." [42], como o fêz Celso.

Mais longe, Orígenes observa que "o objeto do Cristianismo é nos fazer adquirir a sabedoria", e acrescenta: "Se agora tomardes os livros escritos depois da época de Jesus Cristo, vós vereis que estas multidões de crentes que escutam as parábolas, estão, por assim dizer, *do lado de fora;* não são senão dignos das doutrinas exotéricas; os discípulos, ao contrário, recebem em particular a explicação das parábolas. Com efeito, Jesus desvendou tudo, em segrêdo, aos Seus próprios discípulos, pondo acima do vulgo os que desejavam conhecer Sua sabedoria.

Prometeu também aos que nêle acreditam lhes enviar homens sábios e escribas. . .

Paulo, por sua vez, na enumeração dos *charismata* que Deus concede ao homem, põe em primeira linha a *Palavra da Sabe-*

(40) *Origenes contra Celso,* cap. XXIX.
(41) *Origenes contra Celso,* cap. XXIX.
(42) *Origenes contra Celso,* cap. XXXII.

doria; em segunda linha, como inferior, a *Ciência;* em terceira, enfim, a mais baixa, a *Fé.* E, porque êle considerava a *Palavra* como superior ao dom dos milagres, coloca o dom dos *milagres* e das *curas* abaixo dos dons da Palavra" [43].

Certamente, o Evangelho é um auxílio para os ignorantes, "contudo, a educação, o estudo dos melhores autores e a sabedoria são, não um obstáculo, mas um socorro para o homem que deseja conhecer Deus" [44]. Quanto aos pouco inteligentes, "eu me esforço em formá-los e instruí-los, apesar do meu desejo de não fazer entrar na comunidade cristã semelhantes elementos. Porque procuro, de preferência, os espíritos mais cultivados e capazes, pois êstes estão em condições de perceber o sentido das palavras obscuras" [45].

Encontramos aqui, claramente enunciadas, as antigas idéias cristãs; elas são idênticas às considerações apresentadas no primeiro capítulo desta obra. O Cristianismo está aberto aos ignorantes, mas não lhe é exclusivamente reservado; para os espíritos "cultivados e capazes", ensinamentos profundos.

É para êles que Orígenes se esforça em demonstrar que as Escrituras judaicas e cristãs apresentam um sentido oculto sob o véu de narração cujo sentido exterior é chocante e absurdo. Aqui faz êle alusão à serpente e à árvore da vida e às "narrações seguintes, cuja simples leitura bastaria para fazer compreender a um leitor cândido que tôdas estas coisas tinham, com razão, um sentido alegórico" [46].

Numerosos capítulos são consagrados às significações alegóricas e místicas, ocultas nas palavras do Antigo e Nôvo Testamento; Orígenes alega que Moisés, conforme o hábito dos egípcios, dava às suas histórias um sentido oculto" [47]. "O leitor deve encarar estas narrativas sem paixão nem preconceito", tal é, em resumo, o método de interpretação adotado por Orígenes: "Esforça-se, a não ser induzido em êrro, exercendo seu julgamento

---

(43) *Origenes contra Celso,* cap. XLVI.
(44) *Origenes contra Celso,* cap. XLVII.
(45) *Origenes contra Celso,* cap. LXXV.
(46) *Origenes contra Celso,* cap. XXXIX.
(47) *Origenes contra Celso,* cap. XXIX.

para descobrir, nas narrações, as de sentido figurado, procurando perceber o que os autores quiseram dizer com semelhantes invenções, recusando crédito a outras, porque apenas foram escritas para satisfazer a certas pessoas. Ora, nós dizemos isto por antecipação, de todos os escritos que formam os Evangelhos referentes a Jesus" [48].

Os exemplos de interpretação mística das narrativas bíblicas enchem uma boa parte do Livro IV; tôda a pessoa que desejar estudar esta questão deve lê-lo inteiramente.

No *De Principiis*, Orígenes nos diz que, conforme a doutrina da Igreja,, "as Escrituras têm por autor o Espírito de Deus e oferecem um sentido determinado, não ùnicamente aquêle que se descobre à primeira vista, mas ainda um outro que escapa à maioria dos leitores. Porque êstes vocábulos escritos são as formas de certos Mistérios e as imagens das coisas divinas. A êste respeito, a Igreja é unânime em pensar que, no seu conjunto, a lei é verdadeiramente espiritual, embora o seu sentido não seja de todos conhecido, apenas dos que receberam o Espírito Santo através da palavra de sabedoria e ciência." [49]

O leitor que se recorda das citações precedentes reconhecerá na "palavra de sabedoria" e na "palavra da ciência" os dois grandes ensinamentos místicos, espiritual e intelectual.

No quarto livro do *De Principiis*, Orígenes explica longamente como compreende a interpretação das Escrituras. Elas têm um "corpo", isto é, "o sentido ordinário e histórico", uma "alma" ou sentido figurado que pode ser percebido intelectualmente; finalmente, um "espírito", sentido interior e divino que só conhece aquêle que possui a "inteligência do Cristo".

Orígenes julga que os elementos heterogêneos e absurdos, introduzidos na história, têm por objeto excitar o leitor inteligente, obrigando-o a procurar uma explicação mais profunda.

Quanto aos leitores ingênuos, êstes lêem sem perceber as dificuldades [50].

---

(48) *Origenes contra Celso,* cap. XLII.

(49) Vol. X, *De Principiis,* p. 8.

(50) *De Principiis,* cap. I.

O cardeal Newman, no seu "Arianos do 4.º Século", faz algumas observações interessantes com relação à *Disciplina Arcani*, mas com o ceticismo inveterado do século XIX, não chega a crer completamente nas "riquezas da glória do Mistério", ou, sem dúvida, nem um só instante julgou possível a existência de tão maravilhosas realidades. Êle acreditava, entretanto, em Jesus, no Jesus cuja promessa é clara e categórica: *Eu jamais vos deixarei órfãos; eu voltarei. Ainda mais um pouco, e o mundo não me verá mais, porém vós me vereis; porque eu vivo e vós vivereis. Naquele dia, conhecereis que estou em meu Pai, e vós em mim, e eu em vós* [51]. Esta promessa foi literalmente cumprida, pois Êle voltou aos Seus discípulos e os instruiu nos Seus Mistérios; êles O viram ainda, embora o mundo não O visse mais e souberam que o Cristo estava nêles e que sua vida era a do Cristo.

O cardeal Newman admite a existência de uma tradição secreta, remontando aos Apóstolos, mas supõe que consistia em doutrinas cristãs divulgadas mais tarde; êle esquece que os homens declarados ainda incapazes de receber êste ensino não eram pagãos, nem mesmo catecúmenos ainda incompletamente instruídos, mas membros da Igreja Cristã admitidos aos sacramentos. Êle calcula que esta tradição secreta foi, mais tarde, "voluntàriamente espalhada por fora, e que se perpetuou sob formas simbólicas", sendo incorporada "nos credos dos primeiros Concílios" [52].

Mas esta tese é insustentável, porque as doutrinas dos credos se acham claramente enunciadas nos Evangelhos e nas epístolas, tendo sido tôdas anteriormente divulgadas; finalmente, essas doutriunas, os membros da Igreja já as possuíam inteiramente. Assim explicada, as afirmações, tantas vêzes repetidas, que havia um ensinamento secreto, não têm mais nenhum sentido.

O cardeal acrescenta, contràriamente ao que disse, que "tudo o que não recebeu um caráter de autenticidade, sejam profecias, sejam comentários sôbre as dispensações obtidas no passado, encontra-se, de fato, perdido para a Igreja" [53].

---

(51) S. João XIV, 18-20.

(52) *Loc. cit.* p. 55.

(53) *Loc. cit.* cap. I, 55-56.

Sob o ponto de vista da Igreja, isto muito provàvelmente é exato, mas também não é menos possível encontrar uma doutrina perdida.

O cardeal exprime-se nestes têrmos, com relação a Irineu, que, na sua obra *Contra as Heresias,* insiste muito na existência de uma tradição apostólica, na Igreja: "Êle fala do poder e da claridade das tradições conservadas na Igreja, tradições que contêm a verdadeira sabedoria dos perfeitos, mencionada por S. Paulo e que os gnósticos têm a pretensão de possuir. Não existem provas peremptórias da existência e da autoridade, nestes tempos primitivos, de uma tradição apostólica, mas é bem certo que uma tal tradição existiu, sendo admitido que os Apóstolos falaram nela, e que seus amigos a conheceram.

"É impossível acreditar que êles não tivessem organizado sistemàticamente a série das doutrinas reveladas, com mais ordem do que nos seus Escritos, desde o momento em que seus adeptos se viram expostos aos ataques e apreciações errôneas dos heréticos, a menos que não lhes tenha sido permitido fazê-lo, suposição que deve ser afastada. As declarações apostólicas assim motivadas teriam, muito naturalmente, sido conservadas, assim como outras verdades secretas menos importantes, às quais S. Paulo parece fazer alusão, e das quais os autores mais antigos reconhecem, mais ou menos, a existência, verdades relativas tanto aos tipos da Igreja judaica, como às perspectivas do futuro da Igreja Cristã. Semelhantes recordações dos ensinos apostólicos teriam, evidentemente, sido artigos de fé para os fiéis, aos quais foram comunicados: a menos que não se admita que, vindo de instrutores inspirados, êles não tivessem uma origem divina" [54].

Na parte de sua obra relativa ao método do "alegorizante", o cardeal diz ainda, achando no sacrifício de Isaque "o tipo da revelação do Nôvo Testamento". "Para corroborar esta observação, eu farei notar que parece ter existido [55], na Igreja, uma interpretação tradicional dêstes tipos históricos, interpretação que remonta aos apóstolos, mas relegada entre as doutrinas secretas,

(54) *Loc. cit.* págs. 54, 55.

(55) "Parece ter existido" é uma expressão fraca — admitindo as afirmações de Clemente e Orígenes, tais como já citamos.

como sendo perigosa para a maioria dos ouvintes. Sem dúvida, S. Paulo, na *Epístola aos Hebreus*, nos dá um exemplo de semelhante tradição e mostra não só sua existência, como também seu caráter secreto (apesar de sua origem judaica bem caracterizada), quando, depois de ter interrompido suas explicações e pôsto em dúvida a fé dos seus irmãos, lhes comunica, não sem hesitação, o sentido evangélico da narração referente a Melquisedeque, tal como é dada na Gênese [56].

As convulsões sociais e políticas, que marcaram o fim do Império Romano, começaram a torturar seu vasto organismo; os próprios cristãos foram atraídos na confusão tempestuosa dos interêsses pessoais.

Encontramos ainda, mencionados cá e lá, certos conhecimentos especiais dados aos chefes e instrutores da Igreja, ensinamentos dados pelos Anjos, as hierarquias celestes e outros mais. Ma a falta de discípulos qualificados levou à supressão dos Mistérios, que cessaram de ser uma instituição cuja existência era de todos conhecida, e os ensinos foram transmitidos, cada vez mais secretamente, às almas raras que, por seu saber, pureza e devoção, se mostravam ainda capazes de os receber. Nunca mais houve escolas que ensinassem os primeiros elementos e, com a sua desaparição, "a porta se fechou".

Entretanto, é possível descobrir, na Cristandade, duas correntes que se derivaram dos Mistérios desaparecidos: uma é a corrente da ciência mística que descende da Sabedoria, da gnose comunicada nos Mistérios; a outra é a corrente da contemplação mística, saída também da gnose, mas que conduz ao êxtase e à visão espiritual; mas, esta visão, sem o auxílio da ciência, raramente atinge o verdadeiro êxtase, ou, então, se perde numa multidão cambiante de formas sutis hiperfísicas, visíveis sob uma aparência objetiva pela visão interior; atraída prematuramente pelo jejum, vigílias e esforços contínuos de atenção, ela surge, na maioria das vêzes, dos pensamentos e emoções do visionário.

Mesmo que as formas percebidas não sejam pensamentos exteriorizados, são vistas através de uma atmosfera deforma-

---

(56) *Loc. cit.*, p. 62.

dora de idéias e de crenças preconcebidas e, por êste fato, perdem grande parte do seu valor. Certas visões foram, entretanto, visões das coisas celestes. Jesus apareceu, de fato, aos seus adoradores ferventes; anjos iluminaram muitas vêzes, com sua presença, a célula solitária do monge e da religiosa, a solidão do extático e do investigador, curvados para Deus.

Negar a possibilidade de experiências semelhantes seria solapar, nos seus fundamentos, as realidades nas quais os homens de tôdas as religiões têm, com tôda a *segurança, assentado sua fé* e que todo o ocultista conhece: a comunicação entre os Espíritos mergulhados na carne e os Espíritos cobertos de invólucros mais sutis, o contato entre as inteligências, apesar das barreiras físicas, a eflorescência, no homem, da Divindade, a certeza de uma vida além das portas da morte.

Nunca, no decorrer dos séculos que o separaram de sua origem, o Cristianismo estêve inteiramente privado de Mistérios. "Foi, provàvelmente, no fim do V século, no momento em que a filosofia antiga declinava nas Escolas de Atenas, que a filosofia especulativa do Neoplatonismo tomou pé definitivamente no pensamento cristão, graças às fraudes literárias do "pseudoDinis." As doutrinas do Cristianismo estavam já tão firmemente estabelecidas que a Igreja podia vê-lo sem inquietação, interpretar de uma forma mística e simbólica. Também o autor da *Theologia Mystica* e outras obras atribuídas ao Areopagita fêz, das doutrinas de Proclo, um sistema de Cristianismo esotérico. Deus é a Unidade, supra-essencial, sem nome, superior à própria Bondade. É, portanto, a *teologia negativa* que, elevando-se da criatura até Deus, afastando, um após outro, todos os atributos, nos conduz mais perto da verdade.

A volta a Deus é o aperfeiçoamento supremo e o fim indicado pelo ensino cristão.

Estas mesmas doutrinas foram pregadas, mas com fervor mais eclesiástico, por Máximo o Confessor (580-622).

Máximo representa a última atividade especulativa da Igreja Grega, mas a influência das obras do "pseudoDinis" foi transmitida ao Ocidente, no IX século, por Eriúgena, cujo gênio especulativo deu nascimento à escolástica e ao misticismo da

Idade Média. Eriúgena verteu para o latim não só a obra de Dinis, como também os comentários de Máximo; seu próprio sistema é, no fundo, idêntico aos dêles.

Eriúgena adota a teologia negativa e declara que Deus é um Ser sem atributos e que pode, não sem razão, ser chamado *Nada*. Do Nada ou essência incompreensível foi criado o mundo das idéias e das causas primárias. É o Verbo ou Filho de Deus. Nêle existem tôdas as coisas, se, pelo menos, tiverem uma existência real. Tôda existência é uma *teofania*. Deus, sendo o comêço de tôdas as coisas, também é o fim. Eriúgena ensina a volta a Deus de tôdas as coisas, sob a forma de *adunatio* ou *deificatio* de Dinis.

"Tais são os caracteres permanentes do que se pode chamar a filosofia do Misticismo de nossa era: as pequenas alterações que ela sofre, de século em século, não deixam de ser notáveis" [57].

No século XI, Bernardo de Clairvaux (1091-1153) e Hugo de Saint-Victor continuam a tradição mística, como também Ricardo Saint-Victor, no século XIII, S. Boaventura, o Doutor Seráfico e o grande S. Tomás de Aquino (1227-1274).

Tomás de Aquino domina a Europa da Idade Média, não só pela fôrça do seu caráter, como pelo seu saber e piedade. Êle vê, na "Revelação", a primeira fonte dos nossos conhecimentos, que se divide em dois canais, a Escritura e a Tradição; a influência do "pseudoDinis" evidente nas suas obras, liga-o aos Neoplatônicos.

A segunda fonte é a Razão, cujos escoadouros são a filosofia platônica e os métodos de Aristóteles. O Cristianismo não se felicitou desta última aliança, porque Aristóteles se torna obstáculo para o progresso do pensamento superior; as lutas sustentadas por Giordano Bruno, o Pitagórico, deveriam ser uma prova. Tomás de Aquino foi canonizado em 1323, e o grande dominicano ficou como tipo desta aliança entre a teologia e a filosofia, à qual consagrou sua vida.

---

(57) Artigo "Mysticism" Encyclop. Britannica.

Êstes homens pertencem à grande Igreja da Europa Ocidental; êles justificam sua pretensão de ter recebido em depósito a tocha santa da ciência mística.

Em tôrno dela, levantam-se numerosas seitas, julgadas heréticas, embora possuindo tradições exatas do ensino oculto; tais são os cátaros e ainda outras, perseguidas por uma Igreja ciosa de sua autoridade e temendo ver as pérolas santas cair em mãos profanas.

O século XIV vê ainda, em Santa Isabel da Hungria, irradiar a doçura e a pureza, ao passo que Eckhart (1261-1329), se mostra um digno herdeiro das Escolas de Alexandria.

Eckhart ensinava que "o Deus supremo é a essência absoluta, impossível de se conhecer, não só para o homem, mas para Si mesmo. Éle é a obscuridade, a privação absoluta de todo o atributo determinado, o *Nicht* oposto ao *Icht* ou à existência definida e compreensível. Entretanto, Êle encerra potencialmente tôdas as coisas; Sua natureza é de alcançar, por um processo triádico, a consciência de Si mesmo, Deus tríplice e único. A criação não é um ato temporal, mas uma eterna necessidade da natureza divina. Eu sou tão necessário a Deus, gostava Eckhart de dizer, quanto Deus me é necessário. No meu conhecimento e no meu amor, Deus Se conhece e a Si mesmo Se ama [58].

A Eckhart sucederam, no XIV século, João Tauler e Nicolau de Basiléia, "o Amigo de Deus, no Oberland"; êles deram nascimento à Sociedade dos Amigos de Deus, verdadeiros místicos, continuadores da antiga tradição.

Mead faz notar que Tomás de Aquino, Tauler e Eckhart sucederam ao "pseudoDinis", êste a Plotino, Jâmblico e Proclo, êstes últimos, enfim a Platão e Pitágoras [59].

Tal é o laço que une, através das idades, os fiéis da Sabedoria. Um "Amigo" foi, sem dúvida, o autor da *Die Deutsche Theologie;* esta obra de devoção mística teve a fortuna estranha de ser aprovada por Staupitz, o Vigário-Geral dos Agostinhos,

---

58) Artigo "Mysticism" Encyclop. Brit.

(59) Orfeus, págs. 53-54.

que a recomendou a Lutero; êste a aprovou e a publicou em 1516, como sendo um livro para se colocar ao lado da Bíblia e os escritos de S. Agostinho de Hipona.

Um "Amigo" ainda, Ruysbroeck, cuja ação, junta à de Groot, deu nascimento à ordem dos Irmãos da Sorte comum ou da Vida comum, Sociedade para sempre memorável por ter contado entre seus membros o príncipe dos místicos, Tomás A. Kempis (1380-1471), autor da imortal *Imitação de Cristo.*

Nos dois séculos seguintes, o lado puramente intelectual do misticismo é mais acentuado do que o lado extático que domina fortemente nas sociedades do XIV século. Encontramos nesta época o cardeal Nicolau de Cusa, Giordano Bruno, o cavaleiro-mártir da filosofia, e Paracelso, o sábio tantas vêzes caluniado, que bebeu diretamente seus conhecimentos na fonte-mãe, no Oriente, e não em seus canais selênicos.

O século XVI viu nascer Jacob Böhme (1575-1614), "o remendão inspirado", um Iniciado atravessando, na verdade, um período obscuro, cruelmente perseguido por homens ignorantes.

Apareceram, nesta época, também S. Teresa, a mística espanhola que sofreu tantas opressões e sofrimentos; S. João da Cruz, chama ardente de profunda devoção; finalmente, S. Francisco de Sales. Sábia foi a Igreja Romana canonizando-os, mais sábia do que a Reforma, que perseguiu Böhme. Mas o espírito da Reforma sempre foi profundamente antimístico, e por onde passava o seu sôpro, as flôres delicadas do misticismo murchavam, como queimadas pelo vento sudeste.

Roma, depois de ter cruelmente atormentado Teresa, canonizou-a depois de sua morte! mas desconheceu Mme Guyon (1648-1717), uma verdadeira mística.

No século XVII, Miguel de Molinos (1627-1696), digno êmulo de S. João da Cruz, mostrou a devoção exaltada de um místico, sob uma forma particularmete passiva: o Quietismo.

No século XVII, apareceu, ainda, a Escola dos Platônicos de Cambridge, da qual Henry More (1614-1687) foi notável representante. Viveram por essa época Tomás Vaughan e Roberto Fludd, o Rosa-Cruz, e formou-se a *Philadelphian Society.*

William Law (1686-1761), cuja carreira ativa pertence ao século XVIII, pôde conhecer Saint Martin (1748-1803). As obras dêste último exerceram fascinação sôbre muitos investigadores do século XIX [60].

Não esqueçamos Cristiano Rosenkreutz (morto em 1484), cuja sociedade mística da Rosa-Cruz, fundada em 1514, possuiu o verdadeiro conhecimento e cujo espírito se encontra no "Conde de São Germano", êste personagem misterioso que aparecia e desaparecia na sombra, sob os clarões lívidos do XVIII século, já moribundo. Devemos levar em conta certos místicos *Quakers*, esta seita dos "Amigos", tão perseguidos que imploravam espiritualidade à Luz Interior e cujo ouvido ouve sem cessar a *Voz de Dentro*.

Houve muitos outros místicos ainda, "dos quais o mundo não foi digno", como esta verdadeiramente encantadora e sábia Mãe Juliana de Norwich, que viveu no século XIV. Eram cristãos de elite, pouco conhecidos, mas que justificavam o Cristianismo no mundo.

Saudemos, com respeito, êstes Filhos da Luz, que emergem, cá e lá, no curso dos séculos, mas, é fôrça reconhecer que não possuíam esta união estreita de inteligência penetrante e ardente devoção que o treinamento dos Mistérios concedia; não obstante, nos admiramos da sublime exaltação espiritual que os envolvia, lamentando, contudo, que tão raros dons não tenham sido melhor desenvolvidos por esta magnífica *disciplina arcani.*

Afonso Luís Constant, mais conhecido sob o pseudônimo de Eliphas Levi, exprimiu-se em têrmos assaz justos, com relação ao desaparecimento dos Mistérios e à necessidade de restabelecê-los.

Diz êle: "Uma grande infelicidade aconteceu ao Cristianismo. Fraudando os Mistérios, os falsos gnósticos (por gnósticos eu entendo *os que sabiam,* os Iniciados do primitivo Cristianismo) levaram a Igreja a rejeitar a gnose, afastando-a das verdades supremas da Cabala, que continha todos os segredos da teo-

---

(60) Devemos êstes detalhes ao artigo "Mysticism", na Encyc. Britannica.

logia transcendente. Que a ciência absoluta, que a razão mais elevada volte ao patrimônio dos condutores dos povos; que a arte sacerdotal e a arte real empunhem o duplo cetro das iniciações antigas, e mais uma vez o mundo social surgirá do caos. Cessai de queimar as santas imagens, pois ainda faltam, aos homens, templos e imagens; mas expulsai os mercenários da casa de orações. Que os cegos deixem de conduzir cegos. Reconstituí a hierarquia da inteligência e da santidade. Reconhecei, enfim, os que sabem como mestres dos que crêem". [61]

As Igrejas retomarão, ainda em nossos dias, o ensino místico, os Mistérios Menores; prepararão assim seus filhos para o restabelecimento dos Mistérios Maiores; chamarão de nôvo à terra os Instrutores angélicos tendo por Hierofante o Mestre Divino — Jesus? — Desta pergunta depende o futuro do Cristianismo.

---

(61) *The Mystery of Magic,* por A. E. Waite, págs. 58-60.

CAPÍTULO IV

O CRISTO HISTÓRICO

No cap. I, mostramos os pontos idênticos comuns a tôdas as religiões dêste mundo. Vimos que o estudo destas crenças, símbolos, ritos, cerimônias, histórias e festas comemorativas idênticas fêz nascer uma escola moderna que lhes dá uma fonte comum: a ignorância humana, e uma interpretação ingênua dos fenômenos naturais. Estas identidades forneceram armas para ferir uma a uma, tôdas as religiões; e os ataques mais acerbos dirigidos contra o Cristianismo e a existência histórica do seu fundador foram extraídos desta fonte.

No momento de abordar, agora, o estudo da vida do Cristo — o estudo do Cristianismo, dos seus sacramentos, das suas doutrinas — seria perigoso ignorar os fatos acumulados pela Mitologia Comparada; compreendidos como devem ser, êstes fatos cessam de ser adversários para se tornarem aliados.

Como acabamos de ver, os Apóstolos e seus sucessores não hesitavam em admitir, no Antigo Testamento, um sentido alegórico e místico muito mais importante do que o sentido histórico — sem, entretanto, negar êste — e não punham nenhuma dúvida em ensinar aos fiéis instruídos, que algumas destas narrativas, aparentemente históricas, eram, no fundo, puramente alegóricas.

A necessidade de bem compreender êste fato é ainda maior ao estudarmos a história de Jesus, apelidado de Cristo — porque, se descurarmos de deslindar os fios confusos da meada, e não descobrirmos onde os símbolos são tomados por fatos e as alegrias por verídicas histórias, a narração perderá para nós

o que oferece de mais instrutivo e — o que ela tem de mais raro — sua empolgante beleza.

Não seria demasiado insistir sôbre êste fato que o Cristianismo ganha — em vez de perder — quando, conforme a exortação do Apóstolo, a ciência vem se ajuntar à fé e à virtude [1]. Certas pessoas têm mêdo de enfraquecer o Cristianismo permitindo que a razão intervenha no seu estudo, como acham "perigoso" reconhecer nos acontecimentos, considerados até hoje como históricos, um sentido mais profundo — mítico ou místico.

Ora isto seria, ao contrário, fortificar o Cristianismo, permitindo ao estudante descobrir, com alegria, que a pérola inestimável brilha muito mais quando a camada de ignorância desaparece, deixando ver suas verdadeiras côres.

Atualmente, duas escolas se defrontam, cuja rivalidade obstinada tem por objeto a história do grande Instrutor Hebreu. Para os primeiros, não há, nos relatos de Sua vida, senão mitos e lendas, tendo por finalidade explicar certos fenômenos naturais, vestígios de uma forma pitoresca de apresentar certos fatos — de inculcar aos espíritos ignorantes algumas classificações notáveis de acontecimentos naturais que, por sua importância, se prestam ao ensinamento moral.

Os partidários desta maneira de ver formam uma escola bem definida, contando entre seus membros muitos homens de grande cultura e inteligência; uma multidão de pessoas menos instruídas fazem-lhe o cortejo e insistem com imoderado ardor nas suas idéias mais subversivas. Esta escola tem como rivais aquêles cuja fé é o Cristianismo ortodoxo; para êstes, tôda a vida de Jesus está na história, sem mistura de elementos lendários ou míticos; êles afirmam que aí devemos ver ùnicamente a biografia de um homem, filho de Palestina, há dezenove séculos, ao qual aconteceu tudo o que os Evangelhos contam; estas narrações não são, para êles, senão os anais de uma vida simultâneamente divina e humana.

As duas escolas são, portanto, irreconciliáveis — uma afirmando que tudo é legendário — a outra mantendo que tudo

(1) II S. Pedro, I, 5-6.

é histórico. Numerosas opiniões intermediárias, denominadas "livre-pensamento", consideram os Evangelhos como uma mistura de história e legendas, embora não procurem modo algum de interpretação precisa e racional — uma explicação sequer dêste conjunto complexo.

Encontramos também, no seio da Igreja Cristã, considerável número cada vez crescente de cristãos fiéis, piedosos e cultivados, homens e mulheres dotados de uma fé sincera e de aspirações religiosas, mas que vêem, nos Evangelhos, mais do que a história de um Homem Divino. Apoiados nas Escrituras, êles afirmam que a história de Jesus encerra um sentido profundo e mais importante que o sentido superficial e — sem negar o caráter histórico de Jesus — sustentam que O CRISTO é mais que Jesus-homem e que Êle tem um sentido místico. Baseiam sua opinião nas palavras de S. Paulo: *Meus queridos filhos, por quem sinto novamente as dores do parto até que o Cristo seja formado em vós* [2].

S.Paulo não fala, evidentemente, aqui, de um Jesus histórico — mas de uma manifestação da alma humana, onde êle vê a formação do Cristo.

Noutro trecho, o mesmo Instrutor declara que, mesmo que conhecesse o Cristo segundo a carne, não mais o conhecia desta maneira [3]; êle nos dá a concluir que, embora reconhecendo o Cristo segundo a carne — Jesus — êle elevou-se a uma concepção superior que faz desaparecer a do Cristo histórico .

Muitos dos nossos contemporâneos inclinam-se para esta maneira de ver e, em presença dos fatos reunidos pela Religião Comparada, desconcertados pelas contradições dos Evangelhos, se chocam a problemas que não poderão resolver enquanto permanecerem presos ao sentido superficial das Escrituras; e exclamam, desesperados, que a *lêtra mata e o espírito vivifica,* procurando descobrir um sentido vasto e profundo numa narração tão antiga quanto as religiões da terra e que foi sempre o centro e a alma de cada uma das religiões onde ela reaparece.

---

(2) Gál. IV, 19.
(3) II Corínt. V, 16.

Êstes pensadores, que desbastam seu caminho — demasiado isolados uns dos outros e muito indecisos ainda para que sejam considerados como formando escolas — parecem, de uma parte, estender a mão aos que vêem, por tôda a parte, lendas, pedindo-lhes aceitar uma base histórica; de outra, êles previnem seus irmãos cristãos contra um perigo cada vez maior — o de perder inteiramente o sentido espiritual ao se agarrarem ao sentido literal e único que o progresso da ciência contemporânea não mais permite defender.

Sim, arriscamos perder "a história do Cristo" com esta concepção do Cristo que mantém e inspira milhões de almas belas, tanto no Oriente como no Ocidente. Pouco importa que o Cristo receba nomes diferentes ou que seja adorado sob outras formas; receamos deixar escapar a pérola preciosa e ficarmos para sempre pobres.

O que é necessário, para desviar êste perigo, é separar os diferentes fios da história do Cristo e colocá-los lado a lado — o fio histórico, o fio legendário e o fio místico. Êstes fios foram reunidos em um só, o que trouxe grande mal para os espíritos sérios; separando-os, nós descobrimos que o saber, longe de o depreciar, tornará mais preciosa a narração evangélica e que, através desta narração, como por tudo o que está baseado na verdade, quanto mais viva fôr a luz, mais ela revelará belezas.

Estudaremos primeiramente o Cristo histórico, depois o Cristo mítico e, em terceiro lugar, o Cristo místico — e verificaremos que a fusão de elementos tirados dêstes três aspectos nos dá o Jesus Cristo das Igrejas. Os três contribuem para constituir a Figura grandiosa e patética que domina soberanamente sôbre as emoções e o pensamento dos cristãos — o Homem da Dor, o Salvador, Aquêle que ama todos os homens, o Senhor.

O CRISTO HISTÓRICO
OU JESUS CURADOR E INSTRUTOR

O fio da biografia de Jesus pode ser separado, sem dificuldade, de dois outros aos quais se prende; facilitaremos o seu estudo, reportando-nos aos anais do passado que as pessoas competentes podem verificar por si mesmas e dos quais certos detalhes,

referentes ao Mestre Hebreu, foram dados ao mundo por H. P. Blavastky e outros, todos competentes em matéria de investigação oculta.

Muitos leitores serão, sem dúvida, tentados em criticar o emprêgo do vocábulo "competente" ao tratar-se de ocultismo.

Entretanto, esta expressão significa simplesmente uma pessoa que, por estudos e um treinamento todo particular, conseguiu adquirir conhecimentos especiais e desenvolver em si mesmo faculdades que lhes permitem exprimir uma opinião baseada sôbre um conhecimento pessoal e direto do objeto com o qual se ocupa. Nós dizemos que Huxley é competente em biologia, que o vencedor num concurso de matemática é competente nessa matéria ou que Lyell é competente em geologia. Nós podemos, igualmente, chamar competente, em ocultismo, a um homem que conseguiu — primeiramente, se aprofundar intelectualmente em certas teorias fundamentais concernentes à constituição do homem e do universo — em seguida, desenvolver em si mesmo as faculdades superiores que permitem estudar a natureza em suas mais obscuras operações.

Um homem pode nascer com disposições para as matemáticas e, cultivando essas disposições durante anos, desenvolver consideràvelmente suas faculdades de matemática.

Igualmente, podemos nascer com certas faculdades peculiares à Alma e desenvolvê-las por um treinamento e uma disciplina determinada. Consagrando essas faculdades ao estudo dos mundos invisíveis, tornamo-nos competentes em Ciência oculta e podemos verificar, à vontade, os anais de que já falei acima. Estas verificações são inacessíveis às pessoas ordinárias, exatamente como uma obra de matemática, escrita em símbolos matemáticos, é um livro fechado para os que ignoram esta ciência.

O homem nascido com certa disposição e que a desenvolve, consegue adquirir as noções correspondentes; aquêle que nasce sem disposições especiais ou que, possuindo-as, não as cultiva, deve-se resignar a ficar ignorante.

Tais são as condições, por tôda a parte impostas, a quem quer se instruir; elas aplicam-se ao Ocultismo como a qualquer outra ciência.

Os anais ocultos confirmam, em certos pontos, a narração dos Evangelhos e a contradizem em outros; êles nos mostram a vida de Jesus e permitem libertá-la dos mitos que a envolvem.

O menino, cujo nome hebreu foi mudado no de Jesus, nasceu na Palestina, no ano 105 antes de Jesus Cristo, sob o consulado de Publius Rutilius Rufus e Cnæus Mallius Maximus. Seus pais eram pobres, mas de boa família; foi instruído no conhecimento das Escrituras Hebraicas; seu fervor religioso e uma precoce gravidade natural decidiram seus pais a consagrá-lo à vida religiosa e ascética. Depois de uma permanência em Jerusalém — onde o rapaz revelou extraordinária inteligência e o ardor em se instruir, indo ao Templo e procurando o contacto com os doutôres — foi enviado ao deserto da Judéia meridional para ser aí educado numa comunidade essênia.

Na idade de dezenove anos, entrou para o mosteiro essênio, que ficava situado perto do monte Serbal — mosteiro muito freqüentado pelos sábios que iam da Pérsia e das Índias para o Egito; uma biblioteca magnífica de obras ocultas — das quais algumas originárias da Índia Trans-Himalaia — existia nêle. Dêste asilo de erudição mística, Jesus transportou-se, mais tarde, para o Egito. A doutrina secreta, que era a alma da seita essênia, tendo-lhe sido inteiramente comunicada, êle recebeu, no Egito, a iniciação, tornando-se discípulo da única Loja, cuja tradição sublime remontava ao seu grande Fundador.

O Egito, até então, permanecera, para o mundo, um dos centros onde se guardavam os verdadeiros Mistérios, dos quais os mistérios semipúblicos não eram senão um pálido e longínquo reflexo. Os Mistérios històricamente conhecidos como egípcios eram a sombra da realidade "sôbre a Montanha" [4], e foi no Egito que o jovem hebreu recebeu a consagração solene, que o preparou para o Sacerdócio Real que devia atingir mais tarde.

Sua pureza sôbre-humana, sua transbordante devoção eram tais, que, na virilidade plena de sua graça, êle se elevava de maneira extraordinária acima dos ferozes ascetas entre os quais

---

(4) *Origenes contra Celso,* cap. XVI.

tinha sido criado, derramando sôbre os judeus severos que o rodeavam o perfume de uma sabedoria acompanhada de ternura e suavidade — tal como uma roseira em flor, transplantada para o deserto, aí espalhando seus eflúvios embalsamados sôbre a planície estéril. O encanto dominador de sua imaculada pureza envolvia sua fronte como um radioso halo, e suas palavras, embora raras, respiravam sempre a doçura e o amor, despertando, nas naturezas mais rudes, uma doçura momentânea, e, nas mais inflexíveis, uma sensibilidade passageira.

Jesus viveu, assim, durante vinte e nove anos de sua existência mortal, crescendo em graça. Esta pureza excepcional e êste fervor religioso tornaram Jesus — homem e discípulo — digno de servir de templo e habitação a um Poder mais augusto, a uma Presença imensa. A hora tinha soado em que se ia produzir uma destas manifestações Divinas que, periòdicamente, vêm ajudar a humanidade quando se faz mister uma impulsão nova para apressar a evolução espiritual dos homens, quando aparece no horizonte uma nova civilização. Os séculos iam dar nascimento ao mundo ocidental, e a sub-raça teutônica ia levantar o cetro imperial que a mão desfalecida de Roma deixara cair. Antes do seu advento, um Salvador do Mundo devia aparecer e abençoar o Hércules-criança, ainda no berço.

Um poderoso "Filho de Deus" ia encarnar-se na terra — um Instrutor Supremo, *cheio de graça e verdade* [5], um ser no qual habitaria, no mais alto ponto, a Sabedoria Divina, verdadeiramente "o Verbo" feito carne, uma torrente de Luz e de Vida superabundantes, *uma fonte* de onde jorraria em ondas a vida.

O Senhor de tôda a Compaixão e de tôda a Sabedoria — tal é Seu nome — deixando as Regiões Secretas, apareceu no mundo dos homens. Faltava-lhe um tabernáculo humano, uma forma, o corpo de um homem; ora ,onde achar um homem mais digno de abandonar seu corpo por um ato de renúncia, alegre e voluntária, a um Ser diante do qual os Anjos e os homens se inclinavam com a mais profunda veneração — do que êste

(5) C. João I, 14.

Hebreu entre os Hebreus o mais puro — o mais nobre dos "Perfeitos", cujo corpo sem mancha e caráter diamantino eram como a flor da humanidade? O homem, Jesus apresentou-se voluntàriamente ao sacrifício, "ofereceu-se sem mácula" ao Senhor do amor, que tomou êste jovem invólucro para tabernáculo e o habitou durante três anos de vida mortal.

Esta época é assinalada, nas tradições dos Evangelhos, pelo Batismo de Jesus, quando o Espírito Santo se mostra *descendo do céu como uma pomba e ficando sôbre Êle* [6], e uma voz celestial exclama: *"Êste é meu filho bem-amado; escutai-o."* Jesus, verdadeiramente "o Filho bem-amado no qual o Pai põe tôda a sua afeição" [7], Jesus "pôs-se desde logo a pregar" [8] e foi êste maravilhoso mistério: "Deus manifestado em carne" [9]. Jesus é Deus, mas Êle não está só, porque: "Não está escrito na vossa lei: — *Eu disse: vós sois deuses? Se a lei chamou "deuses" a quem a palavra de Deus foi dirigida, se a Escritura não pode ser rejeitada, como podeis dizer àquele a quem o Pai consagrou e enviou ao mundo "tu blasfemas"*, porque disse: "Eu sou filho de Deus?" [10].

Os homens são verdadeiramente todos deuses pelo Espírito que nêles habita; mas o Deus supremo não se manifesta em todos, como neste Filho bem-amado do Altíssimo.

Podemos, com justiça, dar a esta Presença assim manifestada, o nome de "Cristo"; é êste que vem sob a forma de Jesus-homem, percorrendo as montanhas e as planícies da Palestina, ensinando e curando, rodeado de discípulos escolhidos entre as almas mais adiantadas. O encanto raro do Seu amor soberano, que espalhava em tôrno de Si como raios de um sol, atraía-lhe os sofredores, os desanimados da vida; a magia sutilmente terna de Sua sabedoria cheia de beleza tornava mais puras, nobres e belas as vidas que entravam em contacto com a Sua.

Por parábolas e por uma linguagem luminosamente imaginada, instruía as multidões ignorantes que se comprimiam em

---

(6) S. João I, 32.
(7) S. Mateus III, 17.
(8) S. Mateus IV, 17.
(9) I Timót. III, 16.
(10) S. João X, 34-36.

tôrno dêle e, pondo em jôgo as fôrças do Espírito puro, curava numerosos doentes pela palavra ou pelo contacto, reforçando as energias magnéticas de Seu corpo imaculado com a fôrça irresistível de Sua Vida interior.

Abandonado por seus irmãos essênios, entre os quais, a princípio, tentou desenvolver sua missão (cujos argumentos hostis à Sua resolução de viver uma vida laboriosa e de amor formam a narrativa da tentação), porque levava ao povo a sabedoria espiritual, considerada por êles como seu mais precioso tesouro, e também porque seu amor sem limites acolhia os deserdados do mundo, dirigindo-se, nos mais humildes como nos mais elevados, ao Rei Divino. Não percebia se acumularem em tôrno de Si as nuvens do ódio e da suspeita. Os doutôres e magistrados do povo começaram a olhá-lo com inveja e cólera; Sua espiritualidade era, para o materialismo dêles, uma censura constante; Seu poder, a demonstração tática, mas permanente, da fraqueza dêles.

Três anos após o Seu batismo, a tormenta, que O ameaçava, desencadeou-se, e o corpo humano de Jesus expiou o crime de ter servido de santuário à gloriosa Presença de um Instrutor mais do que humano.

O pequeno grupo de discípulos escolhidos, aos quais Jesus havia confiado o depósito das Suas instruções, ficou privado da presença física de seu Mestre, antes de ter assimilado Sua doutrina — mas eram almas já desenvolvidas, prestes a receberem a Sabedoria e capazes de a transmitir aos homens menos adiantados. O mais impressionável era "o discípulo que Jesus amava"; jovem, fervoroso e profundamente devotado a seu Mestre, êle partilhava do Seu espírito de inesgotável amor. S. João representou, durante o século que se seguiu à partida física do Cristo, o espírito de devoção mística que aspira ao êxtase, à visão do Divino, à união com Êle. S. Paulo, ao contrário, o grande Apóstolo que chegou mais tarde, representa, nos Mistérios, o lado da Sabedoria.

O Mestre não esqueceu Sua promessa de volta a êles, quando o mundo não o visse mais [11] e, durante mais de cinqüenta

(11) S. João XIV, 18-19.

dias, os visitou, revestido do Seu corpo espiritual sutil, continuando as lições iniciadas quando vivia com êles e educando-os no conhecimento das verdades ocultas. A maioria dos discípulos habitava em comum, em um lugar situado nos confins da Judéia; sem despertarem a atenção entre as numerosas comunidades, semelhantes, na aparência, à dêles, estudavam as verdades profundas que o Mestre lhes tinha ensinado e desenvolviam em sua alma "os dons do Espírito". Estas lições, começadas quando Êle vivia fisicamente com os discípulos e continuadas depois do abandono do Seu corpo, formaram a base dos "Mistérios de Jesus", que já vimos guardados pela Igreja Primitiva e que serviram de núcleo aos elementos heterogêneos de onde saiu, mais tarde, o Cristianismo eclesiástico.

Possuímos, num fragmento notável intitulado *Pistis Sophia,* um documento do mais alto valor, que trata da doutrina secreta e escrito pelo famoso Valentino. Nesta obra, conta-se que, durante os onze anos que seguiram à Sua morte, Jesus instruiu Seus discípulos até "a região dos primeiros estatutos e até a região do primeiro mistério, do mistério que está por trás do véu" [12].

Êles não tinham ainda aprendido a divisão das ordens angélicas, das quais algumas são mencionadas por Inácio [13]. Em seguida, Jesus, estando "sôbre a Montanha" com Seus discípulos, depois de ter recebido suas vestes místicas, o conhecimento de tôdas as regiões e as Palavras de Poder que são as chaves delas, prosseguiu a instrução de Seus discípulos, fazendo-lhes esta promessa: "Eu vos tornarei perfeitos em tôda a perfeição, desde os mistérios do interior até os mistérios do exterior. Eu vos encherei do Espírito, e assim sereis chamados espirituais, perfeitos em tôda a perfeição" [14]. Então Jesus lhes falou da *Sofia* ou Sabedoria, e da sua tentativa de elevar-se até o Altíssimo, seguida da sua queda no seio da matéria, de seus apelos à Luz onde depositava sua fé; Êle disse que Jesus fôra enviado para os arrancar do caos, coroá-los com Sua luz e fazer cessar seu cativeiro. Falou-lhes, ainda, do Mistério supremo, inefável, o mais simples

(12) Valentino, trad. Mead. *Pistis Sophia,* I, 1.
(13) Ante, pág. 77.
(14) Ante, pág. 60.

e o mais claro de todos, embora o mais elevado, Mistério que só uma renúncia absoluta ao mundo permite conhecê-lo [15].

Êste conhecimento transforma os homens em Cristo, porque tais "homens são outros *Eu mesmo* e Eu sou êsses homens", e o Cristo é o mistério supremo [16].

Sabemos disto, os homens são "transformados em luz pura e são conduzidos ao seio da luz" [17]. E Jesus executou, para Seus discípulos, a grande cerimônia da Iniciação, o batismo "que conduz à morada da verdade e da luz", prescrevendo-lhes que o celebrassem, por sua vez, para outros, os que fôssem dignos: "Ocultai êste mistério, não o comuniqueis a todos, mas só a quem observar tôdas as coisas que eu vos disse nos meus mandamentos". [18].

Depois disto, a instrução estando completa, os apóstolos voltaram ao mundo para pregar, ajudados sempre pelo Mestre. Ora, êste mesmos discípulos e seus primeiros companheiros guardaram de memória tôdas as palavras e parábolas que ouviram pronunciar em público pelo Mestre e reuniram, com grande zêlo, as narrações que puderam encontrar, redigindo-as igualmente e fazendo circular estas compilações entre os quais iam, pouco a pouco, se ligando à comunidade. Os resumos assim formados diferem entre si, pois cada membro da comunidade redigia a sua recordação pessoal, acrescentando o que achava de melhor nas narrações dos outros.

Os ensinamentos anteriores, dados pelo Cristo a Seus discípulos de elite, não foram pessoas julgadas dignas de os receber — a estudantes reunidos em comunidades pouco numerosas, a fim de levarem uma vida retirada, embora em contacto com o grupo central.

O Cristo histórico é, portanto, um Ser glorioso, pertencente à grande hierarquia espiritual que dirige a evolução da humanidade; Êle empregou, durante três anos, o corpo humano do

---

(15) Ante, II, 218.
(16) Ante, II, 230.
(17) Ante, 357.
(18) Ante, 377.

discípulo Jesus e consagrou o último dêstes três anos a ensinar em público, percorrendo a Samaria e a Judéia; curando doenças e cumprindo atos ocultos notáveis, cercou-se de um pequeno grupo de discípulos educados por Êle no conhecimento das verdades íntimas da vida espiritual; atraía os homens por Seu amor e doçura e pela alta sabedoria que respirava em Sua pessoa; finalmente, foi morto por blasfêmia por ter ensinado que a Divindade habitava nêle como em todos os homens. Êle veio a dar à vida espiritual dêste mundo uma nova impulsão, transmitindo a doutrina interessante e profunda do espírito, mostrando, mais uma vez ainda, à humanidade o caminho estreito que sempre existiu e que conduz ao "Reino dos céus", ensinando a Iniciação que leva ao conhecimento de Deus, que é a vida eterna, e fazendo entrar neste Reino alguns eleitos capazes de transmitir êste saber a outros.

Em tôrno desta Gloriosa Figura, amontoaram-se os mitos que ligam à longa série dos seus predecessores; êstes mitos dão, sob uma forma alegórica, a história de tôdas as trajetórias semelhantes, porque simbolizam a ação do Logos no Universo e a evolução superior da alma humana individual.

Não devemos supor que o Cristo cessou de agir sôbre os discípulos depois de ter instituído os Mistérios ou que se tenha limitado a fazer raras aparições. Êste Ser Poderoso, que tomara por veículo o corpo de Jesus e que, sem cessar, vela a evolução espiritual da 5.ª Raça, entregou a Igreja nascente nas mãos fortes do santo discípulo que Lhe sacrificara seu corpo. Ao atingir a perfeição da evolução humana, Jesus tornou-se um dos Mestres da Sabedoria e ficou encarregado da direção do Cristianismo, guiando-o, protegendo-o e fortificando-o. Era Êle o Hierofante dos Mistérios Cristãos, o Mestre direto dos Iniciados; era a Sua inspiração que alimentava, na Igreja, a chama da gnose, até o dia em que a multidão ignorante se tornou tão densa que o seu Sôpro bendito não pôde impedir que a chama se extinguisse. Era o seu trabalho paciente que dava a tantas almas a fôrça de suportar as trevas, e de conservar piedosamente a centelha da inspiração mística, a sêde de alcançar o Deus oculto. Era Êle que derramava ondas de verdade nas inteligências aptas a recebê-la — e de tal forma que as mãos, que se apertam através dos séculos, vão passando o archote do conhecimento sem que êle ja-

mais se apague. Era a sua Figura consoladora que se encontrava junto à roda do suplício e da chama das fogueiras, encorajando Seus mártires, os que confessavam seu Nome, enchendo o coração dêles com sua paz. Era Êle que avolumava a eloqüência dominadora de Savonarola, guiava a sabedoria de Erasmo, inspirava a Ética profunda de Spinosa, na sua divina embriaguez. Era Sua energia que impelia Rogério Bacon, Galileu, Paracelso, a sondarem a natureza. Era Sua beleza que atraía Fra Angélico, Rafael e Leonardo da Vinci, que inspirava o gênio de Michelangelo, que brilhava em Murilo, permitindo-lhes levantar estas maravilhas do mundo: o Domo de Milão, S. Marcos de Veneza e a catedral de Florença. Eram Suas harmonias que cantavam nas missas de Mozart, nas sonatas de Beethoven, nos *oratórios* de Handel, nas fugas de Bach, no austero esplenror de Brahms. Era Sua Presença que amparava os místicos solitários, os ocultistas perseguidos, os investigadores pacientes, no caminho da verdade.

Pela exortação ou pela ameaça — pela eloqüência de um S. Francisco e pelos sarcasmos de um Voltaire — pela doce submissão de um Tomás A. Kempis e pela rudeza viril de um Lutero, Êle se esforçou em instruir e despertar a santidade ou o afastamento do mal pelo sofrimento.

E, apesar de tantos séculos de luta, jamais deixou sem resposta ou sem consolação um só coração humano, cujo apêlo chegasse até Êle.

Hoje, ainda, Êle se esforça em desviar para o Cristianismo uma parte do grande rio da Sabedoria que deve descer sôbre a humanidade sequiosa; procura ainda, no seio das Igrejas homens capazes de ouvir a voz da Sabedoria e que possam responder-lhe, quando pedir mensageiros para transmiti-la no seu rebanho: "Estou aqui; enviai-me."

CAPÍTULO V

O CRISTO MÍTICO

Já vimos como a Mitologia Comparada tem servido de arma para combater as religiões; seus golpes mais perigosos foram dirigidos contra o Cristo. Seu nascimento de uma Virgem no "dia de Natal", o massacre dos inocentes, seus milagres e ensinamentos, sua crucificação e ressurreição, sua ascensão e os demais acontecimentos que sua história revela, tudo isto nos mostra a identidade de narrações com outras vidas, identidade que tem servido de argumento para levar à dúvida sua existência histórica.

No que se refere aos milagres e à doutrina, pouco diremos. A maioria dos Grandes Instrutores, nós o reconhecemos, executaram atos que, no mundo físico, parecem miraculosos aos seus contemporâneos, embora êsses fenômenos, como todos os ocultitas o sabem, sejam devidos ao emprêgo de faculdades próprias a qualquer Iniciado de um certo grau. Reconhecemos também que a doutrina de Jesus não lhe pertence exclusivamente; mas, se o estudante da Mitologia Comparada julga ter provado que a inspiração divina não existe, ao mostrar a identidade dos ensinos morais dados por Manu, Buda, Jesus, o ocultista declara que Jesus devia forçosamente repetir os ensinos de seus predecessores, por ser êle um enviado da mesma Loja.

As profundas verdades do Espírito divino e humano eram tão absolutas, vinte mil anos antes do nascimento de Jesus, na Palestina, como depois que Êle nasceu. Afirmar que o mundo estêve abandonado, privado de tais doutrinas e que o homem

viveu nas trevas morais desde sua origem até há vinte séculos, equivale a dizer que houve uma humanidade sem Mestres, filhos sem Pai, almas humanas que clamavam por luz, no seio de uma obscuridade de onde não vinha resposta alguma — idéia tão blasfematória para com Deus, como desesperadora para o homem, contraditada pela aparição de tantos Sábios, pela existência de literaturas sublimes durante milhares de anos do advento do Cristo.

Reconhecendo, portanto, em Jesus o grande Mestre do Ocidente, o mensageiro supremo enviado pela Loja ao mundo ocidental, resta-nos resolver uma dificuldade que desviou inúmeras pessoas do Cristianismo.

Por que é que se encontram, em religiões anteriores ao Cristianismo, as festividades comemorativas de acontecimentos passados na vida de Jesus e que recordam feitos idênticos da vida de outros Instrutores?

A Mitologia Comparada, que, nos tempos modernos, despertou a atenção pública para êstes assuntos, conta apenas um século de existência, pois teve origem quando apareceram a *História dos Diversos Cultos,* de Dulaure, a *Origem de Todos os Cultos,* de Dupuis, o *Pantheon Hindu,* de Moor, e o *Anacalypsis,* de Godfrey Hyggins. A estas obras seguiram-se outras, cada vez mais científicas e exatas na maneira de reunir e comparar os fatos, e hoje é impossível, para uma pessoa instruída, pôr em dúvida as identidades e semelhanças que por tôda a parte se apresentam.

Nenhum cristão, em nossos dias, desde que não seja ignorante, poderia sustentar que os Símbolos, cerimônias e ritos do Cristianismo, são únicos. Entre as pessoas sem instrução, vemos marchar, de par com a ignorância dos fatos, a sua fé ingênua, mas, fora desta categoria, nenhum cristão, embora o mais sincero, pode negar que o Cristianismo tem inúmeros pontos de contacto com as religiões mais antigas.

E sabemos, mesmo, que nos primeiros séculos "depois de Jesus Cristo", tais semelhanças eram conhecidas de todos e que a Mitologia Comparada moderna nada mais faz senão repetir, com mais precisão, o que era universalmente admitido na Igreja Primitiva.

Justino o Mártir, por exemplo, não se cansa em citar as religiões e, se um adversário moderno do Cristianismo quisesse reunir grande número de casos em que a doutrina cristã é idêntica às outras religiões mais antigas, bastaria recorrer aos apologistas do segundo século, os quais citam os ensinos, os símbolos e narrações pagãs, constantemente se apoiando no próprio fato da sua identidade ao Cristianismo, para mostrarem que se não deve rejeitar êstes últimos como inadmissíveis.

"Os autores, diz Justino, que nos transmitiram os mitos dos poetas não fornecem, aos jovens que os estudam, provas de espécie alguma. Quanto a nós, vamos demonstrar que êles são devidos à inspiração dos maus demônios e destinados a enganar e desviar a raça humana. Porque, ao ouvirem proclamar pelos profetas a vinda do Cristo e o castigo pelo fogo dos homens ímpios, êstes demônios fizeram aparecer certos homens sob o nome de filhos de Júpiter, esperando, assim, dar a impressão de que o que se diz do Cristo não é senão um conto maravilhoso do mesmo gênero das narrações dos poetas."

"Na verdade, os demônios, tendo ouvido o profeta prescrever estas abluções, inspiraram, aos que penetram nos templos, oferecerem libações e holocaustos, e a idéia de aspersão exatamente idêntica; igualmente levaram os fiéis a se lavarem ao abandonar o templo."

"Os maus demônios imitam a ceia nos mistérios de Mitra e prescrevem celebrar-se um culto análogo" [1].

"Quanto a mim, eu rio-me ao descobrir o mau disfarce com que os espíritos malignos revestem as doutrinas divinas do Cristianismo, a fim de desviarem os homens."

Estas identidades, eram, portanto, consideradas como obra de demônios — como cópias dos originais cristãos espalhadas em profusão no mundo, anteriormente ao Cristo, para prejudicar a recepção da verdade, quando esta aparecesse. É bastante difícil ver, nas doutrinas mais antigas, cópias e nas mais recentes os originais — mas, sem discutir com Justino o Mártir, se as cópias precederam os originais, ou os originais às cópias, aceitamos seu

(1) Vol. II, Justino o Mártir, *Primeira Apologia*.

testemunho quando declara que estas identidades existiam entre as crenças espalhadas, nesta época, no Império Romano e a nova religião que êle próprio defendia.

Tertuliano é, igualmente, categórico, quando menciona nestes têrmos a objeção ao Cristianismo: "Os povos que não têm nenhuma noção do que o Espírito pode executar, atribuem aos seus ídolos a faculdade de comunicar à água propriedades idênticas."

"Eu reconheço o fato", respondeu Tertuliano francamente, "mas estas pessoas empregam, sem perceberem, uma água sem nenhuma eficácia. Certas abluções acompanham, com efeito, a iniciação nos ritos sagrados de Ísis ou Mitra bastante conhecidos; e aos próprios deuses honram com abluções... Nos jogos apolíneos e eleusinos, êles são batizados e julgam, assim, obter a regeneração e a remissão dos pecados devidos aos seus perjúrios. Nós reconhecemos o fato e verificamos aqui ainda o zêlo do demônio, procurando imitar as coisas de Deus, batizando êle próprio seus adeptos" [2].

Para resolver o problema destas identidades, é necessário estudar o Cristo Mítico — o Cristo dos mitos ou legendas solares — porque êstes mitos são formas pitorescas sob as quais foram dadas ao mundo certas verdades profundas. Ora, um *mito* não é o que geralmente se supõe, isto é, uma história fantástica fundada num fato real ou mesmo sem esta base. O mito é infinitamente mais verdadeiro que a história; a história apenas nos mostra uma sucessão de sombras e o mito nos fala dos corpos que as produzem. "O que está em cima é análogo ao que está embaixo." Podemos acrescentar que o que está em cima *precede* ao que está embaixo. Nosso sistema foi edificado segundo certos princípios admiráveis; êstes princípios são regulados por leis que lhes asseguram a aplicação detalhada; certos Sêres personificam êstes princípios e as leis são seus modos de ação. Inumeráveis sêres de grau inferior servem de veículos — ou agentes — instrumentos de suas atividades; entre êstes últimos encontram-se Egos humanos que lhes são associados nesta tarefa e representam um papel no grande drama cósmico. Todos êstes

(2) Tertuliano. *Do Batismo,* cap. V.

trabalhadores pertencentes aos mundos invisíveis projetam suas sombras na matéria física, e estas sombras são "coisas", os corpos, os objetos que compõem o universo físico. Estas sombras não dão senão uma pobre idéia dos objetos dos quais elas provêm; são as silhuetas que apenas se apresentam, sem detalhes, numa obscuridade uniforme, bastante amplas, mas sem profundidade.

A história é uma narração muito imperfeita, e quase sempre desfigurada, da dança caprichosa destas sombras, no mundo ilusório da matéria física.

E quem já viu funcionar uma lanterna mágica e comparou os movimentos executados por detrás do *écran,* onde se projetam as sombras, poderá fazer idéia aproximada da natureza ilusória das *sombras-ações* e deduzir algumas analogias sugestivas [3].

O mito é a narração dos movimentos dos que projetam suas sombras, e a linguagem empregada por esta narração é o que se chama linguagem simbólica. Aqui embaixo empregamos palavras para representar os objetos; a palavra "mesa", por exemplo, é o símbolo de um objeto conhecido.

Ora, nos planos superiores, os símbolos representam igualmente os objetos e formam um alfabeto pitoresco empregado por todos os autores de mitos, cada um possuindo um sentido determinado.

Um simbolo serve para representar certo objeto, assim como as palavras servem para distinguir os objetos entre si. O conhecimento dos símbolos é, portanto, necessário para ler um mito, pois os primeiros autores dos grandes mitos foram sempre Iniciados habituados a empregar a língua simbólica, usando símbolos num sentido fixo e convencional.

Um símbolo oferece um sentido principal e diferentes sentidos secundários que se ligam ao primeiro. O Sol, por exemplo, é o símbolo do Logos, eis um sentido principal. Mas o Sol assinala também uma encarnação do Logos — ou ainda um qualquer

---

(3) O estudante lerá com prazer as páginas de Platão sôbre a "Caverna" e seus habitantes lembrando-se que Platão era iniciado.

dos grandes Enviados que O representam momentâneamente — como um embaixador representa seu Rei. Os grandes Iniciados, encarregados de missões especiais, que se encarnam entre os homens e com êles vivem durante algum tempo, como Reis e Instrutores, seriam designados pelo símbolo do Sol. Individualmente falando, êste símbolo não lhes pertence, mas lhes é conferido por sua dignidade. Todos os que são representados por êste símbolo oferecem certas particularidades, e se encontram em certas situações conforme seu modo de atividade no decurso de suas vidas terrestres.

O Sol é a sombra física ou, como é chamado, o corpo do Logos; por conseqüência, o seu curso anual representa a atividade dêle, embora de modo imperfeito: tal uma sombra que representa os movimentos do objeto que a produz. O Logos, "o Filho de Deus" baixando ao plano material, tem por sombra o curso anual do Sol e esta verdade representa o *Mito Solar.*

Assim, também uma encarnação do Logos, ou de um dos seus grandes embaixadores, representar-se-á como uma sombra em seu corpo mortal, esta atividade do Logos. As biografias dêstes enviados oferecem, pois, forçosamente, pontos idênticos e, ainda mais, a ausência dêstes pontos indicaria imediatamente, que a pessoa em questão não é um embaixador com plenos podêres, mas de caráter menos importante.

Assim pois o Mito Solar é uma narração onde aparece, em primeiro lugar, a atividade do Logos ou Verbo no Cosmos e, em seguida, os fatos da vida de um Ser que é, ou uma encarnação do Logos ou de um dos Seus embaixadores. O Herói do mito é, geralmente, representado como um Deus ou semideus, e sua carreira será determinada pelo curso do Sol, por ser êste astro a sombra do Logos. A parte do trajeto percorrida durante a vida humana é a que cai entre o solstício de inverno e o ponto máximo do zênite no verão [4]. O Herói nasce no solstício de inverno, morre no equinóxio da primavera e, vencedor da morte, sobe ao céu.

---

(4) Estas legendas sendo orientais e européias, as estações também ficam acima do Equador.

A êste respeito é interessante citar o seguinte fragmento em que o autor, colocando-se no ponto de vista mais geral, encara o mito como uma alegoria que traduz verdades internas: "A legenda, diz Alfredo de Vigny, é, na maioria das vêzes, mais verdadeira que a história, porque não refere contos incompletos e abortivos, mas o próprio gênio dos grandes homens e de grandes nações." Êste belo pensamento pode-se aplicar admiràvelmente ao Evangelho, que não é apenas a narração do passado, mas a verdade de tudo o que existe e existirá eternamente. O Salvador do mundo será Sempre adorado pelos reis da inteligência, representados pelos Magos. Sempre Êle multiplicará o pão eucarístico para alimentar e reconfortar as almas; sempre, quando O invocarmos, à noite e no meio da tormenta, Êle virá a nós, andando sôbre as águas; sempre estenderá Sua mão para nos ajudar a transpor a crista das vagas; sempre há de curar nossos males e nos encher de luz; sempre, para seus fiéis, aparecerá luminoso e transfigurado, sôbre o Tabor, interpretando a lei de Moisés e moderando o zêlo de Elias" [5].

Como veremos, os Mitos estão intimamente ligados aos Mistérios, os quais consistiam, parcialmente, em mostrar em quadros animados os acontecimentos dos mundos superiores, que terminam tomando corpo nos mitos. Nos pseudomistérios, as reproduções incompletas dos quadros animados dos verdadeiros mistérios eram mesmo representadas em um drama e em cenas, por atôres. E muitos mitos secundários são precisamente êstes dramas postos em palavras.

Nada de mais claro, nestas linhas, do que a história do Deus Solar; sua vida laboriosa ocupa os seis primeiros meses do ano solar, sendo os seis últimos um período de proteção e de conservação gerais; nasce sempre no solstício do inverno, depois do dia mais curto do ano, à meia-noite, 24 de dezembro, quando o signo da Virgem se eleva acima do horizonte e, nascendo no momento em que surge êste signo, êle é sempre pôsto no mundo por uma virgem que conserva sua virgindade após o nascimento da Criança Solar, como a Virgo celeste permanece intacta e pura, quando, nos céus, dá nascimento ao Sol. A criança é

---

(5) *The Mystery of Magic*, por A. Waite, pág. 48.

fraca e débil como um recém-nascido, vindo ao mundo quando os dias são mais curtos e as noites mais longas (ao norte do Equador): a sua infância é rodeada de perigos, pois neste instante o reino das trevas é mais longo do que o seu; sobrevive, contudo, a todos os perigos que a ameaçam, e o dia se alonga à medida que se aproxima o equinóxio da primavera; finalmente, chega o momento de sua passagem, a crucificação, cuja data varia cada ano.

Certas esculturas representam o Deus Solar rodeado pelo círculo do horizonte; sua cabeça e seus pés tocam o círculo ao norte e ao sul, suas mãos estendidas alcançam a leste e a oeste. "Êle foi crucificado." Em seguida, eleva-se triunfante e sobe ao céu; amadurece a espiga e a uva, dando sua própria vida para formar sua substância e, por êles, o corpo dos seus adoradores. O Deus, nascido no alvorecer de 25 de dezembro, é sempre crucificado no equinóxio vernal e dá sua vida para alimentar seus adoradores. Tais são os caracteres mais importantes do Deus Solar. A data do nascimento é fixa, a da morte é variável, êste fato torna-se dos mais significativos, quando nos lembrarmos que a primeira responde a uma posição solar fixa e a segunda a uma posição variável.

A *Páscoa* é uma festa variável, calculada segundo as posições relativas do Sol e da Lua. Isto seria um modo impossível de fixar cada ano o aniversário de um acontecimento histórico, enquanto que é um modo muito natural, ou melhor inevitável, de calcular uma festa solar. Estas datas mudáveis não se referem à história de um homem, mas ao Herói do mito solar.

Os mesmos acontecimentos se encontram na vida dos diferentes Deuses Solares, e a antiguidade nos dá inumeráveis exemplos. A Ísis egípcia — como Maria de Belém — era Nossa Senhora Imaculada, Estrêla do Mar, Rainha do Céu, Mãe de Deus; vemo-la representada de pé sôbre o crescente, coroada de estrêlas; alimenta o jovem Hórus, e a cadeira em que está assentada, com o Filho sôbre os joelhos, traz uma cruz no encôsto. A Virgo do Zodíaco é representada, em certos desenhos antigos, por uma mulher amamentando uma criança, o que representa o tipo de tôdas as *Madonas* futuras com seus divinos filhos, e de onde se originou o símbolo; Devaqui é, igualmente, representada

tendo em seus braços o divino Crisna, como também Milita ou Istar em Babilônia, sempre com a coroa de estrêlas, e seu filho Tamuz nos joelhos. Mercúrio, Hércules, Perséias, os Diosouros, Mitras e Zaratustra eram todos de nascimento tanto divino como humano.

A relação entre o solstício de inverno e Jesus é igualmente significativo. O nascimento de Mitras era celebrado, no solstício de inverno, com grandes regozijos; Hórus também nasceu nesta data. "Seu nascimento é um dos grandes mistérios da religião egípcia. Nos tempos, encontram-se pinturas murais que o representam. Era filho da Divindade. Pelo Natal, exatamente correspondendo à nossa festa, sua imagem era levada fora do santuário com cerimônias especiais, como em Roma a imagem do Bambino é ainda conduzida fora das igrejas e exibia em público" [6]. Relativamente à escolha de 25 de dezembro como data do nascimento de Jesus, Williamson exprime-se nestes têrmos: "Todos os cristãos sabem que 25 de dezembro é, *agora*, a festa do nascimento de Jesus, mas poucas pessoas sabem que nem sempre foi assim. Cento e trinta e seis datas diferentes foram escolhidas por diversas seitas cristãs. Lightfoot coloca êste acontecimento a 15 de setembro, outro em fevereiro ou agôsto. Epifânio menciona duas seitas, sendo que uma celebrava o Natal em junho, a outra em julho. A questão foi definitivamente resolvida pelo Papa Júlio I, em 337, e S. Crisóstomo, escrevendo em 390, diz: "Êste dia, 25 de dezembro, em Roma, acaba de ser escolhido como o do nascimento de Cristo, a fim de que os pagãos, ocupados com suas cerimônias (as brumélias, em honra de Baco), deixem os cristãos celebrar seus próprios ritos sem serem molestados." Gibbon, na *Decadência e Queda do Império Romano,* diz também: "Os romanos (cristãos), tão ignorantes como seus irmãos com relação à data do nascimento do Cristo, escolheram, para festejá-la, o 25 de dezembro, *no momento das brumélias do solstício de inverno, nas quais os pagãos celebram cada ano o nascimento do Sol.*" King, em *Gnostic and their Re-*

---

(6) Benwick, *Egyptian Belief,* pág. 157. Citada na *Great Law,* de Williamson.

mains, diz também: "*A antiga festa celebrada a 25 de dezembro,* em honra do nascimento do Ser Invencível [7], e assinalada por grandes jogos no Circo, *foi, depois, transferida para comemorar o nascimento do Cristo, cuja data certa, como confessam numerosos Padres da Igreja, era então, como hoje, desconhecida.*" Em nossos dias, segundo o Cônego Farrar: "*Todo o esfôrço para descobrir o mês e o dia da Natividade tem sido inútil. Não existem dados que nos permitam determiná-los, mesmo de maneira aproximada.*" Podemos concluir, do que precede, que a festa do solstício de inverno foi, na antiguidade, celebrada nos países mais afastados uns dos outros, em honra do nascimento de um Deus que se chama, quase invariàvelmente, um *Salvador* e cuja mãe é chamada Virgem imaculada. Enfim, as notáveis semelhanças de que demos exemplo, não só entre os nascimentos, como também entre as vidas dêsses Deuses-Salvadores, são muito mais numerosas para se explicar por uma simples coincidência" [8].

No que concerne ao Buda, é possível verificar a maneira pela qual a um mito se liga um personagem histórico. A história de sua vida é bastante conhecida e, na maioria das narrações indianas, seu nascimento é simplesmente o de um homem; mas, segundo a versão chinesa, Êle nasceu de uma Virgem — Maia-devi — como que o mito arcaico fêz dêle um nôvo Herói.

Conta-nos Williamson que, entre os povos célticos, se acendem fogueiras sôbre as colinas; êstes fogos, que os irlandeses e os montanheses da Escócia chamam Bheil ou Baaltine, trazem, assim, o nome de Bel, Bal ou Baal — a antiga divindade dos celtas — o Deus-Sol — embora êles sejam, agora, dedicados ao Cristo. Sob êste ponto de vista, a festa do Natal não poderia senão apresentar novos motivos de regozijo e um caráter mais sagrado, pois que os servidores do Cristo, vendo nela a reprodução de antiga solenidade, a encontrariam no mundo inteiro, desde os tempos mais remotos.

---

(7) A festa "Natalis Solis Invicti", o dia do nascimento do Invencível Sol.

Williamson — *Great Law*, págs. 40-42.

Os sinos do Natal ressoam através da história da humanidade, e a noite dos tempos nos envia o eco das suas harmonias vibrantes.

Não é a posse exclusiva, mas a aceitação universal que dá o sinal distintivo da verdade.

A data da morte — como já dissemos — não é fixa como a do nascimento. A primeira é calculada segundo as posições relativas do Sol e da Lua no equinóxio da primavera, que varia cada ano, e a morte de todos os Heróis Solares é celebrada nesta época. O animal que simboliza o Herói é o signo do Zodíaco, no qual o Sol atinge o equinóxio vernal; ora êste varia conforme a precessão dos equinóxios. Na Assíria, Oanes tinha por signo Pisces, o Peixe; era considerado por esta forma. Mitra coincide com Tauro. Osíris era adorado sob a forma de Osíris-Ápis ou Serápis — o Touro.

Em Babilônia, Merodache era adorado sob a forma de um Touro — como o era Astartéia, na Síria. Quando o Sol está em Áries — o Carneiro ou Cordeiro — Osíris é representado sob a forma do Cordeiro; assim também Astartéia e Júpiter Ámnon, e é ainda o mesmo animal que se torna o símbolo de Jesus, o Cordeiro de Deus. Encontra-se por tôda a parte esculpido, nas catacumbas, o Cordeiro como símbolo de Jesus; Êle é quase sempre assim representado apoiando-se na cruz.

Williamson diz a êste respeito: "O Cordeiro acabou por ser representado na cruz, mas foi durante o sexto sínodo de Constantinopla, reunido em 680, que se decidiu substituir o símbolo primitivo por uma figura humana crucificada. Êste decreto foi confirmado pelo Papa Adriano I."

O Peixe, símbolo dos mais antigos, é igualmente aplicado a Jesus, e assim Êle é representado nas catacumbas.

A morte e a ressurreição do Heros Solar no equinóxio da primavera, ou perto dêle, se encontram tão amplamente difundidas como seu nascimento no solstício do inverno. É o momento em que Osíris, abatido por Tífon, é representado no círculo do horizonte, os braços estendidos, como um crucificado. Esta atitude indicava primitivamente não o sofrimento, mas a bênção. Cada ano, no equinóxio da primavera, a morte de Tamuz é

chorada em Babilônia e na Síria; igualmente, na Síria e na Grécia para Adônis, na Frígia para Átis, "representado sob a forma de um homem cravado com um cordeiro aos pés" [9]. A morte de Mitra era celebrada de maneira análoga na Pérsia, e a de Baco e Dionísio — um só e mesmo herói — na Grécia. No México, encontramos a mesma idéia, como de ordinário, acompanhada da cruz.

Em todos êstes países, ao luto pela morte, sucedem-se imediatamente os regozijos pela ressurreição. Notemos, a propósito, o interessante fato que a palavra "Easter" (páscoa em inglês), como verificaram os investigadores, se deriva de Istar, virgem e mãe de Tamuz imolado. É igualmente significativo observar que o jejum que precede à morte, no equinóxio vernal — a quaresma — se encontra no México, em Babilônia, na Assíria, no Egito, na Pérsia, na Ásia Menor; em certos casos, a sua duração é igualmente de quarenta [10] dias.

Nos Pseudomistérios, a história do Deus-Sol era representada sob a forma de um drama; nos antigos Mistérios, o Iniciado a reproduzia em sua própria vida; eis porque os "mitos" solares e os grandes fatos da Iniciação se encontram enlaçados e confundidos. Eis porque, quando Cristo, o Mestre, se torna o Cristo dos Mistérios, as legendas dos Heróis mais antigos, celebradas nestes Mistérios, se ligam a Êle, renovando, assim, as velhas narrações, e que os mais recentes Instrutores divinos representam mais uma vez o Logos solar. Então a festa de Sua natividade torna-se a data imemorial em que o Sol nasceu de uma Virgem, e a alegria dos exércitos celestes enche o céu da meia-noite, cantando:

"Muito cedo, muito cedo, Cristo nasceu..."

A grande legenda do Sol tendo-se ligado à pessoa do Cristo, o signo do Cordeiro torna-se o da Sua crucificação, como o da Virgem ficou sendo o da Sua natividade. Vimos que, se o Touro era consgrado a Mitra e o Peixe a Oanes, o Cordeiro o era ao

---

(9) *The Great Law*, pág. 56.
(10) *The Great Law*, págs. 120-123.

Cristo. A razão é sempre a mesma: o Cordeiro era o signo do equinóxio vernal, na época histórica em que Êle transpôs o grande círculo do horizonte e foi "crucificado no espaço".

Êstes Mitos Solares, que se repetem através das idades, cada vez com um herói de nome diferente, não podem ser desconhecidos ao estudante, embora êles possam, muito naturalmente, ser ignorados pelo adorador. E quando são empregados como arma para destruir a majestosa figura do Cristo, é necessário não negar o fato, mas fazer compreender o sentido do profundo destas narrações e verdades espirituais, expressas veladamente por estas legendas.

Por que se combinam estas legendas com a história de Jesus? Por que se condensam em tôrno dêle, personagem histórico? Estas narrações não se referem de modo particular a um indivíduo chamado Jesus, mas ao Cristo universal — o homem simbolizando um Ser Divino e representando uma verdade natural fundamental — a um homem investido de uma certa função gloriosa, colocado diante da humanidade em certas condições características, tendo com ela relações particulares que se renovam de idade em idade, à medida que as gerações se sucedem e as raças se renovam.

Jesus é, portanto, como todos os Seus predecessores, o "Filho do Homem", título particular e distintivo, o de um ofício e não o de um indivíduo. O Cristo do Mito Solar era o Cristo dos Mistérios e nós encontramos no Cristo mítico o segrêdo do Cristo místico.

CAPÍTULO VI

O CRISTO MÍSTICO

Chegamos, agora, ao sentido mais profundo da história do Cristo, sentido que lhe dá o verdadeiro poder sôbre o coração humano. Aproximamo-nos desta inesgotável vida que brota das profundezas de invisível manancial, cuja esplêndida corrente dimana dAquele que a representa e, pela virtude dêste batismo, todos os corações procuram pelo Cristo e sentem mais fácil rejeitar os fatos históricos do que negar o que reconhecemos intuitivamente como uma verdade essencial e suprema de sua vida divina. Vamos transpor o pórtico sagrado que dá acesso aos Mistérios, e assim podemos levantar uma ponta do véu que oculta o santuário aos nossos olhos.

Como já vimos, encontramos por tôda a parte, mesmo nas épocas remotas, a existência de uma doutrina secreta que é transmitida a candidatos aceitos, sob condições severas, pelos Mestres de Sabedoria. Eram êstes candidatos iniciados nos "Mistérios", nome que compreendia, na antiguidade, tudo o que há de mais espiritual em religião, de mais profundo em filosofia, de mais precioso em ciência. Por êstes "Mistérios", passaram todos os grandes Instrutores dos tempos antigos, entre os quais os maiores foram os Hierofantes. Os que se destinavam a falar à humanidade dos mundos invisíveis, já tinham passado o limiar da Iniciação e aprendido o segrêdo dos lábios dos Santos Sêres; todos vinham acompanhados da mesma história, traziam as mesmas versões dos mitos solares, idênticos em sua essência, embora diferentes pela côr local.

Esta narração é, em princípio, a descida do Logos ao seio da matéria. É com razão que o Logos tem por símbolo o Deus-Sol,

porque o Sol é seu corpo e Êle é, muitas vêzes, chamado "O que habita no Sol". Sob um dêstes aspectos, o Cristo dos Mistérios é o *Logos descendo à matéria,* e o grande Mito do Sol é esta suprema verdade sob a forma do ensinamento popular. Como sempre acontece — Instrutor Divino, que traz a Sabedoria Antiga e novamente a proclama ao mundo, é considerado como uma manifestação especial do Logos — e o Jesus das Igrejas torna-se gradualmeste o centro das narrações que pertencem a êste Ser sublime. Jesus identificou-se assim, na nomenclatura cristã, com a Segunda Pessoa da Trindade — o Logos ou Verbo Divino [1], e as grandes datas de que fala o Mito do Deus-Sol tornaram-se datas da história de Jesus, considerado como a Divindade encarnada — como "o Cristo místico".

Assim como, no universo, ou macrocosmo, o Cristo dos Mistérios representa o Logos, a Segunda Pessoa da Trindade — também, no homem, ou microcosmo, Êle representa o segundo aspecto do Espírito Divino no homem — chamado, por esta razão, "o Cristo".

O segundo aspecto do Cristo dos Mistérios é, portanto, a vida do Iniciado, a vida que se abre ao postulante, após a primeira grande Iniciação que assinala o nascimento do Cristo no homem. No decorrer dela, o Cristo nasce no homem, e, mais tarde, nêle se desenvolve. Para tornar isto mais inteligível, é necessário considerar as condições impostas ao candidato que se apresenta à Iniciação e também a natureza do Espírito no homem.

Sòmente os bons, humanamente falando, os que se conformam com a lei de amor de uma maneira absoluta, poderiam ser considerados como candidatos à Iniciação. *Puros, santos, sem mancha, sem pecado, vivendo sem transgressão,* tais são os epítetos que lhes eram aplicados. Demais, deviam ser inteligentes, com faculdades mentais bem desenvolvidas e exercitadas.[2] A evo-

---

(1) V. sôbre êste assunto o comêço do Evangelho de S. João. O têrmo Logos (a Palavra), aplicada ao Deus manifestado que modela a matéria — tôdas as coisas foram feitas por Êle — é platônico e deriva-se diretamente dos Mistérios. Mesmo antes de Platão, a palavra *Vak* — a voz — teve a mesma origem, na Índia.

(2) *Ante,* págs. 90, 99, e 126.

lução que, nas vidas sucessivas, tem por teatro o mundo; o desenvolvimento e a submissão das faculdades intelectuais, das emoções, do senso moral; as lições das religiões exotéricas; o cumprimento dos deveres como meio de aperfeiçoamento; os esforços para ajudar e elevar o próximo, tudo isto constitui a vida ordinária do homem que evolui.

Quando já executou tudo isto, tornou-se "bom" — o *Chrêstos* dos gregos — e esta qualidade deve ser adquirida antes de poder tornar-se o "Christós", o Ungido. Depois de ter chegado a viver uma vida virtuosamente exotérica, está em condições de ser candidato à esotérica, para começar a preparar-se à Iniciação, isto é, a satisfazer determinadas condições. Estas condições mostram as qualidades que devemos adquirir e, enquanto lutamos para incorporá-las em nós, já pisamos — conforme uma expressão empregada — no Caminho da Provação — a senda que leva à "Porta estreita", que dá acesso ao "Caminho estreito", ao "Caminho da Santidade", ao "Caminho da Cruz".

Não é indispensável que o candidato desenvolva estas qualidades de um modo perfeito, mas deve tê-las bastante adiantadas antes que o Cristo possa nascer em si, preparando, assim, a morada pura desta Criança Divina que vai crescer dentro dêle.

A primeira destas qualidades, tôdas mentais e morais, é o *Discernimento*. O discernimento significa a distinção entre o Eterno e o Temporário — entre o Real e o Ilusório — entre o Celeste e o Terrestre.

As coisas visíveis são por pouco tempo, mas as invisíveis são *eternas,* diz o Apóstolo[3]. Os homens são vítimas de uma ilusão permanente causada pelo mundo visível que os impede de perceber o invisível. O postulante deve aprender a distinguir entre êstes dois mundos; o que é irreal, para o mundo, deve tornar-se real para êle, porque é a única maneira de *caminhar* pela fé e não com a vista[4]. É assim, ainda, que o homem se torna um daqueles de quem fala o Apóstolo neste versículo: *O alimento*

---

(3) II Corínt. IV, 18.
(4) II Corínt. V, 7.

sólido é para os homens feitos, por terem na prática exercitado as faculdades de discernir o que é bom e mau .

O sentimento da falta de realidade deve produzir nêle o *Desgôsto* pelo ilusório e passageiro, êstes ressaibos da existência, impróprios para satisfazerem a fome senão dos porcos [6]. Êste estágio é descrito por Jesus em têrmos enérgicos: — *Se alguém vier a mim e não aborrecer seu pai, sua mãe, sua mulher, filhos e irmãos, e ainda também sua própria vida, não pode ser meu discípulo* [7].

Dura é, na verdade, esta sentença, mas dêste aborrecimento nascerá um amor mais profundo, mais verdadeiro; é necessário passar por êle para atingir a Porta Estreita. O postulante deve, em seguida, aprender a *dominar seus pensamentos* e, por êles, fazer-se *senhor das suas ações,* pois que, com a visão interior, o pensamento e a ação fazem um só todo: — Quem olhar para uma mulher com desejo, já cometeu com ela o adultério em seu coração [8]. É necessário adquirir a faculdade de *suportar o mal com resignação,* porque os que aspiram seguir "o Caminho da Cruz" deverão afrontar longas e amargas decepções e sofrimentos, suportando-os como se êles vissem *Aquêle que é invisível* [9].

Às qualidades que precedem, devemos juntar a Tolerância — para ser filhos d*Aquele que faz nascer o Sol sôbre os maus como sôbre os bons, fazendo cair a chuva sôbre justos e injustos* [10] — discípulo d*Aquele* que pediu aos Apóstolos que não impedissem de fazer uso do seu nome, mesmo a quem não o tomasse como Mestre [11].

O postulante deve ainda adquirir a *Fé,* para a qual nada é impossível [12] e o *Equilíbrio* descrito pelo Apóstolo [13]. Deve

---

(5) Hebr. V, 14.
(6) S. Lucas, XV, 16.
(7) S. Lucas, XIV, 26.
(8) S. Mateus V, 27.
(9) Hebr. XI, 27.
(10) S. Mateus V, 45.
(11) S. Lucas XI, 49.
(12) S. Mateus XVII, 20.
(13) II Corínt. VI, 8-10.

enfim desejar *as coisas que estão no alto* [14] e ansiar com ardor pela felicidade de ver Deus e de se unir a Êle[15].

Quando já fêz entrar estas qualidade em seu caráter, a pessoa é considerada prestes à Iniciação, e os Guardiães dos Mistérios lhe abrirão a Porta Estreita. É assim — mas ùnicamente assim — que ela se torna candidato pronto para ser aceito.

O Espírito que habita o homem é o dom do Deus Supremo, que em si contém os três aspectos da Vida Divina — Inteligência, Amor e Vontade — por ser a imagem de Deus. No curso de sua evolução, começa por desenvolver o aspecto *Inteligência,* isto é, suas faculdades mentais — e esta evolução se executa na vida diária. Êste desenvolvimento, levado a um alto grau e paralelamente ao desenvolvimento moral, conduz o homem à condição de candidato.

O segundo aspecto do Espírito é o Amor; sua evolução é a do Cristo.

Nos verdadeiros Mistérios é que se pode obter esta evolução; a vida do discípulo é o Drama dos Mistérios, e as frases são assinaladas pelas Grandes Iniciações. Para mostrar os Mistérios no plano físico, costumava-se representá-los de um modo dramático, e as cerimônias copiavam, sob diferentes aspectos, "o modêlo" sempre seguido "sôbre a Montanha" — porque elas eram sombras, numa época de decadência, das formidáveis Realidades do mundo espiritual.

O Cristo Místico é, portanto, duplo — a princípio o Logos, Segunda Pessoa da Trindade, que desce à matéria — em seguida, o Amor ou segundo aspecto do Espírito Divino evoluindo no homem. Um representa os processos cósmicos executados outrora; é a raiz do Mito Solar; o outro representa um processo que se passa no indivíduo — fase última da evolução humana, que determinou a aparição, no mito, de novos e numerosos detalhes; ambos se encontram na narração dos Evangelhos, e sua união nos apresenta a Imagem do "Cristo Místico".

---

(14) Coloss. III, 1.

(15) S. Mateus, V, 8.

Consideremos, primeiro, o Cristo Cósmico, isto é, a Divindade que se envolve de matéria, a encarnação do Logos, o Deus feito "carne".

A matéria destinada a formar nosso sistema solar, tendo sido separada da que enche o oceano incomensurável do espaço, recebe, da Terceira Pessoa da Trindade, o Espírito Santo, sua vida que a anima e lhe permite tomar forma. A matéria, condensada, é, em seguida, modelada pela vida do Segundo Logos ou Segunda Pessoa da Trindade que se sacrifica, encerrando-se nos limites materiais e assim se tornando o "Homem Celeste"; em Seu Corpo tôdas as formas existem — de Seu Corpo, tôdas as formas fazem parte. Tal é o processo cósmico representado dramàticamente nos Mistérios; nos verdadeiros Mistérios é mostrado tal como se deu no espaço; nos Mistérios do plano físico é representado por meio de métodos mágicos ou outros, e para certos detalhes mesmo por atôres.

Os processos são claramente indicados na Bíblia. *Quando o Espírito de Deus se movia sôbre as águas* — nas trevas que *estavam na face do abismo*[16] — o imenso abismo da matéria não tinha forma alguma, estava vazio no princípio. A Forma lhe foi dada pelo Logos — a Palavra, da qual se escreveu: *Tôdas as coisas foram feitas por Ela, e nada foi feito sem Ela*[17]. Como disse Leadbeater em têrmos admiráveis: "O resultado desta primeira emanação (o movimento do Espírito) é o despertar desta vitalidade inaudita, maravilhosa, que penetra tôda a matéria, embora esta pareça inerte à nossa visão física, tão imperfeita; os átomos dos diversos planos, eletrizados por ela, desenvolvem atrações e repulsões, até então latentes, que entram em tôdas as combinações"[18].

Só quando termina o trabalho do Espírito, o Logos, o Cristo Cósmico e Místico, pode revestir-se de matéria; entra, então, verdadeiramente, no seio da Virgem — no seio da Matéria ainda virgem e improdutiva. Esta matéria fôra vivificada pelo Espírito Santo, que — pairando acima da Virgem — nela verteu sua

---

(16) Gên. I. 2.

(17) S. João I, 3.

(18) Credo Cristão, pág. 34.

vida, preparando-a, assim, para receber a vida do Segundo Logos. Êste toma-a, então, para veículo de Sua energia. É assim que o Cristo se encarna e se faz carne; — "Tu não desprezaste o seio da Virgem."

Nas traduções latina e inglêsa do texto original grego do Símbolo de Nicéia, e na passagem que exprime o período da descida do Cristo, as preposições foram trocadas e, com elas, o próprio sentido. O texto original diz: "...e foi encarnado *do* Espírito Santo e da Virgem Maria", enquanto que a tradução diz: "...e foi encarnado *pelo* Espírito Santo, *da* Virgem Maria"[19].

O Cristo "não se reveste apenas da matéria virgem, mas também da matéria já impregnada, palpitante de vida do Terceiro Logos (o Espírito Santo); e de tal forma que a vida e a matéria O envolvem como de uma dupla vestimenta"[20]. Tal é a descida do Logos na matéria, descrita como o nascimento do Cristo de uma Virgem; ela se torna, no Mito Solar, o nascimento do Deus-Sol, no momento em que se levanta o signo Virgo.

Então começa a ação do Logos sôbre a matéria. No Mito, o símbolo dêste período primitivo é a infância do Herói. O majestoso poder do Logos curva-se a tôdas as debilidades da infância, manifestando-se quase nada nas formas frágeis de que ela é a alma.

A matéria aprisiona e parece querer sufocar seu Rei-criança, cuja glória é velada pelos limites impostos por Êle mesmo. Lentamente, Êle a modela para um destino sublime. Êle a conduz à maturidade e estende-se sôbre a cruz da matéria, a fim de poder derramar, da cruz, tôdas as energias da Sua vida sacrificada.

Eis o Logos do qual Platão diz que é como uma cruz estendida sôbre o universo: o Homem Celeste de pé no espaço, os braços abertos para abençoar; o Cristo crucificado, cuja morte na cruz da matéria impregna tôda a matéria de Sua Vida.

---

(19) Credo Cristão, págs. 57-58.
(20) Credo Cristão, pág. 59.

Parece morto e sepultado, mas se levanta, revestido da própria matéria no seio da qual parecia ter sucumbido, e transporta ao céu Seu corpo material, agora radioso, onde recebe a vida que emana do Pai, tornando-se o veículo das vidas humanas imortais. É a vida do Logos que forma a vestimenta da alma humana; esta vestimenta lhe é dada para que o homem viva através das idades e alcance "o estado de homem feito", atinja à Sua própria estatura. Somos, na verdade, revestido por Êle — a princípio materialmente, depois espiritualmente. Êle sacrificou-se para levar muitos dos seus filhos à glória e, por isso, está sempre conosco até o fim das idades.

A crucificação de Cristo é, portanto, uma parte do grande sacrifício cósmico. A representação alegórica desta crucificação, nos mistérios do plano físico, e o símbolo sagrado do homem crucificado no espaço, se materializam a ponto de tornar-se uma verdadeira morte sofrida na cruz e em um crucifixo trazendo um ser humano expirando.

Foi então que esta história — hoje a de um homem — foi aplicada ao Instrutor Divino, Jesus, e se tornou a história de sua morte física — enquanto que o nascimento da criança de uma virgem, a infância cercada de perigos, a ressurreição e ascensão tornaram-se igualmente incidentes de Sua vida humana. Os Mistérios desapareceram, mas suas representações grandiosas e empolgantes da obra cósmica executada pelo Logos realçaram a figura venerada do Instrutor da Judéia; o Cristo Cósmico dos Mistérios fica, assim, sob os traços do Jesus histórico — a Figura Central da Igreja Cristã. Há ainda mais. Outro fato dá à História do Cristo um caráter de fascinação suprema: é que, nos Mistérios, êle é ainda um Cristo, ìntimamente ligado ao coração humano — o Cristo do Espírito humano — o Cristo que existe em cada um de nós, que aí nasce e aí vive, é crucificado, ressuscita dentre os mortos e sobe ao céu, no meio dos sofrimentos e do triunfo de todo o "Filho do Homem".

A vida de todo o iniciado nos verdadeiros Mistérios — nos Mistérios Celestes — está consignada, em suas grandes linhas, na biografia dos Evangelhos. Eis porque S. Paulo fala, como já vimos, do nascimento, da evolução e da completa maturidade do Cristo no discípulo. Todo homem é potencialmente um

Cristo; e o desenvolvimento, nêle, da vida do Cristo, segue, de um modo geral, a narração dos Evangelhos nos incidentes principais; mas êstes, como vimos, têm um caráter universal e não particular.

Cinco grandes Iniciações se sucedem na vida de um Cristo; cada uma marca um grau atingido, em seu desenvolvimento, pela Vida do Amor. Estas Iniciações são ainda hoje concedidas como o foram no passado; a última indica o triunfo final do Homem que, atingindo a Divindade, já ultrapassou o nível da humanidade, tornando-se um Salvador do mundo.

Acompanhemos a história desta carreira ou curso que, sem cessar, se repete no domínio das experiências espirituais e contemplemos o Iniciado reproduzindo em sua própria vida a existência do Cristo.

A primeira grande Iniciação marca o nascimento do Cristo no discípulo, que realiza pela primeira vez, *em si mesmo,* a efusão do Amor Divino e experimenta esta transformação, estranhamente maravilhosa, na qual êle se sente *um* com tudo o que vive. É o *segundo nascimento* com o qual se regozijam as hostes celestiais, pois o discípulo nasce no "Reino de Deus" como uma criancinha. Tais são os nomes sempre dados aos novos Iniciados. Assim o entendia Jesus, quando dizia: *Se não vos tornardes como criancinhas, não entrareis no Reino dos Céus* [21].

Certos autores cristãos do comêço de nossa era dizem, em têrmos significativos, que Jesus "nasceu em uma caverna" — o estábulo dos Evangelhos. Ora, a "Caverna da Iniciação" é um têrmo antigo bastante conhecido, e é sempre lá que nasce o Iniciado. Acima da caverna, *onde está a criancinha,* brilha a "Estrêla da Iniciação", esta estrêla que resplandece sempre no Oriente quando nasce um Cristo-criança. Cada uma destas crianças está cercada de perigos e ameaças, perigos estranhos aos quais não estão sujeitas as outras crianças, porque ela é ungida pelo crisma do nôvo nascimento e por isso as Potências Tenebrosas do mundo invisível procuram sua perda. Apesar destas provações, atinge a idade viril — porque o Cristo, tendo nascido,

(21) S. Mateus XVIII, 2.

não pode morrer, tendo que terminar sua evolução. Sua vida se expande em beleza e fôrça, crescendo em sabedoria e espiritualidade, até o momento da segunda grande Iniciação — o Batismo do Cristo pela Água e pelo Espírito — que lhe confere os podêres necessários a um Instrutor destinado a percorrer o mundo e a executar a tarefa do "Filho bem-amado".

Então, o Espírito divino desce, em ondas, sôbre êle e a glória do Pai invisível o ilumina com sua pura luz. Mas, ao deixar êste lugar bendito, é conduzido pelo Espírito ao deserto e, de nôvo, exposto à prova de tentações terríveis. Os podêres do Espírito, ao se desenvolverem nêle, despertam os Sêres Tenebrosos que se esforçam em lhe dificultar o caminho; êles empregam, para isto, êstes mesmos podêres, convidando-o a servi-los para sua própria salvação, em lugar de repousar em seu Pai com paciente confiança. Nestas transições rápidas e bruscas que as provas trazem, sua fé e sua fôrça não vacilam e, ao ciciar malicioso do Tentador encarnado, sucede sempre a voz consoladora do Pai. Vencedor destas tentações, volta ao seio dos homens, a fim de consagrar seus podêres ao serviço dos que sofrem, podêres que não quis empregar em seu próprio benefício, recusando-se em mudar em pão a pedra bruta para vencer a própria fome, antes alimentando com alguns pães a *cinco mil homens sem contar mulheres e crianças.*

Sua vida de incessante serviço atravessa, então, novamente, um curto período de glória, ao galgar uma montanha — a Montanha sagrada da Iniciação. Lá é transfigurado e encontra alguns dos seus predecessores — Sêres poderosos que outrora tinham palmilhado o mesmo caminho.

Recebe, assim, a terceira grande Iniciação, e, logo em seguida, a sombra da sua Paixão se aproxima, estendendo sôbre êle o seu manto doloroso; mas êle volta resolutamente sua face para Jerusalém e, repelindo as palavras tentadoras dos seus discípulos — vai a Jerusalém, onde o espera o batismo do Espírito Santo e do Fogo. Após a Natividade — a perseguição de Herodes; após o batismo — a tentação no deserto; após a Transfiguração — a entrada na última etapa do Caminho da Cruz. É assim que a provocação sempre sucedeu ao triunfo, até o fim a ser atingido.

A vida de amor não cessa de crescer — sempre mais rica e mais perfeita, até que a presença luminosa do Filho de Deus se revele no Filho do Homem; e, ao aproximar-se o momento da batalha, a quarta Iniciação o leva em triunfo a Jerusalém, de onde Êle contempla o Getsêmani e o Calvário. Neste instante, está o Cristo pronto a se oferecer no sacrifício da cruz, prestes a afrontar a agonia do Jardim, onde adormecem aquêles que escolheu, enquanto êle se debate na mais terrível angústia. Pede, um instante, que o copo se afaste, mas sua vontade poderosa triunfa. Estende a mão, toma o copo e bebe, enquanto o anjo o fortifica e consola, como fazem os anjos quando vêem o filho do Homem curvado sob a dor. Bebe o copo amargo da traição, do abandono, renegado de todos, escarnecido e só, no meio de seus inimigos que o insultam. Caminha para a suprema prova. Torturado pela dor física, ferido pelo espinho cruel da dúvida, despojado de suas imaculadas vestes, atirado às mãos dos seus inimigos, desprezado, aparentemente, por Deus e pelos homens, suporta tudo com paciência e, na angústia máxima, espera resignado o socorro no último transe. Mas ainda lhe resta o sacrifício da cruz, em que morre a vida da forma, onde renuncia inteiramente à vida do mundo inferior. Cercado de inimigos triunfantes e motejadores, sentindo o horror da grande obscuridade que o envolve, sofre o assalto de tôdas as fôrças do mal, e sua visão interior se vela. Encontra-se, neste momento supremo, só, inteiramente só. Finalmente, seu coração heróico, esmagado pelo desespêro, lança um grito para o Pai que parece tê-lo abandonado. A alma humana afronta, na solidão absoluta, a intolerável tortura de uma aparente derrota. Mas, fazendo apêlo a tôda a sua fôrça indomável, fazendo o sacrifício da vida inferior, aceitando a morte voluntàriamente, abandonando o corpo dos desejos, o Iniciado *desce aos infernos* para que possa conhecer tôdas as regiões do Universo, onde existem almas pedindo auxílio: os mais deserdados devem ser atingidos por seu amor infinito. Surgindo, então, do seio das trevas, êle revê a luz, sentindo-se de nôvo o Filho, inseparável do Pai. Levanta-se para a vida que não tem fim, irradiando alegria, com a certeza de ter afrontado e vencido a morte, sentindo-se bastante forte para prestar a tôda a criatura um socorro infinito, capaz de derramar sua vida em tôda a alma que luta. Permanece algum tempo ainda com os discípulos, instruindo-os, explicando-lhes os

mistérios dos mundos espirituais, preparando-os a seguir o caminho que acaba de percorrer; depois, terminada sua vida terrestre, sobe ao Pai e, por meio da quinta Grande Iniciação, torna-se o Mestre triunfante — o traço de união entre Deus e o homem.

Tal era a história, vivida nos verdadeiros Mistérios antigos, como nos de hoje, história representada sob forma dramática e simbólica nos Mistérios do plano físico, que apenas levantam uma ponta do véu. Tal é o Cristo dos Mistérios sob seu duplo aspecto — Logos e homem — cósmico e individual.

Como nos admirar que esta história, vagamente compreendida pelos místicos, sem que êles a conhecessem, esteja ìntimamente unida ao coração humano e seja a inspiração das vidas nobres? O Cristo do coração humano é, quase sempre, Jesus considerado como o Cristo místico e humano, que luta, sofre, morre e, finalmente, triunfa: o Homem em quem a humanidade se vê crucificada e ressuscitada, cuja vitória promete a vitória a todos os que, semelhantes a êle, sejam fiéis na morte e mais além — o Cristo que jamais será esquecido enquanto o mundo tiver necessidade de Salvadores e os Salvadores se sacrificarem pela humanidade.

CAPÍTULO VII

A REDENÇÃO

Vamos agora estudar certos aspectos da Vida do Cristo, tais como nos aparecem nas doutrinas cristãs. Tais aspectos figuram nos ensinos exotéricos atribuídos ùnicamente à Pessoa do Cristo; nos ensinos esotéricos aplicam-se certamente a Êle, pois, no seu sentido primário, o mais extenso e profundo, fazem parte dos modos de ação do Logos, mas não estão presentes no Cristo senão por ação reflexa, e, por conseqüência, em tôda a Alma-Cristo que segue o caminho da Cruz. Assim considerados, ver-se-á a profunda verdade que encerram; mas sob a forma exotérica, ao contrário, perturbam a nossa inteligência e irritam os nossos sentimentos.

Apresenta-se, em primeira linha, a doutrina da Redenção. Não sòmente ela provocou encarniçados ataques por parte dos que estão de fora; mas também constitui o tormento, no seio do Cristianismo, de muitas consciências sensíveis.

Certos espíritos profundamente cristãos, pertencentes à segunda metade do século XIX, sentiram-se torturados pelas angústias da dúvida por causa do ensino da Igreja sôbre êste ponto, e se esforçaram para poder explicá-lo, procurando apresentá-lo sob forma atenuada e acessível, engendrando interpretações ingênuas e ininteligíveis de textos que são extremamente místicos. É oportuno recordar a advertência de S. Paulo[1]: *Paulo, nosso amado irmão, segundo a sabedoria que lhe foi dada, em tôdas as epístolas em que aborda êstes assuntos, trata de certas passagens*

---

(1) II S. Pedro, III, 15-16.

difíceis de compreensão e que pessoas ignorantes procuram torcer para sua própria ruína, como torcem também as outras Escrituras. Porque os textos que nos falam da identidade do Cristo com os homens Seus irmãos foram *torcidos* de maneira a mostrá-lO substituído legalmente por êles; e, por conseguinte, vimos uma maneira de evitar as conseqüências do pecado, em lugar de um encorajamento à virtude.

Conforme o ensino geralmente dado, na Igreja Primitiva, com relação à Redenção, Cristo, representando a humanidade, enfrentou e venceu Satã, o representante dos podêres tenebrosos, que mantinha a humanidade escrava, arrancando-a do cativeiro e dando-lhe liberdade. Pouco a pouco, à medida que os doutôres cristãos perdiam o sentimento das verdades espirituais, as quais alteravam, com sua intolerância e durezas crescentes, a idéia do Pai amante e puro, desaparecia, e êles O mostravam irritado contra o homem que o Cristo já não poderia salvar dos laços do mal, mas sim da cólera divina.

Em seguida, algumas expressões jurídicas modificaram os textos e materializaram ainda mais esta idéia outrora espiritual, até que o plano da Redenção foi esboçado em têrmos forenses. "Foi Anselmo, em sua grande obra — *Cur Deus Homo* — que deu corpo à idéia do plano da Redenção; e a doutrina que, lentamente, crescera na teologia cristã, recebeu, daí em diante, o sêlo da Igreja."

Na época da Reforma, católicos e protestantes viam igualmente, na redenção operada pelo Cristo, apenas uma substituição. Dou a palavra aos teólogos cristãos, que vão expor, com palavras suas, os caracteres da redenção.

Segundo Lutero: *Cristo, verdadeira e efetivamente experimentou, por tôda a humanidade, a cólera de Deus, a maldição e a morte. Foi à cólera,* diz Flavel, *à cólera de um Deus infinito, aos tormentos do inferno que Cristo foi entregue, e isto pela mão do seu próprio Pai.* Segundo a homelia anglicana: *O pecado arrancou Deus do céu para lhe fazer sofrer os horrores e os sofrimentos da morte.* O homem, tocha do inferno e escravo do diabo, *foi resgatado pela morte de seu amado e único filho; sua ardente cólera não podia ser aplacada senão por Jesus,* tanto Lhe eram agradáveis o *sacrifício e a oblação da vida do seu filho.*

Edwards, espírito mais lógico, compreendeu tôda a injustiça em ser o pecado punido duas vêzes; primeiro a Jesus, substituto da humanidade, e depois aos condenados, à humanidade pecaminosa e perdida. Assim, Edwards se vê forçado, como a maioria dos calvinistas com êle, a reservar a redenção sòmente para os eleitos. Conforme sua expressão, Cristo não resgatou os pecados do mundo, mas apenas dos eleitos, *"sofrendo, não pelo mundo, mas por aquêles que me puseste nas mãos."*. Edwards concorda, contudo, com a idéia da substituição e rejeita a redenção universal, fundado em que *"crer que Cristo morreu por todos é o modo mais seguro de provar que Êle não morreu por ninguém, no sentido em que os cristãos o têm compreendido"*. *Cristo,* declara êle, *sofreu a cólera de Deus pelos pecados dos homens.*

Owen considera os sofrimentos do Cristo *como uma completa e valiosa compensação oferecida à justiça de Deus por todos os pecados dos eleitos,* e diz que o Cristo sofreu *a mesma punição que êles estavam condenados a sofrer* [2]. Para mostrar que estas doutrinas continuam a ser pregadas nas igrejas, acrescenta: "Stroud fêz o Cristo beber o *copo da cólera divina.* Segundo Jenkyns, Seus sofrimentos foram daquele *a quem Deus despoja, reprova e abandona.* Dwigt considera que *Êle sofreu o ódio e o desprêzo de Deus.* O bispo Jeune diz: *Depois que o homem fêz todo o mal que pôde, Cristo recebeu tôda a carga do mal. As nuvens da cólera divina se condensaram sôbre tôda a raça humana, mas a tormenta explodiu sôbre Jesus,* disse o arcebispo Thompson" [3].

Tais são as opiniões contra as quais se levanta o Dr. Mc Leod Campbell — erudito e profundamente religioso — na sua conhecida obra *On the Atonement,* livro repleto de pensamentos verdadeiros e belos. F. D. Maurice e muitos outros cristãos se esforçaram por libertar o Cristianismo do fardo de uma doutrina tão contrária à verdadeira noção referente às relações entre o homem e Deus.

Mas se lançarmos um olhar para trás sôbre os efeitos produzidos por esta doutrina, verificamos que a crença nela, mesmo

(2) A. Besant, *Essay on the Atonement.*
(3) A. Besant, *Essay on the Atonement.*

sob sua forma jurídica e, para nós, ingênuamente exotérica, tem conduzido muitas almas cristãs admiráveis, dando-lhes fôrça, inspiração e paz, o que seria injusto não reconhecer.

Ora, quando um fato se nos apresenta sob uma aparência surpreendente e anormal, é bom nos determos e procurar compreendê-lo.

Se esta doutrina não encerrasse senão o que nela vêem seus adversários, tanto nas Igrejas como fora, se em sua verdadeira significação fôsse tão repulsiva para a consciência e para a inteligência como é para tantos cristãos refletidos, ela não teria exercido, certamente, sôbre o pensamento e o coração dos homens uma fascinação irresistível, nem teria despertado tantos atos de heróica abnegação — exemplos que revelam o espírito de renúncia profundamente tocante em favor da humanidade.

Deve nela existir alguma coisa mais do que a que se vê na sua superfície — um princípio cuja vida alimentou os que nela se inspiram. E, com efeito, ao estudá-la como fazendo parte dos Mistérios Menores, nela descobrimos a vida oculta, inconscientemente absorvida por estas naturezas de eleição, por estas almas cuja união com o divino é tão estreita que a própria forma que a oculta não as detém nunca.

Estudemos esta doutrina como um Mistério Menor, e sentiremos, ao penetrá-la, palpitar o sentimento espiritual necessário para compreendê-la. É necessário, para senti-la, que o seu espírito tenha já começado a crescer em nossa vida, e sòmente os que possuem uma idéia prática da abnegação e da renúncia serão capazes de perceber o sentido do ensinamento esotérico que se mostra, nesta doutrina, através da manifestação típica da Lei do Sacrifício.

Nós não a poderíamos compreender, ao aplicá-la ao Cristo, sem aí ver a manifestação particular de uma lei universal, imagem aqui embaixo do Modêlo que está no alto, nos mostrando, em uma vida humana concreta, o que significa o sacrifício.

A Lei do Sacrifício é o mandamento do nosso sistema solar, como de todos os outros. É a base de tódo o universo, a raiz da evolução e a única que a torna inteligível. Na doutrina da Redenção, ela toma uma forma concreta, personificando-se nos ho-

mens chegados a um certo grau de desenvolvimento espiritual que lhes permite realizar sua iniciação com a humanidade e tornarem-se realmente os Salvadores dos homens.

Tôdas as grandes religiões do mundo afirmam que o universo surge com um ato de sacrifício; tôdas mostram a idéia do sacrifício nos seus ritos mais solenes.

Segundo o Hinduísmo, a aurora da manifestação é um sacrifício [4], e a humanidade emana de um sacrifício. É a Divindade que se sacrifica, tendo por objeto a manifestação. A Divindade não pode se manifestar sem executar um ato de sacrifício, e nada se manifesta antes dela, sendo chamado a êste ato a "aurora" da criação [5]. A religião de Zoroastro ensinava que, na Existência ilimitada, impossível de compreender-se, um sacrifício serviu para manifestar a Divindade e Ahura-Mazda nasceu no ato do sacrifício [6].

Na religião cristã, encontra-se a mesma idéia nestas palavras — *O Cordeiro imolado desde a fundação do mundo...* imolado na origem das coisas, expressão que se refere à grande verdade: um mundo não pode ser criado, enquanto a Divindade não executar um ato de sacrifício. Êste ato consiste, para a Divindade, na limitação dos seus podêres, a fim de dar à existência os mundos. "A Lei do Sacrifício deveria chamar-se mais exatamente a Lei da Manifestação, ou ainda a Lei do Amor e da Vida — porque por tôda a parte, no universo, do mais alto ao mais baixo, êle é a causa da manifestação e da vida" [7].

"Ora, considerando êste mundo físico como estando mais ao nosso alcance, verificamos que tôda a vida que encerra, todo o progresso e desenvolvimento tem por condição primordial um sacrifício contínuo. Os minerais sacrificam-se aos vegetais, os vegetais aos animais, e tanto uns como outros aos homens; o homem aos seus semelhantes, até que as formas superiores se desagreguem novamente e venham reforçar, com seus elementos, o reino mais baixo. Os sacrifícios se sucedem de maneira ininter-

---

(4) Bagavata-Gita. III, 10.
(5) Mundakopanishad II, 10.
(6) Hang, *Essais sur les Parsis,* págs. 12-14.
(7) W. Williamson, *The Great Law.* pág. 406.

rupta, do mais baixo ao mais alto; e o progresso tem por signo essencial o sacrifício, a princípio involuntário e impôsto, depois, voluntário e livremente aceito. Aquêles a quem a inteligência do homem considera mais elevados e os nossos corações reverenciam, são as vítimas supremas, as almas heróicas que lutaram, sofreram e morreram para que sua raça aproveitasse com suas dores. Se o mundo é obra do Logos, se o progresso do mundo tem por lei, em seu conjunto como nos seus detalhes, o sacrifício, é claro e necessário que a Lei do Sacrifício se radique na própria natureza do Logos, fundamento da sua natureza Divina.

Um instante de reflexão nos mostra que a existência de um mundo ou de um universo não é possível sem esta única condição: é indispensável que a Existência Única se submeta a restrições, tornando assim possível a manifestação; é necessário que o próprio Logos seja êste Deus voluntàriamente limitado para poder manifestar-se, isto é, para poder trazer o universo à existência. Uma limitação voluntária e semelhante manifestação não podem ser senão um ato de supremo sacrifício; como, pois, nos admirar que, por tôda a parte, o mundo mostre o sinal da sua origem e que a Lei do Sacrifício seja a lei do ser — a lei das vidas filiais?"

"Esta limitação voluntária, sendo um ato de sacrifício que tem por fim chamar à existência muitas vidas individuais, fazendo-as partilhar da beatitude Divina, ela é, na verdade, um ato de substituição, um ato executado pelo amor de outrem. Também, como já mostramos, o progresso tem por signo o sacrifício livre e voluntário e reconhecemos que a humanidade alcança sua perfeição no homem que se dá por seus semelhantes, em troca de seus sofrimentos, adquirindo para sua raça alguma vantagem sublime. É aqui, nestas regiões transcendentais, que se encontra a verdade essencial do sacrifício por outrem. Êste sacrifício foi apresentado de um modo que a degrada e falseia, mas a verdade espiritual, que é sua alma, no-lo torna indestrutível e eterno. Êle é a fonte de onde jorra a energia espiritual que, sob mil formas e maneiras, resgata o mundo do pecado, fazendo-o voltar ao seio paterno, a Deus" [8].

---

(8) A. Besant, *Nineteenth Century,* 1895. "The Atonement".

Quando o Logos deixou o *seio do Pai* — no dia em que se diz que foi gerado [9] — na aurora do Dia da Criação ou da Manifestação — quando, por Êle, Deus *fêz os mundos* [10], o Logos se circunscreveu voluntàriamente, modelando uma esfera que envolveu a Vida Divina e que surgiu como um orbe Divinamente radioso, tendo no interior a Substância ou o Espírito, e no exterior, a Matéria. Êsse véu material tornou possível o nascimento do Logos: é Maria, a Mãe do mundo, necessária para que o Eterno possa manifestar-se nos limites do tempo, manifestar-se para formar os mundos. É nesta circunscrição ou limitação que reside o ato de sacrifício, ato voluntário, executado por amor, a fim de que outras vidas possam surgir no universo.

Semelhante manifestação foi considerada como uma morte, porque um tal encarceramento na matéria, ao lado da inimaginável existência do próprio Deus, pode-se, na verdade, chamar-se assim.

Foi também, como vimos acima, como que uma crucificação no seio da matéria, e assim foi representada. Tal é a verdadeira origem do símbolo da Cruz, quer se trate da cruz em forma grega, simbolizando a ação vivificadora exercida pelo Espírito Santo sôbre a matéria, ou da cruz latina, representando o Homem Celeste, o Cristo Superior [11].

Remontando na noite dos tempos para investigar as origens do simbolismo da cruz latina, os investigadores pensavam ver desaparecer a figura e substituir apenas o emblema cruciforme que supunham mais antigo.

Ora, aconteceu exatamente o contrário, e constataram, com surprêsa, que a cruz acabou por desaparecer, deixando isolada a figura com os braços abertos. Não há, nesta figura, nenhuma idéia de sofrimento ou pesar, embora ela revele o sacrifício; é antes um símbolo da mais pura alegria que se possa encontrar no mundo, a alegria de se dar livremente, pois representa o Homem Divino ocupando, de pé, o espaço com os braços estendidos, para abençoar, espargindo seus dons sôbre tôda a humanidade,

---

(9) Hebr. I, 5.

(10) Hebr. I, 2.

(11) Leadbeater — *O Credo Cristão,* págs. 74-76.

prodigalizando-se a Si mesmo em tôdas as direções, descendo a êste "mar espêsso" da matéria em que Êle se deixa aprisionar, a fim de que, nesta descida, *nós* possamos ser chamados à existência" [12].

Êste sacrifício é perpétuo, porque, neste universo infinitamente variado, não existe forma que não encerre esta vida e não a possua por alma: é o "Coração do Silêncio" do Ritual Egípcio, o "Deus oculto".

Êste sacrifício é o segrêdo da evolução. A Vida Divina, aprisionada numa forma, exerce para o exterior uma pressão constante, a fim de que a forma possa expandir-se; mas esta pressão é suave, com receio que a forma se parta antes de ter atingido o extremo limite de expansão de que ela é suscetível.

Com paciência, tato e infinita prudência, o Ser Divino mantém seu contínuo impulso, sem que intervenha um poder que possa destruí-la. Em qualquer forma, mineral, vegetal ou no homem, esta energia expansiva do Logos atua sem cessar .

Tal é a fôrça evolutiva, a vida que habita as formas, fazendo-as progredir; a ciência a percebe, sem conhecer-lhe a origem.

O botânico nos fala de uma energia que reside na planta e a faz crescer, embora ignore o *porquê*. Êle limita-se a chamar esta energia *vis a fronte*, porque verifica sua presença ou antes seus resultados. Ela existe em tôdas as formas, tal como no mundo vegetal, tornando-as cada vez mais aptas para exprimir a vida que elas contêm. Uma forma qualquer, ao atingir o limite do desenvolvimento de que é suscetível, não mais apresenta alguma vantagem à sua alma — êste gérmen do Logos que sôbre ela paira. Êle retira, então, Sua energia, e a forma se desagrega: eis o que chamamos morte e decomposição.

Mas a alma fica com Êle, que vai modelar para ela uma nova forma, e a morte da antiga é o nascimento da alma para uma vida mais larga. Se pudéssemos ver com os olhos do Espírito e não com os da carne, não choraríamos a forma que perece — que é um cadáver que volta aos elementos com que foi cons-

(12) Leadbeater — *Credo*, págs. 76-77.

truído — mas contemplaríamos, com alegria, a vida em marcha para a frente, passando para uma forma mais alta, a fim de desenvolver, sob ação de um processo invariável, as fôrças ainda latentes nela.

Mediante êste perpétuo sacrifício do Logos, tôdas as vidas existem: é êste o princípio vivo que permite a eternidade do universo, e a cujo influxo tudo avança contìnuamente.

A vida é uma única, embora revestindo formas inumeráveis que ela procura manter unidas, dominando com doçura sua resistência. Assim, Ela é a fôrça unificadora que permite às vidas separadas tornarem-se gradualmente conscientes da sua unidade, e trabalhando para desenvolver em cada unidade de consciência a noção que a faz *uma* com tôdas as outras, como êle reconhecerá a Unidade e a divindade de sua raiz.

Tal é o grande, o incessante sacrifício. Vemos que êle consiste em uma efusão de Vida, determinada pelo Amor, efusão voluntária e jubilosa de Si mesma, a fim de criar outros centros individuais. É esta *a alegria do Senhor* [13], na qual penetra o servo fiel, e estas palavras são seguidas pela significativa declaração: que Êle tem fome, sêde, está nu e prisioneiro, e sofre em cada um dos filhos dos homens.

Para o Espírito liberado de todo o entrave, o fato de *se dar* é uma alegria, e êle sente-se viver de um modo tanto mais intenso, quanto mais difunde sua vida generosamente. Quanto mais se dá, mais êle se desenvolve, pois a expansão da vida aumenta com as dádivas da alma, e não tomando-as.

O Sacrifício é, portanto, uma causa de alegria. O Logos se difunde e reparte para criar um mundo, e, ao ver o trabalho de Sua alma, fica satisfeito [14]. Mas, a esta idéia veio associar-se uma noção de sofrimento e de dor. Todo o rito de sacrifício religioso apresenta um elemento de sofrimento, mesmo que seja uma simples perda sofrida pelo sacrificador.

Convém sabe como a expressão "Sacrifício" chegou a evocar distintamente uma idéia de sofrimento. Encontramos a ex-

---

(13) S. Mateus XXV, 21, 23, 31,45.

(14) Isaías I, III, 11.

plicação colocando-nos no ponto de vista, não da Vida que se manifesta, mas das formas que ela reveste, encarando apenas a questão do sacrifício como ela nos aparece, vista do lado das formas. Dar-se é a vida mesma da Vida, enquanto receber é a vida ou a conservação da forma; porque a forma se gasta pela ação, diminui com o exercício, e, para continuar a existir, é obrigada a tomar em tôrno dela novos elementos e reparar as perdas que experimenta; do contrário, diminui e termina desaparecendo.

A forma não poderia se manter sem receber e guardar, sem assimilar o que ela colheu, e é condição mesmo do seu desenvolvimento tomar e absorver o que ela encontra ao seu alcance nas regiões do universo que se estendem em tôrno dela. À medida que a consciência se identifica cada vez mais com a forma e a considera gradualmente como a si mesma, o sacrifício toma um aspecto penoso. O homem sente que a dádiva, a cessão, a perda do que êle adquiriu é incompatível com a manutenção da forma; por isso, a Lei do Sacrifício perde seu caráter de alegria para revestir um caráter doloroso.

O homem deve aprender, pela destruição contínua das formas e pelos sofrimentos inseparáveis desta destruição, que não deve identificar-se com as formas passageiras e mudáveis, mas com a vida crescente e duradoura. O homem não recebe esta lição apenas da natureza exterior; deve-a, ainda, aos ensinamentos perfeitos dos Grandes Instrutores, dados pelas religiões.

As religiões permitem reconhecer quatro grandes etapas no ensino da Lei do Sacrifício. Primeiramente, o homem aprende a sacrificar uma parte dos seus bens materiais para assegurar maior prosperidade material; sacrifica, aos homens, sob a forma de esmolas; aos deuses, sob a forma de oferendas.

As Escrituras hindus, zoroastriana, hebraica, — que digo? — tôdas as Escrituras do mundo nos falam dêstes sacrifícios. O homem renuncia algo do que estima, a fim de garantir uma prosperidade futura, para si, sua família, sua comunidade, seu povo. Êle adquire, pelo sacrifício presente, uma vantagem futura.

A segunda lição é um pouco mais difícil. Em vez da prosperidade física e dos bens terrestres, é a felicidade celestial o fruto que deve ganhar com o sacrifício. É preciso conquistar o céu e

obter a felicidade do além-túmulo, porque é lá que os sacrifícios feitos na vida terrestre encontram sua recompensa.

Grande foi o passo dado pelo homem, no dia que aprendeu a renunciar aos objetos de sua cobiça, por consideração de um futuro benéfico, que não pode ver nem provar a existência. Aprendeu, assim, a sacrificar o visível ao invisível e, por aí, se elevou de um grau na escala do Ser; porque tal é a fascinação exercida pelos objetos visíveis e tangíveis, que o fato de preferir um mundo invisível, no qual crê, é uma prova de energia considerável e de acentuado progresso para a realização dêste mundo invisível.

Quantas vêzes os homens têm sofrido o martírio, afrontado a calúnia, levando para a solidão o fardo de todos os sofrimentos e humilhações que seus semelhantes lhes têm infligido, diante da perspectiva do que está para além do túmulo?

Certamente, subsiste um ardente desejo de obter a glória celeste; mas é grande coisa suportar aqui a solidão, tendo por companhia apenas o mundo espiritual, persistindo na vida interior, quando a vida exterior não é senão uma tortura sem fim.

A terceira lição vem quando o homem verifica que faz parte de uma vida mais vasta e sente-se disposto a sacrificar-se pelo bem geral. Adquire, assim, a fôrça necessária para reconhecer que o sacrifício é bom e útil, e que o fragmento, a unidade da Vida total deve subordinar-se ao conjunto. O homem aprende a bem agir, sem se preocupar com o que resultará para si mesmo, fazendo seu dever sem pensar nas conseqüências pessoais; sofrendo porque é bom sofrer, sem pensar em recompensas, dando porque a humanidade tem direito aos seus dons, sem ter em mente a idéia de que o Senhor lhos restituirá.

A alma heróica está, então, prestes a receber a quarta lição, em que aprende que tôdas as suas posses, o sacrifício de tudo quanto possui êste fragmento deve ser feito, porque o Espírito não está realmente separado, mas faz parte de tôda a Vida Divina, pois o homem é um fragmento da Vida Universal e deve partilhar da alegria do Senhor.

É nas três primeiras etapas que o sacrifício apresenta um caráter penoso. Na primeira, os sofrimentos são mínimos; na segunda, a vida física e todos os bens terrenos podem ser sacrifi-

cados; a terceira é o período crítico em que o crescimento e a evolução da alma são postos em provação. Porque, neste período, o dever pode exigir tudo o que parece constituir a vida, e o homem que se identifica com a forma, embora sabendo, em teoria, que paira acima dela, vê que tudo o que conhece como sendo sua vida, é dêle exigido, e faz a si esta pergunta: "Se eu tudo abandono, o que vai ser de mim?"

Parece que a própria consciência quer evitar êste sacrifício, pois lhe é necessário renunciar a tudo o que considera como real, sem que, do outro lado, ela veja alguma coisa que possa tomar em troca. Uma convicção irresistível e uma voz imperiosa exigem do homem o abandono da sua própria vida. Recuar é persistir na vida da sensação, na vida intelectual, na vida do mundo; mas como só ali encontra os prazeres que não teve coragem de abandonar, o homem experimenta um desencanto constante, decepção nos desejos, compreendendo, enfim, quão verdadeiro é o dito do Cristo: *Aquêle que quer salvar sua vida, a perderá*[15], e que a vida que amava e pela qual tanto apêgo sentia, desapareceu definitivamente. É então que o homem tudo arrisca para obedecer à voz imperiosa; mas, se renuncia à existência, perdendo-a, êle a encontra na vida eterna[16].

Verifica, ao mesmo tempo, que a vida que sacrificou não era senão uma morte na vida, e que todos os objetos abandonados eram uma ilusão, um caminho para encontrar a realidade.

Nesta determinação a tomar é que se experimenta o metal da alma, e só o ouro puro se liberta do cadinho onde se queimam as escórias; a vida da matéria perece, mas a verdadeira tem seu nascimento.

Em seguida, descobre, com alegria, que a vida assim achada é para todos e não só para êle, e que o abandono do *eu* separado lhe permitiu conhecer-se verdadeiramente a si mesmo; e que, sacrificando os limites que pareciam ser a condição mesma da vida, êle se encontra difundido em infinitas formas, em virtude de uma vida que não acaba nunca[17].

---

(15) S. Mateus XVI, 2.

(16) S. João XII, 25.

(17) Hebr. VII, 16.

Tal é, em suas grandes linhas, a Lei do Sacrifício, fundada no sacrifício primário do Logos, do qual são reflexos todos os demais sacrifícios. Vimos como o homem Jesus, o discípulo hebreu, fêz jubilosamente o abandono do seu corpo, a fim de que uma Vida mais augusta pudesse descer e encarnar-se na forma voluntàriamente sacrificada, e como, em virtude dêste ato, Êle se tornou um Cristo perfeito, o Protetor do Cristianismo, derramando Sua vida na grande Religião fundada pelo Ser Poderoso, com o qual Êle se identificou no Sacrifício. Vimos a Alma-Cristo receber sucessivamente as Grandes Iniciações, nascendo como uma criancinha, para, em seguida, entrar no rio, na torrente dos sofrimentos terrestres, cujas águas lhe conferem o batismo do ministério ativo. Transfigurado na Montanha, teatro do seu último combate, triunfa, enfim, da morte. Resta-nos investigar o modo de sua ação redentora e como a Lei do Sacrifício encontra, na vida do Cristo, sua expressão perfeita.

O comêço do que podemos chamar o ministério do Cristo, ao alcançar a virilidade, é assinalado por esta compaixão profunda e incansável pelos sofrimentos do mundo, simbolizada na descida do rio. A vida do Cristo deve, daqui em diante, resumir-se na frase: *Êle ia, de lugar em lugar, fazendo o bem,* porque os que sacrificam sua vida a fim de se tornarem canais da Vida Divina não podem ter, neste mundo, outro interêsse senão servir aos seus semelhantes. O Cristo aprende a identificar-se com a consciência dos que o cercam, a sentir como êles sentem, a pensar como êles pensam, partilhando suas alegrias e dores; traz para a vida diária êste sentimento de *unidade com tudo o que existe,* que êle observa nos mundos invisíveis. Sua simpatia vibra em harmonia perfeita com o acorde múltiplo da vida humana, reunindo em si as vidas humana e divina, a fim de se tornar um mediador entre o céu e a terra. Manifestam-se, então, podêres em sua pessoa, porque nêle mora o Espírito e começa a aparecer aos homens como um ser capaz de ajuntar seus irmãos mais jovens no caminho da vida. Êles o cercam, sentindo a fôrça que emana dêle, a Vida divina trabalhando no Filho, o Enviado do Altíssimo. As almas esfaimadas vão a êle, que as alimenta com o pão da vida; os pecadores se aproximam e êle os cura, pronunciando a palavra de vida que afasta a doença

e torna a alma sã; as almas cegas pela ignorância buscam sua presença e êle abre seus olhos à luz da sabedoria.

O que caracteriza, antes de tudo, o seu ministério é que os mais humildes e pobres, os mais desesperados e degradados sentem, ao aproximar-se dêle , que não existe barreira que os separe dêle e experimentam um benévolo acolhimento e nunca a repulsa. Porque, de sua pessoa, irradia um amor que tudo envolve, e, assim, ninguém pode ser repelido. Por mais atrasada que seja uma alma, jamais sente no Cristo um ser acima de si, mas sente-o ao seu lado, pisando com pé humano o pó da terra, tendo, todavia, um poder estranho e formidável que faz nascer, nas almas pecaminosas, desconhecidos anseios e inspirações sublimes.

Assim vive e trabalha o Cristo, verdadeiro salvador de homens até o dia em que deve aprender outra lição, perdendo momentâneamente a consciência desta Vida divina que sente dentro de si mesmo. E esta lição é a seguinte: o verdadeiro centro da Vida Divina está em nós e não fora. *O Eu Supremo tem seu centro em tôda a alma humana,* porque o centro está em tôda a parte, o Cristo está em nós e Deus no Cristo.

Nenhuma vida, nada "do que está fora do Eterno" poderia ajudar o Cristo em sua agonia. Êle deve aprender que a verdadeira unidade do Pai e do Filho se encontra dentro e não fora, e esta lição exige absoluto isolamento na hora em que se vê abandonado pelo Deus que está fora de sua alma. O momento amargo aproxima-se e êle implora aos que o rodeiam, nesta hora obscura; mas as simpatias humanas falham, as afeições dos homens o traem. Resta-lhe apenas o refúgio no Espírito divino. Lança o grito ao Pai, ao qual sente-se conscientemente unido, e lhe dirige esta prece: "Se fôr possível, que êste cálice se afaste de mim!"

Tendo suportado estas angústias na solidão, sem outro apoio senão o auxílio Divino, o Cristo é digno de enfrentar a última provação. O Deus exterior desaparece; resta-lhe o Deus interior. *Meu Deus, meu Deus, porque me abandonastes!* tal é o grito doloroso de seu amor inquieto, do seu terror. O isolamento supremo desce sôbre êle; e sente-se abandonado e só. Entretanto, nunca o Pai está tão perto do Filho como nesta hora suprema; e, ao passo que o Cristo toca o fundo dêste abis-

mo doloroso, a alvorada do triunfo vem nascendo. Êle compreende que, para se tornar o Deus que implora, enquanto sofre a última dor da separação, é necessário descobrir a unidade eterna, que sente jorrar de si mesmo esta fonte da vida que sabe que é eterna.

Ninguém pode tornar-se um verdadeiro Salvador de homens, nem partilhar, com simpatia perfeita, todos os sofrimentos humanos, sem ter enfrentado e vencido a dor, o temor e a morte, apenas com o auxílio do Deus interior. O sofrimento não existe enquanto esta consciência persiste integralmente, pois a luz do alto torna as trevas inferiores impossíveis, e a dor não é mais dor enquanto é suportada ante um sorriso de Deus!

Existe outro sofrimento que espera o homem, que espera o Salvador da humanidade: é a obscuridade que oculta a consciência humana, onde nenhum raio de luz penetra. É preciso ter conhecido o desespêro horrível experimentado pela alma humana, quando as trevas a rodeiam e quando a consciência, procurando no escuro, não encontra uma mão caridosa que possa apertar. Estas trevas envolvem todo o Filho do Homem, antes que possa alcançar a hora do triunfo; por esta experiência, talvez a mais dolorosa, tem que passar todo o Cristo, antes de adquirir o *poder* de salvar perfeitamente [18] os que, por êle, procuram o Divino. Semelhante ser se fêz, na verdade, divino, um Salvador de homens, consagrando-se, de ora em diante, no mundo, à tarefa para a qual tôdas estas provações o prepararam.

Sôbre êle devem se concentrar tôdas as fôrças hostis à humanidade, a fim de que sejam transformadas em fôrças protetoras. Êle deve ser, na terra, um centro de Paz, transmutando as fôrças agressivas, a cujo assalto o homem não resistiria. Na verdade, os Cristos dêste mundo são outros tantos centros de Paz, sôbre os quais se derramam tôdas as fôrças tumultuosas, onde são transformadas, e voltam para produzirem harmonia.

Os sofrimentos do Cristo, que ainda não atingiu a perfeição, são causados, em parte, por êste trabalho de harmonizar as fôrças que fazem a discórdia do mundo.

---

(18) Hebr. VII, 25.

Embora seja um Filho, deve, entretanto, atingir o Amor pelo sofrimento e assim chegar à perfeição [19].

A humanidade seria prêsa de lutas infinitas, ainda mais terríveis, se não fôssem os discípulos, os Cristos futuros, que vivem no seu meio, pacificando-a e tornando harmônica muitas fôrças perigosas.

Quando se diz que o Cristo sofre "pelos homens"; que sua fortaleza, sua pureza e sabedoria infinitas substituem as debilidades humanas, afirma-se, de fato, uma verdade. Nada é mais verdadeiro, pois o Cristo de tal forma se identificou com os homens, *que êles fazem parte dÊle e Êle vive com êles.*

Êle não se substitui aos homens, tomando o seu lugar, mas toma suas vidas na Sua e derrama Sua Vida na dêles. Tendo atingido o plano da unidade, Êle pode fazer partilhar com outrem tudo o que tem adquirido, dando a todos o que já conseguiu. Êle domina o plano onde reina a separatividade, lançando os olhos sôbre as almas separadas, atingindo cada uma, enquanto elas não podem se aproximar. A água, vindo dos níveis superiores, pode se derramar em numerosos condutos que, no entanto, não se comunicam entre si.

Assim também o Cristo pode derivar Sua vida para muitas almas, apenas com esta condição: que cada alma queira abrir sua consciência humana à consciência divina, que queira se fazer receptiva à vida que se lhe oferece, mostrando-se capaz de receber com liberalidade êste dom divino.

E com tal reverência respeita Deus êste espírito, que Êle próprio, no homem, não derrama corrente alguma de fôrça e de vida na alma humana que se negue a recebê-la.

Deve haver, no homem, receptividade, como há vontade de dar, no divino. Eis o laço que existe entre o Cristo e o homem, chamado, nas igrejas, a "graça divina", e que exige a *fé* necessária para que a graça seja eficiente. Conforme a expressão de Giordano Bruno, a alma humana possui janelas que ela pode fechar hermèticamente. Fora, o Sol brilha, a luz é constante.

Mas, é necessário que as janelas se abram para que o Sol entre triunfante. A luz de Deus vem bater nas janelas de tôdas as

(19) Hebr. V, 8-9.

almas humanas e, quando estas janelas a deixam entrar, a alma fica iluminada. Deus jamais se altera, mas o homem muda a cada instante, e sua vontade deve permanecer livre; de outro modo, a Vida divina que nêle reside ficaria entravada em sua evolução regular.

Assim, pois, com cada Cristo que surge, tôda a humanidade se eleva também e, por sua sabedoria, a ignorância do mundo diminui. Cada homem sente-se menos fraco, graças à Sua fôrça, que desce sôbre a humanidade inteira, penetrando tôdas as almas separadas. Desta doutrina, interpretada de um modo estreito e, portanto, mal compreendida, saiu a idéia da Redenção por substituição, como transação legal entre Deus e o homem, transação em virtude da qual Jesus se coloca no lugar do pecador.

As Igrejas não souberam compreender que um Ser, que tal altura alcança, é, na verdade, *um* com seus irmãos; a identidade de natureza foi tomada por uma substituição pessoal e a verdade espiritual desapareceu na doutrina cruel de uma permutação jurídica.

"Desde então, Êle compreende seu pôsto aqui embaixo e quais suas funções na natureza: ser um Salvador, expiar os pecados dos homens, mantendo-se no coração central do mundo, o Santo dos Santos, como Grande Sacerdote da Humanidade. Êle é um com todos os Seus irmãos — não por substituição, mas por identidade de uma vida comum. Há alguém pecaminoso? O Cristo se faz pecador com êle, a fim de, com sua pureza, limpar suas máculas. Sente alguém tristeza? O Cristo, o Homem da dor vem, com o coração despedaçado, para consolá-lo. As almas sentem alegria; Êle sente-se alegre com elas, enchendo-as com a Sua felicidade. Mostra-se alguém necessitado? É Êle quem sente a necessidade, sofrendo com êle, a fim de cumulá-lo com suas riquezas superabundantes. Tudo Êle possui, e todos nós podemos possuir como Êle. Êle é o Perfeito e o Forte, e, ao Seu lado, todos podemos ser perfeitos e fortes. Êle se elevou para poder derramar as Suas graças sôbre todos os que estão abaixo dêle, para que todos possam partilhar Sua Vida. O mundo inteiro eleva-se com Êle, à medida que Êle ascende, e o caminho é, para todos, mais fácil de seguir, porque Êle nos precedeu.

"Todo o filho do homem pode, assim, tornar-se um Filho de Deus manifestado, um Salvador do mundo; cada um dêstes Filhos é Deus manifestado em carne [20], o redentor que ajuda a humanidade inteira, o poder vivo que renova tôdas as coisas.

Uma única condição é necessária para permitir que êste Poder possa manifestar-se na alma individual: a alma deve abrir a porta e deixar entrar o Cristo, que, tudo penetrando, não poderia, entretanto, entrar à fôrça e contra a vontade de Seu irmão.

A vontade humana possui a faculdade de se opor a Deus, como se opõe ao homem; ora, é indispensável que ela se associe à ação divina espontâneamente, sem nenhuma violência exterior.

Assim o exige a lei da evolução. Que a vontade abra a porta, e a vida inundará a alma. Enquanto a porta permanecer fechada, a vida só exala ligeiros perfumes, e êste aroma delicado, às vêzes, consegue transpor a barreira que a fôrça não pôde atravessar.

Eis o que devemos entender por um Cristo. Mas como pode a pena, que é material, dar uma imagem do que é imortal? Como descrever com vocábulos o que desafia a própria palavra?

Não há língua que possa exprimir, nem mente não iluminada que possa conceber o mistério do Filho que se fêz um com o Pai, trazendo em seu seio os filhos dos homens [21].

Aos que aspiram preparar-se para escalar a uma altura como esta, é necessário, desde agora, nesta vida inferior, começar a caminhar à sombra da Cruz, sem duvidar das possibilidades dêste futuro sublime, porque seria duvidar do Deus interior. Há um modo de colocar a vida diária à sombra da vida do Cristo: é fazer de tôda ação, de todo ato um sacrifício, executando-o não pelo que possa nos aproveitar, mas para vantagem e progressos dos outros; e nesta vida terra-a-terra, vida de humildes deveres, de ações mesquinhas, de interêsses vulgares, procure-

---

(20) Timót. III, 16.

(21) A. Besant, *Theosophical Review,* 1893.

mos mudar o motivo da nossa vida diária e, assim, transformá-la. Não é preciso variar coisa alguma da nossa vida externa. Qualquer que seja o gênero de vida, o sacrifício é possível; qualquer que seja o meio, Deus pode ser servido. O despertar da espiritualidade não é assinalado pela ação, mas pela maneira como é feita esta ação.

Não são das circunstâncias, mas da nossa atitude diante delas que depende o nosso desenvolvimento. "Na verdade, êste símbolo da Cruz pode nos servir de pedra de toque, aqui embaixo, para distinguir o bem do mal, em muitos momentos difíceis. *Sòmente aquelas ações em que a luz da cruz penetra, são dignas da vida do discípulo*. Devemos entender, por isto, que o aspirante deve ter por móvel o fervor de uma bondade pronta a todos os sacrifícios. O mesmo pensamento aparece neste versículo: *Quando o homem entra no caminho, põe seu coração na cruz; e quando o coração e a cruz se enlaçam estreitamente, o fim foi alcançado.* Isto nos permite determinar o nosso grau de progresso, examinando se é o egoísmo ou a renúncia de nós mesmos que domina nossa vida" [22].

Tôda a vida, que assim começa a se formar, prepara a caverna em que o Cristo-Criança deverá nascer; ela não será senão uma redenção contínua, divinizando cada vez mais os elementos humanos.

Tal vida crescerá até alcançar as proporções de um "Filho bem-amado" e um dia irradiará a glória do Cristo.

Todo o homem pode caminhar para êste fim, fazendo o sacrifício de todos os seus atos e tôdas as suas faculdades, até o momento em que o ouro seja separado de qualquer impureza, substituindo apenas o metal puro.

---

(22) Leadbeater, *O Credo Cristão*. pág. 82.

CAPÍTULO VIII

RESSURREIÇÃO E ASCENSÃO

As doutrinas da Ressurreição e Ascensão fazem também parte dos Mistérios Menores e constituem elementos integrais do "Mito Solar" e da vida do Cristo no homem.

É fundamento histórico destas doutrinas, na parte que se refere ao próprio Cristo, o fato de haver continuado ensinando aos seus apóstolos, depois de Sua morte física, e, tendo terminado Seu ensinamento direto, tornou-se o Hierofante dos Mistérios Maiores até o momento em que Jesus o substituiu. Nas legendas místicas, a ressurreição e a apoteose do herói sucedem invariàvelmente à narração de sua morte. Nos Mistérios, o corpo do candidato era sempre mergulhado em sono letárgico, durante o qual a alma, libertada, percorria o mundo invisível, voltando ao corpo, no fim de três dias de ausência, a animá-lo novamente. Por fim, estudando a vida do homem que vai tornar-se um Cristo, aí encontramos, igualmente, os dramas da Ressurreição e da Ascensão. Mas, antes de poder seguir esta descrição, é necessário possuir algumas noções concernentes à constituição do homem e compreender o que são seus corpos natural e espiritual. "Há um corpo animal e há um corpo espiritual", disse São Paulo, em I Coríntios, XV, 44.

Certas pessoas pouco instruídas consideram o homem como um simples composto de dois princípios: "alma e corpo", e empregam as palavras "alma" e "espírito" como sinônimos, dizendo indiferentemente "alma do corpo" ou "espírito do corpo", exprimindo, assim, que o homem é dual, perecendo uma na hora da morte e sobrevivendo a outra.

Para os espíritos simples e ignorantes, esta divisão geral basta; mas não nos permite compreender os mistérios da Ressurreição e da Ascensão.

Todo o cristão que tenha estudado, embora superficialmente, a constituição do homem, admite a existência de três elementos distintos: espírito, alma e corpo. Esta divisão é exata, embora um estudo mais profundo exija uma análise mais completa; nós a encontramos nesta prece de S. Paulo: *"Para que todo o vosso espírito, e a alma e o corpo se conservem sem repreensão"* [1]. Esta divisão ternária é adotada pela Teologia Cristã.

O Espírito é realmente uma Trindade, reflexo e imagem da Trindade Suprema, como veremos depois [2].

O homem verdadeiro, o princípio imortal é consciência que tem como invólucro o corpo espiritual. Cada um dos aspectos da Trindade tem seu Corpo especial; a Alma é dupla, pois compreende o mental e a natureza emocional, com seus respectivos envoltórios.

O Corpo é o instrumento material do Espírito e da Alma. Segundo uma classificação cristã dos princípios constituintes do homem, êste apresenta doze elementos, dos quais seis formam o homem espiritual e seis o homem natural. Outra classificação apresenta quatorze divisões, sete modificações da consciência e sete tipos de forma correspondentes.

Encontram-se, em suma, nesta última os princípios estudados pelos místicos. É chamada a divisão setenária, porque, realmente, existem sete divisões, em que cada uma apresenta dois aspectos: vida e forma.

Estas divisões e subdivisões são, para as inteligências rudes, causa de confusão e perplexidades. Eis porque Orígenes e Clemente, como vimos acima [3], afirmavam com tanta insistência que a inteligência era necessária à pessoa que desejasse alcançar a gnose.

---

(1) I Tessal. V. 23.

(2) V. cap. XI, *A Trindade.*

(3) Ante. págs. 88, 104 e 105.

Nada impede às pessoas a quem esta classificação assusta, de a deixarem de lado; mas que elas reconheçam ao investigador o direito de adotá-la, porque não só nela encontramos uma fonte de inspirações, mas, ainda, a consideramos como indispensável a quem quer compreender claramente os Mistérios da Vida e do Homem.

A palavra Corpo significa um veículo ou instrumento de consciência, o invólucro no qual a consciência entra em contato com o mundo exterior. Ela o utiliza como um operário usa da ferramenta.

Podemos ainda comparar o Corpo a um recipiente contendo a consciência, como um frasco encerra um líquido. É uma forma empregada por uma vida; e a consciência manifesta-se, sempre e por tôda a parte, por meio de formas semelhantes. A forma pode ser da mais rara e sutil natureza, tão diáfana que a vida que a habita parece não existir; entretanto, a forma está presente e sua composição é material. A forma pode, pelo contrário, ser tão densa que oculte a vida latente; então, somos apenas conscientes da forma, mas a vida está presente e tem por essência o oposto à Matéria — o Espírito.

É indispensável que o estudante se convença dêste fato fundamental, a coexistência do Espírito e da Matéria, inseparáveis no menor fragmento de poeira como no Logos, o Deus manifestado. Sem esta noção, o estudo dos Mistérios Menores será impossível.

O Cristo, como Deus e homem, não faz senão apresentar em proporções cósmicas, a qualidade que se encontra em tôda a natureza. Tudo o que o universo contém, oferece, em sua constituição, esta qualidade fundamental.

O homem possui um "corpo animal" composto de quatro elementos distintos e separáveis, destinados a perecer. Dois dêstes elementos são formados de matéria física e jamais se separam completamente antes da morte, embora a separação parcial possa ser feita por substâncias anestésicas ou pela doença: êste conjunto é designado por *Corpo Físico*. O homem, na vigília, age conscientemente neste corpo, que é para êle, conforme a expressão técnica, seu veículo de consciência no mundo físico.

O terceiro elemento é o *corpo dos Desejos,* assim chamado porque os sentimentos e as paixões do homem nêle encontram seu instrumento especial. Durante o sono, o homem, abandonando o corpo físico, prossegue suas atividades conscientes neste outro corpo que tem por meio normal o mundo invisível mais próximo da terra e que representa seu veículo de consciência no menos elevado dos mundos hiperfísicos, o *mundo astral,* o primeiro no qual o homem ingressa após a morte.

O quarto elemento é o *corpo Mental,* assim chamado porque é empregado pela natureza intelectual do homem, o pensamento concreto. É para nós o veículo de consciência no segundo dos mundos hiperfísicos e o menos elevado dos mundos celestes onde os homens passam após a morte, quando deixam o mundo astral.

Êstes quatro elementos da forma humana exterior, corpos *físico, etéreo, astral* e *mental,* eis o que se deve entender por *corpo animal,* de que fala S. Paulo.

Os ensinos cristãos ordinários, neste ponto, têm falta de precisão e de clareza, nêles não se encontrando esta análise científica. Eu não quero dizer, com isto, que as Igrejas não o tenham conhecido, pois esta classificação da constituição humana fazia parte dos Mistérios Menores. A divisão em Espírito, Alma e Corpo era exotérica, geral e superficial, e era dada como ponto de partida.

A dupla natureza do *corpo* era ensinada mais tarde, de modo a preparar o discípulo a separar os dois princípios e a empregar cada um como veículo de consciência em cada região particular.

É fácil perceber esta idéia. Quando alguém quer viajar, emprega como veículo uma carruagem ou um trem; no mar, muda de condução e emprega o navio; no ar, muda ainda de veículo e emprega o avião.

O homem é sempre o mesmo, embora empregando três conduções diferentes, conforme o gênero de matéria que deseja atravessar. Embora imperfeita, esta comparação não conduz ao êrro.

Quando o homem atua no mundo físico, tem para veículo o corpo físico e sua consciência acha-se desperta neste corpo,

que é seu instrumento. Quando, seja dormindo ou ao morrer, passa ao mundo que nos fica mais próximo, seu veículo é o corpo de desejos, o astral, o qual deve aprender a empregar conscientemente, tal como faz com o corpo físico. Êle o emprega, aliás, inconscientemente todos os dias, ao experimentar os sentimentos e os desejos, como também quando dorme.

Após a morte, quando se entra no mundo celeste, o veículo é o corpo mental, que empregados também quando pensamos, pois não há pensamento no cérebro que não tenha passado antes pelo corpo mental.

Finalmente, o homem possui um corpo espiritual, composto de três partes separáveis, pertencentes respectivamente às três pessoas da Trindade no Espírito humano.

S. Paulo nos diz que "foi arrebatado até ao terceiro céu", onde ouviu segredos e mistérios que o homem não deve revelar [4]. Os iniciados conhecem perfeitamente estas regiões dos mundos invisíveis, e sabem que, para ir além do primeiro céu, é necessário empregar como veículo o corpo espiritual pròpriamente dito e que, segundo o desenvolvimento das três divisões, determinará o céu em que se pode penetrar.

O menos elevado dêstes três elementos é geralmente chamado *Corpo Causal*, por uma razão que só pode ser compreendida por quem estudou a Reencarnação — aliás ensinada na Igreja primitiva — e quem saiba que a evolução humana reclama muitas vidas sucessivas antes que a alma embrionária do selvagem possa tornar-se um Cristo e ser perfeita como o *Pai celeste* [5], realizando, assim, a união do *Filho com o Pai* [6]. Êste corpo sobrevive de existência em existência, acumulando tôda a memória do passado e determinando as causas que dão nascimento aos corpos inferiores. É êle o receptáculo das experiências humanas, onde se conservam todos os tesouros que colhemos em nossas existências, a sede da Consciência e o princípio da Vontade.

---

(4) II Corínt. XII, 2-4.

(5) S. Mateus V, 48.

(6) S. João XV, 21, 22 e 23.

A segunda das três divisões do corpo espiritual é mencionada por S. Paulo em têrmos significativos. *Temos nos céus um edifício que nos vem de Deus, uma morada eterna que não foi feita pela mão do homem* [7]. É o corpo de Beatitude, o corpo glorificado do Cristo — "o corpo que ressuscita". Êle não foi feito *pela mão do homem,* isto é, pela ação da consciência sôbre os veículos inferiores. Não foi formado pela experiência nem construído com materiais acumulados pelo homem no decurso de sua longa peregrinação; é próprio à vida do Cristo, à vida do Iniciado, ao desabrochar divino no homem; é construído por Deus, pela atividade do Seu Espírito e não cessa de crescer durante tôdas as vidas do Iniciado, para atingir seu apogeu com a Ressurreição.

O terceiro elemento do corpo espiritual é esta película impalpável, de natureza sutil, que individualiza o Espírito, fazendo dêle um Ser distinto, não se opondo, entretanto, à interpenetração do todo em si, sendo, por isto, a expressão da unidade fundamental.

Quando o *Filho se submeter àquele que sujeitou tôdas as coisas, a fim de que Deus seja tudo em todos,* esta película desaparecerá. Mas, para nós ainda permanece o elemento superior do corpo espiritual, com o qual subimos ao Pai para nos unirmos a Êle.

O Cristianismo sempre reconheceu a existência dos três mundos ou regiões que o homem deve atravessar: primeiro, o mundo físico; depois, um estado intermediário onde fica após a morte; finalmente, o mundo celeste. Só ignorantes podem supor que o homem passa diretamente do seu leito de morte a um estado de beatitude definitiva. As opiniões variam, entretanto, sôbre a natureza do mundo intermediário. Os católicos romanos chamam-no Purgatório, admitindo que tôda a alma deve atravessá-lo, salvo a do Santo e quem já chegou à perfeição, ou a do homem morto em "pecado mortal".

A grande maioria passa por uma região purificadora, onde o homem demora mais ou menos tempo, conforme os pecados

---

(7) II Corínt. V, 1.

cometidos; não o deixa para entrar no mundo celeste senão depois de ter sido purificado.

As diferentes confissões ditas Protestantes divergem em pontos secundários e repudiam a idéia de uma purificação póstuma; mas, em geral, admitem a existência de um estado intermediário, às vêzes chamado "Paraíso" ou "período de espera". O mundo celeste é quase universalmente encarado, na Cristandade moderna, como um estado final, sem que existam noções bem nítidas sôbre sua natureza e o estado progressivo ou estacionário dos que nêle penetram.

A Igreja Primitiva via, no céu, o que na realidade êle é, uma etapa da alma na sua peregrinação ascendente, como também a reencarnação e a preexistência da alma eram ensinadas. Resultava, naturalmente, desta doutrina que o estágio no céu era temporário, embora bastante prolongado. De acôrdo com o têrmo grego do Nôvo Testamento, a duração desta permanência era de um "Íon" ou idade que acabava pela volta do homem a nova existência. Não era, pois, eterna.

A fim de completar êste esbôço, necessário para se compreender a Ressurreição e a Ascensão, examinemos, agora, como se desenvolvem, na sua evolução superior, os diferentes corpos de que acabamos de falar.

O *corpo físico* se transforma sem cessar, substituindo contìnuamente as partículas imperceptíveis de que é composto, restaurando-se por um trabalho sem fim. Ora, o corpo sendo formado por nossa alimentação, por líquidos, pelo ar atmosférico, por partículas dos sêres animados e das coisas que nos cercam, aqui embaixo, é possível purificá-lo metòdicamente, escolhendo com critério seus elementos constitutivos, e assim, fazendo dêle um veículo, um instrumento cada vez mais puro, suscetível de vibrações mais sutis, e mais apto para responder aos desejos puros e pensamentos nobres e elevados.

Eis por que o aspirante aos Mistérios era submetido, em alimentos, abluções, etc., a regras determinadas, e resguardo no tocante às pessoas e lugares por êle freqüentados.

O *corpo de desejos* se transforma igualmente e de maneira análoga, mas aqui os materiais expulsos ou absorvidos o são

pela ação dos desejos, que tem sua origem nos sentimentos, paixões e emoções. Se estas forem grosseiras, o corpo dos desejos o é igualmente; se forem puras, o corpo de desejos torna-se sutil e muito mais sensível às influências do alto. O homem consegue purificar tanto mais êste veículo superior da consciência, quanto mais dominar sua natureza inferior, esquecendo-se completamente de si mesmo nos seus desejos, sentimentos e emoções, amando o próximo com menos egoísmo e cálculo.

Também, quando abandona, durante o sono, seu corpo físico, suas experiências são mais elevadas, puras e instrutivas. E, ao morrer, rejeita o corpo físico, passa ràpidamente pelo estado intermediário, pois ràpidamente se decompõe seu corpo de desejos, que deixa de ser causa de atraso.

O corpo mental se forma de maneira semelhante, mas pela ação dos pensamentos. Êle será o veículo de consciência a ser empregado no mundo celeste; mas, agora, sua construção é feita pela imaginação, pela razão, aspirações e faculdades artísticas e, em geral, por todos os podêres mentais em exercício. O homem não pode empregar senão o corpo mental que êle mesmo criou. A duração e a intensidade de sua vida celeste dependem do gênero de corpo mental que êle construiu aqui embaixo. Êste, quando o homem alcança um grau superior de evolução, começa a exercer, durante a vida terrestre, uma atividade independente. Gradualmente o homem se torna consciente de sua vida celeste, mesmo no turbilsão da sua existência quotidiana; fica sendo, então, o *Filho do homem que está no céu,* capaz de falar com autoridade das coisas celestes.

Quando o homem começa a viver a vida do Filho, ao tocar no caminho da Santidade, vive no céu sem deixar a terra, porque emprega conscientemente seu corpo celeste. O céu não está afastado de nós, antes nos rodeia por todos os lados. O que no-lo oculta aos nossos olhos é a nossa incapacidade em sentir suas vibrações, e não a sua ausência, vibrações que nos ferem de modo contínuo e que bastaria as percebermos para que nos encontrássemos no céu. E aí chegaremos quando tivermos despertado a atividade do corpo celeste, organizando-o e desenvolvendo-o convenientemente. Por que se fôr formado de materiais celestes, responderá às vibrações do céu. Eis porque o *Filho do homem* está

sempre no céu. Ora, nós sabemos que o têrmo *Filho do homem* se aplica ao Iniciado, não ao Cristo ressuscitado e glorioso, mas ao Filho que ainda não alcançou inteiramente a *perfeição* [8].

Durante as etapas evolutivas que conduzem ao Caminho de Provação, o primeiro elemento do corpo espiritual, o *corpo causal,* se desenvolve ràpidamente, permitindo ao homem, após a morte, elevar-se até o segundo céu. Depois do Segundo Nascimento, nascimento do Cristo no homem, começa a constituir-se o corpo de beatitude, que *está nos céus.* É o corpo do Cristo que se desenvolve no decurso de Sua missão na terra.À medida que êle avança, a consciência do *Filho de Deus* se amplia cada vez mais, e a união com o Pai ilumina o Espírito vencedor .

Nos Mistérios Cristãos, como nos do Egito antigo, da Caldéia e outros, existia um simbolismo exterior marcando os estágios que o homem devia atravessar. O candidato era levado à sala da Iniciação e lá, deitado, com os braços estendidos — ora numa cruz de madeira, ora no chão do pavimento — na atitude de um crucificado. O tirso — a lança da crucificação — tocava-lhe o coração e, deixando seu corpo, passava aos mundos invisíveis; seu invólucro físico ficava em profunda letargia, a morte do crucificado; transportado para um sarcófago de pedra, aí ficava encerrado, submetido a cuidadosa vigilância. Durante isto, o homem real percorria as sombrias regiões chamadas "o coração da terra", para, depois, galgar a montanha celeste, revestida do seu corpo de beatitude — corpo para sempre perfeito — veículo da consciência perfeitamente organizada.

Revestido dêste invólucro nôvo, êle voltava ao seu corpo de carne, tornando à vida. A cruz que sustentava o corpo, ou, quando não havia cruz, o corpo adormecido e rígido era retirado do sarcófago e colocado numa superfície inclinada, na direção do oriente, antes do levantar do sol, na manhã do terceiro dia.

No momento em que os raios do Sol tocavam-lhe o rosto, o Cristo — o Iniciado perfeito ou o Mestre — entrava em Seu corpo, glorificando-o com o nôvo invólucro com o qual estava

---

(8) Hebr. V, 9.

revestido, transformando o corpo carnal ao contato do corpo de beatitude, dando-lhe propriedades, faculdades e aptidões novas, isto é, transformando-o em Sua própria imagem.

Tal é a ressurreição do Cristo, depois da qual o corpo carnal transformado adquiria uma nova natureza.

Eis por que o Sol foi sempre tomado como símbolo do Cristo ressuscitado e por que, nos hinos da Páscoa, se faz constantemente alusão ao Sol de Justiça.

Por isso, as palavras com relação ao Cristo triunfante: "Eu estou vivo, e estive morto, mas eis que estou vivo para todo o sempre. Amém! E tenho as chaves da morte e do inferno" [9]. O Filho pode dispor, de ora em diante, de todos os podêres dos mundos inferiores, em virtude do Seu triunfo glorioso. A morte já não tem mais poder sôbre Êle: "Êle tem a vida e a morte em Sua mão poderosa" [10]. Êle é o Cristo ressuscitado, o Cristo triunfante.

A Ascensão do Cristo era o Mistério do terceiro elemento do corpo espiritual ao adquirir a Vestidura de glória. Ela preparava a união do Filho com o Pai, do homem com Deus — quando o Espírito readquire a glória que possuía *antes que o mundo existisse* [11].

É então que o tríplice Espírito se torna um. Sente-se eterno; o Deus oculto foi achado. É esta união que apresenta, sob forma imaginária, a doutrina da Ascensão, pelo menos quanto ao homem encarado individualmente.

Para a humanidade, a Ascensão não tem lugar senão quando a raça inteira alcança "a condição de Cristo" — a condição filial em que o Filho se une ao pai e Deus é tudo em todos.

Eis a meta figurada pelo triunfo do Iniciado, que, para ser alcançada, é necessário que o gênero humano tenha chegado à perfeição e que a Humanidade, "esta grande órfã", cesse de o ser, reconhecendo-se, com plena consciência, como Filha de Deus.

---

(9) Apoc. I, 18.

(10) Blavatsky — *A Voz do Silêncio,* pág. 90.

(11) S. João XVII, 5.

Estudando, assim, as doutrinas da Redenção, da Ressurreição e da Ascensão, descobrimos as verdades que, sob forma velada, apresentam os Mistérios Menores. Começamos a compreender, em sua plenitude, a verdade do ensino apostólico; Cristo não foi uma personalidade, mas as *primícias dos que estão mortos* [12]. Todo homem pode tornar-se um Cristo.

O Cristo não é, pois, considerado como um Salvador de natureza diferente da nossa, cujos méritos salvaram, por substituição, o homem da cólera divina. Conforme a gloriosa e consoladora doutrina, então ensinada pela Igreja, o Cristo era *as primícias* da humanidade, o modêlo que todo o homem deve reproduzir em si. Os Iniciados foram sempre considerados como as primícias, o penhor de segurança da humanidade em sua perfeição futura.

Para os cristãos dos primeiros séculos, Cristo era o símbolo vivo da própria divindade nêles, o fruto glorioso do gérmen que êles traziam no próprio coração. A doutrina do Cristianismo Esotérico ou dos Mistérios Menores não era a salvação por um Cristo *exterior*, mas a glorificação e a perfeição de todos no Cristo interior. O Noviço era chamado a tornar-se um Filho. A vida do Filho passava-se entre os homens até o dia em que a Ressurreição marcava o seu têrmo. Então, o Cristo glorificado tornava-se, para o mundo, um Salvador *perfeito*.

Que grandioso Evangelho perante o qual a nossa época nos expõe!

Em presença do ideal majestoso do Cristianismo esotérico, a doutrina exotérica das Igrejas nos parece bastante estreita e sem vida.

---

(12) **I Corínt. XV, 20. Outra tradução diz:** ***As primícias dos que dormem.***

CAPÍTULO IX

A TRINDADE

Para ser proveitoso o estudo da Existência Divina, devemos partir da sua Unidade: todos os Sábios a têm proclamado, tôdas as religiões a têm afirmado, tôdas as filosofias lhe reconhecem êste caráter. É o "Único sem segundo" [1]. "Escuta, ó Israel, o Eterno, nosso Deus é o único Senhor" [2]. Diz S. Paulo: "Para nós não há senão um Deus" [3]. Afirma o fundador do Islamismo: "Não há outro Deus senão Deus", fazendo destas palavras o símbolo de sua religião. Uma existência Única, sem limites, sòmente dEla conhecida em tôda a sua plenitude, tal é a Noite Eterna, de onde nasce a Luz. Mas, como Divindade manifestada, o Único aparece sob tríplice aspecto, formando uma Trindade de Sêres Divinos, que são Um como Divindade, mas Tríplices como Podêres manifestados.

Sob êste ponto de vista, as grandes religiões estão de acôrdo. Esta verdade, em suas relações com o homem e com a evolução humana, é de importância capital; por isso, sempre teve lugar destacado nos Mistérios Menores.

Entre os hebreus, inclinados ao antropomorfismo, a doutrina manteve-se secreta, embora os rabinos estudassem e adorassem o Antigo dos Dias, Fonte da Sabedoria, Causa de tôda Inteligência e que formava — *Kether, Chochmah* e *Binah*, a Trinda-

---

(1) Chandogiopanishad XI, 1.

(2) Deut. VI, 4.

(3) I Corínt. VIII,6.

de Suprema, irradiando no Tempo o Único que é superior ao tempo. O Livro da Sabedoria de Salomão faz menção desta doutrina, exibindo a Sabedoria como única Pessoa.

Segundo Maurício, "O primeiro Sefiró, chamado Kether ou a Coroa; Kadmon, a Luz pura e Eu Soph, o Infinito [4] é o Pai Todo-Poderoso do Universo. O segundo é Chochmah, cuja identidade já demonstramos com a Sabedoria criadora apoiando-nos nas Escrituras sagradas e nas obras dos rabinos. O terceiro é Binah, a Inteligência celeste: é o *Kneph,* dos egípcios e o *Nous Demiurgos,* de Platão. É ainda o Espírito Santo que enche, anima e governa o universo infinito" [5].

O Deão Milman, na sua *História do Cristianismo,* mostra a influência que ela exerceu nos ensinos cristãos. "Êste Ser", diz êle, "o Verbo ou a Sabedoria, era mais ou menos impessoal, conforme as idéias da época ou da raça eram mais populares ou filosóficas, mais materialistas ou espiritualistas. Estendia-se esta doutrina do Ganges, das margens do mar Amarelo até o Ilisso; era a alma da religião e da filosofia da Índia, como também a base do zoroastrismo e do platonismo puro e do próprio platonismo judaico da Escola de Alexandria. Poderíamos citar muitas páginas de Fílon em que êle mostra a impossibilidade, para os sentidos humanos, de alcançarem o conhecimento do Ser Primordial, existente no Ego. É provável que, na Palestina, João Batista e mesmo Nosso Senhor não divulgassem uma doutrina nova, mas antes idéias comuns a todos os espíritos esclarecidos, quando declaravam que *nenhum homem jamais viu Deus.* Em virtude dêste princípio, os judeus, na interpretação das Escrituras antigas, renunciavam à idéia de uma comunicação direta com o grande Único e admitiam a existência de um ou vários Sêres intermediários que O ligam à humanidade. De acôrdo com uma tradição, à qual S. Estêvão faz alusão, *a lei foi dada por determinação dos anjos.* Aliás, esta função é cometida a um só anjo, chamado o anjo da Lei (Gálatas III, 19), ou também, metatron.

---

(4) Isto é êrro. En on Ain Soph não faz parte da Trindade. Ela é a existência única que revela a tríplice manifestação. Kadmon ou Adão Kadmon também não é um Sefiró, mas o conjunto de todos.

(5) Willamson — *The Great Law,* 201-202.

Mas, o que mais comumente representava Deus para a inteligência humana era menrà, a Palavra Divina. É de notar que esta mesma expressão se encontra nos sistemas da Índia e da Pérsia, em Platão e na Escola de Alexandria. O targum, o mais antigo comentário judaico das Escrituras, já tinha aplicado êste têrmo ao Messias. É inútil salientar o caráter sagrado que a palavra tomou ao passar para a doutrina cristã [6].

Como diz o erudito Deão, a idéia de um Logos era universal, fazendo parte da concepção *trinitária.*

Entre os hindus, os filósofos dão a Brama manifestado os nomes de Sat-Chit-Ananda, a Existência, a Inteligência e a Beatitude. Para a multidão, o Deus manifestado é uma Trindade: Brama, Vixenu e Siva, isto é, o Criador, o Preservador e o Destruidor do Universo.

A religião de Zoroastro apresenta uma Trindade análoga: Ahura-Mazda, o Grande Ser, o Primeiro; "os "Gêmeos", a Segunda Pessoa sob seu duplo aspecto (a Segunda Pessoa de uma Trindade é sempre dual, o que levou a ignorância moderna a transformá-la em duas Personalidades inimigas, Deus e o Demônio); finalmente, a Sabedoria Universal, Armaiti.

No Budismo do Norte, encontramos Amithaba, a luz sem limites; Avalokiteshvara, origem das encarnações, e Mandjusri, a Inteligência Universal.

No Budismo do Sul, a idéia de Deus desapareceu, mas, com uma tenacidade significativa, a triplicidade se encontra, como refúgio, neste trecho: o Buda, o Darma, o Sanga. E o próprio Buda é, às vêzes, adorado como Trindade.

Em uma pedra achada em Buda Gaia, lê-se esta inscrição: "Om! Tu és Brama, Vixenu e Siva... Eu Te adoro, a Ti que se celebra sob mil nomes e formas diferentes, na figura de Buda, o Deus de Misericórdia" [7].

Nas religiões desaparecidas, encontra-se a mesma idéia da Trindade. Ela dominava todo o culto religioso do Egito.

---

(6) Milman, *The History of Christianity.*

(7) *Asiatic Researches* I, pág. 285.

O "Britsh Museum" possui uma inscrição hieroglífica datando do reino de Senechus (VIII século antes de Cristo), que mostra já existir, nesta época, a doutrina da Trindade na Unidade, fazendo parte da religião dos egípcios [8].

O mesmo se poderia dizer de uma época muito mais remota. Rama, Osíris e Horo formavam a Trindade, por tôda a parte venerada. Osíris, Ísis e Horo eram adorados em Abidos. Outras cidades prestavam culto a outros nomes, e o triângulo é freqüentemente empregado como símbolo do Deus Tríplice e Único. Quaisquer que sejam os Nomes Divinos, veremos, em uma citação de Manethon, a idéia sôbre a qual repousavam estas Trindades: "Primeiro, Deus; em seguida, o Verbo, e, com Êles, o Espírito", assim disse um oráculo censurando o orgulho de Alexandre o Grande [9].

Entre os caldeus, formavam a Trindade: Anu, Ea e Bel. Anu representava a origem de tudo, Ea, a Sabedoria, e Bel, o Espírito Criador.

Williamson observa entre os chineses: "Na antiga China, os imperadores tinham por costume oferecer, de três em três anos, um Sacrifício *Àquele que é um e tríplice.* Assim se dizia: *Fô é uma única pessoa, mas possui três formas.* Igualmente, uma trindade figura no taoísmo, o grande sistema filosófico da China. *A Razão Eterna produziu o Único; o Único produziu Dois; os Dois produziram os Três e os Três produziram tôdas as coisas;* o que prova que êles tinham alguma noção da Trindade, diz Le Compte" [10]

A doutrina cristã da Trindade concorda perfeitamente com a das outras religiões, no que se refere ao papel representado por cada uma das Pessoas Divinas. A palavra Pessoa vem de *persona* (máscara, o que cobre um objeto) e significa a máscara da Existência Única, o modo como Ela se revela sob uma forma. O Pai é a Origem e o Fim de tudo; o Filho é duplo em sua natureza, é o Verbo ou Sabedoria. O Espírito Santo é a inteli-

---

(8) Sharpe: *Egyptian Mythology and Christianity.*
(9) Williamson, *The Great Law,* pág. 196.
(10) Williamson, *The Great Law,* pág. 196.

gência Criadora que, pairando sôbre o caos da matéria primordial, a tornou apta para servir à elaboração das formas.

Esta identidade dos papéis, apesar da grande variedade dos nomes, mostra a existência não só de uma semelhança exterior, mas também de uma verdade profunda. Existe um princípio do qual esta triplicidade é a manifestação, um princípio que é possível de descobrir na natureza e na evolução e que, por todos reconhecido, permitirá compreender o desenvolvimento do homem e as fases evolutivas de sua vida.

Verificamos mais que, na linguagem universal dos símbolos, as Pessoas têm emblemas distintivos que nos permitem reconhecê-lAs na variedade das formas e dos nomes.

Mas resta um ponto a tocar, antes de deixarmos a doutrina exotérica da Trindade. A tôdas estas Trindades liga-se uma quarta manifestação fundamental — o Poder de Deus — que sempre se apresenta sob uma forma feminina. No hinduísmo, cada uma das Pessoas da Trindade possui um Poder distinto de manifestação; o Único e seus seis aspectos constituem o Setenário sagrado. Em muitas Trindades, aparece uma forma feminina, que se prende sempre à Segunda Pessoa, e daí resulta o Quaternário sagrado.

Passemos, agora, à verdade interior.

O Único manifesta-se como o Ser primordial, o Senhor que existe por Si mesmo, a Raiz de tôdas as coisas, o Pai Supremo. A palavra Vontade ou Poder parece melhor exprimir esta Revelação primária, pois nenhuma manifestação é possível antes da aparição da Vontade, mesmo porque, sem a Vontade manifestar-se, não poderia existir nenhuma impulsão que tornasse possível um desenvolvimento ulterior.

O universo, pode-se dizer, tem sua raiz na Vontade Divina. Vem, em seguida, o segundo aspecto do Único, a Sabedoria. Eis por que foi escrito: *Nada do que foi feito se fêz sem ela.* A Sabedoria é de natureza dupla, como veremos em breve. Depois de revelados os aspectos da Vontade e da Sabedoria, seguia-se um terceiro aspecto que as tornou eficazes, a Inteligência Criadora, o Intelecto Divino em ação. *Foi êle que fêz a terra por Sua virtude,* diz um profeta judeu, *quem compôs o mundo com*

Sua Sabedoria a estendeu aos céus com Sua Inteligência[11] É evidente, aqui, a alusão às três atividades distintas[12] As três Pessoas são aspectos inseparáveis, indivisíveis do Único. Para mais clareza, podemos admitir isoladamente Suas atividades, que não podem ser dissociadas; elas são necessárias umas às outras e cada qual está presente nas outras duas.

No Ser Primordial, a Vontade ou Poder é predominante e característico, mas a Sabedoria e a Ação Criadora também estão presentes. Na Segunda Pessoa, a Sabedoria predomina, mas o Poder e a Ação Criadora não deixam de ser inerentes. Na Terceira Pessoa, enfim, a Ação predomina, mas a Sabedoria e o Poder mostram-se sempre em tudo.

Empregamos as palavras Primeira, Segunda, Terceira, porque, no tempo, as Pessoas da Trindade manifestam-se e se sucedem nesta ordem; mas, na Eternidade, dependem umas das outras e são iguais. "Nenhuma é maior ou menor que a Outra" [13]

Esta Trindade é o Ego divino, o Espírito Divino, o Deus manifestado. *O que foi, que é e que virá*[14], a tríplice raiz fundamental da existência e da consciência.

Mas, como já verificamos, existe ainda uma Quarta Pessoa, ou, em certas religiões, uma segunda Trindade feminina, a Mãe. É o princípio que torna possível a manifestação; eternamente presente no Único é a raiz da limitação e da divisão. Sob sua forma manifestada, é a Matéria, o Não-Eu divino, a Natureza manifestada. Considerada isoladamente, a Pessoa feminina vem em Quarto lugar. Ela torna possível a atividade das Três; é, em virtude de sua divisibilidade infinita, o Campo de Trabalho da Trindade. Ela é, simultâneamente, a serva do Senhor[15] e a Mãe do Senhor, porque dá sua própria substância para formar o Corpo de Seu Filho, quando o Poder Divino a vem cobrir com sua sombra[16].

---

(11) Jerem. LI, 15.
(12) Ante. págs. 185-186.
(13) Credo de Atanásio.
(14) Apocal. IV, 8.
(15) S. Lucas I, 38.
(16) S. Lucas I, 35.

Um exame atento nos mostra que a Quarta Pessoa é, também, tríplice; Ela se apresenta sob três aspectos inseparáveis, sem os quais Sua existência seria impossível. Êstes aspectos são a Estabilidade (a Inércia ou Resistência), a Mobilidade e o Ritmo.

Eis as qualidades essenciais da Matéria que permitem a ação efetiva do Espírito e que são consideradas como os Podêres manifestados na Trindade. A Estabilidade ou Inércia dá uma base à alavanca, o ponto de apoio; o Movimento manifesta-se então, mas só, êle produziria o caos. O Ritmo intervém, em seguida, e a Matéria entra em vibração, tornando-se plástica e maleável. Quando as três qualidades estão em equilíbrio, reina a Unidade, a Matéria Virgem é infecunda. Mas quando o Supremo Poder a cobiça e a cobre com sua sombra, insuflando-lhe o Espírito, o equilíbrio rompe-se e Ela se torna a Mãe divina dos mundos.

A princípio, ao entrar em contato com a Terceira Pessoa da Trindade, Ela recebe a faculdade de dar nascimento às formas. Aparece então a Segunda Pessoa, que se reveste da substância assim modelada e se torna a Mediadora, unindo o Espírito e a Matéria: é o Arquétipo de tôdas as formas. Pela Segunda Pessoa, sòmente se manifesta a Primeira, como Pai de todos os Espíritos. Agora se pode compreender porque, na Trindade espiritual, a Segunda Pessoa é sempre dupla. Ela é o Único revestido de Matéria em que as duas metades gêmeas da Divindade aparecem unidas, mas não idênticas. Por isso, Ela é a Sabedoria, porque, encarada sob o lado do Espírito, a Sabedoria é a Razão Pura que a si mesmo se reconhece como a Existência Única, envolvendo a compreensão de tôdas as coisas. Encarada do lado da Matéria, Ela é o Amor que, agrupando a infinita variedade das formas, faz de cada forma uma unidade distinta e não uma simples aglomeração de partículas, o princípio da atração que mantém os mundos e tudo o que êles contêm, numa ordem e equilíbrio perfeito. Tal é a Sabedoria que *ordena tôdas as coisas com poder e doçura* [17], a Sabedoria que mantém e conserva o universo.

---

(17) **Livro da Sabedoria VIII, 1.**

Nos símbolos que se encontram em tôdas as religiões, o Ponto — que só tem posição — representa a Primeira Pessoa da Trindade. Falando dêste símbolo, S. Clemente de Alexandria observa que podemos subtrair de um corpo suas propriedades, em seguida, suas dimensões, comprimento, largura e profundidade, "o ponto que fica é uma unidade possuindo uma certa posição. Suprimindo a idéia de posição, atingimos a concepção da unidade" [18].

A Primeira Pessoa faz irradiar, nas trevas sem limites, um Ponto luminoso, centro de um futuro universo, Unidade que encerra, em seu conjunto, tôdas as coisas. A matéria destinada a formar um universo, campo de Sua atividade, é determinada pela vibração oscilatória do Ponto, agindo em tôdas as direções e determinando uma esfera imensa, limitada por Sua Vontade, por seu Poder.

É a criação *da Terra por Seu Poder,* de que fala Jeremias [19]. O círculo contendo o Ponto central, eis o símbolo completo.

A Segunda Pessoa é representada por uma linha, diâmetro dêste círculo, figurando uma das vibrações completas do Ponto e irradiando igualmente em tôdas as direções, no interior da esfera. Esta linha, que divide o círculo em duas partes, indica que a Matéria e o Espírito, confundidos em um só princípio na Primeira Pessoa, são visìvelmente distintos, embora unidos.

A Terceira Pessoa é representada por uma Cruz formada por dois diâmetros perpendiculares entre si, em que a segunda linha da Cruz divide as partes superiores e inferiores do círculo. É a Cruz grega [20].

Quando a Trindade é representada como Unidade, o símbolo empregado é o Triângulo, seja inscrito, seja isolado. O Universo é representado por dois triângulos entrelaçados, a Trindade Espiritual no triângulo, de vértice para cima; a Trindade Material com o vértice para baixo. Quando se empregam côres, o primeiro é branco ou amarelo côr de ouro, e o segundo, negro ou de uma côr escura.

---

(18) Ante-Nicene, S. Clemente, *Stromata.*

(19) Jerem. LI, 15.

(20) Ante. pág. 212.

Podemos, agora, acompanhar o processo cósmico. O Único se fêz Dois, e o Dois, Três, nascendo, assim, a Trindade. A Matéria cósmica delimitada aguarda a ação do Espírito. Tal foi o *comêço* de que fala a Gênese, quando Deus *criou o céu e a terra* [21]. Esta declaração é elucidada por muitas passagens bíblicas, quando dizem que Êle fundou a terra [22]. Os materiais cósmicos estão prontos para servir, mas é ainda o caos sem forma e vazio [23]. Então entra em cena a Inteligência Criadora, o Espírito Santo que *se movia sôbre as águas* [24], sôbre o imenso oceano da matéria. O Espírito, embora seja a Terceira Pessoa, age em primeiro lugar. O fato é da maior importância.

Os Mistérios mostravam, de maneira detalhada, o trabalho do Espírito ao preparar a Matéria Cósmica, formando os átomos e os aglomerando entre si, agrupando-os na composição dos gases, dos líquidos e sólidos. Êste trabalho não se limita à matéria física: estende-se a todos os estados de matéria, no domínio dos mundos invisíveis.

A Terceira Pessoa, como *Espírito de Inteligência,* concebe, em seguida, as formas que devem revestir a matéria preparada; Ela não edifica estas formas, mas, pela ação da Inteligência Criadora, produz as Idéias e os Protótipos celestes, assim chamados muitas vêzes. É a êste trabalho que se refere a passagem: — *Êle estendeu os céus com Sua Inteligência* [25].

A Segunda Pessoa começa Seu trabalho depois da Terceira. Por Sua Sabedoria, Ela *edificou o mundo* [26], compondo os globos e tudo o que encerram. Tôdas as coisas foram feitas por Ela [27]; Ela é a vida que organiza os mundos, nEla todos os Sêres têm sua origem [28].

---

(21) Gên. I, 1.
(22) Jó XXXVIII, 4; Zac. XII, 1.
(23) Gên. I, 2.
(24) Gên. I, 2.
(25) Jerem. LI, 15.
)26) Jerem. LI, 15.
(27) S. João I, 3.
(28) Bagavata-Gita IX, 4.

A vida do Filho, assim manifestada na matéria preparada pelo Espírito Santo (é o grande *mito* da Encarnação) é a vida que constrói, guarda e mantém tôdas as formas, porque o Filho é o Amor, o poder que atrai, que dá às formas a coesão, permitindo-lhes se desenvolverem sem que se dissolvam, o Preservador, o Conservador, o Salvador.

Eis porque *tudo deve estar submetido* ao Filho [29], tudo nêle se encontra e que nada vem ao Pai senão por Êle [30].

O trabalho da Primeira Pessoa segue, com efeito, o trabalho da Segunda, como o da Segunda já seguiu o da Terceira.

A Escritura chama-O o *Pai dos Espíritos* [31], o *Deus dos espíritos de tôda a carne* [32]. O homem deve-lhe o Espírito Divino, o eu verdadeiro. O espírito humano é a vida divina do Pai, emanando dêle e derramada no vaso preparado pelo Filho, com materiais vivificados pelo Espírito. O Espírito humano, vindo do Pai é um com Êle e oferece os três aspectos da Unidade. O homem é verdadeiramente feito à *nossa imagem, à nossa semelhança* [33] e pode tornar-se *perfeito como vosso Pai celestial é perfeito* [34].

Tal é o processo cósmico, que se repete na evolução humana, porque "o que está em cima é análogo ao que está embaixo".

No homem, a Trindade espiritual, sendo formada à semelhança divina, deve apresentar os atributos divinos. Também encontramos nêle o Poder que, quer na sua forma superior da Vontade, ou na inferior do Desejo, dá impulso à sua evolução.

Ainda encontramos nêle a Sabedoria, a Razão Pura, cuja expressão, no mundo das formas, é o Amor; finalmente, a Inteligência ou Mental, a energia ativa ou criadora. Verificamos que, na evolução humana, o terceiro dêstes atributos se manifesta em primeiro lugar, depois o segundo, em seguida o primeiro.

---

(29) Corínt. XV.
(30) S. João XIV, 6.
(31) Hebr. XII, 9.
(32) Números XVI, 22.
(33) Gên. I, 26.
(34) S. Mateus V, 48.

A maioria dos homens desenvolve o mental, a inteligência, da qual vemos, por tôda a parte, a ação separadora, a desunião dos átomos humanos para que possam evoluir isolada e individualmente e formar materiais próprios à construção de uma Humanidade Divina. Nossa raça está neste ponto e nêle está trabalhando.

Se considerarmos, agora, uma fraca minoria humana, notaremos a aparição do segundo aspecto do Espírito Divino. Os cristãos chamam-no "O Cristo no homem". Sua evolução, como já dissemos, só começa após a primeira Grande Iniciação. A Sabedoria e o Amor são as características do Iniciado, que brilham cada vez mais nêle, à medida que desenvolve êste aspecto do Espírito.

Ainda aqui é verdade que *ninguém vai ao Pai senão por Mim,* porque é só no momento em que a vida do Filho chega ao seu têrmo que Êle pode pronunciar esta prece: "E agora glorifica-me tu, ó Pai, junto de ti mesmo, com aquela glória que tinha contigo antes que o mundo existisse" [35]. O Filho vai para Pai e torna-se Um com Êle, na glória divina. Manifesta, de ora em diante, a existência própria, a existência inerente à sua natureza divina que se desenvolveu do gérmen à flor, porque "assim como o Pai tem a vida em si mesmo, assim deu Êle ao Filho o mesmo poder" [36]. Êle se torna um Centro vivo e consciente na Vida de Deus, um Centro capaz de subsistir como tal, liberto de condições limitativas de Sua existência passageira, ampliando-se até a consciência divina, embora conservando plenamente a Sua identidade, mas um Centro vivo e ardente na *Chama Divina.*

Depende, agora, desta evolução a possibilidade, no futuro, de Encarnações divinas, como no passado ela as tornou possível em nosso próprio mundo. Êstes centros de vida não perdem sua identidade, nem a recordação do passado, nem o fruto de nenhuma experiência recolhida no decorrer de Sua longa peregrinação.

Um dêstes Grandes Sêres pode descer e revelar-se ao mundo, embora conservando, reunidos em si, o Espírito e a Matéria,

---

(35) S. João, XVII, 5.
(36) S. João V, 26.

o duplo aspecto da Segunda Pessoa (eis porque tôdas as Encarnações divinas se ligam à Segunda Pessoa da Trindade); assim pode Êle tomar fàcilmente o revestimento físico necessário à manifestação neste mundo e tornar-se Homem. Tendo conservado esta natureza de Mediador, Êle forma um laço entre as Trindades celeste e terrestre; daí o seu nome: *Deus conosco* [37].

Semelhante Ser, fruto glorioso de um universo passado, pode aparecer em tôda a perfeição de Sua Sabedoria e do Seu Amor divino, conservando intacta a memória do passado, capaz de ser, em virtude desta memória, um Auxílio vivo para tôda a criatura, conhecendo cada uma das fases da evolução, porque as viveu, e capaz de ajudar os homens com sua vasta experiência.

É porque sofreu, depois de ter sido tentado, que Êle pode socorrer os que são tentados [38].

Esta Encarnação divina é possível, graças à Sua passada humanidade. Êle desce para ajudar a outros homens e subir também. À medida que vamos compreendendo estas verdades, a significação da Trindade, tanto a de Cima, como a de baixo, o que outrora era um simples dogma ininteligível, torna-se uma verdade vivificadora.

Sòmente a existência da Trindade no homem pode fazer compreender a evolução humana, deixando perceber como se desenvolve primeiro a vida intelectual, depois a vida do Cristo. Êste fato é a própria base do misticismo e da nossa firme esperança de alcançar o conhecimento de Deus. Assim o têm ensinado os Sábios. E, à medida que avançamos no Caminho que Êles nos mostraram, reconhecemos a verdade do Seu testemunho.

---

(37) **S. Mateus I, 22.**
(38) **Hebr. II, 18.**

CAPÍTULO X

A PRECE

O espírito "moderno", assim chamado algumas vêzes, mostra a mais viva antipatia pela prece, pois não consegue ver a relação de causa e efeito entre a emissão de uma súplica e a sua realização como acontecimento. O espírito religioso, ao contrário, dá todo o seu fervor à prece, porque sua vida é orar.

Entretanto, o próprio religioso se deixa levar, com inquietação, a um exame sôbre a prece, onde a dúvida penetra. "Posso ter a pretensão de advertir o Todo-Poderoso, impor a benevolência à Suma Bondade, procurando modificar a vontade dAquele em quem *não há mudança, nem sombra de variação?*" [1]. Sua própria experiência e a alheia oferecem-lhe, entretanto, exemplos em que a prece é atendida e tem sido coroada de êxito. Trata-se, muitas vêzes, não de experiências subjetivas, mas de fatos muito prosaicos, acontecidos em nosso mundo objetivo. Um homem, em suas preces, pede dinheiro e o correio lhe traz o que êle tinha necessidade. Uma mulher deseja alimentos e êstes são colocados à sua porta. Sobretudo nas obras de caridade, encontramos numerosos exemplos de assistência pedida por preces, nos momentos de urgência extrema e obtida pronta e liberalmente.

Por outro lado, não faltam exemplos de preces que ficaram sem resposta: famintos que sucumbem, crianças arrancadas aos braços maternos, apesar das súplicas comoventes dirigidas a Deus. Um estudo sério e imparcial da prece deve consignar tais fatos.

---

(1) S. Tiago I, 17.

Mas não é tudo. Encontramo-nos, muitas vêzes, em presença de casos estranhos e difíceis de compreensão. Uma prece, talvez insignificante, obtém uma resposta; outra, determinada por motivos imperiosos, não é deferida. Uma dificuldade passageira é aplainada; uma prece ardente, que deveria salvar um ser adorado, permanece sem resposta.

Parece quase impossível, para o investigador ordinário, descobrir a lei determinante do sucesso ou insucesso da prece.

Para determinar esta lei é necessário, antes de tudo, analisar a própria prece, porque se dá êsse nome às mais variadas atividades da consciência. Os diferentes gêneros de prece não poderiam formar um só e mesmo assunto de estudo.

Certas preces têm por finalidade bens terrestres, particulares, a aquisição de vantagens físicas, como alimentos, roupas, dinheiro, lugares, curas, posições sociais, etc.

Podemos formar, com estas, uma classe *A*. Em seguida, vêm as súplicas de socorro nas horas de dificuldades morais e intelectuais, anseios de desenvolvimento espiritual, domínio nas tentações de compreensão e de luz; formam a classe *B*. Finalmente, temos as preces que nada pedem, que se limitam a meditar sôbre a Perfeição divina e a adorá-la num transporte apaixonado de se unir a Deus: é o êxtase do místico, a meditação do sábio, os arroubos de exaltação do santo. A verdadeira comunhão entre o Divino e o Humano consiste na fusão dêstes dois princípios, cuja essência é a atração mútua. Êste gênero de prece forma a classe *C*.

Existem, nos mundos invisíveis, numerosas categorias de inteligências em relações com o homem, verdadeira escada de Jacó, em que os Anjos de Deus sobem e descem, e sôbre a qual o próprio Senhor se apóia [2]. Muitas destas inteligências são Podêres Espirituais imensos; outras são sêres pouco desenvolvidos, dotados de consciência inferior à do homem. Êste lado oculto da natureza, de que, dentro em pouco, trataremos, é um fato reconhecido por tôdas as religiões.

O mundo inteiro está cheio de sêres vivos, invisíveis aos olhos da carne. Os mundos invisíveis penetram o mundo visível,

---

(2) Gên. XXVIII, 12, 13.

e multidões de sêres inteligentes se comprimem em tôdas as direções em tôrno de nós. Uns se deixam enternecer pelas súplicas humanas, outros são suscetíveis de obedecer à nossa vontade. O Cristianismo reconhece a existência de Inteligências Superiores e lhes dá o nome de Anjos, ensinando-nos que são *espíritos empregados no serviço de Deus* [3]. O caráter do seu ministério, a natureza da sua missão, suas relações com a humanidade, tudo isto fazia parte dos ensinos dados nos Mistérios Menores. Nos Mistérios Maiores, o homem adquiria a possibilidade de entrar em contato direto com êles. Atualmente, estas verdades se acham perdidas de vista, com exceção do pouco que ainda se ensina nas Igrejas grega e romana. Para os protestantes, o *ministério dos anjos* é apenas uma palavra.

Além disto, outros sêres invisíveis são constantemente criados pelo homem, porque as vibrações dos seus pensamentos e de seus desejos determinam forma de matéria sutil, cuja vida é simplesmente o pensamento ou desejo que os anima. O homem cria, assim, um exército de servidores invisíveis que percorrem os mundos sutis, procurando executar a sua vontade. Nestes mundos, encontram-se igualmente auxiliares *humanos* que lá trabalham, enquanto seus corpos físicos dormem; e acontece, às vêzes, que seus ouvidos atentos são atraídos por um grito de agonia. Finalmente, como remate de tudo, há a vida, sempre presente e consciente, do próprio Deus, atendendo a todos os pontos do seu reino, a Providência divina, sem o conhecimento da qual *nem um passarinho cai* [3], nenhuma criança ri ou soluça, esta Vida e e Amor que penetram tôdas as coisas e da qual nós *recebemos* a vida, o movimento e o ser [5].

Assim como nenhum contato de prazer ou dor poderia ferir o corpo humano, sem que os nervos sensitivos comunicassem a mensagem aos centros cerebrais e êstes, por sua vez, trouxessem a resposta por intermédio dos nervos motores; assim também, no universo, que é o corpo de Deus, tôda a vibração que fira a consciência Divina determina uma certa atividade responsiva.

(3) Hebr. I, 14.

(4) S. Mateus X, 29.

(5) Atos XVII, 28.

As células nervosas, os filamentos nervosos e as fibras musculares são os agentes da sensação e do movimento, mas é o *homem* que sente e age. Inteligências inumeráveis podem servir de agentes, mas é Deus que sabe e que responde. Nada, por mais pequeno, deixa de afetar Sua Delicada Consciência onipresente e nada pode haver, por mais vasto que seja, que a transcenda. Nós somos tão pouco desenvolvidos que a idéia de uma consciência universal nos embaraça e confunde. Entretanto, um mosquito encontraria, talvez, a mesma dificuldade se tentasse medir a consciência de Pitágoras.

Em uma página notável, o professor Huxley julgou possível a existência de sêres intelectualmente mais elevados, cuja consciência se iria ampliando até um grau em que transcendesse a consciência humana, como esta excede a consciência de um inseto [6].

Isto não é uma simples hipótese científica, mas a expressão de um fato concreto. Na verdade, um Ser existe cuja consciência está presente em todos os pontos do Seu universo e que cada um dêstes pontos pode, por conseqüência, afetá-lO. Esta consciência é não sòmente de uma imensa extensão, mas ainda de uma acuidade inconcebível; sua extensão em tôdas as direções em nada diminui sua extrema impressionabilidade, respondendo aos abalos exteriores com mais vivacidade do que uma consciência mais limitada, e compreendendo-os infinitamente melhor do que uma consciência restrita. A dificuldade em atingir a consciência de um Ser não está na razão direta da sua elevação; ao contrário: quanto mais exaltado e elevado fôr o Ser, mais fàcilmente impressionável é a sua consciência.

Ora, esta Vida, imanente em tudo, serve-se das vidas por Ela criadas como canais de Sua energia, instrumentos da Sua Vontade oniconsciente.

Para que esta Vontade possa agir no mundo exterior, é necessário um modo de expressão, e êstes diferentes sêres servem-nA na proporção em que são receptivos a Ela, tornando-se trabalhadores intermediários entre os diversos pontos do uni-

---

(6) Huxley, *Controverted Questions,* pág. 36.

verso, como se fôssem os nervos motores de Seu corpo, levando ao têrmo a ação requerida.

Examinemos, agora, as diferentes categorias de preces e os métodos vários que podem ser empregados para se obter resposta à prece.

Quando um homem emprega uma prece da categoria *A*, pode ser atendido de diversas maneiras. Êste homem é ainda ingênuo e cândido; sua maneira de conceber Deus é simples, segundo o seu grau de evolução, esperando dÊle bens materiais que lhe são necessários, supondo-O a par da sua vida diária, pedindo-Lhe pão, tão naturalmente como o filho se dirige ao pai e à mãe. Um exemplo típico dêste gênero de prece nos é dado por George Müller, de Bristol antes de ser conhecido como filantropo, na época em que começava sua obra de caridade, sem amigos e sem dinheiro. Suplicava a fim de obter o alimento das crianças, cuja existência dependia dêle, obtendo sempre a soma necessária às necessidades do momento. Que acontecia, então? A prece de Müller era um vivo e enérgico desejo, e êste desejo criava uma forma da qual era a energia diretora. Esta entidade viva e vibrante só tinha uma idéia: "É preciso auxílio, é preciso pão", e percorrendo o mundo invisível, procurava a resposta. Em certo lugar, uma pessoa caridosa anseia por auxiliar os necessitados, esperando os momentos para dar. Tal pessoa está para a *forma-desejo* como o ímã está para o ferro: atrai-o. A forma desperta no seu cérebro vibrações idênticas às suas (George Müller, seus órfãos, suas necessidades). Vê uma saída para seus impulsos caritativos, assina um cheque e coloca-o no correio. É natural, para Müller, pensar que Deus tocou o coração dêste homem para lhe dar a necessária assistência. Esta explicação é certamente exata, se dermos às palavras seu sentido profundo, pois que não existe vida nem energia no universo que não proceda de Deus; mas o agente intermediário, em virtude das leis divinas, foi a *forma-desejo* criada pela prece.

O mesmo resultado pode-se obter sem prece, por um esfôrço metódico da vontade, apenas conhecendo-se o mecanismo a empregar e o modo de o pôr em movimento. Uma pessoa esclarecida começaria por formar uma idéia bem nítida do que lhe é necessário, reunindo, para servir de envoltório à sua idéia, o gênero de matéria sutil mais apropriada, e, por um esfôrço de

vontade, enviaria esta forma a determinada pessoa, para lhe fazer conhecer sua angústia; ou a deixaria vaguear na vizinhança para que pudesse ser atraída por uma pessoa caritativa. Não há, aqui, prece, mas o emprêgo consciente da vontade e do conhecimento.

A grande maioria dos homens, nada conhecendo das fôrças próprias aos mundos invisíveis e não possuindo vontade exercitada, consegue muito mais fàcilmente pela prece do que pelo esfôrço mental deliberado, que poria em jôgo sua própria fôrça pela concentração mental e pela energia do desejo, dos quais depende a eficácia de sua ação.

Compreender a teoria nada vale, quando se duvida de si mesmo e a dúvida é fatal ao exercício da vontade. O fato de uma pessoa que ora não compreender o mecanismo pôsto em movimento, pela prece, em nada altera o resultado. Uma criança que estende a mão e pega um objeto, não tem necessidade de conhecer, para isto, nem o trabalho dos músculos, nem as modificações elétricas e químicas produzidas pelo movimento nos músculos e nervos. A criança quer tomar o objeto de que tem necessidade, e o mecanismo físico obedece sem que a criança conheça a sua existência.

Assim também o homem que ora sem conhecer a fôrça criadora do seu pensamento, sem perceber que enviou ao longe uma entidade viva, encarregada de executar suas ordens, age com a inconsciência da criança e, como ela, obtém o que necessita.

Tanto num como noutro caso, Deus é o Agente Primário, pois que tôda a fôrça procede dÊle; e, em ambos os casos, o trabalho é determinado pelo mecanismo preparado por Suas leis.

Mas não é esta a única maneira com que as preces desta categoria podem ser atendidas. Um homem ausente, temporàriamente, de seu corpo físico, um Anjo que passa, podem ouvir o grito de angústia e inspirar a alguma pessoa caridosa o pensamento de enviar o necessário. "Pensei em Fulano esta manhã; é possível que necessite de dinheiro." Um grande número de súplicas são assim mantidas, em virtude do laço formado entre o necessitado e o socorro. É esta, aliás, uma parte da tarefa dos Anjos inferiores que acodem às necessidades pessoais ou cooperam nas emprêsas caritativas.

Contudo, algumas destas preces fracassam por uma causa oculta. Todo o homem contrai dívidas que deve resgatar; seus maus pensamentos e desejos levantam obstáculos em seu caminho e o encerram entre as paredes de uma prisão. Uma dívida constituída por uma ação má se paga em sofrimento; o homem deve sofrer as conseqüências do mal que praticou. Merece, pelo mal produzido outrora, morrer de fome? Nenhuma prece modificará sua sorte. A forma-desejo por êle criada procura em vão alguém, mas apenas encontra correntes contrárias que a repelem. Aqui, como em tôda a parte, vivemos sob o império da lei e certas fôrças podem ser modificadas ou inteiramente anuladas pela ação de fôrças contrárias com que se chocam.

Suponhamos duas bolas exatamente iguais, submetidas a fôrças idênticas. A primeira atinge o alvo, não encontrando obstáculos; mas a segunda, sofrendo a ação de uma fôrça modificadora, se desvia. Assim são suas preces semelhantes: uma segue seu caminho sem encontrar resistência e chega ao fim; a outra, chocando-se contra as más ações do passado, é rejeitada. A primeira foi atendida, a segunda fica sem resposta. Em ambos os casos, o resultado é conforme a lei.

Consideremos, agora, a categoria *B*. As preces pedindo auxílio nas dificuldades morais ou intelectuais apresentam duplo resultado: agem diretamente, provocando o socorro esperado e reagem sôbre a pessoa que suplica, atraindo a atenção dos Anjos e discípulos que trabalham fora do corpo, procurando incansàvelmente levar a assistência ao pensamento desolado.

Conselhos, estímulos, luz, coragem são levados à consciência cerebral e a prece é atendida do modo mais direto. *"E, ajoelhando, rezou... Um anjo, vindo do céu, apareceu para o confortar"* [7].

Idéias são inspiradas, dificuldades intelectuais desaparecem, problemas obscuros da vida moral ficam elucidados, o mais doce confôrto é prodigalizado às almas agoniadas, a prece tudo acalma e tranqüiliza. Na verdade, se nenhum Anjo se encontra no caminho, o grito da alma sofredora irá até "ao Coração invisível do Céu" e um mensageiro lhe será enviado, portador de consolação,

---

(7) **S. Lucas XXII, 41, 43.**

ou algum Anjo, sempre pronto, sentindo agir sôbre êle a vontade divina, parte com o lenitivo confortador.

Estas preces recebem também o que, às vêzes, chamamos a resposta subjetiva. Quero me referir à reação da prece sôbre a pessoa que a faz. Pelo fato de orar, seu coração e o seu mental se tornam receptivos, o que acalma a natureza inferior e, ao mesmo tempo, permite descerem sôbre o homem luzes e fôrças dos mundos invisíveis, sem que encontrem obstáculos. As correntes normais de energia que fluem do Homem Interior são, geralmente, encaminhadas para o mundo externo e aproveitadas pela consciência cerebral no funcionamento de sua atividade, na realização dos assuntos ordinários da vida. Mas quando esta consciência abandona o mundo exterior, fechando as portas que para êle se abrem, e fixa sua atenção no interior, o homem se converte num vaso capaz de receber e guardar, cessando de ser um simples canal que liga os mundos interno e externo. Nos momentos de silêncio que sucedem aos ruídos da atividade externa, a "Voz fraca e sutil" do Espírito se faz ouvir, e a atenção concentrada no mental é capaz de surpreender o doce murmúrio do Ego interior.

Mais admirável é o auxílio, tanto exterior como interior, quando a prece pede luz e crescimento espiritual. Não só há desejo por parte dos auxiliares angélicos e humanos de favorecer todo o progresso espiritual, para o qual aproveitam tôdas as oportunidades, como também estas aspirações despertam energias de uma natureza superior, pois o desejo espiritual ardente provoca uma resposta que emana do plano do Espírito. Mais uma vez se confirma a lei das vibrações simpáticas: às nobres aspirações corresponde uma vibração semelhante, uma nota sincrônica.

A Vida Divina não cessa de exercer, de cima, uma pressão constante, sôbre os limites que a cercam, e quando a fôrça que vem de baixo choca êstes limites, o muro divisório se quebra e a Vida Imortal inunda a alma.

Quando o homem é consciente dêste influxo de vida espiritual, exclama: "Minha prece foi atendida; Deus enviou ao meu coração o seu Espírito." Nós esquecemos, entretanto, que o Espírito procura sempre penetrar na alma: *Vindo para o que*

era seu, os seus não o reconheceram [8]. — *Eis que estou à porta e bato; se alguém ouve minha voz e abre a porta, entro* [9].

Pode-se dizer, de um modo geral, de tôdas as preces desta categoria que a vida mais ampla, que nos envolve e penetra, se exalta com eficácia tanto mais real quanto maior fôr o esquecimento da personalidade e a aspiração mais ardente. Ao nos unirmos ao que é maior do que nós, vencendo o nosso isolamento, verificamos que a luz, a fôrça e a vida se derramam sôbre nós. Quando a vontade separada se desvia dos objetos preferidos e aplica-se em servir as intenções divinas, a Fôrça Divina desce em ondas sôbre ela. Um nadador avança lentamente, quando sobe a corrente; mas, quando a desce, tôda a fôrça do rio o ajuda a nadar.

Em tôdas as regiões da Natureza, as energias divinas estão operando silenciosamente e tudo o que o homem faz, utiliza estas energias que trabalham no sentido para onde tendem seus esforços. Os maiores resultados se obtêm, não pela ação pessoal, mas pela habilidade com que o homem escolhe e combina as fôrças auxiliares, neutralizando as fôrças contrárias pelas que são favoráveis.

As fôrças, que nos arrastam como fragmentos de palha, se tornam nossas servas submissas, quando trabalhamos com elas. Como, pois, nos admirar que, na prece, como, aliás, em tudo, as energias divinas se conjuguem no homem que procura, na prece, associar-se à obra Divina?

As preces mais elevadas da classe *B* conduzem, por graus quase insensíveis, às da classe *C*. A prece perde, aqui, seu caráter de súplica; ela consiste, seja em meditar sôbre Deus, seja em adorá-Lo. Meditar é fixar com calma o pensamento em Deus e aí mantê-lo.

Êste exercício reduz ao silêncio o mental inferior, que não tarda em ser abandonado pelo Espírito. Ao libertar-se do mental, o Espírito eleva-se à contemplação da Perfeição Divina, reproduzindo em si, como num espelho, a Imagem divina. "A Medita-

(8) S. João I, 11.
(9) Apocal. III, 20.

ção consiste em orar em silêncio, sem pronunciar palavras; ou conforme Platão, *em dirigir com ardor a Alma para a Divindade,* não solicitando bens particulares, mas por amor da mesma — o Bem Universal e Supremo"[10].

Esta prece, ao libertar o Espírito, conduz o homem à união com Deus. Em virtude das leis que governam o mental, o homem torna-se no objeto do seu pensamento, converte-se no que pensa: se medita nas perfeições divinas, reproduz gradualmente, em si mesmo, aquilo em que sua mente está fixa. Esta mente modelada pela vida superior, não mais podendo conter o Espírito, êste se liberta, e lança-se para a sua fonte; a prece se perde na união e o isolamente não mais existe.

O culto, a adoração fervente que nada perde, e que procura a fôrça de amor para a Perfeição, é igualmente um meio, o mais fácil, de se unir a Deus. Para a nossa consciência, entravada pelo cérebro, esta adoração consiste em contemplar, em mudo êxtase, a Imagem por ela formada do Ser que ela sabe, entretanto, inimaginável. Muitas vêzes, arrebatado pela intensidade de seu amor além dos limites intelectuais, o homem, tornado Espírito livre, eleva-se a alturas onde êstes limites são ultrapassados e quando volta não encontra palavras nem expressões que descrevem as suas visões. Eis como o Místico contempla a Visão Beatífica, como o Sábio experimenta o repouso e a paz da insondável Sabedoria; como o Santo alcança a pureza que permite ver Deus. Esta prece reveste o adorador de uma luz irradiante e quando desce a montanha em que se verificou tão alta comunhão, seu rosto carnal resplandece de uma glória celeste, tornando-se translúcido pela chama que brilha nêle. Felizes os que conhecem a realidade, impossível de descrever com palavras aos que o ignoram. Os que viram o *Rei na sua Glória*[81] se recordarão e compreenderão.

Entendida assim a prece, fica patente sua necessidade em todos os cultos religiosos, como também se compreende agora porque tem sido ela tão recomendada por todos os que se aplicam em conhecer a vida do espírito.

---

(10) Blavatsky — *Chave da Teosofia,* pág. 17.
(11) Isaías XXXIII, 17.

Para o estudante dos Mistérios Menores, a prece deve ser de acôrdo com a classe B, esforçando-se em elevar-se à meditação pura e à adoração, como vimos na última classe, renunciando às preces inferiores. São-lhe úteis os ensinos dados, sôbre êste assunto, por Jâmblico. "As preces — diz êste autor — estabelecem a indissolúvel comunhão sagrada com os deuses." Êle dá, em seguida, detalhes interessantes sôbre a prece, tal como é encarada no Ocultismo prático. "É esta coisa digna de ser conhecida por tornar mais perfeita nossa ciência com relação aos deuses. Direis, pois, que a primeira espécie de prece nos conduz ao conhecimento divino; a segunda é um laço de harmoniosa comunhão, por cuja virtude se promovem os dons que os deuses nos destinam. Na terceira e mais acabada espécie, vem impresso o sêlo da inefável União com a Divindade, sôbre quem a prece resume todo o seu poder. Nenhum culto sagrado pode ser feito sem as súplicas das preces. Sua freqüência alimenta nosso espírito e aumenta o nosso poder receptivo aos deuses. A prece abre aos homens o conhecimento dos deuses, habituando-os aos esplendores da luz e nos transportando ao contato dos deuses.

Aumentando o amor divino, inflamando a parte divina de nossa alma, purificando a alma de todos os elementos contrários, destruindo pelo sôpro etéreo tudo o que conduz à geração, eis a prece do sábio que a ela recorrem são familiares aos deuses" [12]

"Eis-me aqui; venho cumprir Tua Vontade, ó Deus! E a executarei com alegria. Sim, Tua Lei está em meu coração" [13].

Dêste ponto em diante, nenhuma prece é mais necessária; tôda solicitação parece ser uma impertinência. Torna-se impossível para o homem ter outros desígnios senão os da Vontade Suprema.

E à medida que os agentes desta Vontade puderem melhor executar sua tarefa, todos os seus desígnios entrarão em harmonia e despertarão uma nova era de manifestação ativa.

---

(12) Jâmblico sôbre os Mistérios.

(13) Salmo XXXIX, 8, 9, na vulgata latina; ou salmo XL, 7, 8, da Igreja Anglicana.

CAPITULO XI

O PERDÃO DOS PECADOS

"Creio no perdão dos pecados." "Reconheço um só batismo para a remissão dos pecados." Estas palavras caem, sem dificuldade, dos lábios dos fiéis, em tôdas as igrejas da cristandade, durante a recitação dos credos familiares, o dos apóstolos e o de Nicéia.

Teus pecados te são perdoados: é freqüente citar estas palavras emprestadas a Jesus, e devemos observar que esta expressão acompanha, constantemente, o exercício de Suas faculdades curativas, resultando simultâneamente a libertação das doenças, tanto físicas como morais.

Certo dia, quis Jesus demonstrar, pela cura de um paralítico, que tinha o direito de declarar a um homem que seus pecados lhe estavam perdoados [1]. Outra vez disse de uma mulher: *Seus pecados, que são numerosos, lhe são perdoados, porque muito amou.* No célebre tratado gnóstico, *Pistis Sophia,* encontramos a afirmação de que a remissão dos pecados é o objetivo dos Mistérios: "Embora tenham sido pecadores e tenham vivido em todos os pecados e iniqüidades do mundo, contudo, se mudassem de vida e se arrependessem, fazendo ato de renúncia, receberiam os Mistérios do reino da luz, o que se não lhes poderia ocultar de forma alguma. Foi por causa do pecado que Eu trouxe êstes Mistérios ao mundo, para a remissão de tôdas as faltas cometidas desde o comêço. Eis por que Eu vos disse outrora:

---

(1) S. Lucas V e VII.
(2) S. Lucas V e VII.

"Não vim chamar os justos. Trouxe, portanto, os Mistérios para remir todos os homens de seus pecados, fazendo-os entrar no reino da luz. Porque são êstes Mistérios a dádiva do primeiro mistério: a destruição das faltas e iniqüidades de todos os pecadores" [3].

Nestes Mistérios, a remissão do pecado se faz pelo batismo, conforme o credo de Nicéia. Jesus disse: "Escutai ainda e Eu vos direi, na verdade, de que tipo é o mistério do batismo que redime os pecados... Quando um homem recebe os mistérios dos batismos, êstes mistérios tornam-se um fogo poderoso, de uma violência e sabedoria extremas, que consomem todos os pecados; êles penetram na alma de um modo oculto e devoram todos os pecados que o impostor nela implantou."

Jesus completa a descrição dêste processo purificador e acrescenta: "Tal é a maneira pela qual os mistérios dos batismos redimem os pecados e tôda a iniqüidade" [4]

Sob uma ou outra forma, o "perdão dos pecados" se encontra na maioria das religiões, senão em tôdas. Ora, tôdas as vêzes que se apresenta uma semelhante unanimidade, podemos concluir, sem receio, em virtude de um princípio do qual já falei, que ela tem por base um fato natural.

Esta idéia do perdão dos pecados desperta, aliás, um eco na alma humana. Verificamos que, para certas pessoas, o sentimento de suas faltas lhes é um sofrimento; e quando o homem se liberta do pêso do passado, desatando as prisões do remorso, êle caminha com alegre coração e fronte erguida, vendo brilhar a luz de uma esperança, como se lhe tivessem tirado um fardo doloroso das costas magoadas.

O "sentimento do pecado" desapareceu, e, com êle, o sofrimento que o minava. Desde então, o homem conhece a primavera da alma, a palavra soberana que renova tôdas as coisas. Um hino de reconhecimento brota de seu coração e *sente a alegria que inunda os Anjos.*

---

(3) Mead. loc. cit. liv. II, págs. 260 e 261.

(4) Mead. loc. cit. liv. II, págs. 299 e 300.

Esta transformação, assaz freqüente, não deixa de ser difícil de explicar, quando a pessoa que a experimenta em si ou observa em outrem, pergunta: "Que foi que se passou? De onde vem esta modificação da consciência, cujos efeitos são tão manifestos?"

Os modernos pensadores, identificados com a idéia de que todos os fenômenos repousam em leis invariáveis, e convencidos do funcionamento destas leis, repelem à primeira vista tôda a doutrina do perdão dos pecados, declarando-a incompatível com aquela verdade fundamental, na mesma forma que os homens de ciência, compenetrados da idéia da inviolabilidade da lei, recusam todo o conceito que com ela seja incompatível. Uns e outros estão certos ao se apoiarem na ação infalível da lei, porque a lei não é senão a expressão da Natureza divina que se apresenta sem variação nem sombra de alteração. Qualquer que seja nossa maneira de encarar o perdão dos pecados, ela deve concordar com esta idéia basilar, tão necessária às ciências éticas como às físicas.

Sem esta estabilidade, jamais poderíamos repousar com segurança nos braços eternos da Boa Lei. Mas, levemos o nosso exame mais longe. Ficaremos surpreendidos com os Mestres que, com insistência, proclamam o funcionamento invariável da Lei, e, ao mesmo tempo, afirmam com energia o perdão dos pecados.

Jesus disse: *No dia do Juízo, os homens prestarão conta de tôda a palavra má que tiverem dito* [5] Entretanto, noutra passagem, diz; *"Tem coragem, meu filho, teus pecados te são perdoados"* [6]. Também o Bagavata-Gita nos diz constantemente que a ação nos prende. "O mundo está prêso pela ação" [7]. "O homem readquire um corpo com os mesmos caracteres do que tinha anteriormente"[8]. Entretanto, em outra passagem, diz: "Se o maior pecador me adora com todo o coração, êste também deve ser considerado como justo" [9]. Qualquer que seja o sentido dado

---

(5) S. Mateus, XII, 36.
(6) S. Mateus, IX, 2.
(7) Bagavata-Gita, III, 9.
(8) Bagavata-Gita VI, 43.
(9) Bagavata-Gita IX, 10.

à expressão "perdão dos pecados", nas diferentes Escrituras, parece que esta idéia não está, para os que melhor conhecem a lei, em contradição com a seqüência infalível da causa e efeito. De resto, se examinarmos, mesmo em sua forma elementar, a idéia que se faz do perdão dos pecados em nossos dias, verificamos que os crentes não entendem, com isto, que o pecador perdoado deve, aqui embaixo, escapar às conseqüências de seu pecado. O bêbedo arrependido, com seus pecados perdoados, sofre evidentemente ainda o tremor nervoso, a perturbação de suas funções digestivas enfraquecidas, e, quanto ao moral, a falta de confiança que seus semelhantes lhe testemunham.

Admite-se que as declarações referentes ao perdão se apliquem às relações entre pecador e Deus, como aos castigos póstumos que o Credo empresta ao pecado não perdoado; mas não compreendem, de modo algum, a idéia de escapar na terra às conseqüências do pecado. Os cristãos perderam a fé na reencarnação e, com ela, o modo racional de encarar a continuidade da existência, seja neste mundo, seja nos dois mundos que o sucedem, o que deu causa a muitas afirmações insustentáveis, como a idéia blasfematória e terrível dos eternos tormentos da alma humana pelos pecados cometidos na curta vida terrestre. Para escapar a êste pesadelo, os teólogos conceberam a idéia de um perdão que liberta o pecador da tremenda prisão de um inferno perpétuo.

Êste perdão não lhe poupa, aqui embaixo, as conseqüências de sua má conduta; jamais esta tese foi sustentada, e, com exceção dos protestantes, sempre se admitiu que o pecador, no Purgatório, tem os sofrimentos prolongados como efeito direto de seu pecado. A lei segue seu curso na terra, como no Purgatório e, nestes dois mundos, a aflição acompanha o pecado como as rodas do carro seguem os bois. Só as torturas eternas — que existem na imaginação nebulosa dos crentes — são apagadas com o perdão dos pecados; e é de presumir que os teólogos, depois de terem afirmado a existência de um inferno eterno, como resultado monstruoso de erros transitórios, foram compelidos a buscar uma escapatória de tão injusto e incrível destino, afirmando a realidade de um perdão também incrível e injusto.

Os sistemas elaborados pelo pensamento humano sem levar em conta os fatos da vida, lançam o pensador em voragens inte-

lectuais, das quais só pode sair penosamente, através do lôdo e em direções contrárias. Um perdão inútil faz contrapêso a um inferno inútil, e, dêste modo, procura-se trazer ao nível as desequilibradas balanças da justiça. Mas deixemos estas aberrações de espíritos ignorantes e voltemos ao domínio dos fatos e do bom senso.

Quando o homem comete uma ação má, a si próprio se impõe um pesar ou aflição, porque a aflição é sempre a planta que nasce da semente do pecado. Poder-se-ia dizer que o pecado e o pesar são simplesmente as duas faces de um mesmo ato, e não fatos independentes. Todo o objeto apresenta duas faces, uma posterior e invisível, a outra anterior e visível.

Igualmente, todo ato tem duas faces que, em nosso mundo físico, não podem ser vistas ao mesmo tempo. Nos outros mundos, o bem e a felicidade, como também o mal e a aflição, são visìvelmente as duas faces de um mesmo princípio. A esta correlação chamamos *carma*. Êste têrmo cômodo e hoje freqüentemente empregado, vem do sânscrito e traduz esta conexão ou identidade e significa, literalmente, "ação". Vem daí o nome dado ao sofrimento de conseqüência *cármica* do mal. O resultado, "a outra face", pode não aparecer imediatamente no curso da encarnação presente, mas, cedo ou tarde, fará sua aparição, e o pecador sentirá pesar dolorosamente a sua garra fatal.

Um resultado produzindo-se no mundo material, um efeito experimentado por nossa consciência física, são o têrmo final de uma causa posta em ação no passado, o fruto que amadureceu, a manifestação e a extinção de uma fôrça determinada. Esta fôrça se dirige do centro para a periferia, e seus efeitos estão já esgotados no mental, quando surgem no corpo. Sua manifestação corporal no mundo físico assinala o fim da sua carreira.

Eis a razão porque a paciência e a doçura cercam os doentes de natureza pura. Estas almas aprenderam a lição do sofrimento e não fazem nascer mau carma nôvo. Se, neste momento, o pecador, tendo esgotado o carma de sua falta, encontra um Sábio capaz de ver o passado e o presente, o visível e o invisível, êste Sábio poderá verificar a terminação do carma em questão e a lei, estando satisfeita, declarará livre o cativo.

Um exemplo dêste gênero é o caso do paralítico já citado. Uma doença física é a expressão última de uma ação má cometida no passado; o processo mental e moral toca ao seu têrmo e o homem que sofre é levado, por intermédio de um Anjo servidor da lei, à presença de um Ser em condições de aliviar a doença física, pondo em jôgo uma energia superior. Imediatamente, o Iniciado declara que os pecados do doente estão perdoados e, para justificar a profundeza de sua vista interna, exprime com autoridade: *Levanta-te, toma teu leito e vai para tua casa* [10].

No caso de nenhum Iniciado estar presente, a doença se dissipa sob a ação reparadora da natureza, sob a influência de uma fôrça posta em ação por Inteligências angélicas invisíveis, que são, neste mundo, os agentes da lei cármica.

Quando um Ser mais elevado se encarrega dêste papel, a fôrça é mais rápida e mais irresistível, e as vibrações físicas são imediatamente postas em harmonia com o estado de saúde. Pode-se dizer que todo o perdão dos pecados concedido nestas condições apresenta um caráter declaratório. O carma estando esgotado, "aquêle que conhece o carma" declara o fato. Esta declaração produz um alívio mental comparável ao alívio que um prisioneiro experimenta quando a ordem de liberdade é dada, ordem que faz parte da lei, como a sentença condenatória outrora pronunciada.

O homem assim notificado do esgotamento do seu carma, experimenta, entretanto, um alívio mais profundo, porque compreende que seria, por si mesmo, incapaz de prever o seu têrmo.

Estas declarações de perdão — é bom notar — são constantemente seguidas da seguinte observação: elas não se dão sem que o paciente tenha fé, porque o verdadeiro agente determinante do esgotamento do carma é o próprio pecador. Na passagem relativa à mulher *que levava uma vida desregrada*, encontramos reunidas as duas exclamações: "Teus pecados te são perdoados... Tua fé te salvou; vai-te em paz" [11]. A fé faz surgir, no homem, a sua própria essência divina que procura o oceano divi-

---

(10) S. Lucas V, 24.

(11) S. Lucas VII, 48, 50.

no que lhe é semelhante. E quando irrompe através da natureza inferior que o aprisiona, como a fonte oculta que rebenta os detritos e a terra que a encobre, a fôrça assim libertada age sôbre tôda a natureza humana, despertando vibrações idênticas.

O homem só se torna consciente dêste trabalho no momento em que a camada cármica do mal é despedaçada; e esta alegre certeza de um poder dentro de si, até então desconhecido, manifestando-se ao terminar o mau carma, forma a sua felicidade, dando-lhe alívio e novas fôrças nascidas do sentimento do perdão do pecado.

Isto nos conduz ao coração do nosso estudo: quero falar desta transformação que se opera na natureza interior do homem, desconhecida desta parte da consciência que age dentro dos limites do cérebro, até o momento em que ela se manifesta sùbitamente nestes limites, vindo não se sabe de onde, como um relâmpago no céu azul.

Como nos admirar que o homem, perplexo desta invasão, ignorando todos os mistérios de sua própria natureza e do "Deus interior", que é êle próprio, julgue receber do exterior o que lhe vem realmente de dentro e, inconsciente da sua própria divindade, possa apenas conceber, no mundo, Divindades exteriores a si?

E quase todos êstes casos são obra exclusiva do Deus interior. Uma explicação dada por pessoa mais instruída do que nós pode elucidar uma dificuldade intelectual, e, no entanto, foi a nossa própria inteligência que, assim auxiliada, chegou à solução; uma palavra de animação dada por pessoa mais pura do que nós pode ajudar a fazer um esfôrço moral de que nos julgávamos incapazes; no entanto, êste esfôrço é nosso. Um Espírito mais elevado do que nós e mais consciente de sua Divindade pode, também, nos ajudar na manifestação da nossa energia divina, embora tenha sido êste esfôrço de energia que nos levou a um plano superior. Todos vivemos ligados por laços de fraternal serviço que nos prendem aos que estão acima, como aos que estão abaixo.

Por que, pois, duvidar das possibilidades de recebermos ajuda dos que estão mais adiantados e que estão em condições de acelerar consideràvelmente o nosso progresso?

Entre as transformações que se operam nas profundezas da natureza humana à revelia da consciência inferior, há as que afetam o exercício da vontade. O *Ego* lança um olhar ao seu passado e, ao balancear seus resultados, as faltas cometidas, resolve mudar o modo de sua atividade.

O veículo inferior continua, sob a influência dos antigos impulsos, a se chocar violentamente contra a lei. Mas o Ego decidiu que êle siga uma linha de conduta diferente. Até então, êle cedeu à atração da animalidade; os prazeres do mundo inferior o acorrentaram. Agora, vira-se para o fim verdadeiro da evolução e toma a resolução de trabalhar com fins mais elevados. Vendo o mundo inteiro no caminho da evolução e compreendendo que, opondo-se a esta corrente formidável, seria lançado à margem, êle resolve auxiliar a corrente que o conduz ao pôrto desejado.

O Ego decide, portanto, transformar sua vida, voltando sôbre seus passos, e procura levar sua natureza inferior em nova direção, embora traga esta resolução bastante angústia e sofrimentos. Os hábitos contraídos sob a influência de idéias antigas resistem obstinadamente à ação das idéias novas e um conflito cruel se produz. Pouco a pouco, a consciência que se manifesta através do cérebro aceita a decisão tomada nos planos superiores e sente nascer nela, pelo fato de se inclinar diante da lei, o "sentimento do pecado". A convicção do êrro cresce, o remorso apodera-se do mental, esforços mal dirigidos são feitos para o aperfeiçoamento, mas tudo se choca contra os velhos hábitos, até que o homem, esmagado pela dor, pensando no passado, desesperado ao ver o presente, fica mergulhado em trevas, sem esperança de libertar-se.

Enfim, o sofrimento sempre crescente arranca do Ego um grito de socorro, e das profundezas íntimas da sua natureza angélica vem a resposta: é o Deus que vive nêle, como em tudo, é a Vida de sua vida.

Abandona, então, o que é inferior e volve-se para a natureza superior, que é seu íntimo, deixando o eu separado que o tortura, pelo *Eu* único que é o Coração de tudo.

Ora, mudar assim de objetivo é desviar-se da obscuridade para enfrentar a luz. Jamais a luz cessou de brilhar, mas o

homem lhe voltava as costas. Agora, êle vê o sol, cujo brilho alegra seu olhar e inunda de júbilo todo o seu ser. Seu coração estava fechado, mas agora se abre sem reserva e o oceano da vida, semelhante ao fluxo possante da maré, nêle penetra, inundando-o de felicidade. A alegria de uma nova alvorada irradia e êle compreende que seu passado jamais voltará, porque o caminho que está decidido a seguir o leva às regiões mais altas; agora, não mais se preocupa com o sofrimento que o passado pode lhe legar, pois sabe que o presente não transmitirá mais ao futuro semelhantes angústias.

O sentimento de paz, alegria, liberdade, eis o que significa o resultado do perdão dos pecados. Os obstáculos opostos pela natureza inferior ao Deus interior, como ao Deus exterior, são removidos e esta natureza ainda custa admitir que a transformação se tenha operado em si mesma e não na Alma Suprema.

Uma criança repele a mão materna que tentava guiá-la e volta-se para a parede; então se julga só e abandonada; mas, ao voltar-se, lança um grito e se acha rodeada dos braços protetores que ainda estavam lá, tão perto dela.

Tal é o homem, na sua presunção, repelindo os braços protetores da Mãe divina dos mundos, mas descobre, ao olhar para trás, que jamais estêve sem abrigo, e quaisquer que tenham sido seus desvios, nunca perdeu êste amor vigilante.

A passagem de *Bagavata-Gita* já citada nos dá explicação desta transformação que conduz "o perdão". "Mesmo o maior dos pecadores, se me adora sem reserva, também deve ser considerado como um justo, porque a resolução por êle tomada é boa." Esta resolução traz uma conseqüência inevitável: "Em breve êle se torna submisso e encontra a paz."

O pecado está na oposição da vontade da parte à vontade do todo, do princípio humano ao princípio Divino. Quando a mudança se operou e o Ego uniu sua vontade separada à vontade que age no sentido evolutivo, então, na região em que querer é agir, onde os efeitos se mostram inseparáveis das causas, o homem é "considerado como um santo".

Ora, nos planos inferiores manifestam-se efeitos correspondentes, e em breve êle se converterá em *cumpridor do dever de fato,* depois de ter-se convertido em vontade.

Aqui embaixo, julgamos de acôrdo com as ações, fôlhas mortas do passado; lá em cima, o julgamento se faz pelas volições, sementes em germinação de onde sairá o futuro.

Eis por que, no mundo inferior, o Cristo exorta sempre os homens: *Não julgueis.* [12]

Mesmo depois de adotada a nova direção e constituída em hábito normal, sobrevêm desfalecimentos, aos quais *Pistis Sophia* faz alusão na pergunta a Jesus, *se um homem, ao arrepender-se,* será de nôvo admitido nos Mistérios, depois de uma queda. A resposta de Jesus é afirmativa, embora declare que, num certo momento, a readmissão torna-se impossível, salvo para o Supremo Mistério, que perdoa sempre. "Amém, amém, vos digo, que quem recebe os mistérios do primeiro mistério e claudica mesmo doze vêzes, mas, arrependendo-se, em seguida, doze vêzes, ao invocar o mistério do primeiro mistério, será perdoado. Mas, se comete mais de doze transgressões, recai e peca ainda, não poderá obter remissão para voltar ao mistério. Êle não tem meio para arrepender-se, a menos que haja recebido os mistérios do Inefável, que tem sempre compaixão e perdoa a todos os pecados."

Quando alguém se levanta após a queda, trazendo a "remissão dos pecados", observamos na sua vida, principalmente nas fases mais adiantadas, estas alternativas dolorosas. Nem sempre o homem consegue se manter no nível atingido. Em certo momento, qualquer progresso lhe é interdito; é obrigado a reunir suas fôrças e novamente percorrer, desfalecido, o terreno já conquistado, para subir e retomar pé na posição da qual tombou.

Só então é que se ouve uma Voz suave que lhe anuncia a morte do passado, que sua fraqueza se mudou em fôrça e que a porta de nôvo está aberta. Uma vez mais, a declaração do "perdão" é feita por autoridade competente, que dá permissão para entrar onde só entram os dignos.

Para o homem que claudica, esta declaração dá-lhe a impressão "de um batismo para a remissão dos pecados", restituin-

---

(12) S. Mateus VII, 1.

do-lhe o privilégio perdido por sua própria falta. Disto, certamente, resultará para êle alegria e paz, e o sentimento que os grilhões do passado caíram de seus pés.

Uma coisa há que jamais devemos esquecer: vivemos num oceano de luz, de amor e de beatitude que, sem cessar, nos envolve — a Vida de Deus. Semelhante ao sol inundando a terra com sua claridade, esta Vida ilumina tôdas as coisas, mas num Sol que jamais se deita. É com nosso egoísmo, nossa intolerância e nossa impureza que impedimos a luz de penetrar na consciência, e, contudo, ela não brilha menos, nos rodeando e exercendo, sôbre as muralhas construídas por nós mesmos, uma doce pressão, mas, ao mesmo tempo, forte e contínua. Que a alma lance por terra estas muralhas e a luz penetrará vitoriosa, inundando a alma e forçando o homem a respirar com felicidade a atmosfera celeste, porque o *Filho do Homem está no céu,* embora êle nada saiba. Deus respeita sempre a individualidade do homem, não querendo entrar em sua consciência senão quando ela se abre para O receber.

Eis-me aqui; estou à porta e bato [13]: tal é a atitude de tôdas as Inteligências do mundo espiritual diante da alma que se desenvolve. Se Elas esperam que a porta se abra, não é por falta de simpatia, mas efeito de Sua profunda sabedoria.

O homem não deve ser submetido a nenhuma violência. É livre. Não é escravo, mas potencialmente um Deus. Seu crescimento não poderia ser forçado, mas deve nascer de uma vontade interior. Deus não influencia o homem, dizia Giordano Bruno, senão com o seu consentimento. Entretanto, Deus está "por tôda a parte, prestes a socorrer todos os que apelam a Êle, por um ato de sua inteligência e se dão a Êle sem reserva e espontâneamente" [14].

"O poder divino que está todo em nós não se oferece nem recusa; somos nós que o assimilamos ou o rejeitamos" [15].

---

(13) Apocal. III, 20.

(14) *G. Bruno,* trad. Williams, *The Heroic Enthusiasts,* vol. I, pág. 133.

(15) *G. Bruno,* trad. Williams, *The Heroic Enthusiasts,* vol. II, págs. 27, 28.

"Obtém-se, êste poder, com a rapidez da luz solar, sem vacilação, e se faz presente àquele que para êle se torna, abrindo-se à sua influência... Quando as janelas estão abertas, o Sol entra instantâneamente; o mesmo se dá neste caso" [16].

É, portanto, ao sentimento de perdão que se deve a alegria que enche o coração com o Divino e que a alma, tendo aberto suas janelas, o Sol do amor e da luz se difunde nela; em que a parte sente que pertence ao todo, em que a Vida Única faz estremecer tôdas as veias, inundando-as. Tal é a verdade sublime que dá valor aos conceitos ingênuos do "perdão dos pecados" e que, a despeito de sua insuficiência intelectual, permite levar os homens a uma vida mais pura e espiritual. Tal é a verdade mostrada nos Mistérios Menores.

---

(16) *G. Bruno,* trad. Williams, *The Heroic Enthusiasts,* vol. II, pág. 102.

CAPÍTULO XII

OS SACRAMENTOS

Em tôdas as religiões, existem certas cerimônias ou ritos, aos quais os crentes ligam importância capital, afirmando que conferem benefícios e vantagens aos que dêles participam. O nome *Sacramento* ou expressão equivalente foi dado a estas cerimônias e tôdas apresentam o mesmo caráter. Quanto à sua natureza e significação, poucas têm sido as explicações exatas que até hoje foram dadas, por ser assunto reservado aos Mistérios Menores.

As características peculiares de um Sacramento residem em duas de suas propriedades: primeiramente, a cerimônia exotérica, que é uma alegoria, uma representação por meio de ações e substâncias e não uma alegoria verbal, nem um ensinamento dado de viva voz, encerrando uma verdade.

É uma representação por um "ator", o emprêgo de certos objetos materiais, conforme determinadas regras. A escolha dêstes objetos, as cerimônias que acompanham sua manipulação, têm por fim representar, como em um quadro, uma verdade destinada a impressionar intelectualmente os assistentes. Tal é o primeiro caráter, o caráter evidente de um Sacramento, que o distingue de qualquer outra forma de culto ou meditação. O Sacramento exerce uma ação sôbre as pessoas que seriam incapazes de aprender sem imagens uma verdade sutil, apresentando-lhes sob forma impressionante a verdade que, de outro modo, lhes escaparia.

É indispensável, antes de mais nada, ao estudar um Sacramento, compreender que êle é apenas uma imagem alegórica.

Os pontos essenciais a examinar são, pois: os objetos materiais que formam a alegoria, o modo de empregá-los, enfim, o pensamento ou a significação que se quer dar ao conjunto.

A segunda característica de um Sacramento liga-se aos fatos do mundo invisível e pertence à ciência oculta. O oficiante deve possuir êsses conhecimentos, porque do seu saber depende, em grande parte, senão completamente, a eficácia do Sacramento, cuja finalidade é estabelecer um laço entre o mundo material e as regiões invisíveis.

Ainda mais: constitui um método que transmuta as energias do invisível em ações no mundo físico, método real de mudar as energias de uma certa ordem em energias de ordem diferente, tal como, numa pilha, a energia química se transforma em elétrica.

As energias têm, tôdas, uma única base, quer sejam visíveis ou invisíveis. Entretanto, diferem conforme o grau de materialidade do meio no qual operam sua manifestação. Um Sacramento assemelha-se a um cadinho, no qual se elabora a alquimia espiritual. Uma energia, colocada neste cadinho e submetida a certas operações, sai transformada. É assim que uma energia de ordem sutil, pertencente às regiões elevadas do universo, pode ser posta em relação direta com pessoas vivendo no mundo físico, afetando-as tão bem como se agissem no seu domínio. O Sacramento constitui a ponte suprema entre o invisível e o visível e permite que estas energias possam atuar diretamente sôbre as pessoas, desde que estas satisfaçam as condições necessárias e participem do Sacramento.

Os Sacramentos da Igreja Cristã perderam muito de sua dignidade e da consciência do seu poder oculto entre os que se separaram da Igreja Católica Romana, na época da Reforma.

O primeiro cisma que afastou o Oriente do Ocidente, formando a Igreja Grega Ortodoxa e a Romana, em nada enfraqueceu a fé nos Sacramentos, que continuaram a ser, para estas duas grandes comunidades, o laço reconhecido entre o visível e o invisível, santificando a vida do crente, desde o berço até o túmulo. Os sete Sacramentos do Cristianismo envolvem a vida completamente, desde o Batismo, que recebe o fiel no mundo, até a Extrema Unção, que marca sua partida. Foram instituí-

dos por ocultistas, por homens que conheciam os mundos invisíveis. As substâncias empregadas, as palavras pronunciadas, os sinais feitos pelo oficiante, tudo foi escolhido com conhecimento de causa e combinado, a fim de determinar certos efeitos.

Na época da Reforma, as Igrejas que acudiram o jugo de Roma eram dirigidas, não por ocultistas, mas por homens vulgares, ignorando absolutamente os fatos dos mundos invisíveis e vendo apenas, no Cristianismo, o seu invólucro externo, seu ensino literal e seu culto exotérico. Por isso, os Sacramentos perderam o lugar preponderante que ocupavam no culto cristão, e, na maioria das confissões protestantes, reduziram-se a dois: batismo e eucaristia.

As principais Igrejas dissidentes não recusaram absolutamente aos outros seu caráter sacramental, mas os dois citados foram considerados obrigatórios para todos os que aspiravam pertencer à Igreja.

A definição geral de Sacramento é dada de modo exato, salvo os têrmos "instituídos pelo próprio Cristo", no catecismo da Igreja Anglicana. Estas mesmas palavras poderiam ser conservadas, se o têrmo "Cristo" fôsse tomado no sentido místico. Lemos, ali, que um Sacramento é "um sinal exterior e visível de uma graça interior e espiritual que nos é concedida pelo próprio Cristo, como meio de descer até nós esta graça e como penhor de havê-la recebido".

Esta definição mostra os dois caracteres distintivos de que acima falamos. "O sinal exterior e visível" é a imagem alegórica. Quanto às palavras "um meio de nos fazer receber esta graça... interior e espiritual", indicam a segunda propriedade. Esta última frase merece a atenção dos membros das Igrejas Protestantes, que consideram os Sacramentos como simples fórmulas do cerimonial exterior, porque declara, com nitidez, que o Sacramento é realmente um canal da graça, isto é, sem êle a graça não poderia descer do mundo espiritual ao mundo físico. É reconhecer, da maneira mais clara, que o Sacramento, encarado sob seu segundo aspecto, é um meio de atrair à terra a atividade dos podêres espirituais.

Para bem compreender um Sacramento, é necessário admitir firmemente que a Natureza oferece um lado oculto; é o que

se chama *o lado vida, o lado da consciência,* ou mais exatamente, o intelecto da Natureza. Todo o ato sacramental tem por base a crença que o mundo invisível exerce uma ação poderosa sôbre o mundo visível, e, para compreender um Sacramento, é necessário possuir algumas noções sôbre as Inteligências invisíveis que administram o Universo. Vimos, ao estudar a doutrina da Trindade, que o Espírito se manifesta sob o aspecto de um Ego tríplice, e que o Campo de Sua manifestação ativa é a Matéria, o lado-forma da Naureza, considerado quase sempre a própria natureza. É necessário estudar êstes dois aspectos, o da vida e o da forma, para compreender um Sacramento.

Entre a Trindade e a humanidade, escalam-se numerosas hierarquias de sêres invisíveis. Os mais elevados são os Sete Espíritos de Deus, as Sete Chamas que *se levantam diante do trono de Deus* [1]. Cada um dêles é o Chefe de um exército de Inteligências que participam de Sua natureza e agem sob sua direção. Estas Inteligências formam também uma hierarquia: são os *Tronos,* as *Potestades, Principados, Dominações,* os *Arcanjos,* os *Anjos* mencionados nos trabalhos dos Padres da Igreja, que eram iniciados nos Mistérios.

Existem, pois, sete grandes exércitos de Sêres, cuja Inteligência representa, na Natureza, a Mente Divina; êstes Sêres estão presentes em tôdas as regiões da Natureza e são a alma de suas energias. No ponto de vista do ocultismo, nem a fôrça, nem a matéria podem morrer; elas são eternamente vivas e ativas. Uma energia, ou um agrupamento de energias, é um véu que envolve uma Inteligência ou Consciência da qual esta energia é a expressão exterior. A matéria que serve de veículo a esta energia fornece-lhe uma forma que ela dirige ou anima. Qualquer ensinamento esotérico será um livro fechado para quem não olhar para a Natureza desta maneira. Sem estas Vidas angélicas, estas inumeráveis inteligências invisíveis, estas Consciências que servem de alma à fôrça e à matéria [2], que constituem a Natureza, esta permaneceria ininteligível e não se liga-

---

(1) Apocal. IV, 5.

(2) Fôrça é uma das propriedades da matéria, o que se chama movimento. V. Ante., pág. 270.

ria nem à Vida Divina que em tôrno dela se move, nem às vidas humanas que evoluem em seu seio. Êstes Anjos inumeráveis servem de laço entre os mundos.

E o fato das categorias humanas fazerem parte destas hierarquias inteligentes, lança uma luz nova sôbre o problema da Evolução. Êstes Anjos são os filhos de Deus, que nos precederam na vida divina e que *cantam em triunfo* quando as Estrêlas da Manhã soltam gritos de alegria [3].

Outros sêres existem que nos são inferiores em evolução, as vidas animais, vegetais,minerais e as vidas elementais; êstes estão abaixo de nós, como nós estamos abaixo dos Anjos, e assim chegaremos a conceber a Existência como uma imensa roda, formada de existências inumeráveis, solidárias entre si, necessárias umas às outras, ocupando o homem, como um ser consciente de si mesmo, seu lugar respectivo nesta roda. A Vontade divina não cessa de girar a roda, e as Inteligências vivas que a formam aprendem a cooperar com esta Vontade e, por sua negligência ou oposição, a roda demora, diminui de velocidade, e o carro da evolução avança penosamente.

Estas Vidas inumeráveis, superiores e inferiores ao homem, entram em contato com a consciência humana por meios perfeitamente determinados, principalmente pelos sons e pelas côres. Todo o som é representado, nos mundos invisíveis, por uma forma, e combinações de sons criam lá formas complicadas [4].

Na matéria sutil dêstes mundos, as côres acompanham sempre o som, o que dá lugar a formas policrômicas de extrema beleza. As vibrações que se produzem no mundo visível, quando uma nota vibra, despertam, nos mundos invisíveis, outras vibrações, tendo cada uma seu caráter próprio e cada uma sendo suscetível de produzir certos efeitos.

Para nos comunicarmos com as Inteligências sub-humanas pertencentes ao nível inferior dos mundos invisíveis; para exercer nossa autoridade sôbre elas e as dirigir, é necessário empre-

---

(3) Jó XXXVIII, 7.

(4) Consulte-se, quanto às formas criadas pelas notas musicais, a obra de Mrs. Watts-Hughes: *Voice Figures*.

gar sons que tenham a propriedade de conduzir aos resultados esperados, da mesma forma que, entre nós, empregamos a linguagem que se compõe de sons determinados. Para comunicar com as Inteligências Superiores, devemos empregar certos sons, a fim de criar uma atmosfera harmoniosa que se preste à ação dêstes Sêres e torne, ao mesmo tempo, nossos corpos sutis receptivos à Sua influência.

O efeito produzido sôbre os corpos sutis representa um grande papel no emprêgo oculto dos sons. Êstes corpos, como o corpo físico, estão num estado de perpétua vibração; todo o pensamento, todo o desejo modifica as suas vibrações que, por seu caráter mudável e irregular, se opõe a tôda vibração nova que venha do exterior. É precisamente para tornar os corpos sutis apropriados às influências do alto, que se empregam os sons que reduzem o ritmo uniforme, as vibrações irregulares, fazendo com que a nossa natureza vibre em harmonia com a inteligência com que desejamos comunicar. Tal é o objeto de tôda a frase muitas vêzes repetida. Um músico dá uma mesma nota até que todos os demais instrumentos estejam no mesmo tom. Para que a influência do Ser procurado se possa sentir, sem encontrar resistência, é necessário que os nossos corpos sutis sejam postos no mesmo tom que o dÊle. E, em todos os tempos, êste resultado se obteve pelo emprêgo dos sons. Eis porque a música sempre fêz parte do culto e que certas cadências foram cuidadosamente conservadas e transmitidas de século em século.

Em tôda a religião existem sons e caráter especial, chamados "Palavras de Poder" ou fórmulas de autoridade, frases pertencentes a uma língua particular e cantadas de modo determinado. Qualquer religião possui um certo número destas frases, sucessões de sons particulares, chamados "mantras", no Oriente, em que a ciência dos "mantras" foi muito cultivada. Não é necessário que um "mantra", composto de sons sucessivos combinados de certo modo para se obter um resultado definitivo, pertença exclusivamente a uma só língua. Qualquer idioma pode servir para êste uso; entretanto, algumas se prestam melhor do que outras, com a condição que a pessoa que componha o "mantra" possua os conhecimentos ocultos necessários. Existem, em sânscrito, centenas de "mantras" compostos, no passado, por ocultistas familiarizados com as leis dos mundos invisíveis. Êstes

"mantras" foram transmitidos de geração em geração e se compõem de palavras especiais que se sucedem em certa ordem, cantadas de uma certa maneira. Seu canto tem por efeito despertar vibrações — portanto, *formas* — nos mundos hiperfísicos. Quanto mais conhecimento e pureza possuir o oficiante, mais elevados serão os mundos afetados pelo canto; êstes conhecimentos, sendo vastos, sua vontade forte e o coração puro, poderá dispor, com a recitação dêstes antigos "mantras", de um poder quase ilimitado.

Repetimos não ser necessário a expressão num único idioma. Os "mantras" podem ser redigidos em sânscrito ou qualquer outra língua, escolhida por homens de experiência. Eis porque, na Igreja Católica Romana, o latim é sempre empregado para atos de adoração importantes; êle não faz, aqui, o papel de uma língua morta "que o povo não entende", mas representa, nos mundos invisíveis, uma fôrça viva, e seu emprêgo não tem por objeto manter o povo na ignorância, mas despertar, nos mundos invisíveis, certas vibrações impossíveis de se obter por meio de outros idiomas atuais, a menos que um grande ocultista saiba organizar com êles as necessárias sucessões de sons. Traduzir um "mantra" é mudar a "fórmula de Poder" em uma frase qualquer; os sons não são mais os mesmos e outras são as formas que dêles resultam.

Certas combinações de palavras latinas, com a música que lhes é peculiar no culto cristão, produzem, nos mundos hiperfísicos, os mais notáveis efeitos. Uma pessoa impressionável está em condições de verificar os efeitos particulares causados por muitas frases sagradas, especialmente na Missa. Qualquer pessoa que esteja sentada e tranqüila, em atitude receptiva, perceberá os efeitos vibratórios, quando algumas destas frases são pronunciadas pelo padre ou pelos chantres.

Outros efeitos, produzidos simultâneamente nos mundos superiores, afetam de maneira direta os corpos sutis dos fiéis e constituem também, para as Inteligências dêstes mundos, um apêlo tão claro como seriam as palavras dirigidas a uma pessoa por outra, no plano físico. Os sons produzem formas ativas e cintilantes que se transportam de mundo em mundo, atingindo a consciência das inteligências que os povoam e obrigando mui-

tas destas entidades a levar assistência às pessoas que tomam parte nos ofícios.

Tais "mantras" são parte essencial de todo o Sacramento. Êste oferece, no ponto de vista exterior e sensível, um caráter importante: o emprêgo de certos gestos chamados "Sinais", "Selos" ou "Marcas", três palavras que possuem a mesma significação.

Cada sinal apresenta um sentido especial e indica a direção imposta às fôrças empregadas pelo oficiante, quer essas fôrças sejam suas ou se limite a transmiti-las. De qualquer modo, os sinais são necessários para obter o resultado desejado e constituem uma parte essencial do rito sacramental. Tal sinal é chamado "Sinal de Autoridade", como o "mantra" é uma "fórmula de Autoridade".

Encontramos com satisfação, nas antigas obras ocultas, alusões a êstes fatos, tão positivas e verdadeiras quanto o são ainda hoje. O *Livro dos Mortos*, dos egípcios, descreve a viagem póstuma da Alma e o modo como é detida e interpelada nos diferentes estágios desta viagem pelos Guardas que velam à porta que dá acesso a cada uma destas regiões.

Ora, a Alma não pode transpor nenhuma destas portas sem conhecer duas coisas: saber pronunciar certa palavra, a "fórmula de autoridade", e fazer um certo sinal, o "Sinal de autoridade". Quando a Palavra é dita e o Sinal feito, as grades que fecham a porta caem, e os Guardas afastam-se para que a Alma entre. O Evangelho místico cristão, *Pistis Sophia*, já citado, encerra uma narração semelhante [5]. Nesta, a passagem através dos mundos não é de uma Alma liberta do seu invólucro corpóreo pela morte , mas de uma Alma que o abandona no momento da Iniciação. Barram-lhe o caminho grandes Podêres, os Podêres da Natureza e, enquanto o Iniciado não der a Palavra e o Sinal, a entrada lhe é recusda.

Êste duplo conhecimento é indispensável: pronunciar a fórmula e fazer o sinal; sem êle, é impossível avançar; sem êle, um Sacramento não tem o menor valor.

---

(5) Ante., págs. 142, 307.

Há mais. Em todo o Sacramento, é empregada ou deve-se empregar uma substância física [6]. Esta substância é um Símbolo, com o qual o Sacramento deve ser conferido, e assinala a "graça interior e espiritual " de que é veículo. Ela constitui ainda o canal material da graça, não mais simbòlicamente, mas na realidade, pois uma imperceptível modificação na substância impede aplicá-la a um fim elevado.

Um objeto físico se compõe de moléculas sólidas, líquidas e gasosas, como demonstra a análise química; temos mais o éter que penetra os elementos mais densos. Neste éter agem energias magnéticas; demais, êle está em correlação com certos *duplos* de matéria sutil nos quais vibram energias mais sutis que as magnéticas, mais poderosas, embora análogas.

O objeto, sendo magnetizado, a sua parte etérea se modifica, alteram-se os movimentos ondulatários, obrigados a seguir os movimentos vibratórios do éter do magnetizador; o objeto participando assim da natureza dêste, anota-se que as moléculas mais densas, submetidas à ação do éter, mudam progressivamente de velocidade vibratória. E se tem a fôrça necessária para influenciar os *duplos* sutis, o magnetizador os faz vibrar em simpatia com os seus. Eis o segrêdo das curas magnéticas.

As vibrações irregulares do doente são forçadas a acompanhar as vibrações regulares do operador com saúde, e tão real é isto que um objeto submetido a uma oscilação irregular pode ser levado, por golpes repetidos e rítmicos, a uma cadência regular.

Um médico pode magnetizar a água e, com ela, restituir ao doente a saúde; pode magnetizar um pano e despertar a saúde, colocando-o na parte dolorosa; empregar um ímã poderoso ou a corrente galvânica e dar ao nervo sua atividade. Em todos os casos, o éter é pôsto em movimento, e é por êle que são afetadas as moléculas físicas. Análogo resultado se produz quando as substâncias empregadas no Sacramento são submetidas à *fórmula* ou ao *sinal* de autoridade. Produzem-se modificações magnéticas, no éter da substância física, e os *duplos* sutis são tão mais influencia-

(6) No Sacramento da Penitência se omitem, hoje, as cinzas, salvo casos especiais, mas fazem parte do rito.

dos, quanto mais fôr a ciência, a pureza e a devoção do oficiante que magnetiza ou, conforme o têrmo religioso, consagra o objeto. Finalmente, a "Fórmula" e o "Sinal" atraem, à celebração, a presença dos Anjos que estão em comunicação com as substâncias empregadas e a natureza do rito. Êstes Anjos prestam seu auxílio poderoso, vertendo nos *duplos* sutis a sua energia magnética e, por êles, no éter físico, e assim reforçam as energias do oficiante.

Quando se conhece o poder do magnetismo, é impossível negar a possibilidade das transformações operadas nos objetos materiais.

Um sábio, mesmo não admitindo a existência do mundo invisível, tem a faculdade de impregnar a água com a sua própria energia vital, a ponto de curar uma moléstia física. Como, pois, recusar uma faculdade superior, da mesma natureza, a homens cuja vida é santa, o caráter nobre e elevado e já familiarizados com o mundo invisível?

Como muito bem o sabem as pessoas a quem são acessíveis as formas superiores do magnetismo, a virtude dos objetos consagrados é muito variável, e estas diferenças magnéticas provêm do grau variável da ciência, pureza e espiritualidade do sacerdote que os consagra. Certas pessoas negam a *existência* do magnetismo animal e não acreditam na água benta das igrejas, como na água magnetizada dos médicos. É prova de ignorância.

Quanto às pessoas que admitem a utilidade da última, se zombam da primeira, dão provas, não de sabedoria e instrução, mas de preconceitos e estreiteza de espírito, mostrando que seu ceticismo religioso falseia o julgamento, predispondo-as a rejeitar na religião o que aceitam na ciência.

No capítulo XIV, acrescentamos mais algumas palavras sôbre esta questão dos "objetos sagrados".

Resumindo, observamos que a forma exterior do Sacramento é de extrema importância. As substâncias empregadas experimentam verdadeiras alterações; tornam-se veículos de energias superiores às que naturalmente formam sua constituição; as pessoas que delas se aproximam ou que nelas tocam, sentem seus próprios corpos etéricos e sutis impressionados por um poderoso magnetismo, que favorece a recepção das influências do alto, e

assim se encontram no mesmo diapasão dos Sêres elevados aos quais se dirigem mais especialmente a "Fórmula" e o "Sinal de Autoridade" empregados na consagração. Entidades que pertencem ao mundo hiperfísico estão presentes à cerimônia e derramam suas graças e sua misericórdia sôbre os assistentes. Qualquer pessoa digna de participar da cerimônia, cuja devoção e pureza forem suficientemente grandes que lhe permitam responder simpàticamente às vibrações produzidas, sentirá no coração profunda calma e o crescer de sua espiritualidade, ao tocar de tão perto nas realidades invisíveis.

CAPÍTULO XIII

OS SACRAMENTOS

(CONTINUAÇÃO)

Apliquemos, agora, êsses princípios gerais a exemplos concretos e vejamos como êles explicam e justificam os ritos sacramentais que em tôdas as religiões se encontram. Basta tomar como exemplos três dos sete Sacramentos em uso na Igreja Católica. Dois dentre êles são considerados como obrigatórios para todos os cristãos, embora os protestantes mais adiantados neguem seu caráter sacramental, recusando-lhes um valor especial e nêles vendo apenas uma declaração e uma comemoração. Entretanto, mesmo assim, quando a devoção é verdadeira, o coração recebe a graça sacramental, embora o intelecto a negue. O terceiro não é reconhecido, mesmo nominalmente, pelas Igrejas Protestantes, apesar de apresentar os sinais essenciais de um Sacramento, segundo a definição da Igreja Anglicana acima citada.

O primeiro é o Batismo, o segundo a Eucaristia, o terceiro o Casamento.

A eliminação do Casamento do número dos Sacramentos trouxe a degradação dêste alto ideal, e é esta, em parte, a causa do seu desprestígio que os espíritos refletidos tanto deploram.

O Sacramento do Batismo se encontra em tôdas as religiões, não sòmente no início da vida terrestre, mas, de modo geral, como cerimônia de purificação.

A cerimônia que marca a entrada do recém-nascido ou do adulto em uma religião, apresenta, como parte essencial do rito,

uma aspersão de água. No passado, como em nossos dias, esta prática era universal. "A idéia de empregar a água como emblema de uma purificação espiritual — observa o doutor Giles — é por demais natural para que se possa admirar da antiguidade do rito."

O doutor Hyde, no seu tratado sôbre a *Religião dos Antigos Persas*, XXXIV, 406, afirma que o Batismo existia entre êles. Não usam circuncisão para seus filhos, mas ùnicamente os batizam, submetendo-os a uma ablução que purifica a alma. Levam a criança ao padre, na igreja, o qual a levanta nos braços diante do Sol e do fogo; feito isto, consideram a criança como mais sagrada do que antes.

Lord conta que êles levam a água destinada ao batismo na *casca do azinheiro*. Esta árvore é o *Aum* dos magos.

Algumas vêzes, o batismo é praticado diferentemente e, no dizer de Tavernier, a criança é mergulhada numa grande cuba de água. Depois destas abluções ou batismo, o padre dá à criança o nome escolhido pelos pais [1]. Algumas semanas depois do nascimento de uma criança hindu, celebra-se uma cerimônia que consiste em aspergir a criança com água; esta aspersão se encontra no culto hindu, em vários ritos.

Williamson cita textos, mostrando que o batismo era praticado no Egito, na Pérsia, no Tibete, na Mongólia, no México, Peru, Grécia, Roma, Escandinávia e mesmo entre os druidas [2]. Algumas das preces citadas são de grande beleza: "Que esta água azul-celeste possa em teu corpo penetrar, e nêle viver. Possa ela destruir em ti tôdas as coisas adversas e más, que te foram dadas antes do comêço do mundo." — "Ó criança! Recebe a água do Senhor do mundo, que é nossa vida; ela purifica e lava; possam estas gôtas limpar o pecado que te foi dado antes da criação do mundo, pois todos nós ao seu poder estamos submetidos."

Tertuliano, em uma passagem já citada [3], diz que entre as nações não-cristãs, o Batismo era de uso geral. Outros Padres

---

(1) *Christian Record*, pág. 129.

(2) *The Great Law*, *págs.* 161, 176.

(3) Ante., pág. 155.

da Igreja mencionam êste fato. Na maioria das Igrejas, uma forma secundária do Batismo acompanha qualquer cerimônia religiosa. Neste caso, a água é empregada como símbolo de purificação, significando isto que ninguém deve tomar parte no culto sem ter purificado seu coração e sua consciência. A ablução exterior simboliza a limpeza interior.

Nas Igrejas grega e romana, coloca-se uma pequena bacia, contendo água benta, perto de cada porta, para que os fiéis, ao entrarem, molhem o dedo e façam o sinal, antes de se aproximarem do altar.

Roberto Taylor escreve: "As fontes batismais, de nossas Igrejas protestantes, e especialmente os pequenos reservatórios colocados à entrada das capelas católicas, não são imitações, mas remontam diretamente às *aqua minaria* ou *amula* que o sábio Montfaucon, em suas *Antiguidades,* mostra terem sido vasos cheios de água santa, colocados pelos pagãos à porta de seus templos, a fim de aspergir os que penetravam nestes edifícios sagrados" [4].

No Batismo administrado na admissão da Igreja, como nas purificações secundárias, o agente empregado é a água, o fluido purificador por excelência e o melhor símbolo de purificação moral. Pronuncia-se um "mantra" acima desta água, "mantra" representado no ritual anglicano pela prece: "Santificai esta água para a lavagem mística do pecado", seguida da fórmula: "Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, Amém." Tal é a fórmula de Autoridade que acompanha o "Sinal de Autoridade", o sinal da Cruz, feito acima da superfície da água. A Fórmula e o Sinal dão à água, como já explicamos, uma propriedade que não possuía antes, ficando chamada, por isso, água benta; os podêres tenebrosos dela não se aproximam e, lançada sôbre o corpo, comunica um sentimento de paz e nova vida espiritual.

No batismo da criança, a energia espiritual dada à água pela "Fórmula" e pelo "Sinal" reforça a espiritualidade da criança. A "Fórmula" é novamente pronunciada sôbre a criança e o "Si-

---

(4) *Diegesis,* pág. 219.

nal" feito na fronte. Vibrações novas fazem-se sentir nos seus corpos sutis; e a invocação para proteger a vida assim santificada propaga-se no mundo invisível. Porque o "Sinal" é, ao mesmo tempo, purificador e protetor: purifica pela vida dada pela efusão e protege pelas vibrações despertadas nos corpos sutis. Estas vibrações formam uma muralha protetora contra as influências adversas que vêm dos mundos invisíveis, e cada vez que a água é tocada, que a fórmula é pronunciada e feito o sinal, produz-se uma renovação de energias e uma recrudescência de vibrações; tanto umas como outras exercem sua energia nos mundos invisíveis e auxiliam o oficiante.

Na Igreja Primitiva, o Batismo era precedido de uma preparação muito séria, porque as pessoas recebidas na Igreja eram, na maioria, convertidos de outras religiões. Um convertido devia passar por três estágios sucessivos de instrução e não deixava um sem ter assimilado bem os seus ensinamentos. Em seguida, era recebido pelo Batismo. Depois desta cerimônia, e só então, aprendia o Credo, que se transmitia oralmente e nunca era pronunciado senão em presença de crentes. O Credo permitia aos cristãos se reconhecerem entre si e constituía, para quem o recitava, uma prova de sua posição na Igreja e sua qualidade de membro aceito.

O hábito do Batismo *in extremis*, que acabou por se generalizar, mostra o grau de fervor e de fé na graça comunicada por êste Sacramento. Homens e mulheres do mundo, convencidos da realidade dêste Sacramento, não querendo renunciar aos prazeres temporais para terem uma vida imaculada, retardavam a celebração do rito até que a morte sôbre êles estendia sua mão, para só então aproveitar da graça sacramental e transpor as portas da mortes cheios de fôrça espiritual e sem manchas.

Muitos Padres da Igreja lutaram com energia contra êste abuso. Um dêles, S. Atanásio, conta, a êste respeito, pitoresca história. Homem de espírito cáustico e nem sempre desdenhando a sátira para melhor se fazer compreender, o santo referiu o seguinte. Um dia, levado por uma visão, chegou às portas do Céu, guardadas por S. Pedro. Êste, em vez de o receber com benévolo sorriso, manifestou seu descontentamento com um olhar severo. "Atanásio, disse, para que me mandas êsses sacos vazios, cuidadosamente fechados, mas que nada encerram?" En-

contramos estas palavras mordazes na antigüidade cristã, porque, para o povo, não eram simples ditos, mas realidades vivas, acreditadas por todos.

O hábito do batismo infantil foi, pouco a pouco, se estabelecendo na Igreja, e a instrução que precedia ao batismo tornou-se a preparação para a confirmação, pela qual a inteligência, na plenitude das suas faculdades, renova as promessas batismais.

A admissão de uma criança na Igreja é, evidentemente, lógica, se se reconhece que a vida do homem se escoa em três mundos e quando se sabe que o Espírito e a Alma vieram habitar o corpo recém-nascido, não inconscientes e sem entendimentos, mas conscientes, inteligentes e poderosos nos mundos invisíveis.

É bom e justo que o homem invisível, oculto no coração [5] seja recebido à entrada desta nova etapa de sua peregrinação, e que as mais salutares influências se exerçam sôbre o veículo que vem habitar e que deve apropriar às suas necessidades.

Se os olhos dos homens fôssem abertos, como foram outrora os olhos do servo de Eliseu, veriam os cavalos e os carros de fogo em tôrno da montanha onde estava o profeta do Eterno [6].

Passemos, agora, a outro Sacramento, o Sacramento da Eucaristia, símbolo do eterno Sacrifício, como acima explicamos, sacrifício diàriamente celebrado no mundo inteiro pela Igreja Católica, imagem do Sacrifício pelo qual os mundos foram chamados à existência e são mantidos através dos séculos. Por ser perpétua a existência do seu arquétipo, deve ser êle oferecido diàriamente, e, para esta celebração, os homens põem em ação a própria Lei do Sacrifício, com ela se identificando, reconhecendo-lhe o caráter de unificação e voluntàriamente se associando a ela na ação que exerce nos diferentes mundos.

Para que esta identificação seja completa, é necessário participar dêste Sacramento de um modo material, recebendo a sua substância física; mas as pessoas devotas que mentalmente se associam a êle, sem sua intervenção física, podem receber os benefí-

---

(5) **I S. Pedro III, 4.**
(6) **II Reis III, 17.**

cios e contribuir para o aumento das influências que, por seu intermédio, se difundem. Esta grande cerimônia do culto cristão perde sua fôrça e diminui seu alcance, quando nos limitamos a ver nela a comemoração de um sacrifício antigo, uma alegoria despojada da profunda verdade que lhe dá vida, um simples rito constituído de pão e vinho, sem a participação de um Sacrifício Eterno.

Encarar assim a Eucaristia é reduzi-la a uma representação inerte, em vez de ver nela uma realidade viva. "Porventura o cálix de bênção, que abençoamos, não é a comunhão do sangue de Cristo? O pão que partimos não é a comunhão do corpo de Cristo?" — pergunta o Apóstolo [7].

S. Paulo mostra, em seguida, que tôdas as pessoas que comem de um sacrifício participam de uma mesma natureza e formam um só corpo que está unido ao Ser presente ao sacrifício. Trata-se, aqui, de um fato do mundo invisível, e S. Paulo dêle fala com a autoridade que lhe dá o conhecimento. Os Sêres Invisíveis fazem passar sua essência nas substâncias invariàvelmente empregadas no rito sacramental: tôdas as pessoas que absorvem estas substâncias se encontram unidas, ao mesmo tempo, aos Sêres cuja essência está nelas encerrada, e assim adquirem uma natureza comum.

Isto é verdade quando recebemos das mãos de alguém nosso alimento ordinário: a sua natureza, até certo ponto, e seu magnetismo vital se misturam com o nosso. Com mais forte razão, é o caso em que o alimento foi solene e intencionalmente impregnado de magnetismo superior, que afeta, ao mesmo tempo, os corpos sutis e o físico.

Para compreender a significação da Eucaristia, é necessário comprovar êstes fatos dos mundos invisíveis, vendo nela um laço entre o celestial e o terreno, como também um ato de culto universal, uma cooperação e associação com a Lei do sacrifício. Não sendo assim, a Eucaristia perde grande parte do seu sentido.

O uso do pão e do vinho, no Sacramento, é muito antigo e geral. Assim também quanto à água no batismo. Os persas ofe-

---

(7) Corínt. X, 16.

reciam a Mitra, o pão e o vinho. Oferendas análogas estavam em uso no Tibete e na Tartária. Jeremias menciona os bolos e a bebida oferecidos no Egito à Rainha do Céu pelos judeus que tomavam parte no culto egípcio [8]. A Gênese conta que Melquisedeque, o Rei-Iniciado, se serviu de pão e vinho quando abençoou Abraão [9]. O pão e o vinho eram ainda empregados nos Mistérios da Grécia, e Williamson encontra êste uso entre os mexicanos, os peruanos e os druidas [10].

O Pão simboliza, de um modo geral, o alimento que entra na formação do corpo; o Vinho simboliza o sangue, considerado como fluido vital. *Porque a vida da carne está no sangue* [11].

Eis porque, aos membros de uma mesma família, se diz "do mesmo sangue". "Ser do mesmo sangue" significa íntimo parentesco. Daí as velhas cerimônias de "aliança de sangue". Quando uma pessoa estranha era admitida em uma família ou tribo, uma das pessoas da família dava algumas gôtas de seu sangue que eram injetadas nas veias do estranho, ou êste as bebia misturadas com água, tornando-se, assim, membro da família.

Na Eucaristia, os fiéis participavam igualmente do pão e do vinho, símbolos do corpo e do sangue de Cristo, e assim se uniam a Êle.

A Fórmula de Autoridade é: "Êste é meu corpo; êste é meu sangue." É ela que produz a modificação de que falaremos dentro em pouco e que transforma as substâncias em veículos de energias espirituais. "O Sinal de Autoridade" consiste em estender a mão por cima do pão e do vinho; o Sinal da Cruz devia ser feito ao mesmo tempo, embora os protestantes o omitam. Tais são os caracteres exteriores essenciais do Sacramento da Eucaristia.

É importante compreender a modificação que se produz neste Sacramento, por ser ela mais profunda do que a magnetização, de que já falamos, embora esta também se realize. Encontramo-nos em presença de um caso particular de uma lei geral.

---

(8) Jerem. XLIV, 17 e 25.

(9) Gên. XIV, 18, 19.

(10) *The Great Law*, 177, 181, 185.

(11) Levítico, XVII, 11.

Para o ocultista, um objeto visível é a última expressão — a expressão física — de uma verdade invisível. Aqui embaixo tudo é a expressão física de um pensamento. Qualquer objeto é apenas uma idéia manifestada e condensada do Divino que se exprime na matéria física. Assim sendo, a realidade de um objeto não depende de sua forma exterior, mas de sua vida interior, da idéia que o modelou e amoldou na substância.

Nos mundos superiores, a matéria, sendo mais sutil e plástica, mais ràpidamente responde à idéia e muda de forma como o pensamento. Tornando-se a matéria cada vez mais densa e pesada à medida que desce, o pensamento também muda de forma mais lentamente, até que, no mundo físico, as modificações atingem seu máximo de lentidão por causa da resistência da matéria espêssa que compõe o nosso mundo. Contudo, esta matéria grosseira modifica-se com o tempo, sob a pressão da idéia que lhe é a alma animadora. E temos a prova na impressão que deixam no rosto os pensamentos e as emoções habituais.

Tal é a verdade que serve de base à doutrina da Transubstanciação, tão incompreendida pelos protestantes; mas é esta a sorte das verdades ocultas, quando são apresentadas aos ignorantes.

A "substância" transformada é a idéia que constitui o objeto. O "pão" não é um simples composto de farinha e água. A idéia que presidiu à mistura, à manipulação da farinha e da água, eis a substância de que é feito o pão. A farinha e a água são, empregando uma expressão técnica, os "acidentes" ou combinações materiais que dão forma à idéia.

Com uma idéia ou substância diferente, a farinha e a água tomariam forma diferente, como se dá quando são assimiladas pelo corpo. Foi por isso que os químicos descobriram que um mesmo número de átomos químicos da mesma natureza podem ser combinados de diversas maneiras e formar objetos dotados de propriedades as mais diferentes, embora os elementos são se alterem. A descoberta dos compostos "isoméricos" é uma das mais interessantes da química. O agrupamento de átomos idênticos, modelados por idéias diferentes, forma corpos diferentes.

Qual é, pois, a mudança de substância que se produz nos materiais empregados na Eucaristia? A idéia que modelou o

objeto foi alterada. No estado normal, o pão e o vinho são alimentos que exprimem as idéias divinas de substâncias nutritivas, de substâncias próprias para formar corpos. A idéia nova é a natureza e a vida do Cristo, próprias para formar a natureza e a vida espirituais do homem. Eis a mudança da substância. O objeto permanece o mesmo em seus acidentes, em sua matéria física, mas a matéria sutil que acompanha se modificou sob a pressão da idéia transformada, tendo adquirido, por esta mudança, novas propriedades; estas afetam os corpos sutis dos comungantes, harmonizando-os com a natureza da vida de Cristo. E quanto melhor realizarem os comungantes, em si mesmos, esta harmonia, mais dignos são do Sacramento.

O participante indigno, submetido às mesmas influências, se encontra mal, porque sua natureza, resistindo à pressão, fica sujeita a fôrças capazes de despedaçá-la. Um objeto pode, igualmente, ser pôsto em pedaços por vibrações que êle não pode reproduzir. Eis por que muitos doentes morrem. O homem digno de participar do Sacramento une-se com Cristo, identificando-se com a vida divina que é o Pai de Cristo.

No ponto de vista da forma, o Sacrifício consiste em ceder a vida que ela guardava para si e restituí-la à Vida comum. A natureza inferior se dá a fim de se unir com a superior: o corpo cessa de ser instrumento da vontade separada, para se tornar instrumento da Vontade divina. É *oferecer o corpo em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus* [12].

A Igreja ensina, pois, com razão, que os comungantes dignos da Eucaristia recebem uma parte da vida do Cristo, derramada por amor dos homens.

A transmutação dos princípios inferiores em princípios superiores, tal é o objeto dêste Sacramento, como de todos os outros. Os participantes procuram transformar as fôrças inferiores, unindo-as às mais elevadas. É possível, conhecendo-se a verdade interior e acreditando-se na vida superior, entrar em contacto mais direto e completo, pelos Sacramentos de tôdas as religiões, com a Vida Divina que mantém os mundos. A única condição é ter

---

(12) **Roman. XII, 1.**

uma natureza receptiva, na celebração, e um coração aberto, do qual dependem as possibilidades sacramentais.

No Sacramento do Casamento encontram-se as características sacramentais de maneira clara e tão evidente como no Batismo e na Eucaristia. Não lhe falta nem o sinal exterior, nem a graça interior.

O objeto material é o Anel, o círculo, símbolo da eternidade. A "fórmula de autoridade", é a expressão tradicional: "Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo." O "Sinal de autoridade" é a união das mãos, simbolizando a união das vidas.

Os caracteres exteriores essenciais do Sacramento estão, portanto, todos presentes. A graça interior é a união das inteligências e dos corações, que torna possível a unidade espiritual, sem a qual o Casamento não é casamento, senão mera união física e temporária. A recepção do anel, a fórmula pronunciada, as mãos juntas, tudo isso forma uma imagem alegórica.

Mas, não havendo a graça interna, se os nubentes não se abrem a ela pelo desejo de uma conjunção perfeita, o Sacramento perde suas propriedades benéficas e se torna pura formalidade. O casamento apresenta, ainda, uma significação mais alta: as religiões proclamam que é a imagem, aqui embaixo, da união entre o terrestre o celeste, entre o homem e Deus. Ainda mais: o casamento representa a ligação entre o Espírito e a Matéria, entre a Trindade e o Universo.

Tais são o alcance e a profundeza espiritual, no casamento, entre o homem e a mulher. O homem representa, aqui, o Espírito ou a Trindade da Vida, e a mulher a Matéria ou a Trindade da substância, base da forma. Uma dá vida; o outro a recebe e alimenta. Sêres complementares, metades inseparáveis de um só todo, não poderiam existir um sem o outro. Se o Espírito implica a Matéria e a Matéria o Espírito, o marido também implica a mulher e a mulher o marido.

A Existência abstrata manifesta-se sob dois aspectos, como dualidade — Espírito e Matéria — dependendo um do outro e se manifestando simultâneamente.

Assim também a humanidade manifesta-se sob dois aspectos, espôsa e espôsa, incapazes de viverem separados e formando

um todo. O Casamento é a imagem de Deus e do Universo. Tal é o laço íntimo que une o marido e a mulher. Já dissemos que o Casamento simboliza igualmente a união entre Deus e o homem, entre o Espírito universal e os Espíritos individualizados. Esta imagem encontra-se nos grandes livros sagrados dêste mundo, nas Escrituras hindus, hebraicas, cristãs. *Aquêle que te formou será teu Espôso,* — diz Isaías à nação israelita — *o Senhor dos Exércitos é o seu nome* [13]. — Teu Deus se alegrará de ti, com a alegria que um espôso tem por sua espôsa [14]. Também S. Paulo nos diz que o mistério do Casamento representa o Cristo e a Igreja [15].

Enquanto o Espírito e a Matéria permanecem latentes, sem se manifestarem, veremos que a produção é impossível; ao se manifestarem em conjunto, a evolução tem início. Também, não há produção de nova vida, enquanto as duas metades da humanidade não se manifestarem como marido e mulher. Sua união é necessária, a fim de produzir em cada um dos esposos uma evolução mais rápida, porquanto cada um pode dar ao outro o que lhe falta. Fundidos em *um,* dão à luz as possibilidades espirituais humanas, e mostram o Homem perfeito, em que o Espírito e a Matéria estão completamente desenvolvidos e em perfeito equilíbrio, o Homem divino que em si contém marido e mulher, os elementos masculino e feminino da natureza — como "Deus e o Homem são um único em Cristo" [16].

Ao estudar o Sacramento do Casamento com êste critério, compreende-se porque as religiões sempre o consideraram como um laço indissolúvel, e preferem ver alguns casais sem harmonia sofrendo, do que permitirem ao ideal do verdadeiro Casamento sofrer, para todos, um rebaixamento permanente.

Os povos têm o direito de escolha: podem adotar como ideal nacional um laço conjugal espiritual ou um laço conjugal terrestre, nêle vendo uma unidade espiritual ou simples união física.

---

(13) Isaías LIV, 5.

(14) Isaías, LXII, 5.

(15) Efés. V, 23, 32.

(16) Credo de Atanásio.

No primeiro caso, aceitam a idéia religiosa de que o Casamento é um Sacramento; no segundo, a idéia materialista que nêle vê apenas um contrato ordinário, suscetível de invalidação.

Mas o estudante dos Mistérios Menores verá sempre nêle um rito sacramental.

CAPÍTULO XIV

REVELAÇÃO

Tôdas as religiões conhecidas conservam, em sua guarda, Livros Sagrados com os quais resolvem as dúvidas que se oferecem. Estas Escrituras encerram sempre os ensinamentos dados pelo Fundador da religião ou por instrutores que vieram mais tarde, aos quais se emprestam conhecimentos sôbre-humanos.

Mesmo no caso em que uma religião dá nascimento a numerosas seitas, estas continuam fiéis ao Cânon Sagrado e o interpretam da melhor maneira, acomodando-o às suas doutrinas. Assim também, por maior que seja a separação entre católicos e protestantes, tanto uns como outros adotam a mesma Bíblia. Há divergências entre o filósofo vedantino e o inculto *vallabhacharya,* mas ambos consideram os mesmos *Vedas* como autoridade suprema. Qualquer que seja o antagonismo entre siitas e sunitas, o Corão tem, para estas seitas, o mesmo caráter sagrado. Podem surgir controvérsias e disputas quanto à interpretação dos textos, mas o mesmo Livro continua a ser igualmente venerado. Aliás com razão, porque todo o Livro dêste gênero contém fragmentos da Revelação, escolhidos por algum dos Grandes Sêres que dela são os depositários; êstes fragmentos se acham incorporados no que o mundo chama uma Revelação ou Escritura, e representa, para uma certa parte do mundo, inestimável tesouro. Escolhem-se os fragmentos conforme as necessidades do momento, a capacidade do povo a quem se destina, o tipo da raça que se quer instruir.

Em geral, são redigidos de maneira especial, na qual o véu da história, da narração, do canto, do salmo ou profecia pare-

cem ser, para o leitor superficial e ignorante, a obra completa. Mas, êste véu oculta um sentido mais profundo, ora por meio de números, ora nas palavras combinadas conforme um plano secreto, outras vêzes com símbolos, ora em alegorias com a aparência de narrações e sob outras formas ainda.

Êstes livros, certamente, têm um caráter sacramental, apresentando uma forma exterior, um símbolo por fora e uma verdade por dentro. Para lhes explicar o sentido oculto, é necessário ter recebido lições de pessoas que o possuam, como se vê em S. Pedro: *Nenhuma profecia da Escritura é de interpretação privada* [1].

Os comentários meticulosos de certos textos sagrados, comentários que abundam nos trabalhos dos Padres da Igreja, parecem, ao nosso prosaísmo moderno, exagerados e arbitrários. As dissertações sôbre números e lêtras, as interpretações fantásticas à primeira vista, de certos parágrafos que apresentam a aparência de simples narrações históricas e de um caráter evidente, exasperam o leitor moderno, que quer ver os fatos apresentados de maneira clara e coerente, e que, sobretudo, exige, sob seus pés, um terreno sólido. Nega-se a penetrar nos tremedais movediços a que o místico recorre como se seguisse fogos-fátuos que aparecem e se escondem, tudo confusamente.

Os autores dêstes tratados tão exasperadores eram, entretanto, dotados de uma inteligência luminosa e de um juízo seguro; erma os mestres-construtores da Igreja e suas obras, para quem as sabe ler, são, ainda hoje, cheias de idéias sugestivas que nos mostram muitos caminhos obscuros que conduzem ao conhecimento, caminhos que não acharíamos sem êles.

Vimos como Orígenes, o mais ponderado dos homens, versado nos conhecimentos ocultos, nos ensina que as Escrituras têm um tríplice aspecto, apresentando um Corpo, uma Alma e um Espírito. O Corpo é formado das palavras que constituem as histórias e as narrações e não vacila em afirmar que estas últimas não são literalmente verdadeiras, e apenas têm por objeto instruir os ignorantes.

---

(1) S. Pedro I, 20.

Chega até a declarar que certos fatos contidos nestas histórias são manifestamente contrários à verdade, a fim de que as contradições evidentes que se mostram à superfície levem o leitor a procurar o verdadeiro sentido dêsses contos impossíveis.

Enquanto os homens permanecem ignorantes, o Corpo lhes basta, diz Orígenes; o Livro traz ensinamentos e como não vêem as contradições contidas no sentido literal, não experimentam perturbação alguma.

Mas, à medida que os homens se desenvolvem intelectualmente, estas contradições e impossibilidades ferem sua atenção. O investigador inquieto sente-se levado a descobrir um sentido mais profundo, e a Alma das Escrituras começa a lhe aparecer. Esta Alma vem lhe recompensar os esforços inteligentes, e assim foge aos laços da lêtra que mata [2].

Quanto ao Espírito das Escrituras, só o homem espiritualmente iluminado pode percebê-lo. Só aquêles em que o Espírito domina podem compreender o sentido espiritual.

"Quem saberá as coisas do homem, senão o espírito do homem que nêle habita? Assim também ninguém sabe as coisas de Deus senão o Espírito de Deus" [3].

Explica-se fàcilmente a razão que presidiu a esta maneira de expor a Revelação. É o único meio de que um mesmo ensino possa servir para inteligências que se encontram em graus diferentes de evolução, pois com o mesmo livro se consegue educar os principiantes como os que, no decurso do tempo, chegam a alcançar maiores progressos.

O homem é um ser progressivo. O sentido exterior dado outrora a homens pouco desenvolvidos não podia deixar de ser limitado, e a menos que algo de mais profundo e completo não existisse oculto, o valor das Escrituras desapareceria no fim de alguns milênios.

Mas, com o sistema dos significados sucessivos, dá-se-lhe um valor eterno e os homens da evolução adiantada podem nela des-

---

(2) II Corínt. III, 6.
(3) Corínt. II, 11.

cobrir tesouros ocultos até que, um dia, tudo possuindo, não mais precisem das verdades parciais.

As Bíblias da humanidade são fragmentos da Revelação e, por isso, com razão, recebem êste nome.

A Revelação apresenta ainda um sentido mais profundo, porque encerra numerosos ensinos confiados, no interêsse da humanidade, à Grande Fraternidade dos Instrutores Espirituais. Tais ensinos vêm consignados em livros escritos em caracteres simbólicos e contendo uma exposição das leis cósmicas, dos princípios sôbre os quais repousa a existência do universo, dos métodos segundo os quais a evolução se executa, de todos os sêres que a compõem, de seu passado, de seu presente e de seu futuro.

Tal é o tesouro inestimável do qual são encarregados os Protetores da humanidade, que conservam o depósito de onde tiram, de tempos em tempos, certos fragmentos para formar as Bíblias dêste mundo. Mas há ainda uma Revelação — a mais alta, completa e de tôdas a mais preciosa — pela qual a própria Divindade se descobre no Cosmos, revelando todos os seus atributos, todos os seus podêres, tôdas as suas belezas nas diferentes formas que compõem o Universo. Ela manifesta Seu esplendor no céu, Seu infinito nos espaços siderais onde formigam as estrêlas, Sua fôrça nas montanhas, Sua pureza nos picos nervosos e no ar translúcido, Sua energia nas ondas arrogantes, Sua beleza na torrente, que atravessa os precipícios, no lago de águas tranqüilas, na floresta profunda e murmurante, Sua intrepidez nos heróis, Sua paciência no Santo, Sua ternura no amor materno, Sua sabedoria no filósofo. Ela nos fala na brisa que murmura, nos sorri no raio de Sol, nos estimula, ora por nossos sucessos, ora por nossos fracassos. Em tôdas as coisas ela se deixa entrever, despertando-nos o desejo de amá-lA. Ela se oculta, a fim de aprendermos a caminhar sós. Reconhecê-lA em tôda a parte, eis a verdadeira Sabedoria, amá-lA em tudo, o verdadeiro Desejo, servi-lA, a verdadeira Ação. Esta Revelação de Deus, por si mesmo, é a Revelação Suprema; tôdas as outras são secundárias e imperfeitas.

Sentir-se inspirado é receber parcialmente esta Revelação, pela ação direta do Espírito Universal sôbre o Espírito separado que é seu filho; é ter sentido a influência deslumbradora que exerce o Espírito sôbre o Espírito.

Ninguém conhece a verdade de modo que não possa perdê-la, nem duvidar dela, antes que a Revelação tenha descido sôbre êle como se estivesse só na terra, antes que o Deus exterior tenha falado ao Deus interior no templo do seu coração e que, assim, o homem tenha conseguido saber por si e não por intermédio de outrem.

Em grau menor, um homem pode ainda achar-se inspirado, quando um Ser maior do que êle estimula em sua alma faculdades normalmente adormecidas, ou toma posse dêle e se serve momentâneamente de seu corpo como um veículo. Um homem assim iluminado pode, quando a inspiração dêle se apodera, falar do que nunca soube e fazer conhecer verdades até então ignoradas.

Para ajudar o mundo, certas verdades são, assim, derramadas por um canal humano; um Ser, maior do que aquêle que fala, comunica sua própria vida ao veículo humano, e as verdades se escapam dos lábios inspirados.

Um Grande Instrutor pode, então, dizer coisas que transcendem seus conhecimentos normais, porque o *Anjo do Eterno tocou seus lábios com carvão ardente* [4]. Assim falavam os profetas que, em certas épocas, manifestaram sua irresistível convicção, seus profundos conhecimentos das necessidades espirituais da humanidade. Semelhantes palavras vivem uma vida imortal, e quem as pronuncia é verdadeiramente um mensageiro de Deus. O homem a quem êstes conhecimentos foram concedidos é, de ora em diante, capaz de os esquecer completamente; traz em seu coração uma certeza que jamais se desvanecerá inteiramente. A luz pode desaparecer e a obscuridade descer sôbre êle; o clarão celeste pode empalidecer aos seus olhos, envolto em nuvens escuras; as ameaças, a dúvida, os desafios podem assaltá-lo, mas em sua alma oculta-se o Segrêdo da Paz: êle sabe ou tem a certeza que soube.

Frederico Myers, em seu conhecido poema, *S. Paulo,* exprimiu de maneira admirável e justa esta recordação da verdadeira inspiração, esta realidade da vida oculta. O Apóstolo fala

---

(4) **Isaías VI, 6, 7.**

de suas próprias experiências e se esforça por encontrar têrmos que possam exprimir suas reminiscências. O poeta no-lo mostra incapaz de aí chegar completamente, embora S. Paulo saiba, e sua certeza permaneça inquebrantável.

O homem que admite a realidade da Presença Divina em tôrno de si, em si como em tôdas as coisas, compreenderá porque um lugar ou um objeto podem tornar-se sagrados em virtude de uma ligeira "objetivação" desta Presença universal e constante, de tal modo que, pessoas normalmente inconscientes desta onipresença, consigam senti-la. Geralmente, sentem isto aquêles que já realizaram grandes progressos, em quem a Divindade interior já largamente se desenvolveu e cujos corpos sutis respondem às vibrações mais sutis da consciência. Por intermédio de um homem como êstes, ou por sua vontade, podem se manifestar energias espirituais que se uniram ao seu puro magnetismo vital. Pode, então, comunicar estas energias a um objeto qualquer, cujo éter e os corpos de matéria sutil combinem com suas próprias vibrações, como já explicamos; enfim, a Divindade latente manifestar-se-á mais fàcilmente.

Semelhante objeto se acha "magnetizado", e se a magnetização é poderosa, o próprio objeto converte-se num centro magnético capaz de, por sua vez, magnetizar os que se lhe aproximam. À semelhança de um corpo eletrizado por uma máquina elétrica, influencia todos os corpos colocados perto dêle. Um objeto assim tornado "sagrado" é um dos mais úteis auxiliares para a prece e para a meditação. Os corpos sutis do adorador se põem em harmonia com as vibrações do objeto, as quais são bastante fortes para acalmar, tranqüilizar e pacificar o homem, sem que êle dispenda qualquer esfôrço pessoal; nesta disposição de espírito, a prece e a meditação, de penosas e inúteis, tornam-se fáceis e eficazes, e êstes exercícios, outrora fastidiosos, chegam a ser uma fonte de alegria e satisfação. Quando o objeto de que se trata representa uma pessoa sagrada, como um crucifixo, a Virgem com o menino, um anjo ou santo, ainda mais se consegue, pois se o magnetismo do ser representado ficou impresso através da Palavra ou do Sinal apropriado, tal Ser pode reforçar êste magnetismo por uma leve efusão de energia espiritual, e assim influenciar o devoto ou mesmo se mostrar a êle em Sua imagem, coisa esta que de outro modo não poderia realizar,

porque no mundo espiritual existe a regra de economizar as fôrças, fazendo-se sempre pequeno consumo de energia, onde um dispêndio maior pode ser evitado.

A aplicação destas mesmas leis ocultas pode servir para explicar o emprêgo de qualquer objeto consagrado, relíquia, amuleto, etc. Todos são objetos consagrados, cujo poder e utilidade estão na razão direta do saber, da pureza, da espiritualidade da pessoa que os magnetiza. Uma localidade também pode ser consagrada, quando serve de morada a algum santo, cujo magnetismo puro, irradiado em tôrno dêle, faz reinar na atmosfera-ambiente vibrações pacíficas.

Pode acontecer que, Santos ou Sêres vindos de mundos superiores, magnetizem diretamente um determinado local. É por isso que o Quarto Evangelho diz que um Anjo, ao descer do céu em certos momentos, tocou a água de uma piscina e comunicou-lhe propriedades curativas [4]. Em tal lugar, a influência abençoada poderá fazer-se sentir, mesmo a homens indiferentes e irreligiosos, experimentando êstes momentos de emoção e placidez e uma inclinação para as coisas elevadas. A Vida Divina sem cessar se esforça, em todos os homens, para subjugar a forma, modelando-a à Sua semelhança, e êstes esforços encontram mais facilidade se as vibrações da forma são levadas a se harmonizarem com as de um Ser elevado; e a Vida interior fica, assim, reforçada por um poder superior. Tudo isto se traduz, exteriormente, por um sentimento de tranqüilidade, de calma e de paz: o pensamento não mais se agita e o coração esquece suas ansiedades. Quem a si mesmo se observar, verifica que certos lugares predispõem, melhor do que outros, à calma, à meditação, ao pensamento religioso e à adoração. É muito difícil sossegar o mental e concentrá-lo em assuntos elevados, quando se vive em um quarto onde dominaram por muito tempo conversações frívolas e pensamentos mundanos.

Procuremos um lugar onde o pensamento religioso se exerceu durante muitos anos, às vêzes muitos séculos, onde o mental se acalme pouco a pouco e o homem consiga sem dificuldade o que, em outra parte, exigira grandes esforços.

---

(5) S. João V, 4.

Os lugares de peregrinação, os retiros onde se isolam almas contemplativas têm grande poder em despertar a espiritualidade, obrigando o homem a voltar-se para o seu mundo interior, onde encontra Deus. Aí é ajudado pelo ambiente onde milhares de seus semelhantes têm vivido, antes dêle, trazidos pela mesma intenção. Mesmo porque, neste lugares, não existe apenas um bom magnetismo deixado por um Santo ou por um Ser vindo dos mundos invisíveis. Cada pessoa que visita êste lugar, trazendo o coração cheio de respeito e devoção, reforça, com sua própria vida, as vibrações existentes, e, ao abandoná-lo, deixa-o em melhores condições espirituais do que o encontrou. Pouco a pouco, a energia magnética se dissipa; um objeto ou um lugar sagrado pode perder gradualmente seu magnetismo, quando fica esquecido e abandonado; ao contrário, o seu magnetismo aumenta, quando é freqüentado. A presença de ignorantes e zombadores é nociva aos objetos e lugares sagrados, porque põe em atividade vibrações hostis que vêm enfraquecer as vibrações antigas. Uma onda sonora, ao chocar-se com outra onda da mesma intensidade, anula-a, produzindo o silêncio: as vibrações de pensamentos motejadores enfraquecem, também, ou mesmo extinguem as vibrações de respeito e amor. É verdade que o resultado depende da amplitude relativa, mas as vibrações nocivas não ficam sem efeito, porque as leis da vibração são as mesmas nos mundos superiores que no mundo físico, e as vibrações mentais são a expressão de energias reais.

É êste o fundamento racional sôbre que repousa a consagração das igrejas, capelas, cemitérios. O ato da consagração não consiste apenas em reservar um certo lugar para uso determinado, mas também magnetizá-lo em benefício das pessoas que o freqüentam. Porque os mundos visíveis e invisíveis estão em relação íntima, penetrando-se uns com os outros, de tal forma que, aquêle que sabe manejar as energias espirituais, é quem melhor sabe servir à humanidade.

CONCLUSÃO

Chegamos ao fim dêste pequeno volume que trata de um vasto assunto e apenas conseguimos levantar um canto do véu que oculta, aos olhos indiferentes dos homens, a Eterna Verdade. Vimos a orla do seu vestido, bordado a ouro e semeado de pérolas; mas êste fragmento, levemente agitado diante dos nossos olhos, não deixa de difundir fragrâncias celestiais: o sândalo e a rosa de mundos mais belos do que o nosso.

Que glória inimaginável não seria se pudéssemos contemplar, no seu esplendor, o Semblante da Mãe Divina e, no seu braço, a Criança que é a própria Verdade!

Mas, os Serafins velam eternamente a face deslumbrante desta Criança; e que mortal poderia contemplá-lA e viver?

Porém, como Ela está presente no homem, quem nos impede de transpor o Véu e contemplar de frente a glória do Senhor? Da Caverna ao Supremo Céu se estende a senda, estrada do Verbo feito carne, o Caminho da Cruz. Participar da natureza humana é partilhar da natureza Divina, é poder seguir os passos daquele que disse: "O que tu és, Eu o Sou."

PAZ A TODOS OS SÊRES

O LADO OCULTO DAS COISAS

C. W. Leadbeater

"Oculto é o que está fora da percepção dos sentidos externos, porém que é perfeitamente perceptível e compreensível à interior inteligência espiritual, depois de se haverem desenvolvido e ativado os sentidos internos do homem". (Dr. Franz Hartmann). C. W. Leadbeater, autor deste livro extraordinário, teve seus sentidos internos altamente desenvolvidos e é considerado um dos mais profundos ocultistas do século vinte.

Desde moço ele se interessara pelo espiritismo e os fenômenos psíquicos, que no fim do século XIX empolgaram os maiores expoentes do mundo científico. Em 1883, após a leitura do livro O Mundo Oculto, *de A. P. Sinnett, que lhe caiu nas mãos, encontrou-se com Helena P. Blavatsky e dela se tornou discípulo fiel. Leadbeater, que faleceu em 1934, dedicou-se, durante cerca de cinqüenta anos, ao estudo e vivência do Ocultismo e de suas leis, numa época carregada de superstições, preconceitos e incompreensões de toda a espécie, e legou à humanidade uma vasta literatura no gênero, a qual prima por sua objetividade científica e clareza didática.*

O LADO OCULTO DAS COISAS é produto de muitos anos de seus meticulosos estudos da face oculta da Natureza, ou antes, segundo suas próprias palavras, "de toda *a Natureza, ao invés de apenas uma pequena parte dela, que é quanto alcançam as investigações da ciência moderna". Neste livro, o autor revela, sobretudo, uma infinidade de fatores visíveis e invisíveis, favoráveis ou desfavoráveis, a que todo ser humano está inconscientemente sujeito, e ao mesmo tempo indica qual deve ser, segundo a circunstância, a sua reação inteligente e construtiva. Trata-se, sem dúvida, de uma obra altamente instrutiva e educativa, recomendável a todo educador e pesquisador, e digna de figurar em qualquer biblioteca para consultas e orientações.*

EDITORA PENSAMENTO

IDÉIAS BÁSICAS DA SABEDORIA OCULTA

Anna Kennedy Winner

"Sabedoria Oculta" é um sistema de ensinamentos filosóficos que no passado eram mantidos em segredo por certos pensadores avançados e por seus discípulos. Segundo H. P. Blavatsky, essas idéias se baseavam na investigação efetiva e na experiência, verificada, confirmada e ainda desenvolvida por sucessivas gerações de estudantes, e não apenas em especulação individual ou autoridade tradicional. Durante muitas épocas tais ensinos eram transmitidos oralmente ou por meio de demonstrações, e jamais confiados a escrituras, salvo algumas vezes e em forma simbólica. No final do século XIX os Guardiães da Sabedoria decidiram que os ensinamentos preliminares poderiam já ser divulgados em livros, permanecendo os mais profundos ainda restritos a aspirantes individuais, cuja aptidão se aquilata por seu progresso individual.

Anna Kennedy Winner, após muitos anos de pesquisas nessa linha particular, de contatos com outros estudantes e de consultas com alguns mais avançados, convenceu-se de que as idéias básicas de tais ensinamentos poderiam ser transmitidas ao público num pequeno livro, escrito com simplicidade e ao alcance da grande maioria. Tal é a origem e finalidade destas úteis e oportunas IDÉIAS BÁSICAS DA SABEDORIA OCULTA.

EDITORA PENSAMENTO

FUNDAMENTOS DE TEOSOFIA

C. Jinarajadasa

Escrito em linguagem acessível e num estilo agradável, é este um dos mais completos e bem elaborados compêndios de Teosofia. Não obstante a complexidade do assunto, o Autor conseguiu sintetizá-lo em 16 capítulos fartamente ilustrados. Sucessivas reimpresões, desde 1921, comprovam-lhe a ampla aceitação pública, na Inglaterra, nos países de língua espanhola, na França, na Itália, na Noruega, na Alemanha, na Holanda, na Grécia e entre nós. O livro trata de temas fundamentais como a evolução da vida e da forma, a evolução da matéria e da força (assunto de Química Oculta), ascensão e decadência das civilizações, as leis da reencarnação, a lei da ação e da reação, os mundos invisíveis, o homem na vida e na morte, a evolução dos animais, a natureza e sua mensagem de beleza, a evolução da consciência, a senda do discipulado, o Plano de Deus, que é evolução. Fazendo uso do método expositivo da Ciência, explica o Autor: "Nada prepara melhor a compreensão da Teosofia do que um esboço geral da Ciência moderna. Quando elas diferem (Ciência e Teosofia), não é porque a Teosofia ponha em discussão os fatos asseverados pelos cientistas, mas tão-somente porque, antes de se pronunciar, ela tem em vista os fatos adicionais que a moderna Ciência deixa de lado ou que ainda não descobriu. Não há senão uma Ciência, desde que se estudem os mesmos fatos; o que é rigorosamente científico é teosófico, e vice-versa".

Jinarajadasa nasceu em Colombo, no Ceilão, em 1875. Transferindo-se, aos 14 anos, para a Inglaterra, cursou a Universidade de Cambridge, graduando-se, em 1900, em Filosofia e Letras. Revelou-se poliglota notável. Na qualidade de conferencista, percorreu as grandes cidades do mundo. Esteve no Brasil em 1928, 1934 e 1938. Para os estudiosos de Teosofia, ou de Hinduísmo; enfim, para os que se interessam pelo Homem como um ser em evolução, Jinarajadasa escreveu inúmeras obras de Filosofia Oriental, Teosofia, Misticismo e Educação, entre as quais, por sua profundidade, se realçam os FUNDAMENTOS DE TEOSOFIA. Jinarajadasa faleceu nos E.E.U.U. em 1953.

A CLARIVIDÊNCIA

C. W. Leadbeater

O Autor, ocultista bem fundamentado e teósofo conhecido e respeitado no mundo todo, foi um pesquisador sempre firme e incansável do lado oculto da natureza e dos poderes latentes no ser humano. C. W. Leadbeater estudou em Oxford. Com a morte do pai, abandonou a universidade, passando a acolitar um tio na Igreja Anglicana, realçando-se como sacerdote até 1884. Convencido de que a fé não pode ser um ato cego, dedicou-se aos estudos psíquicos e ao Ocultismo. Leu as obras de Sinnett e, logo depois, esteve com Blavatsky, encontro esse que o fez deixar a Igreja Anglicana e ingressar na Sociedade Teosófica. Acompanhou HPB à Índia, onde pôde elevar a níveis ótimos as suas faculdades de clarividente.

Neste volume, Leadbeater expõe com muita clareza os diversos tipos de clarividência: a clarividência simples; a clarividência no espaço; a clarividência no tempo e os métodos de desenvolvimento da clarividência. Traduziu-o o poeta e pensador português Fernando Pessoa.

EDITORA PENSAMENTO

O PLANO MENTAL

C. W. Leadbeater

O Plano Mental é uma elevada região do universo, o mundo-céu das religiões, denominado Devacan, *"o lugar dos deuses", ou* Devasthan *e* Svarga *pelos hindus;* Sukhavati *pelos budistas,* Campos Elíseos *pelos antigos gregos,* Céu *pelos zoroastrianos e cristãos, e também pelos muçulmanos menos materialistas. É geralmente tido como uma região de perene felicidade. Há, tradicionalmente, sete níveis de plano e vida celeste, e em sua II Epístola aos Coríntios dá o apóstolo Paulo testemunho do "terceiro" céu. Segundo o autor, não se trata de um deserto, habitado apenas por um pequeno grupo de almas eleitas que ali vivem uma vida contemplativa mas passiva, alheias a tudo e a todos. Bem ao contrário, é um mundo maravilhoso, esplendente de luz, dinamismo e atividade, que sucede imediatamente ao Mundo Astral, mas onde não penetram, nem podem penetrar, o caos e a confusão dos mundos que lhe são inferiores, como o astral e o terreno.*

Tal como fez em seu livro precedente, O Plano Astral, *tendo em vista esse mundo, Leadbeater, de reconhecida competência, expõe com meridiana clareza tudo o que pôde meticulosamente observar no mundo mental, até mesmo que seu acesso está ao alcance de todas as almas que o mereçam, como um degrau para um progresso e ascensão mais elevados. Os interessados e estudiosos do assunto terão neste livro um bem elaborado manual de informações e instruções a respeito da vida póstuma num nível superior.*

PENSAMENTO

O CRISTIANISMO ESOTÉRICO

Annie Besant

Com sua competência e imparcialidade universalmente reconhecidas, a Atora investigou profundamente o Cristianismo, até às suas raízes históricas, místicas e filosóficas, e nesta obra expõe magistralmente os resultados de seus estudos. Como ela demonstra logo no início, todas as grandes religiões têm o seu lado oculto, esotérico, essencialmente doutrinário, e o seu lado público, exotérico, cerimonial; e o Cristianismo se inclui entre elas. Como em qualquer religião a sua partc vital, básica e estrutural, é a esotérica, a Autora prefere abordar o tema *Cristianismo Esotérico,* que é bastante amplo para comportar também o exotérico.

Assim, na parte interna ela expõe a manifestação de Cristo sob três aspectos capitais: o mitológico, que é o culto do Cristo cósmico; o histórico, que é o Cristo da Palestina, reverenciado pela cristandade; e o Cristo místico, que é o "Cristo dentro de nós", o deus em nosso interior. "Não está escrito: vós sois deuses?". Ao passo que na parte externa trata da vida de Jesus, o mistério do nascimento, obra, morte, ressurreição e ascensão de Cristo, a Santíssima Trindade, a Prece, o Perdão dos Pecados, os Sacramentos e a Revelação.

Estudar e compreender, pois, esta obra é descobrir com seus próprios esforços algo dos mistérios que velam os inestimáveis tesouros do Cristianismo, e sentir diretamente a sublime mensagem que ele traz à humanidade.

EDITORA PENSAMENTO